



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

MARIA LUIZA SANTOS NUNES

**PELA FÉ E VIOLÊNCIA DE GÊNERO:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE SILAS MALAFAIA NO TWITTER/X**

**Natal/RN
2025**

MARIA LUIZA SANTOS NUNES

PELA FÉ E VIOLÊNCIA DE GÊNERO:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE SILAS MALAFAIA NO TWITTER/X

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de concentração:

LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA
E PRODUÇÃO DE SENTIDO

ORIENTADOR: PROF. DR. JUCIANO DE
SOUSA LACERDA

CO-ORIENTADORA: PROF. DRA. ALICE
OLIVEIRA DE ANDRADE.

NATAL/RN
2025

MARIA LUIZA SANTOS NUNES

**PELA FÉ E VIOLÊNCIA DE GÊNERO:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE SILAS MALAFAIA NO TWITTER/X**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Dissertação apresentada e aprovada em 15/09/2025, pela banca examinadora composta dos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda (Orientador)

PRESIDENTE – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Alice Oliveira de Andrade (Co-orientadora)

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dra. Janaíne Sibelle Freires Aires

Examinadora interna ao Programa – UFRJ

Prof. Dr. Adriano Medeiros Costa

Examinador externo ao programa – UFRN

Prof. Dra. Michelle Ferret Badiali

Examinadora externa – Secom/Gov.RN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Nunes, Maria Luiza Santos.

Pela fé e violência de gênero : uma análise crítica do discurso de Silas Malafaia no Twitter/X / Maria Luiza Santos Nunes. - Natal, 2025.
229 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Natal, RN, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Juciano Sousa Lacerda.

Coorientação: Profa. Dra. Alice Oliveira de Andrade.

1. Estudos da Mídia. 2. Análise Crítica do Discurso. 3. Twitter/X. 4. Patriarcado. 5. Mulheres. I. Lacerda, Juciano Sousa. II. Andrade, Alice Oliveira de. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'42

RESUMO

Quando compreendemos a dinâmica do patriarcado em que estamos inseridas, percebemos que muitas questões – sobretudo as ligadas ao corpo – não estão sob nosso pleno controle. Violências discursivas contribuem para o fortalecimento dessa estrutura sistematizada. No contexto cristão evangélico abordado neste estudo, o patriarcado parece estar intrinsecamente presente em sua estruturação. Apesar disso, reconhecemos que as crenças religiosas desempenham um papel importante na vida de milhões de pessoas, auxiliando-as a lidar com o cotidiano, tanto no plano discursivo quanto no simbólico. No entanto, nas redes sociais – contexto em que também estamos inseridas – diversos grupos cristãos evangélicos utilizam essas plataformas não apenas para pregar o evangelho, mas também para expressar opiniões que, muitas vezes, não estão diretamente ligadas aos interesses da igreja e podem ser baseadas em informações equivocadas. As redes sociais têm se mostrado ferramentas eficazes tanto no acesso à informação quanto na disseminação de desinformação, inclusive no campo religioso. Nesse cenário, os discursos religiosos podem funcionar como instrumentos de perpetuação do sistema patriarcal. Frequentemente, recorrem a uma retórica que instiga o medo do pecado, do castigo e do inferno, utilizando inclusive da desinformação para justificar o controle dos corpos femininos e a defesa da família tradicional heteronormativa. Este estudo propõe uma análise qualitativa do discurso manifestado em *tweets* do pastor Silas Malafaia, líder da igreja neopentecostal Assembleia de Deus Vitória em Cristo, com o objetivo de investigar como sua retórica contribui para a manutenção do patriarcado e para a promoção do medo, a partir de uma perspectiva religiosa. A pesquisa adota a Análise de Discurso Crítica (ADC), com base nas abordagens teóricas de (Magalhães, 2017), (Resende 2019), Discurso e Ideologia (Resende e Ramalho, 2019) e Discurso e Manipulação (Van Dijk, 2015), Análise Multimodal (Farhat e Gonçalves- Segundo, 2022) e Hermenêutica (Kaefer, 2014) e (Pedrosa 2007). Também emprega teorias como Patriarcado (Saffioti, 1987), Hegemonia e Ideologia (Thompson, 2011), (Gramsci, 1999) e (Eagleton, 2019), para sustentar nosso debate. A análise realizada confirmou a hipótese do pastor Silas Malafaia, que se apresenta como uma figura política conservadora e antidemocrática. Operando discursivamente para uma construção simbólica que naturaliza a sustentação de uma hegemonia que atinge diretamente as mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, utilizando estratégias retóricas, amparadas por uma crença limitante tida como verdade universal. O pastor apropria-se de temas de forte apelo social, como direitos humanos e aborto, para erguer seu palanque político, reforçando estereótipos e disseminando desinformação deliberadamente.

Palavras-Chave: Estudos da Mídia; Análise Crítica do Discurso; *Twitter/X*; Patriarcado; Mulheres.

RESUMEN

Cuando comprendemos la dinámica del patriarcado en la que estamos inmersas, advertimos que muchas cuestiones —sobre todo aquellas vinculadas al cuerpo— no se encuentran bajo nuestro pleno control. Las violencias discursivas contribuyen al fortalecimiento de esta estructura sistematizada. En el contexto cristiano evangélico abordado en este estudio, el patriarcado parece estar intrínsecamente presente en su propia estructuración. A pesar de ello, reconocemos que las creencias religiosas desempeñan un papel importante en la vida de millones de personas, ayudándoles a enfrentar lo cotidiano tanto en el plano discursivo como en el simbólico. No obstante, en las redes sociales —contexto en el que también estamos insertas— diversos grupos cristianos evangélicos utilizan estas plataformas no solo para predicar el evangelio, sino también para expresar opiniones que, en muchos casos, no están directamente relacionadas con los intereses de la iglesia y pueden basarse en informaciones equívocas. Las redes sociales se han mostrado herramientas eficaces tanto para el acceso a la información como para la difusión de desinformación, incluso en el ámbito religioso. En este escenario, los discursos religiosos pueden funcionar como instrumentos de perpetuación del sistema patriarcal. Frecuentemente apelan a una retórica que incita el miedo al pecado, al castigo y al infierno, utilizando incluso la desinformación para justificar el control de los cuerpos femeninos y la defensa de la familia tradicional heteronormativa. Este estudio propone un análisis cualitativo del discurso presente en los *tweets* del pastor Silas Malafaia, líder de la iglesia neopentecostal Asamblea de Dios Victoria en Cristo, con el objetivo de investigar cómo su retórica contribuye al mantenimiento del patriarcado y a la promoción del miedo desde una perspectiva religiosa. La investigación adopta el enfoque de Análisis Crítico del Discurso (ACD), basado en las aportaciones teóricas de (Magalhães, 2017), (Resende, 2019), (Resende y Ramalho, 2019) en Discurso e Ideología, (Van Dijk, 2015) en Discurso y Manipulación; (Farhat y Gonçalves-Segundo, 2022) en Análisis Multimodal, y (Kaefer, 2014) y (Pedrosa, 2007) en Hermenéutica. Asimismo, se emplean teorías como Patriarcado (Saffioti, 1987), Hegemonía e Ideología (Thompson, 2011; Gramsci, 1999; Eagleton, 2019) para sostener nuestro debate. El análisis realizado confirmó la hipótesis de que el pastor Silas Malafaia se presenta como una figura política conservadora y antidemocrática, operando discursivamente para construir una simbolización que naturaliza la sostenibilidad de una hegemonía que afecta directamente a mujeres y personas LGBTQIAPN+. Para ello, recurre a estrategias retóricas amparadas en una creencia limitante asumida como verdad universal. El pastor se apropia de temas de fuerte apelación social —como los derechos humanos y el aborto— para erigir su tribuna política, reforzando estereotipos y difundiendo deliberadamente desinformación.

Palabras Clave: Estudios de Medios; Análisis Crítico del Discurso; Twitter/X; Patriarcado; Mujeres.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre ideologia de gênero
- Figura 2** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre vídeo de Alexandre Isquierdo
- Figura 3** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre vídeo de mulher que é fruto de estupro
- Figura 4** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre o dia Internacional da Mulher
- Figura 5** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre a submissão da mulher
- Figura 6** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre sobre o poder da mulher
- Figura 7** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre o dia do homem
- Figura 8** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre o princípio da criação
- Figura 9** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre o argumento do ativismo gay
- Figura 10** - *Tweet* de Silas Malafaia sobre uma meditação bíblica

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Silas: A figura que transita entre o político e o religioso

Quadro 2 - Características com relação à função e tratamento da mulher na Igreja

Quadro 3 - Identificação das categorias que tiveram maior número de *posts*

Quadro 4 - Quadro de Coleta dos *tweets* (em anexo)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD - Análise Crítica do Discurso

ADVEC - Assembléia de Deus Vitória em Cristo

CCB - Congregação Cristã no Brasil

IPDA - Igreja Pentecostal Deus é Amor

IEQ - Igreja do Evangelho Quadrangular

OBPC - Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo

UFEBRAC - União Feminina O Brasil Para Cristo

ICM - Igreja Cristã Marata

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

Feminino +QV - Ministério Feminino Mais Que Vencedoras

IIGD - Igreja Internacional da Graça de Deus

IMPD - Igreja Mundial do Poder de Deus

IASD - Igreja Adventista do Sétimo Dia

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

IPB - Igreja Presbiteriana do Brasil

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Asexuais, Pansexuais e Outras identidades

PT - Partido dos Trabalhadores

REDE - Rede Sustentabilidade

DEM- Partido Democratas

STF - Supremo Tribunal Federal

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer e dedicar toda essa caminhada à Deus e à espiritualidade. Aos meus padrinhos de coração, Zé Pilintra e Maria Navalha, que abriram meus caminhos e me defenderam de todas as armadilhas e dificuldades.

Ainda como prioridade de agradecimento, à minha mãezinha Francisca, meu pilar e maior referência de persistência e garra. Sem seu amor incondicional e seu apoio, jamais teria conseguido chegar ao fim dessa etapa. Não é apenas por mim que traço esse caminho árduo de sonhos, mas sim, por ela. Por toda dedicação em me criar sozinha, por todas as dificuldades que já passamos juntas, seu abraço e afeto, sempre foram meu ponto de equilíbrio, minha cura, minha resiliência. Obrigada por sempre acreditar em mim e nos meus sonhos, mesmo quando nem eu acreditava. Ao Galileu, o melhor cachorro desse mundo, a quem sempre me lembrava que parar, respirar e apreciar as coisas simples, entre um trabalho e outro, também é importante.

Agradeço a mim mesma, por toda resiliência, sonho, comprometimento e disciplina. Eu pertencço a universidade, e não serão carrascos que impedirão a permanência de uma flor ancestral. Comigo eu carrego toda a ancestralidade da minha família, gente que sempre trabalhou honestamente para ter o que comer, um dia por vez, em meio a chuvas e períodos duros de seca. Que tiveram como instrumento de trabalho a enxada, e um passado de exploração do trabalho. Mas que mesmo assim, nunca deixaram a doçura de olhar para a vida com gratidão pelo pão de cada dia e por cada dia ensolarado. Bem como, encaram a vida (e as pessoas) com respeito e dignidade, nunca sendo instrumentos de violência ou opressão. Mesmo que eu compreenda que estou apenas por mim nesse caminho – solitário – acadêmico, eu nunca estarei sozinha.

Dedico também à minha avó Maria da Conceição – vó Marica – (em memória). Que mesmo não estando fisicamente entre nós, foi meu caminho de luz, cuidado e inspiração. Hoje estou em um sonho que nem minha avó, nem minha mãe, puderam sonhar. Minha querida avó, nunca foi à escola e minha mãe precisou trabalhar desde muito cedo. Eu sou a flor que minha ancestralidade plantou, e pretendo lutar e honrar todas as vezes que forem necessárias. Que eu não precise resistir ou provar meu merecimento e pertencimento a esse (ou qualquer outro) lugar, que deseje estar. Que eu seja respeitada e que exista como pessoas brancas existem, sem que precise de permissão.

Meu querido e amado tio Adalto (em memória), sua presença me faz uma falta imensa! Não há dificuldades que me façam esquecer de você falando do quanto eu era uma menina muito esperta. Sei que minha referência paterna e de melhor amigo seria você, e em todas as minhas conquistas, você estaria ao lado da minha mãe comemorando.

Gostaria de agradecer a minha maior referência acadêmica, minha co-orientadora, Alice Andrade, por ser farol, escuta e resistência nesse trajeto. Alice se tornou uma amiga que carrego no coração, meu anjo da guarda, meu exemplo de profissional, de mulher, de professora. Sem a presença dela ao meu lado, nada disso seria possível.

Ao professor Juciano Lacerda, primeiramente pela paciência e empatia por ter aceitado caminhar comigo nesta reta final. Seu apoio e orientações fizeram toda a diferença para que essa dissertação se tornasse possível.

À turma de Análise do Discurso na Mídia de 2024.1, por me aceitarem como docente assistida e contribuírem com a minha formação, especialmente às queridas Rute de Souza, Adrielly Vasconcelos e Ana Lívia Bernardo. Descobri o desejo de me tornar a melhor professora possível graças a vocês.

À toda turma do mestrado PPgEM 2024, mas em especial a Gabriela Olivar, minha grande amiga, exemplo e referência. Ao querido amigo Thalisson Sena, por todo apoio e escuta. Que grande presente a pós-graduação me proporcionou em conhecer vocês e nos aproximar. Também a minha parceira de pesquisa e de artigos científicos Victória Alves. A vida presta mesmo quando não parece, e a prova disso é compartilharmos as dores e alegrias da academia e da vida.

Devo gratidão também ao meu aquilombamento, presente dado pelo curso de Gestão em Políticas Públicas da UFRN, Preta, Duda, Aninha, Naiara e Manel, por todas as escutas, acolhimento, risadas e choro. Sem dúvidas, ter amigos pretos na universidade faz toda diferença!

Essa gratidão também se estende aos meus queridos amigos, não tem um momento que não me lembre de vocês e sinta vocês no meu coração.

Também dedico a minha gratidão á algumas pessoas que, nesse caminho, me ensinaram o que é o verdadeiro significado da palavra “família”, minhas primas: Alessandra, Giovana, Ana Maria, Angela (Zanza) e Maria Gorete. É muito bom ter um apoio tão doce como o de vocês, mulheres firmes, sonhadoras, e muito batalhadoras. Ao meu primo e irmão Marcelo, por acreditar em mim e sempre se preocupar comigo. Torço pelo sucesso de cada uma como se fosse o meu. Ainda no setor familiar, aos meus tios José Francisco (tio Zuca) e

tia Joventina, obrigada por todas as vezes que vocês cuidaram de mim e da minha mãe. Obrigada por toda ajuda nos momentos de dificuldade. O tempo da preocupação, graças a Deus acabou e a admiração por vocês é eterna.

Agradeço ao meu pai Lauro e a minha tia Criziane, além da minha avó paterna Maria das Dores, vocês são amigos maravilhosos. Obrigada pelo amor, exemplo e por acreditarem no meu potencial.

Ao grande amigo Antonino Condorelli, que me incentivou e acreditou que a Pós-Graduação fosse o caminho para mim e para minha escrita. Por todo ensinamento, conversas, apoio e acolhimento, principalmente nos momentos mais dolorosos desse caminho.

Obrigada ao meu terapeuta David Pamplona, por todas as duras e doces sessões de terapia, que sempre trouxeram minha cabeça de volta ao eixo e que me apresentavam a mim mesma como um espelho. A parte mais importante desse caminho, a terapia esteve como base e alicerce.

Por fim, mas não menos importante, ao Programa de Bolsas Carrefour, por me permitir cursar o mestrado e desenvolver a pesquisa com dedicação exclusiva. Que não necessite de tragédias para que a educação seja investimento e prioridade.

*Chegar aqui de onde eu vim
É desafiar a lei da gravidade
Pobre morre ou é preso nessa idade (...)*

(Junho de 94 - Djonga)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Problema, hipótese e objeto de pesquisa.....	18
1.2 Objetivos da pesquisa e Justificativa.....	20
1.3 O Twitter/X.....	21
1.4 Pastor ou Líder Silas Malafaia.....	23
2 A IDEOLOGIA, A HEGEMONIA E O PATRIARCADO.....	37
2.1 A ideologia.....	37
2.2 A Hegemonia.....	43
2.3 O Patriarcado.....	48
3 CAMINHO METODOLÓGICO.....	59
3.1 Hermenêutica, discurso religioso e interpretações emergentes.....	59
3.2 Análise Crítica Do Discurso (ACD).....	67
3.3 Análise Multimodal.....	71
3.4 Percurso Metodológico.....	74
4 ANÁLISE DE DADOS.....	77
4.1 Estratégias Linguísticas.....	80
4.2 Proteção à família e invasão ao feminino.....	84
4.3 Territorialização do discurso.....	93
4.4 Sensacionalismo, fake news e epistemicídio.....	97
4.5 Autoridade Pastoral.....	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXO.....	147

1 INTRODUÇÃO

Os discursos circulantes nas mídias e redes sociais digitais têm desempenhado um papel central na reprodução de ideologias que sustentam sistemas de dominação, como o patriarcado. A era digital ampliou o acesso à informação e permitiu a participação social de diferentes grupos; no entanto, esse acesso ainda é desigual devido às barreiras estruturais impostas pela desigualdade social. Com a multiplicação das vozes nos ambientes digitais, também se intensificou a circulação de discursos que reforçam estereótipos, desinformações, preconceitos e violências simbólicas – incluindo aquelas direcionadas às mulheres e à comunidade LGBTQIAPN+.

Nesse cenário, os discursos religiosos cristãos evangélicos ocupam um lugar de destaque. Frequentemente, por meio da interpretação literal das escrituras e da autoridade de líderes, são sugestionados argumentos que legitimam a submissão das mulheres, o controle desses corpos e a valorização de modelos familiares heteronormativos. Assim, esses discursos não apenas estruturam a fé, mas também operam como mecanismos de manutenção do sistema patriarcal, propiciando normas sociais que limitam a autonomia das mulheres sob a alegação de uma moral religiosa, divina.

Os discursos, muitas vezes, se tornam aparatos para a permanência do sistema patriarcal, inclusive em alguns discursos do universo cristão evangélico, que conta com o auxílio de uma retórica que desperta o medo do pecado, do inferno e noções de polarização (“Nós” *versus* “Eles”) (Dijk, 2015). Obviamente, essa relação é direta, visto que “o núcleo dessas crenças nos permite agir, interagir e comunicar de forma significativa com outros membros da mesma cultura” (van Dijk, 2015. p. 246).

As redes sociais caracterizam-se como ferramentas comunicacionais na dinâmica social contemporânea, participando ativamente da construção subjetiva dos indivíduos e da construção coletiva das práticas socioculturais. Inserido nesse contexto, encontramos uma diversidade de segmentos: religiosos, raciais, gênero, políticos e etc. Além disso, é um espaço que diante de algumas expressões políticas e/ou religiosas, demonstram um intuito de fortalecer e condicionar a base controladora patriarcal, ignorando o importante papel desempenhado diariamente por mulheres nas múltiplas jornadas que acumulam e marginalizando pessoas LGBTQIAPN+. O que ressalta a afirmativa de Gonzaga (2022) que reitera que, se de um lado a comunicação tem potencial positivo para obtenção dos direitos, do outro, a mesma comunicação pode caminhar em um sentido inverso.

No ambiente da comunicação acelerada, a desinformação obteve espaço, sendo

amplamente utilizada como instrumento de manipulação, mentira e segmentação política no Brasil. Segundo Meneses (2018), as *fake news* inserem-se num movimento mais vasto de desinformação que marcou a Internet na segunda década do século XXI. “O conceito de *fake news*”, afirmam Recuero e Gruzd (2019, p. 32), “é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que circulam, principalmente, na mídia social” (Recuero; Gruzd, 2019, p. 32).

Esse fenômeno também se articula com os discursos religiosos, especificamente no contexto cristão evangélico, no qual líderes utilizam das suas influências e das redes sociais para disseminar conteúdos que muitas vezes se apoiam em informações duvidosas ou falsas para reforçar valores morais conservadores. A propagação de desinformação nesse ambiente tem sido estratégica na manutenção de ideologias patriarcais, racistas e homofóbicas, promovendo através do medo do pecado, o controle dos corpos femininos e a defesa da família tradicional como projeto divino inquestionável. Assim, a manipulação informacional não opera apenas no cenário político, mas também como instrumento de legitimação de discursos religiosos que silenciam desigualdades de gênero sobre o manto da fé.

Dentro desse contexto digital, entre patriarcado, religião e desinformação, evidenciamos uma figura pública religiosa, popular no meio cristão evangélico e no meio político brasileiro, o Pastor Silas Malafaia. Conhecido por sua evangelização televisionada e sobretudo, por seus posicionamentos políticos nas redes sociais, Malafaia nos provoca alguns questionamentos, com relação a dualidade de seu discurso, que trilha usando a punição e pecado inspirados pela Bíblia, para posicionar-se em questões sociais e políticas, embasando um discurso que pressupomos ser de ódio. Isso nos leva a investigar de que forma o discurso do líder cristão mencionado, pode estar relacionado ao conceito de discurso de poder (van Dijk, 2015), entendido como uma prática discursiva que contribui para a reprodução de estruturas sociais dominantes. Para van Dijk, o discurso de poder se manifesta quando grupos hegemônicos, por meio da linguagem, mantêm e reforçam sua dominação sobre grupos socialmente vulneráveis. No caso em análise, observamos que o discurso do referido líder religioso pode operar como estratégia de manutenção da hegemonia patriarcal, através da disseminação de desinformação e estereótipos preconceituosos, especialmente voltados contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Tais artifícios discursivos são mobilizados de forma a postergar avanços sociais em favor das minorias e a reforçar valores conservadores, associados ao cristianismo evangélico, contribuindo para a perpetuação de relações de dominação por meio da manipulação

simbólica.

Embora a religião cristã evangélica não seja homogênea em suas expressões, o comprometimento doutrinário é intrinsecamente vinculado a uma verdade bíblica, que é defendida e sustentada tanto pelas Escrituras Cristãs quanto pelas interpretações teológicas formuladas por seus líderes. Araújo (2022) argumenta que o sucesso político se dá em grande parte pela determinação dos líderes e pela obediência da grande maioria de seus membros. Diante disso, a atual postura de Silas Malafaia, demonstra controvérsias que precisam ser observadas, visto que envolve e influencia milhares de pessoas. Como os atores tendem a compartilhar informações baseadas em suas próprias crenças e percepções, especialmente em contextos polêmicos, a mídia social tende a apresentar redes de conversação extremamente polarizadas (Recuero; Gruzd, 2019, p. 33).

Esse cenário se expande significativamente ao ser projetado nas redes sociais, com desdobramentos tanto dentro quanto fora dessas plataformas. Ainda que não se trate especificamente do discurso religioso, pressupõe-se que também opere por meio dos mesmos mecanismos.

É possível afirmar que determinadas leituras das Escrituras Cristãs tenham contribuído para a consolidação de estruturas patriarcais, especialmente a partir de interpretações que reforçam a dominação masculina presentes no mito da criação descrito no Gênesis. A partir de uma abordagem hermenêutica conservadora – dominante em grande parte das tradições cristãs evangélicas – observa-se uma ênfase na autoridade masculina como representante do divino, enquanto à figura feminina é frequentemente atribuída em uma posição subalterna. Em diversas passagens bíblicas como (Gênesis 1:26-27¹, Gênesis 2:15², Gênesis 6:9³, Jó 14:1⁴, João 1:6-7⁵, Efésios 2:15)⁶predomina a figura masculina como agente da ação, da escuta divina e da autoridade. Por outro lado, nas referências à mulher (Gênesis 2:18⁷, Gênesis 3:16⁸, Provérbios 12:4⁹, Provérbios 14:1¹⁰,

¹ ²⁶ E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.²⁷ E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

² ¹⁵ E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.

³ Estas são as gerações de Noé. Noé era homem justo e perfeito em suas gerações; Noé andava com Deus.

⁴ O homem, nascido da mulher, é de poucos dias e farto de inquietação.

⁵ Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.⁷ Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele.

⁶ Na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz

⁷ E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele.

⁸ E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

⁹ A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que o envergonha é como podridão nos seus ossos.

¹⁰ Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos.

Provérbios 21:19¹¹, Provérbios 31:30¹², Efésios 5:22-24¹³, 1 Timóteo 2:9-15¹⁴, 1 Timóteo 3:11¹⁵, Tito 2:3-5¹⁶, 1 Pedro 3:1-6¹⁷, observa-se a recorrência de narrativas que associam a feminilidade à obediência, submissão, domesticidade e até mesmo à culpabilização pelo pecado original. É importante reconhecer que tais interpretações não são unânimes e que vertentes como a teologia feminista têm se dedicado a revisitar criticamente essas passagens, sugerindo novas leituras que desafiem o paradigma patriarcal. No entanto, no campo hegemônico conservador, tais leituras tradicionais seguem sendo amplamente difundidas e utilizadas como argumento para justificar a desigualdade de gênero como um princípio espiritual e moral.

No Antigo Testamento são predominantes as imagens de Deus relacionadas ao poder masculino: Rei, Senhor, Pai, Poderoso, Deus guerreiro (...) e nas narrativas da Criação sobressai uma visão de supremacia masculina e subordinação da mulher na ordem da criação (Santos, 2018. p. 08).

Essa escravidão, substituição e objetificação – do corpo – se estende em uma continuidade ao longo da história, se redefinindo e materializando em corpos e raças estabelecidas por uma igreja eurocêntrica que se torna algoz e perseguidora. A questão aqui se apresenta como uma reflexão sobre o controle de corpos que respaldadas por uma escritura cristã, se mostra embasada a práticas de perseguição e opressão de culturas e corpos, que continuam para além dos séculos, mudando seus mecanismos, mas com os mesmos alvos.

¹¹ É melhor morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e irritadiça.

¹² Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada.

¹³ Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; ²³ Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. ²⁴ De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.

¹⁴ Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos,¹⁰ Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.¹¹ A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. ¹² Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.¹³ Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.¹⁴ E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.¹⁵ Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.

¹⁵ Da mesma sorte as esposas sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo.

¹⁶ As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem;⁴ Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos,⁵ A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada.

¹⁷ Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra;² Considerando a vossa vida casta, em temor.³ O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos;⁴ Mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus.⁵ Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos;⁶ Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto.

Este trabalho adota a Análise Crítica do Discurso (ACD) como abordagem teórico-metodológica, mobilizando conceitos como o de manipulação, para investigar os mecanismos de manutenção da dominação machista discutidos ao longo da pesquisa. Dijk (2015) defende o conceito de manipulação como prática discursiva de grupos dominantes que servem à reprodução de seu poder. No discurso, os grupos dominantes exercem manipulação, por exemplo, ao fornecer informações, educação, instrução com o objetivo de influenciar o conhecimento, as crenças e (indiretamente) as ações dos receptores (Dijk, 2015).

Para a elaboração de nosso estado da arte, foi empregado como critério a busca de artigos e dissertações publicados nos últimos cinco anos, em português e espanhol, nas plataformas Scielo e Google Acadêmico, referente a trabalhos com as palavras-chave: “lideranças religiosas no *twitter*”; “ideologia de gênero no *twitter*”; “*fake news*”; “patriarcado”; “patriarcado cristão”; “teologia feminista” e “Silas Malafaia no *Twitter*”. Essa pesquisa está ancorada na linha de pesquisa de produção de sentido.

1.1 Problema. hipótese e objeto de pesquisa

A partir do debate proposto por van Dijk (2015) sobre discurso e poder, observa-se que, no contexto das redes sociais, a desinformação aliada ao discurso religioso exerce um papel significativo no acirramento da polarização política e social. Segundo o autor, “as estruturas discursivas polarizadas desempenham um papel crucial na expressão, na aquisição, na confirmação e, portanto, na reprodução da desigualdade social” (Dijk, 2015, p. 14). A presente análise, parte de uma leitura teológica tradicional e conservadora dos textos bíblicos, comumente utilizada por lideranças religiosas como Silas Malafaia, a qual interpreta passagens das Escrituras de forma a reforçar a autoridade masculina e a submissão feminina. Essa perspectiva encontra respaldo em discursos que promovem a dominação masculina como uma ordem natural divina. Nesse contexto, conceitos como ideologia e hegemonia, tornam-se fundamentais para a compreensão das estruturas discursivas que sustentam essa lógica. Resende e Ramalho (2019), por exemplo, destacam que a hegemonia envolve formas de dominação que se estabelecem não pela coerção, mas pela internalização de crenças que favorecem grupos dominantes através da “universalização de perspectivas particulares” (Resende; Ramalho, 2019. p. 48).

Isso nos suscita um questionamento que visa compreender se o discurso do líder cristão evangélico Silas Malafaia, pode estar ligado a questões do discurso de poder (Dijk, 2015), atrelado à estratégia da manutenção hegemônica, utilizando a desinformação, a

polarização e estereótipos preconceituosos, como ferramentas voltadas para as mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, empregando-as estrategicamente, para retardar avanços sociais dessas minorias e fortalecer o controle patriarcal hegemônico. Esse contexto de manipulação discursiva nas redes sociais, contribui para a perpetuação do conservadorismo cristão através da manipulação discursiva.

O objeto de análise são as manifestações discursivas de Silas Malafaia no *Twitter/X*, especificamente aquelas que abordam temáticas relacionadas às mulheres e à população LGBTQIAPN+. A partir dessa proposta, foram coletados um total de 49 *tweets*, organizados em: imagem e texto, vídeo e texto e *tweets* apenas textuais, como propõe a Análise Multimodal (Farhat e Gonçalves- Segundo, 2022) e (Gualberto e Santos, 2019). A observação desse processo comunicacional visa analisar se os discursos produzidos pelo líder religioso violam e/ou atacam os direitos humanos e/ou sociais.

Biroli (2011) reitera que estereótipos e realidade alimentam-se um do outro, confirmando papéis, comportamentos e valores socialmente produzidos. As redes sociais, com seu papel influenciador, não propagam apenas informações, como fortalecem estereótipos que são capazes de consolidar preconceitos, repressões, que tem como alvo certamente, figuras que são ou já foram inferiorizadas e discriminadas pela mídia.

A luz do que foi discutido acima, as hipóteses que norteiam nosso trabalho são:

- **H1:** As estratégias utilizadas nas redes sociais pelo perfil de Silas Malafaia propõem-se em reduzir o papel e os avanços das mulheres em sociedade, sustentando que o ciclo vicioso do patriarcado se perpetue;
- **H2:** A fragilidade masculina expressada como violência discursiva, para manter o seu lugar de privilégio, se estende ao líder religioso como estratégia para garantir a eficiência em uma retórica baseada no pecado, no medo e na imoralidade.

É fundamental reconhecer que o machismo estrutural se manifesta sob um viés histórico, independentemente da vertente religiosa. No entanto, tais manifestações, com recorrência, se materializam nas figuras de líderes religiosos, muitos dos quais recorrem ao discurso religioso para reiterar posicionamentos que, direta ou indiretamente, contribuem para o retrocesso de direitos das mulheres e da sociedade como um todo.

A influência que o líder religioso exerce sobre seus seguidores é observável no que tange a produção de discursos que podem fortalecer estereótipos, violências e o enrobustecimento da polarização política da sociedade. O *Twitter/X* é constantemente usado - não apenas por religiosos - para disseminar *fake news* acerca de minorias e direitos

sociais, à vista disso, o perigo é iminente.

1.2 Objetivos da pesquisa e Justificativa

Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias discursivas do líder evangélico Silas Malafaia nas redes sociais, especialmente no *Twitter/X*, no que se refere às questões que envolvem minorias sociais no Brasil. A investigação busca compreender de que maneira seu discurso pode atuar como ferramenta para mobilizar seguidores e fortalecer a presença pública da religião. Além disso, pretende-se descrever o uso de elementos de abuso de poder discursivo por parte do pastor – como machismo e LGBTFobia –, contribuindo, assim, para o debate acadêmico.

É indispensável reconhecer que o machismo estrutural se manifesta historicamente e de forma persistente em todos os setores da sociedade, afetando homens e mulheres. Entretanto, no contexto religioso, esse sistema de dominação encontra terreno fértil para se consolidar, uma vez que suas expressões se materializam em figuras de líderes religiosos. Muitos desses líderes se apropriam da autoridade simbólica para promover discursos que reforçam valores conservadores e retrógrados, sustentando argumentos – embasados pela Bíblia – que dificultam o avanço de direitos fundamentais, especialmente no que se refere à vida das mulheres, das pessoas LGBTQIAPN+, suas individualidades e afetos, contribuindo para a manutenção de desigualdades estruturais na sociedade como um todo.

Conforme observam Amaral e Pinho (2018), um dos aspectos sobre o uso das redes sociais da internet diz respeito à influência exercida por alguns usuários sobre outros. A influência exercida por esses líderes sobre seus seguidores – nas redes sociais– e fiéis – nas igrejas – é visível na maneira como produzem e disseminam discursos que não apenas reforçam estereótipos e preconceitos, mas também incitam diferentes formas de violência simbólica, discursiva e estrutural, intensificando a polarização política e social.

Nesse contexto, as violências simbólicas muitas vezes aparecem disfarçadas de orientações – morais e doutrinárias – ou pregações, tornando-se mais difíceis de serem identificadas como práticas opressoras, por serem reveladas por uma autoridade religiosa – supostamente representante de uma figura divina. Essas formas sutis de agressão, operam como engrenagens que sustentam um sistema maior de dominação social: o patriarcado, estrutura responsável por reproduzir opressões, silenciamentos e violências sistemáticas contra mulheres e pessoas que não se encaixam nas normas hegemônicas de sexualidade, identidade de gênero e raça.

1.3 O *Twitter/X*¹⁸

As redes sociais, com seu papel influenciador, propagam não apenas informações e conhecimento e/ou promovem conexões, mas reforçam estereótipos que são capazes de consolidar preconceitos e repressões, inclusive de sujeitos que são inferiorizados e discriminados socialmente. Biroli (2011) reitera que estereótipos e realidade alimentam-se um do outro, confirmando papéis, comportamentos e valores socialmente produzidos.

Atualmente denominado ‘X’, mas popularmente ainda reconhecido como *Twitter*, a plataforma “foi criado pela empresa Obvious, em 2006, e é caracterizado como microblog que permite aos usuários enviar ou receber atualizações, no início, com no máximo 140 caracteres” (Rosseto; Carreiro & Almada, 2013. p.197). Além disso, como Gonzaga (2022) expressa, tem alta taxa de atualização e facilidade na publicação e compartilhamento de mensagens. Tornou-se, segundo Lemos (2008), uma forma de informação, relacionamento e socialização. Rossetto, Carreira e Almada (2013 *apud* Recuero, 2009) afirmam que:

Há quatro valores que podem ser construídos pelas redes sociais: a visibilidade (que auxilia a manutenção de laços sociais e faz tornar-se conhecido), a reputação (as impressões que um ator social tem do outro), a popularidade (descrita pelo número de comentários e tamanho da audiência) e a autoridade (quantidade de citações, menções ou *retweets*, além da capacidade de gerar conversações) (Rosseto; Carreiro; Almada 2013. p.203 *apud* Recuero 2009, p. ?).

Esta rede social permite, diz Gonzaga (2022), que nos expressemos em um mesmo ambiente virtual que uma figura pública, como permite também essa aproximação através de interações. Além disso, a rede também possibilita a articulação do perfil dos usuários com outros perfis, garantindo novas conexões. Recuero e Zago (2009) afirmam que o *Twitter* é um espaço no qual se busca e se repassa informação. É importante salientar, que a dinâmica que a rede social propõe, como curtidas por exemplo, depende de vários fatores como: conteúdo do *tweet*, *tweets* publicados em horários de pico, engajamento com seguidores (como *retweets* e comentários). A escolha dos assuntos também desempenha um papel importante na geração de engajamento, especialmente quando estão associados a assuntos em evidência ou a eventos de grande relevância social. Reforçamos também, que a quantidade de seguidores, não significa necessariamente mais curtidas e/ou engajamentos. Um dos fatores que influencia no número de engajamento que podemos destacar é o algoritmo do *Twitter/X*, que está em constante evolução e influência na distribuição dos *tweets* na *timeline* dos usuários, o que pode afetar o número de curtidas.

¹⁸ Uma versão desse texto foi apresentada pela autora no 7º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies – Democracia e Educação Midiática - MEISTUDIES, entre os dias 04 e 07 de novembro de 2024.

Entretanto, é fundamental destacar que, apesar da pluralidade de usuários, tal diversidade não garante que o ambiente virtual se constitua como um espaço verdadeiramente democrático em termos de discursos. Lemos (2008) ressalta que

(...) mesmo que se abrigue uma pluralidade de idéias e de pontos de vista, isso não é suficiente para que haja uma democratização dos discursos. Não basta as ideias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem, que elas tomem corpo, que elas reverberem (Lemos, 2008. p. 654).

Com isso, não se constrói apenas com base em interações firmadas em informações verdadeiras, mas também possibilita a disseminação de mentiras, capazes de consolidar inúmeras hostilidades.

O *Twitter/X* também abriu uma janela para uma possibilidade de interação jornalística. Lemos (2008) demonstra que o uso do serviço como ferramenta jornalística é adotado por vários profissionais de mídia. Destaca-se ainda que essa característica posiciona o *Twitter/X* como uma rede social com elevado potencial de reverberação de temas e discussões, difundindo-se por outros meios de comunicação. Esse desenvolvimento da rede social, como dito anteriormente, traz interações e conexões entre pessoas, não sendo necessário serem de uma mesma bolha virtual e/ou contexto social, garantindo uma inovação também na maneira de nos comunicarmos: “o mundo digital proporciona, portanto, uma nova forma de relacionamento, com novas condições de produção e que dão origem a novas linguagens e discursos diferenciados” (Lemos, 2008. p.654).

Em interações sociais e virtuais, o discurso, embora central, não é o único elemento que orienta as relações (gestos, imagens, memes, linguagens não-verbais, também compõem o discurso). No que tange às plataformas digitais, ainda há elementos como algoritmos e interfaces, que também têm um papel fundamental na construção e mediação nas interações. Vale ressaltar, que a comunicação não se resume ao discurso verbal ou escrito, e sim um conjunto de elementos que interagem e moldam as relações sociais, principalmente em redes como o *Twitter/X*. O discurso não é apenas uma resposta a uma realidade social, mas também um instrumento de poder que constrói e reconfigura essa realidade. Lemos (2008) afirma que o discurso é produto e processo. Compreende-se, portanto, que o discurso está longe de ser neutro; ao contrário, constitui um campo de disputas simbólicas, no qual diferentes atores sociais competem pela produção de sentidos e significados. No ambiente virtual, essa dinâmica se intensifica, já que o discurso pode ser mobilizado tanto para consolidar quanto para questionar hierarquias e estruturas de poder.

Dentro dessa interligação é que observamos o estabelecimento de debates e discursos que possivelmente possam ser problematizados em análise, tendo como objeto a ser observado, o discurso produzido pelo perfil do pastor Silas Malafaia, compartilhado e seguido por muitos usuários que dentro dessa rede de interação, fomentam a vinculação desses sentidos produzidos.

1.4 Pastor ou Líder Silas Malafaia

“Sem o homem, que significaria a realidade do universo? Toda a ciência é ligada às necessidades, à vida, à atividade do homem.” (Gramsci, 1999.p.174)

Líder e fundador da igreja evangélica Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), Silas Lima Malafaia é graduado em psicologia, palestrante, conferencista (Silas Malafaia Oficial, 2024) além de produzir vídeos para a plataforma de vídeo *Youtube*. Empresário e dono das empresas: editora “Central Gospel” – a segunda maior editora evangélica do país –, serviço de *streaming* Gospel Play, portal de notícias Verdade Gospel e gravadora Central Gospel Music (Cesar; Saldanha, 2019).

Inspirado pelos programas de pregadores televisivos dos Estados Unidos que estavam sendo transmitidos no Brasil (Oliveira, 2024), Silas Malafaia adquiriu seu próprio espaço televisivo em 1981, na CNT (Central Nacional de Televisão) com o programa “Renascer”. Inicialmente, o pastor focava em temas religiosos e da vida cotidiana. Segundo Oliveira (2024), suas palavras coloquiais e seu estilo “sem papas na língua” lhe renderam a liderança de audiência na CNT no final dos anos 80. Essa visibilidade o acompanhou através do seu programa de televisão “Vitória em Cristo” (no ar desde 1982), apresentado por ele – atualmente exibido na RedeTV!. Evidenciamos aqui um dos aspectos mais proeminentes de sua trajetória televisiva, responsável por sustentar sua personalidade até os dias atuais: a prática da denúncia, articulada em suas críticas às instituições religiosas quanto aos demais aspectos da sociedade. Esse perfil de Malafaia, destoava do “perfil ameno e reconfortante dos demais apresentadores de programas religiosos de sua época” (Oliveira, 2024. p. 34).

Cabe ressaltar, que sua popularidade, bem como sua figura pastoral reconhecida nacionalmente, se deu graças aos veículos seculares televisivos. Sua popularização entre os evangélicos e não-evangélicos, através da sua potência comunicativa (Autor, ano), possibilitou que seu discurso ultrapassasse bolhas. Compreendendo a dinâmica e a potência das redes sociais, o pastor protestante neopentecostal “já abriu mão, quase que completamente, de seus horários televisivos” (Oliveira, 2024. p. 34). Garantindo o título de

líder de opinião, como Cesar & Saldanha (2019) explicam, “um líder de opinião pode ser influente extrapolando as mídias digitais, sendo conhecido em outras mídias e, inclusive, fora delas” (Cesar; Saldanha, 2019, p.182) além da figura de líder religioso, como é popularmente conhecido bem como Oliveira (2024) aponta:

Além de seu trabalho como pastor, Malafaia também é um empresário que usa ativamente o marketing e a comunicação em seus esforços para se promover. Suas iniciativas – editoras, programas de TV, eventos e presença digital – formaram uma marca rentável que atende a uma demanda tanto espiritual quanto de consumo religioso. Além disso, é evidente que Malafaia representa alguém projetado por interesses econômicos, corporativos e políticos: o homem que atende aos requisitos econômicos e políticos do bloco evangélico, podendo assim servir-lhe de rosto (Oliveira, 2024, p. 35)

O pastor é referência no segmento evangélico e no discurso político de uma nova direita (Garrido, 2021) consolidando-se por meio de seus posicionamentos conservadores – como “marxismo cultural”, “ideologia de gênero”, ameaça à “família tradicional”, legalização do aborto. Esses temas são amplamente divulgados em seus canais digitais, especialmente no *Youtube* – vídeos de pregações e *vlogs* – e, com maior frequência, no *Twitter/X*, no qual o pastor publica diariamente, Cesar e Saldanha (2019) apontam que, trata-se da rede social que o pastor recorre mais vezes, especialmente para discutir temas políticos, por conta do imediatismo. Como explica Oliveira (2024):

Ao longo de sua trajetória, Malafaia se tornou, midiaticamente falando, muito maior que as instituições as quais idealizou ou preside. Defendemos que a causa disso foi ascensão e consolidação da internet, sobretudo tratando-se da instantaneidade informativa das redes sociais. Não é sem motivo a quase completa abdicação do líder por minutos de TV. A adaptação de sua mensagem e suas características comunicativas encontraram um frutífero terreno nas redes sociais (Oliveira, 2024, p. 39).

Suas declarações nas redes sociais, expressam um discurso polêmico, encobertos de argumentos religiosos, que apontam para a defesa e proteção da família tradicional heteronormativa, como pilar central da moral cristã, é na internet que eles articulam-se e posicionam-se de forma mais livre (Ortunes, 2018). Entretanto, vale ressaltar que essa noção de “família tradicional”, representa um ideal normativo, no qual o homem é o provedor, a mulher é submissa e as identidades não cis-heterossexuais são excluídas. Essa composição atua como instrumento de controle social, tendo a ideia de família tradicional como regulador de gênero. Normas que, quando naturalizadas, determinam limites do que se entende como corpo, bem como, mecanismo regulador de possíveis modos de existência, como aponta Butler (2018):

O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes. Em certo sentido, toda significação ocorre na órbita da compulsão

à repetição; a “ação”, portanto, deve ser situada na possibilidade de uma variação dessa repetição (Butler, 2018, p.194).

Do ponto de vista do poder discursivo, o discurso moral - religioso se organiza como instrumento e efeito de poder (Foucault, 1988) que produz verdade e normalizações, principalmente sobre corpos marginalizados. Esse exercício de poder, funciona através de uma rede produtiva que invade telas, indivíduos, seus corpos e “age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra” (Foucault, 1988. p.81).

Em seu perfil no *Twitter/X* (@pastormalafaia), o pastor – presidente da ADVEC (Assembleia de Deus Vitória em Cristo (@advecoficial) – se descreve como “uma voz em defesa da verdade” e convida: “acompanhe meus posicionamentos”. Presente na plataforma desde março de 2010, acumulava 1,5 milhões de seguidores e seguia 129 perfis no momento da coleta dos dados¹⁹. Quanto às interações de Malafaia no *Twitter/X*, segundo Cesar & Saldanha (2019), tratam-se da rede social a que o pastor recorre mais vezes, especialmente para discutir temas políticos, por conta do imediatismo característico devido ao número de caracteres reduzidos.

Mesmo sem ocupar formalmente uma cadeira no Congresso Nacional, Malafaia tornou-se uma figura influente dentro da bancada evangélica, consolidando-se como referência no espaço político a partir de sua visão teológica-conservadora. Também vale ressaltar que ao longo de sua trajetória, transitou entre diferentes posições políticas²⁰, conforme seus interesses e os de seu núcleo cristão, o que evidencia uma atuação estratégica no campo da política. É importante ressaltar que seus discursos acompanharam e se moldaram aos avanços tecnológicos da comunicação: entre 2002 e 2006, sua atuação era centrada em seu programa televisivo e no púlpito na ADVEC. Já a partir de 2010, com a ascensão das plataformas digitais, Malafaia passou a utilizar as redes sociais como ferramentas para expandir sua influência. Sua atuação digital ganhou mais visibilidade de 2016, com o processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, até a eleição do

¹⁹ Informações coletadas do perfil de Silas Malafaia (@pastormalafaia) em 30 de agosto de 2024, às 23:38. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia>.

²⁰ O pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus apoiou o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições de 2002, e na reeleição em 2006. Malafaia permaneceu ao lado do PT até 2010, quando passou a apoiar o candidato José Serra (PSDB). “Seu rompimento se deu por acreditar que a legenda estava deixando de lado os interesses de líderes evangélicos no Congresso Nacional.” O apoio ao PSDB, iniciado em 2010, durou até a campanha presidencial de 2014, quando o líder neopentecostal brevemente rompeu com a legenda para apoiar a candidatura de Marina Silva (REDE). Em 2018, Malafaia rompeu de vez com o PSDB. Seu novo candidato, desta vez pelo PSL, foi Jair Bolsonaro, assíduo apoiador de pautas ultraconservadoras.

candidato do PSL em 2018 (Garrido, 2021), tornando-se um dos principais porta-vozes da direita religiosa brasileira. Essa ocorrência, podemos apontar como um papel de luta por uma hegemonia cultural: a prática da liderança política que se estabelece através do discurso e do consenso ideológico do que pelo uso da força, moldando subjetividades e legitimando a dominação política, utilizando a fé como ferramenta principal. Como Monasta (2010) esclarece:

Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas especialmente em conexão com os grupos sociais mais importantes e sofrem elaboração mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos (Monasta, 2010. p.96).

Garrido (2021) apresenta Silas Malafaia como uma das lideranças mais representativas do meio evangélico da atualidade. Ainda que não seja a única personalidade no segmento cristão evangélico brasileiro, atualmente seu destaque está diretamente ligado ao seu posicionamento associado à extrema-direita brasileira, além de ser uma das lideranças mais próximas a Jair Bolsonaro (Garrido, 2021), também pertencente à grande e volumosa bancada evangélica e outros cristãos taxados de conservadores (Rocha; Roberta; Moura, 2023). Sempre em defesa da família tradicional, da moral cristã e da evangelização da palavra de Cristo, demonstra “opiniões controversas referentes às questões políticas, homoafetivas, legalização do aborto e, também, identidade de gênero” (Cesar & Saldanha, 2019. p.186). Ainda sobre os discursos do pastor, todos seriam embasados sobre as escrituras da Bíblias, o que teoricamente, lhe daria a segurança de não estar errado. Além do mais, Koren (2016) ressalta que, Silas Malafaia utiliza a ciência de forma genérica para defender suas posições embasadas em seus princípios religiosos tentando tornar as suas opiniões válidas para toda sociedade e não apenas para o público religioso (Koren, 2016. p.57).

Consequentemente, sua imagem acaba por deixar outras personalidades cristãs evangélicas estigmatizadas, ainda que pensem diferente das ideias do pastor mencionado. Não apenas isso, individualmente ou em grupos de cristãos progressistas, são hostilizados por aqueles que são seguidores de Malafaia. O pastor em questão e outros líderes que também seguem o mesmo segmento conservador, “costumam relativizar a fé desse grupo, acusar suas pregações de “falaciosas” (Amorim, 2017. p 190), consolidando o processo de polarização, marginalizando e atribuindo seus posicionamentos como “do mau” ou “do diabo”. Amorim

(2017) argumenta que, o diverso e a discordância, no espectro político, são rejeitados, enquanto as pautas conservadoras são afirmadas e santificadas.

Do mesmo modo que o líder religioso da ADVEC, se destaca por seus discursos ligados a questões públicas, também se evidencia em conflitos políticos quanto a ideias que sejam opositoras as suas, instantaneamente, polarizando sem ressalvas seus antagonistas, especialmente no que tange à concepção de liberdade de expressão para o Estado Democrático de Direito, e utiliza palavras ofensivas para insultar e atacar a imagem de seus adversários (Cesar & Saldanha, 2019).

O discurso religioso, antes encontrado apenas em templos e espaços específicos do segmento, bem como em canais televisivos, hoje encontra-se viralizado através das redes sociais, Melo (2021) ressalta que, a influência de personalidades ligadas a congregações religiosas tem sido potencializada em função do crescente processo de midiaticização do discurso religioso. É perceptível que as práticas sociais, culturais e religiosas são moldadas e transformadas pela lógica dos meios de comunicação, especialmente as plataformas digitais. Essas relações se tornam cada vez mais dependentes e mediadas pela tecnologia. O discurso religioso, ao ser veiculado nas redes sociais, não apenas alcança um público mais amplo, mas também sofre adaptações para se adequar às exigências da interatividade e de velocidade, características desses meios, adquirindo novas formas, linguagens e estratégias que podem ser tanto potencializadoras quanto limitantes de suas mensagens originais. Ainda que precisemos, por vezes, fazermos buscas, por outras, eles são compartilhados a ponto de invadirem outras bolhas.

Por isso, ao olharmos para a composição do perfil público do pastor Malafaia criada por ele e ouvida por diversos meios da imprensa, apresentamos um quadro abaixo, que pretende exibir características do perfil político e religioso do líder da ADVEC, afim de termos um panorama dessa figura que transita entre os discursos político e religioso. Vale ressaltar, que a escolha dos veículos de imprensa e das dimensões (político e religioso) se deram primeiro, por veículos de imprensa de maior popularidade e segundo, através da observação do perfil do pastor, que apesar de se denominar líder religioso, se destaca por discursos ligados às questões públicas e conflitos políticos.

Quadro 1: Silas: A figura que transita entre o político e o religioso

Veículo de imprensa	Fontes	Título da matéria	Dimensão	Palavras-Chave
----------------------------	---------------	--------------------------	-----------------	-----------------------

Veja	Disponível em:< https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/silas-malafaia-nao-sou-bolsominion/ > . Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Silas Malafaia: “Não sou bolsominion”	Político	Aliado político; Conselheiro informal do ex-presidente Jair Bolsonaro; Influência sobre o eleitorado evangélico; minimiza escândalos envolvendo a família Bolsonaro; Anti-esquerda e conservador moral.
			Religioso	Descrito como carismático, dialético e midiático; Ligado ao “tronco” da Assembléia de Deus; Moralista e tradicionalista; definido como “um bom pastor”.
Correio Braziliense	Disponível em:< https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2024/04/6841794-pastor-silas-malafaia-organizador-do-ato-de-bolsonaro-no-rio-recebe-condecoracao-militar.html > . Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Pastor Silas Malafaia, organizador do ato de Bolsonaro no Rio, recebe condecoração militar”	Político	Atuação política ativa, com o uso de capital religioso para promover eventos de apoio a Bolsonaro; Postura combativa e radical contra as instituições democráticas; Relação íntima e de confiança com o ex-presidente; Aliado estratégico na política nacional; Reforça o prestígio institucional que recebe por seu alinhamento político.
			Religioso	Confirma sua posição de liderança religiosa, com base na estrutura neopentecostal brasileira.
G1	Disponível em:< https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2024/09/12/campanha-de-nunes-aposta-em-tarcisio-e-malafaia-para-frear-marcal.ghtml > . Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Campanha de Nunes aposta em Tarcísio e Malafaia para frear Marçal”	Político	Peça-chave em estratégias eleitorais; Influenciador político; Reconhecimento de sua relevância nas decisões políticas e eleitorais; Foco na polarização através das Redes Sociais; Envolvimento ativo na guerra política; Estratégia de

				segmentação eleitoral.
			Religioso	Destaca sua posição de liderança; Capacidade de mobilizar fiéis em contextos políticos; Intersecção entre liderança religiosa e ações no cenário político.
Folha de S. Paulo	Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/11/malafaia-contradiz-a-te-jesus-para-defender-bolsonaro.shtml >. Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Malafaia contradiz até Jesus para defender Bolsonaro”	Político	Engajamento político intenso, acima da religião; Porta-voz jurídico e político do ex-presidente Bolsonaro.
			Religioso	Destaca manipulação religiosa; Revela um desvio da ética cristã; Prioriza a política contrariamente ao interesse espiritual; Incoerência entre o discurso religioso e a prática pública (por exemplo, marcações como: “esqueceu o sexto mandamento”, “ignora completamente as palavras de Jesus”).
Carta Capital	Disponível em: < https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/quando-a-imprensa-segue-a-sustentar-a-falacia-de-um-porta-voz-dos-evangelicos/ >. Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Quando a imprensa segue a sustentar a falácia de um ‘porta-voz’ dos evangélicos”	Político	Atua como agente político estratégico; Assume posições políticas incisivas em prol da extrema-direita; Figura midiaticamente sensacionalista; Mobiliza apoios a partir de afinidades ideológicas.
			Religioso	Líder religioso da Assembléia de Deus Vitória em Cristo; Assume o papel de porta-voz dos evangélicos, sem o reconhecimento unânime do próprio

				campo religioso.
Brasil de Fato	Disponível em: < https://www.brasildefato.com.br/2024/09/19/vergonha-para-a-bahia-as-sembleia-legislativa-aprova-titulo-honorifico-da-comenda-02-de-julho-a-silas-malafaia/ >. Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Vergonha para a Bahia: Assembleia Legislativa aprova título honorífico da Comenda 02 de julho ²¹ a Silas Malafaia”	Político	Dispõe da sua posição religiosa para legitimar ações antidemocráticas; Promove discursos de ódio; Questiona a autoridade do STF; Apoia figuras políticas antidemocráticas (como Bolsonaro, por exemplo); Exibe sua afinidade com a extrema-direita; Incita desinformação e desordem política utilizando do seu discurso religioso.
			Religioso	Utiliza da sua influência e liderança religiosa para construir um discurso de exclusão, de caráter homofóbico; Defende a visão de família heteronormativa; Marginaliza minorias; Distorce a missão religiosa de inclusão, igualdade e amor ao próximo.
Jovem Pan	Disponível em: < https://jovempan.com.br/noticias/politica/silas-malafaia-defende-bolsonaro-e-diz-que-pensar-em-crimes-nao-e-infracao-penal.html >. Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Silas Malafaia defende Bolsonaro e diz que pensar em crimes não é infração penal”	Político	Reforça sua identidade como defensor político de Bolsonaro; Ao utilizar argumentos jurídicos, reforça sua figura pública política; Seu comportamento demonstra lealdade ao ex-presidente.
			Religioso	Relativiza possíveis crimes , ignorando o sexto mandamento

²¹ A Comenda 2 de Julho é a maior honraria concedida pela ALBA. Ela reconhece o mérito de personalidades que prestaram serviços relevantes ao estado e ao país. Foi instituída em 1999, homenageando a data da Independência da Bahia. A concessão da comenda é um ato que celebra a história e a essência do povo baiano. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/presidente-do-stf-e-do-cnj-recebe-comenda-2-de-julho-e-titulo-de-cidadao-baiano/#:~:text=A%20Comenda%20de%20Julho%20%C3%A9%20a%20maior%20honraria%20concedida,a%20ess%C3%Aancia%20do%20povo%20baiano>. Acesso em: 08 Abr. de 2025

				bíblico “não matará”; Contradiz os valores morais e éticos do cristianismo; Reforça sua atuação como agente político mascarado de líder religioso.
CNN Brasil	Disponível em: < https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/jussara-soares/eleicoes/nao-julgo-a-historia-de-um-homem-por-um-erro-diz-malafaia-sobre-bolsonaro/ >. Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Não julgo a história de um homem por um erro”, diz Malafaia sobre Bolsonaro”	Político	Reforça sua posição de liderança dentro do campo da direita; Apresenta-se como figura leal ao bolsonarismo; Relativiza comportamentos problemáticos do ex-presidente em nome de uma agenda maior; Preocupa-se com o espaço simbólico eleitoral dos evangélicos.
			Religioso	Sua posição de liderança religiosa é destacada; Cita versos bíblicos para justificar suas decisões políticas a favor da narrativa de Bolsonaro; Instrumentalização da fé.
Estadão	Disponível em: < https://www.estadao.com.br/politica/pastor-silas-malafaia-autor-atentado-brasilia-problemas-mentais-emocionais-ataca-ministro-stf-alexandre-moraes-nprp/?srsltid=AfmBOooXlcsuHOXmwaC8a5qEebDfrueZ8T1g92kDjyCwWBYM38itFDB2 > . Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Malafaia diz que autor de atentado em Brasília tinha ‘problemas mentais e emocionais’ e ataca Moraes”	Político	Ataca ministro Alexandre de Moraes; Posiciona-se contra qualquer ato de violência; Associa ações do STF a práticas ilegais e injustas.

			Religioso	Usa de sua posição religiosa para deslegitimar sistema judicial e decisões do ministro do STF; Associa sua liderança evangélica a uma postura agressiva; Utiliza do discurso da fé para incitar a desconfianças nas instituições democráticas; Dissemina um discurso de ódio a fim de distorcer valores cristãos em prol da política; Afirma poder sobre as instituições e suas decisões.
Brasil Paralelo	Disponível em: < https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/milhares-de-manifestantes-cobram-stf-pela-morte-de-Clézao > . Acesso em: 06 Mai de 2025.	“Milhares de manifestantes cobram STF pela morte de Clézão”	Político	Malafaia e outros líderes políticos aproveitaram a manifestação para atacar o STF.
			Religioso	Utiliza a sua posição de líder religioso para criticar STF e a mídia; Argumenta utilizando a estratégia de deslegitimar as acusações de tentativa de golpe.

Fonte: Elaboração da própria autora (2025)

Podemos perceber ao observarmos a tabela, que os veículos de imprensa de um modo geral, não destacam o lado religioso do pastor Silas Malafaia – seu trabalho de evangelização. O cargo de pastoreio e a liderança exercida por Silas Malafaia na ADVEC não operam apenas em uma esfera espiritual, mas constituem um lugar simbólico de poder que o posiciona como uma figura política influente. Ainda que sua imagem seja marcada por sua função religiosa, seu discurso percorre com fluidez entre o “sagrado” e o civil, assumindo uma entonação política que incita e orienta seu público. A mídia coopera para essa representação, ao referi-lo unicamente como pastor, conferindo-lhe uma autoridade religiosa que, na prática, projeta-o como porta-voz de um setor social- religioso, que não é unânime e nem homogêneo, mas que constantemente é tratado como se fosse.

Nessa situação, o termo “pastoreio” adquire uma dimensão ampliada: não apenas como encargo religioso, mas como prática de direcionamento ideológico, capaz de moldar concepções e atitudes políticas de seus seguidores. Malafaia cuida espiritualmente de seu rebanho, bem como atua como líder de opinião, induzindo sua comunidade religiosa, baseado em valores políticos alinhados à direita brasileira. Além disso, podemos destacar quatro pontos centrais nessa atuação: primeiro diz respeito à sua liderança, que exerce influência direta sobre o eleitorado evangélico e conservador, transitando entre palanques e púlpitos – ou, muitas vezes, unificando ambos em um só espaço discursivo – com o objetivo de fundir a retórica religiosa à lógica política. Como destaca Garrido (2021):

Silas Malafaia é um pastor que no campo religioso evangélico se destaca e tem uma abertura com outras denominações, então quando fala, usa de sua credibilidade e legitimidade religiosa. Sua articulação dentro de um campo reflete no outro, a religião influenciando na política (Garrido, 2021, p. 13).

O segundo ponto, trata-se de seu alinhamento ideológico com a política de direita. Ao longo da coleta das matérias, é possível perceber a proximidade de Silas Malafaia com o ex-presidente Jair Bolsonaro, evidenciada por sua defesa constante e posicionamento como aliado, atuando como referência moral e política para o bolsonarismo. Em terceiro lugar, destacam-se as contradições presentes em seu discurso religioso, uma vez que o pastor recorre a argumentos e passagens bíblicas apenas quando estas reforçam suas posições políticas ou combatem seus opositores. Em diversos momentos, utiliza de argumentos jurídicos, afastando-se do campo religioso. Isso sugere o uso estratégico da fé, em que o discurso religioso é mobilizado para legitimar valores conservadores.

Mesmo nas imputações deferidas a um viés político, o seu argumento é de defesa, defesa de valores vinculados às pautas de costume, não respeitando o direito de liberdade do outro ou mesmo criando enredos e fabulações que não se sustentam” (Garrido, 2021, p. 13).

As reportagens ressaltam que o representante dos valores cristãos minimiza atos de violência, incita a desobediência civil e promove ataques a minorias e opositores, ao mesmo tempo que ameniza atos antidemocráticos e violentos cometidos pela extrema-direita. Com isso, evidencia-se o distanciamento em relação aos valores tradicionalmente associados ao cristianismo – e consequentemente, aos seus representantes – como justiça, amor, arrependimento e perdão.

Por último, observa-se a obtenção da visibilidade por meio da exploração da polarização social e política. Valendo-se de expressões como: “defesa da liberdade”, “perseguição contra os cristãos”, “ameaça contra a família tradicional” e “em defesa da moral”, Malafaia contribui para a intensificação da polarização e o enfraquecimento da

democracia. Ao atacar instituições como o STF e o TSE, por exemplo, revela a intenção de deslegitimação das instituições democráticas. Essa narrativa de perigo somada ao discurso de luta pelo poder, opera como base para o engajamento político. Garrido (2021) argumenta que, esses atores que abraçam as pautas de costume, se apoiam em um viés de direita e apontam que há um perigo que deve ser combatido, normalmente, reificado na esquerda e em suas pautas, devido aos seus conteúdos, as postagens ajudam a fomentar uma aversão à esquerda e ao rol de temáticas vinculadas a mesma (reais ou imaginadas) (Garrido, 2021). O pastor da ADVEC busca engajamento através do uso de vídeos, redes sociais e convocação para eventos públicos – atos em prol de Bolsonaro e ataque às instituições –, adotando uma retórica de confronto com a esquerda e as instituições democráticas, performando com o intuito de interagir diretamente com a base conservadora.

Outro destaque que a tabela demonstrou, é a individualização promovida pela imprensa ao pastor, posicionando-o como referência única do campo evangélico e omitindo a presença de outras vozes evangélicas que poderiam contrapor seus argumentos. Ou seja, não há pluralidade no segmento noticiado. É importante ressaltar que os evangélicos não são uma classe homogênea: são plurais, com diversas vertentes teológicas e representações. Quando um líder – como Silas Malafaia – decide falar em nome de todo o segmento, isso acarreta, como consequência, o silenciamento das vozes divergentes, sugerindo que há uma unidade discursiva, que, neste caso, tende a ser conservadora, a partir dos discursos daquele que ocupa espaço privilegiado na mídia.

A mediatização da religião, especialmente nas redes sociais, amplifica o alcance de personalidades, conferindo-lhes predomínio sobre grandes públicos, sem mediação nos canais tradicionais de comunicação. Como destaca Cantanhede (2021):

A midiatização reflete a situação cada vez mais importante e em constante mudança da mídia na cultura e na sociedade. Representa o processo em que a cultura e a sociedade se tornam cada vez mais dependentes da mídia, e a lógica de que a mídia está integrada em todos os níveis de cultura e prática social (Cantanhede, 2021. p.3).

Nesse sentido, Malafaia utiliza das redes sociais como campo de mobilização política, interagindo com seus seguidores, sem debate ou contra argumentos, favorecendo a reprodução de valores do conservadorismo, como se fossem consensuais dentro do segmento cristão evangélico. A ausência de discordância pública fortalece um discurso excludente, que deslegitima a pluralidade marcada pela laicidade do Brasil.

Outro enfoque fundamental é a aliança de Silas Malafaia com Jair Messias Bolsonaro – uma associação impossível de ser ignorada, principalmente porque o próprio pastor assume publicamente. Essa estratégia evidencia uma fusão entre o discurso religioso em favor do

discurso político, em que Malafaia exerce função de consolidar um “campo moral” que determina o que deve ser aceitável ou condenável para o público evangélico. A partir de seu discurso moralista, ele instiga emoções, reforça sua autoridade como “guia espiritual” da ala conservadora e determina os limites do que é moralmente legítimo. Bolsonaro por sua vez, valida e instrumentaliza essa relação, apresentando Malafaia como um porta-voz da linguagem política para a base evangélica, fortalecendo seu projeto pessoal de poder por meio da fé. “Religião e política se mesclam, se fortalecem e ajudam a escrever uma história onde deus estaria acima de todos, contudo os interesses e as articulações no âmbito político não procedem do sagrado” (Garrido, 2021. p. 5). Ambos ganham visibilidade e credibilidade mútua dentro de suas respectivas bolhas políticas e religiosas: “tal dinâmica faz com que Malafaia se aproxime mais de Bolsonaro, dando apoio e suporte no meio evangélico para que o então deputado ganhe notoriedade e se fortaleça com as bases religiosas, usando as pautas de costumes, bandeiras da Frente Parlamentar Evangélica” (Garrido, 2021. p. 1).

Contudo, Silas Malafaia se mantém em evidência muito mais por seus posicionamentos políticos do que pregando a palavra de Deus. Desafiando a validade de sua função de pastor, visto que, com a ferramenta de compartilhamento em massa nas mãos e com a sua posição influente político- religiosa prefere, aparentemente, fortalecer a polarização política da sociedade, utilizando da sua autoridade religiosa para essa finalidade. Percebemos que a figura do pastor está estreitamente ligada a sua figura política, atuando como ambos tanto no ambiente religioso, quanto no ambiente social. Essa ambiguidade destaca-se, lançando questionamentos sobre a integridade da sua função pastoral, bem como das suas intenções políticas que correspondem a um movimento hegemônico antidemocrático.

Esta dissertação está organizada em 5 capítulos. O primeiro, com esta introdução, traz as provocações norteadoras da pesquisa; Problema, hipótese e objeto da pesquisa, que apresentam nosso objeto e objetivos de pesquisa, as hipóteses que orientam nossa discussão; as justificativas pela escolha e relevância do tema deste trabalho. O *Twitter* como debate para conhecermos o campo discursivo, cenário do nosso objeto da pesquisa e Pastor ou Líder Silas Malafaia, como item a conhecer nosso objeto de pesquisa, bem como suas implicações e as duas faces do líder. No capítulo 2, abordamos Ideologia, Hegemonia e Patriarcado como conceitos norteadores para compreendermos o centro do discurso de manipulação dos grupos dominantes. No capítulo 3, trabalhamos o Caminho Metodológico, no tópico da hermenêutica, como abordagens teórico-metodológicas acerca da interpretação das escrituras, o debate sobre a importância e o perigo de discursos

religiosos fixos e teologias emergentes; na Análise Crítica do Discurso, a conceitualização da ACD e sua importância que debruça a importância dessa metodologia; e em apoio à ACD; a Análise Multimodal, que nos trás uma abordagem teórico-metodológica que auxilia nas análises de telas múltiplas (no caso das redes sociais). Ainda nesse capítulo, temos o Percurso metodológico, que explana o caminho traçado pela pesquisa. No capítulo 4, trazemos a Coleta e Análise de Dados, onde analisamos os *tweets* coletados sobre a ótica das teorias abordadas. O quinto e último capítulo são as considerações finais.

2 A IDEOLOGIA, A HEGEMONIA E O PATRIARCADO

Neste capítulo, apresentamos as teorias que fundamentam este trabalho. Discutimos o conceito de ideologia, compreendida como componente que atravessa o campo discursivo, manifestando-se em todas as esferas sociais e, sobretudo, na manutenção da hegemonia. A noção de hegemonia, por sua vez, revela-se crucial para a assimilação das relações de poder, de controle e de sua perpetuação por meio do discurso. Nesse mesmo debate sobre manipulação e dominação, o patriarcado é introduzido não apenas como exemplo de grupo hegemônico, mas como referência central para o debate da violência de gênero – expressa em formas de silenciamento, deslegitimação e manutenção da submissão feminina – com ênfase no contexto religioso, enquanto âmbito que sustenta esse controle por meio da fé. Assim, este capítulo busca não apenas compor a base do que será posteriormente analisado, mas, sobretudo, evidenciar a interdependência e a indissociabilidade entre os elementos aqui discutidos.

2.1 A ideologia

Para o senso comum, esta questão nem sequer existe; mas de onde se originou a certeza do senso comum? Essencialmente da religião (pelo menos do cristianismo, no Ocidente); mas a religião é uma ideologia, a ideologia (Gramsci, 1999. p. 173).

A ideologia transita em múltiplos cenários. Ainda que atualmente, tenha se tornado um termo popularmente usado no meio político, a ideologia precisa ser entendida como um conceito que está presente em nossas vidas, que está entranhado nas diversas concepções da nossa sociedade, como explica Silva (2015):

(...) as suas ‘visões de mundo’ também são escolhas políticas destes sujeitos em sociedade, e no ‘mundo real’ dos homens, essas ideologias se materializam diariamente nas ideias, crenças, visões de mundo e projetos de sociedade” (Silva, 2015. p.4).

Moldando como percebemos o mundo, especialmente nos discursos que formam a base das relações de poder, Silva (2015) alude que a ideologia tem uma função organizativa na vida social e cotidiana das diversas frações de classes na sociedade. Logo, a ideologia atua também nas instituições que norteiam, muitas vezes de forma invisível, a adotarmos normas e valores.

Pensando nisso, podemos entender que a ideologia molda a percepção individual e de grupos sociais, desenvolvendo um papel crucial na construção, produção e reprodução de poder. Antes de ser um campo influenciador, a ideologia como concepção neutra, tenta

caracterizar fenômenos ideológicos “sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados com os interesses de algum grupo em particular” (Thompson, 2011, p. 72). A ideologia não se encontra necessariamente apenas com a incumbência de estar orientada para a revolução, restauração ou reforma (Thompson, 2011).

No contexto religioso e político por exemplo, podemos olhar para a ideologia da maneira como Eagleton (2019) ressalta que parece fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de *poder*, visto que o discurso não se encontra em um lugar pacífico, mas sim, de disputa nem sempre pacífica, como ferramenta que perpetua a dominação. Segundo Alves (2006),

(...) a ideologia não é mera expressão de uma realidade exterior, já que (...) os meios exteriores onde se realizam as práticas sociais são as instituições, que por seu turno, integram e reproduzem a realidade social. A ideologia expressa, portanto, o processo na prática. (Alves, 2006, p.29).

Essas instituições, como movimentos políticos e religiosos, disseminam as ideologias que apoiam as relações de controle, ancoradas em argumentos como “verdade divina” e/ou “ordem social”. A ideologia é importante para a compreensão das práticas de subordinação, exploração e silenciamento, principalmente no que diz respeito a grupos sociais minoritários e marginalizados. Eagleton (2019) argumenta que, ideologia tem a ver com *legitimar* o poder de uma classe ou grupo social dominante.

Há de notabilizar-se que a ideologia não deve ser associada apenas às forças dominantes, pois as não-dominantes não são destituídas de valor ideológico. Logo, Silva (2009) reitera que a partir dessa ampliação, tanto os movimentos de contestação como os de dominação seriam ideológicos. Assim sendo, compreender ideologia é crucial para desnudar práticas de submissão e controle que sustentam o sistema de desigualdade, tal como, entender as relações de poder, pilar desse sistema. Acerca dos grupos dominados possuírem valor ideológico, nos perguntamos, como é justificável permanecerem à margem da subordinação de grupos dominantes?

Primeiramente, é importante observarmos que a dominação (grupos dominantes) ganham qualquer narrativa, desde que as coisas “se confundam”, para que eles se mantenham. Eagleton (2019) explica que:

(...) “tudo é ideológico” ou “tudo é político”, parecem não perceber que correm o risco de derrubar os seus próprios argumentos. Tais *slogans* podem ser muito valiosos

quando se trata de desafiar uma definição excessivamente estreita de política e ideologia, uma do tipo que convém ao propósito do poder dominante de despolitizar setores inteiros da vida social. Mas estender esses termos a ponto de torná-los coextensivos a tudo é simplesmente destituí-los de força, o que também é conveniente para a ordem dominante (Eagleton, 2019. p.24).

A conexão entre discurso e ideologia é fundamental para a manutenção ou oposição das estruturas sociais. Ainda que não sejam imediatamente visíveis, todo discurso carrega crenças e intenções, e essas são parte determinantes para esses fenômenos sócio-históricos. Nessa perspectiva, a ideologia se apresenta mais como uma questão de discursos e efeitos discursivos, do que como um agrupamento de doutrinas. Thompson elucida que a ideologia está “interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder” (Thompson, 2011. p. 75), logo, esses efeitos discursivos estão sujeitos a naturalizar relações de poder e desigualdade social.

(...) ideologia é mais uma questão de "discurso" que de "linguagem". Isto diz respeito aos usos efetivos da linguagem entre determinados sujeitos humanos para a produção de efeitos específicos. Não se pode decidir se um enunciado é ideológico ou não examinando-o isoladamente de seu contexto discursivo, (...) A ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento (Eagleton, 2019.p.25).

A utilização da linguagem através do discurso se torna ferramenta para a formação e reprodução de sentidos ideológicos. Na linguagem como ferramenta, percebemos as formas simbólicas, que servem para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder (Resende 2019). São cinco modos operacionais destacados por Thompson (2011): *legitimação*, *dissimulação*, *unificação*, *fragmentação* e *reificação*. É importante conhecermos como estes modos participam intrinsecamente na construção da linguagem, como observa Thompson (2011):

Se uma dada estratégia de construção simbólica é ideológica ou não, depende de como a forma simbólica construída através desta estratégia é usada e entendida em circunstâncias particulares; depende do fato de a forma simbólica, assim construída, estar servindo, nessas circunstâncias, para manter ou subverter, para estabelecer ou minar, relações de dominação (Thompson, 2011. p. 82).

De maneira geral, percebemos a *legitimação* nas relações de poder que podem ser estabelecidas e sustentadas (Thompson, 2011), desde que seus fundamentos estejam ancorados no processo de tornar algo legítimo, que apele a tradições, a persuasão e etc. Já a *dissimulação*, opera na ocultação, omissão, negação ou “pelo fato de serem apresentadas de uma maneira que desvia nossa atenção” (Thompson, 2011. p. 83). Suas ferramentas são conotações positivas ou negativas, figuras de linguagem (eufemismo, metonímia e metáfora) e o discurso polarizado (“nós” versus “eles”).

O modo da *unificação*, é auto explicativo, pois está relacionado a dominação – grupos dominantes –, suprir as diferenças e divisões sociais a fim de estabelecer e sustentar relações de dominação (Thompson, 2011). Ou seja, a construção de uma unidade simbólica. Em compensação, a *fragmentação* funciona segmentando grupos que “se unidos, poderiam constituir obstáculo à manutenção do poder” (Resende, 2019. p. 51). Um exemplo disso, é a estratégia chamada “expurgo do outro”: uma construção discursiva que retrata um indivíduo ou grupo como um inimigo – do poder hegemônico – que deve ser combatido. Por último, temos o modus operandi da ideologia chamada *reificação*, por meio desta, são ocultadas situações sócio-históricas, “como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal” (Thompson, 2011. p. 87).

Dentro dessa perspectiva, quem ocupa o papel principal na sustentação do aparato ideológico, segundo van Dijk (2015) são as chamadas elites simbólicas – grupos que, além de deterem domínio socioeconômico e midiático, exercem influência significativa sobre a produção e circulação de sentidos na sociedade. Essas elites não atuam apenas nos grandes centros de poder, mas também no cotidiano, através de discursos difundidos em mídias, espaços religiosos e educacionais. São elas que moldam o imaginário coletivo, ao naturalizar desigualdades e reforçar princípios que sustentam o status quo, principalmente em relação a gênero, sexualidade e papéis sociais. Silva (2009) salienta que o poder não se manifesta apenas nas instituições jurídicas e/ou estatais, mas também, nas ações mais íntimas, atravessando subjetividades. Isso reforça a ideia de que o discurso, ao ser repetido e validado por essas elites, opera como mecanismo de controle simbólico que precede – e constantemente sustenta – o controle material.

Dessa forma, embora van Dijk (2015) reconheça a diferenciação entre o poder simbólico e o econômico, ele destaca que a influência decisiva sobre a “mente” das pessoas é frequentemente mais eficiente e duradoura, pois internaliza ideologias que favorecem a preservação da hegemonia. No caso da religião, por exemplo, isso se revela quando lideranças cristãs conservadoras empregam a narrativa bíblica para justificar a imposição da subordinação feminina, reforçando estereótipos de gênero que se tornam socialmente aceitos.

Silva (2009) articula que há sempre interesses por parte de quem se comunica, mas nem por isso devemos dizer que toda linguagem é retórica ou ideológica. Ou seja, a ideologia se evidencia concretamente nos acontecimentos e interações que permeiam a vida social. Logo, não é um conjunto solto ou abstrato de ideias. Os fenômenos ideológicos – discursos, crenças, símbolos, instituições – servem tanto para construir quanto para reproduzir relações de poder. Thompson (2011) explica, que são fenômenos simbólicos significativos *desde* que

eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação.

As estruturas históricas de desigualdade e dominação, refletem a naturalização da realidade concebida a partir, justamente, das formas simbólicas. Muitas vicissitudes encadeadas a questões ideológicas ligadas à marginalização de grupos, estão associadas a um movimento onde, “a ideologia *pode* operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações” (Thompson, 2011. p. 76). Alguns exemplos disso, são as estruturas patriarcais que impõem submissão à mulher, o racismo sobre as pessoas pretas, a homofobia sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e a intolerância religiosa sobre religiões de matrizes africanas.

Ainda sim, é necessário considerar que existem condições onde os fenômenos ideológicos precisam ser observados. Primeiramente, como já dito anteriormente, o discurso ideológico da classe dominante pode despolitizar – deslegitimar – o discurso das estruturas marginalizadas, fortalecendo o silenciamento dessas estruturas dominadas.

Temos aqui, então, o delineamento de uma teoria materialista de ideologia que não a reduz simplesmente a um “ reflexo” da “base” econômica, mas concede à materialidade da palavra, e aos contextos discursivos a que se prende, o que lhe é devido. (...) posições ideológicas contendoras podem articular-se na mesma língua nacional, cruzarem-se na mesma comunidade linguística, e isso significa que o signo se torna “ uma arena de luta de classes” (Eagleton, 2019.p.209).

Ao mesmo tempo, Silva (2009) salienta que a ideologia pode estar tanto nas tentativas de manutenção como nas de subversão da ordem social; é utilizada por dominantes ou dominados. Por isso mesmo que “a força do termo ideologia reside em sua capacidade de distinguir entre as lutas de poder que são até certo ponto centrais a toda uma forma de vida social e aquelas que não o são” (Eagleton, 2019. p.24). Com isso, entendemos que a ideologia está diretamente ligada à manutenção ou rompimento do poder dominante, ou seja, o discurso só é compreendido como ideológico quando o interesse é “de alto nível”, como manter ou romper as estruturas sociais vigentes (Silva, 2009).

É sob essa lógica, que as elites dominantes legitimam suas posições de poder, e é nesse contexto que abordamos a hegemonia. Dijk (2015) determina que o poder dos grupos dominantes e a hegemonia está encadeado a leis, regras, normas, hábitos e mesmo a um consenso geral, e assim assume a forma do que Gramsci denominou “hegemonia”. (Dijk, 2015. p. 118). Resende (2019) compreende que a hegemonia é a busca pela universalização de perspectivas particulares, em que as relações de poder são mais eficientes sustentadas por significados tomados como tácitos. Hegemonia, bem como a ideologia, transitam nas práticas sociais cotidianas, portanto, “a realização da hegemonia depende do encaminhamento dado à

questão ideológica” (Konder, 2020. p.158). Logo, a hegemonia opera, muitas vezes, de maneira invisível, naturalizando discursos e ideologias que conservam a estrutura social vigente.

É daí então, que o poder dominante – sem o uso da força – dissemina e dá continuidade à sua estrutura, através da ideologia aplicada aos discursos e nas práticas sociais, contribuindo “na sustentação ou na transformação de relações de dominação” (Resende, 2019. p. 48). Operando no cotidiano das pessoas, a hegemonia, nem sempre é o poder exercido através de atos obviamente abusivos (Dijk, 2015), a inserção da ideologia se dá através de práticas naturalizadas – por meio da linguagem e representações midiáticas, por exemplo –, garantindo a permanência desse poder, “como é tipicamente o caso de muitas formas de sexismo e de racismo cotidianos” (Dijk, 2015. p. 118).

Thompson (2011) expressa que ao interpretarmos a ideologia através de discursos e manifestações típicas, assume um traço de reprodução da dominação, com o intuito de manter a estrutura hegemônica sem falhas.

A interpretação da ideologia tem também o papel de síntese, no sentido que ele procura juntar os resultados da análise sócio-histórica e formal ou discursiva, mostrando como o sentido das formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação (Thompson, 2011. p. 379).

Dessa forma, a hegemonia não depende apenas da coerção para se estabelecer, “o acesso a formas específicas de discurso – por exemplo, da política, da mídia ou da ciência – é em si um recurso de poder” (Dijk, 2015. 118). Ou seja, uma grande combinação de estratégias e práticas ideológicas que fazem com que os sistemas de dominação se tornem parte intrínseca da dinâmica da sociedade.

Então, a ideologia se limita, de fato, à esfera da consciência. Nessa esfera que a limita, entretanto, ela não deixa de incidir sobre as mudanças sociais, práticas, dificultando-as, desvirtuando-as, impedindo-as, ou mesmo incitando à realização delas. (...) E a hegemonia? A hegemonia é uma mobilização de forças, um conjunto de ações, a afirmação da supremacia de um grupo social a direção moral e intelectual da sociedade, por meio da aceitação eficaz por parte da maioria (o *consenso*) (Konder, 2020. p.157).

Sob esse entendimento, a ideologia atua na criação de consensos e na validação da hegemonia, influenciando – cultural, política, moral – o grupo dominado, tornando ocultos os aparelhos de controle social, Dijk (2015) ressalta que a ação é controlada através de nossas mentes.

Contudo, para interpretar e expor os mecanismos de dominação, é primordial compreender a relação entre ideologia, discurso e hegemonia. É através do discurso que a ideologia é introduzida a guiar o cotidiano social, mascarada de senso comum – Gramsci (1999) diz que se dá o nome de ideologia tanto à superestrutura necessária de uma determinada estrutura, como às elucubrações arbitrárias de determinados indivíduos. Ou seja, é pela hegemonia que essas práxis se concretizam no imaginário social, tornando a realidade inquestionável – cada vez mais silenciosa e profunda. Quando as desigualdades são culturalmente legitimadas, o poder – já invisível – dominante se consolida. Afinal, se as hegemonias se consolidam em meio à invisibilidade do silêncio, onde está o limite para ultrapassarmos, rompendo a mudez?

2.2 A Hegemonia

Se a ideologia opera sobre a consciência, como força simbólica estrategicamente utilizada para ocultar relações de poder, é por meio da hegemonia que ela se consolida e se naturaliza socialmente. A hegemonia transita nas práticas cotidianas, convertendo crenças em estruturas ilusoriamente neutras e legítimas. Esse processo, torna-se mais potente quando ideologias religiosas se estruturam com discursos políticos, reforçando valores conservadores e validando desigualdades de gênero, raça e classe. Desse modo, práticas sociais como a defesa da família tradicional, a condenação da diversidade sexual ou a submissão feminina são preservadas sem a necessidade de imposição explícita. Como alega van Dijk (2015), a hegemonia compõe-se por meio do domínio simbólico exercido nas esferas da cultura, da linguagem e da moral – o acesso a formas específicas de discurso – por exemplo, da política, da mídia, da religião ou da ciência (Dijk, 2015) – produzindo consenso social e evitando o uso da força.

Trata-se de um movimento silencioso, sustentado pelo consenso cultural, que enxerga na exclusão, uma ferramenta para limitar outras possibilidades de existência, naturalizando o que é dito e silenciando sujeitos cujas experiências e identidades não se alinham ao discurso hegemônico. Nesse processo, a ideologia religiosa ocupa um papel centralizado em legitimar normas sociais, papéis de gênero e estruturas familiares que favorecem a permanência da ordem patriarcal. Essa ideologia, quando instrumentalizada politicamente, serve ao alicerçamento de uma hegemonia conservadora, ao reforçar valores que excluem e marginalizam indivíduos dissidentes. Como argumenta Resende (2019), a hegemonia enfatiza a importância da ideologia no estabelecimento e na manutenção da dominação, já que se

fundamenta menos na coerção e mais no consenso social. Todavia, é importante destacar que o discurso religioso não é homogêneo: ele também pode ser ressignificado e interpretado por movimentos teológicos progressistas que denunciam as opressões e sugerem outras leituras das Escrituras, empenhadas com a equidade e a justiça social.

Nesse sentido, entendemos a hegemonia como articulação travada num espaço de disputa ideológica, em busca do consenso, como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais (Resende, 2019). Nessa perspectiva, a dominação não é instituída unicamente pela repressão, mas pela construção de visão de mundo tornada legítima com o auxílio de instituições ideológicas – escolas, igrejas e mídias. Como aponta Gramsci (1999):

Estes sistemas influem sobre as massas populares como força política externa, como elemento de força coesiva das classes dirigentes, e, portanto, como elemento de subordinação a uma hegemonia exterior, que limita o pensamento original das massas populares de uma maneira negativa, sem influir positivamente sobre elas, como fermento vital de transformação interna do que as massas pensam, embrionária e caoticamente, sobre o mundo e a vida” (Gramsci, 1999, p.114).

Desse modo, a hegemonia atua como uma direção intelectual e moral, que molda o senso comum e executa um processo contínuo de naturalização de desigualdades. Resende (2019) afirma que hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso – o que revela sua natureza instável. Quando apenas um grupo detém o poder de determinar o que está certo em uma sociedade, os diversos modos de existência que escapam a esse modelo dominante tornam-se, conseqüentemente, marginalizados e deslegitimados – percebidos como ameaças a esse poder. Essa deslegitimação ocorre por meio de recursos discursivos e institucionais que despolitizam as necessidades das minorias, esvaziando seu caráter coletivo e crítico, convertendo-as em desvios morais (pecado), falta de fé, ou questões individuais. A linguagem desempenha um papel central nesse processo: ela constrói símbolos, nomeia a “verdade” e define o que pode ser considerado legítimo. Quando as instituições religiosas, políticas e midiáticas se engajam em uma mesma narrativa hegemônica, grupos dissidentes são silenciados pela exclusão explícita, como também pelo apagamento simbólico – realizado pelo discurso que invalida suas experiências e resistências.

Uma característica marcante do poder dominante, como aponta Alves (2010) é a criação de um bloco ideológico que permite à classe dirigente manter o monopólio intelectual, através da atração das demais camadas de intelectuais. Ao refletirmos sobre isso, percebemos que a consolidação do poder hegemônico depende de aparelhos públicos dos quais possam se expressar e disseminar suas ideologias, funcionando como canais de legitimação simbólica. Como observam Martins e Marteleto (2019),

(...) as classes sociais chamadas de "dominadas" ou "subalternas" participam de uma concepção de mundo imposta pelas classes dominantes, de modo a compartilhar uma ideologia que não corresponde aos seus interesses e à sua função histórica específica (Martins; Marteleto, 2019, p.13).

Nesse panorama, a batalha no campo do discurso ao ter a mídia, espaços religiosos, sistemas educacionais como ponto estratégico de manutenção desse poder, proporciona ao grupo dominante, liberdade para a construção e disseminação desses sentidos. Resende (2019) lembra que construções discursivas sobre práticas são também parte dessas práticas, ou seja, elas se abastecem entre si. Toda relação hegemônica, segundo Gramsci (1999),

(...) é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais (Gramsci, 1999, p.399).

É nesse cenário que a opinião pública torna-se uma ferramenta do poder hegemônico: sistematizando e equilibrando consenso e força, opinião pública e civil, em um mesmo movimento. Assim, os grupos dominantes modelam o pensamento coletivo – disputas simbólicas e políticas –, silenciando grupos dominados e reforçando a naturalização das suas próprias posições ideológicas.

Para ilustrar esse cenário, precisamos frisar que o discurso funciona como fio condutor dessa disputa – forma fundamental de reproduzir a dominação e a hegemonia Dijk (2015) –, que opera não apenas na linguagem, mas principalmente nas mentes dos indivíduos. Esse exercício de manipulação do poder, baseia-se em vários tipos de aceitação, negociação, contestação e consenso (Dijk, 2015). É por meio deste que as ideologias se confrontam e se estabelecem. Nessa circunstância revela-se a hegemonia – dominação por meio de conformidades – que, para manter-se em sua base conquistada, atua discursivamente, visando naturalizar sua posição, silenciando vozes dos grupos dominados.

Apesar de ser um ambiente de batalha simbólica – por meio do discurso –, sabemos que é através da dominação – dos grupos dominados – que se mantém a hegemonia em sua base de controle. Esse movimento é por meio das desigualdades sócio-históricas e econômicas existentes, mantidas por instituições, que por sua vez, estão no controle para prosseguir com o encadeamento de manipulação. Dijk (2015) argumenta que:

(...) são frequentemente adquiridas, exercidas ou organizadas por meio de várias instituições, como o Estado, os meios de comunicação, o aparato educacional, a Igreja, bem como por meio de instituições informais, como a família (Dijk, 2015. p. 47).

Embora a hegemonia seja institucionalizada e se mantenha naturalizada por meio de discursos, ela não é prevalecente. A estratégia de definir um inimigo – oponente, antagonista – , não é ao acaso. Vozes discordantes emergem nessa disputa de sentido – constituindo-se como um símbolo do não ser (Alves, 2010) –, justamente por essa relação – desigual – impossibilitar como explica Alves (2010) a constituição de identidades plenas, na medida em que a presença do Outro impede a constituição do eu. Atualmente, essas manifestações contra-hegemônicas tornam-se mais visíveis através das redes sociais, tendo em vista que disputam sentidos no mesmo espaço. Ao contestarem o poder hegemônico, confrontando a polarização e a deslegitimação por ele impostas, o poder predominante mostra sua face dinâmica, reinventando-se no virtual e reafirmando-se nas estruturas já conhecidas – usadas principalmente nos momentos de crise, quando fracassa o consenso espontâneo (Schlesener 2019). Bianchi e Aliaga (2011) completam que:

A hegemonia política e cultural de determinada classe se caracteriza pela construção de uma direção consentida entre grupos aliados na sociedade civil e pela coerção por meio do aparelho repressivo de Estado sobre os grupos que não consentem nem ativa e nem passivamente. Neste sentido, o consenso permite à classe ser dirigente, enquanto a força torna-a dominante (Bianchi; Aliaga, 2011. p.28).

As redes sociais, atualmente, representam esse campo de batalha ideológica, disputando influências, visibilidade e legitimação. É nesse cenário que as estratégias discursivas e formas simbólicas se consolidam e circulam rapidamente, suscitando – através das bolhas virtuais – disputas, antagonismos, alianças, visibilidade e representação.

É através da produção e disseminação da ideologia da classe dominante que as classes subalternas, por meio de diferentes canais, organizações e agentes da cultura, como os meios de comunicação, a escola e os intelectuais, incorporam um sistema de representações sociais a partir dos quais os sujeitos concebem o mundo e organizam suas ações e relações (Martins; Marteleto, 2019. p. 13).

Obviamente, que o poder hegemônico também transita nessa instituição contemporânea, atualizando e atuando suas estratégias de controle dentro desse contexto, reafirmando seu poder simbólico e deslegitimando os grupos que questionam o grupo dominador vigente. Nesse contexto, o poder simbólico atua por meio da produção, reprodução, compartilhamento e viralização das narrativas, “a ideologia dominante de um determinado período costuma ser a ideologia dos que controlam os meios de reprodução ideológica, especialmente, a classe dominante” (Dijk, 2015. p. 47). Nessa colisão entre vozes historicamente silenciadas e vozes hegemônicas, o embate se constitui, ambos moldando o imaginário social, onde o foco é a base do poder.

Podemos exemplificar com a igreja, uma instituição capaz de lidar não apenas com o aparato religioso, como o educacional, e que em seus discursos podem fortalecer discursos

hegemônicos ligados ao patriarcado, ao racismo, à “superioridade” religiosa por meio do discurso da fé, – “práticas podem depender dessas autoconstruções reflexivas, cada vez mais influenciadas por informações circundantes, para sustentar relações de dominação” (Resende, 2019.p. 45). No Brasil digital, as igrejas também têm participado ativamente do espaço virtual como disputador do discurso, operando como produtoras, reprodutoras e facilitadoras do discurso hegemônico que predomina no nosso país. As igrejas evangélicas neopentecostais como a ADVEC, representada pelo pastor Silas Malafaia, constitui figura importante no contexto social e político, construindo narrativas – através das pregações e publicações nas redes sociais do pastor – que buscam manter o poder hegemônico, utilizando como ferramenta de manipulação a fé, fazendo com que os indivíduos sejam convencidos por meio da cognição, como aponta Gramsci (1999) “quando se consegue introduzir uma nova moral conforme a uma nova concepção do mundo, termina-se por introduzir também esta concepção, isto é, determina-se uma completa reforma filosófica” (Gramsci, 1999.p.320). Ao pronunciar-se como representantes da fé – e politicamente, representantes legítimos da moral – ocupam espaços estratégicos na construção de sentidos e subjetividades da vida social.

Uma das morais que podemos destacar, é que com o aumento de visibilidade das instituições religiosas – como também, da ativa participação no poder político brasileiro –, um dos discursos principais dessa instituição é a defesa da heteronormatividade e controle dos corpos femininos. O patriarcado cristão como grupo hegemônico predominante no Brasil, sustentam-se através de interpretações religiosas e a imputação de pecado e/ ou ameaça a qualquer indivíduo ou grupo que determinem como oponente ideológico. Ou seja, a repetição da ameaça, imposição de códigos de conduta, bem como a influência espiritual exercida pela igreja tornam-se instrumentos de controle e manutenção dessa hegemonia, que efetuam-se por meio de aceitação do grupo dominado e que se assumem como acentua Schlesener (2019), características específicas em cada formação social, a partir da relação entre o econômico-social e o ético-político.

Por efeito dessa sequência de sentidos, torna-se claro que a hegemonia é um processo contínuo de disputa ideológica, que está nas inúmeras instituições de controle social, plataformas digitais e relações habituais. Através do discurso – nos púlpitos religiosos, palanques políticos, nos espaços digitais – as ideologias hegemônicas se expressam, se moldam e são contestadas em tempo real, pelo discurso. Portanto, o discurso é o fio condutor que transita entre espaços, sendo arena entre a dominação e a resistência, revelando a reafirmação do poder hegemônico presente em todas as esferas da vida.

2.3 O Patriarcado

As redes sociais tornam-se meios de comunicação indispensáveis na realidade contemporânea, integrando-se à forma como nos expressamos, nos relacionamos e nos constituímos como sociedade. Neste cenário, torna-se evidente a atuação do patriarcado – compreendido como um sistema de dominação que privilegia o poder masculino e se sustenta na manutenção de desigualdades de gênero, naturalizadas socialmente. Longe de estar em decadência, esse sistema se reinventa e se adapta às novas tecnologias, encontrando nas redes sociais livre espaço para alastrar seus valores. Utilizando-se da ferramenta mais popular e diversa da atualidade, o patriarcado se moderniza discursivamente, ocupando espaços digitais por meio de perfis e discursos que reforçam a autoridade masculina, invisibilizando as contribuições femininas e amplificando a desigualdade de gênero. Essa dinâmica desconsidera, por exemplo, o papel fundamental das mulheres nas múltiplas jornadas que exercem diariamente – uma das tantas dimensões dessa estrutura opressiva que segue sendo ignorada ou minimizada no debate público.

Sobre o patriarcado, Saffioti (1987) explica que, o poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos. Ao vivermos em uma sociedade patriarcal, podemos constatar diversas vicissitudes que garantem uma vida baseada no medo e no controle dos corpos femininos. O machismo, progênito do patriarcado, não açoita apenas mulheres, como também a toda minoria, como pessoas LGBTQIAPN+, indígenas, pessoas pretas e periféricas. Álvaro & Araújo (2021) complementam que:

O fortalecimento da colonialidade é reeditado em cores vivas e, com elas, o pensamento elitista, branco e masculino ganha materialidade nos ataques e violências contra alguns sujeitos em particular, como a população negra, especialmente as mulheres e jovens periféricos, e a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) (Álvaro; Araújo, 2021, p. 350).

No contexto da desigualdade social, racial, de gênero, e as diferentes demandas que essas condições provocam, compreendemos que o patriarcado não contribui apenas para a desigualdade de gênero, como principalmente, fomenta o racismo estrutural. Saffioti (1987) explica, por exemplo, que a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra.

No Brasil, país marcado pela escravidão – ferida que se escancara na realidade de opressões policiais e controle de corpos pretos e também femininos –, ainda exprime as duras e cruéis chagas produzidas pelo patriarcado legitimado pelo cristianismo eurocêntrico.

Álvaro & Araújo (2021) evidenciam que falar da mulher e, especificamente, da mulher negra no Brasil remete-nos a tratar das características históricas de nossa formação, identificando os traços do passado que permanecem ainda presentes, mesmo que sob novas roupagens. A colonização e os padrões eurocêntricos desumanizam a mulher, colocando-a em condições históricas à mercê de violências e da inferiorização, danos que são perceptíveis até os dias de hoje, visto que algumas violências são naturalizadas.

(...) a principal marca colonial (...) é extremamente degenerativa, pois desde os primórdios da colonização europeia o gênero feminino é desumanizado e negligenciado em seus aspectos constitutivos e representativos, o que acarreta, no âmbito social, uma naturalização de qualquer tipo de submissão à violência enfrentada pelas mulheres (Deífeld; Macelai, 201, .p. 98).

Não obstante, esse aprisionamento acometido pelo patriarcado através da escravidão, não é a única maneira de encarcerar seres humanos. Também é elementar abordar que, é através da estrutura de poder construída pelo patriarcado que inferioriza e que determina a mulher como propriedade, que fomenta a sociedade a fortalecer a desigualdade de gênero, responsável por consequência, da violência de gênero.

Neste regime, as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também enquanto grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. Esta soma de dominação com exploração é aqui entendida como opressão (Saffioti, 2005 p.42).

Compreender o patriarcado é compreender como funciona essa dominação que ultrapassa e invade os limites dos corpos. Saffioti (1987) explica que, o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mas do que isto, ele é também um sistema de exploração (Saffioti, 1987, p. 50). Tendo em vista que não se trata apenas de trabalho braçal, dentro das inúmeras jornadas de trabalhos que todas as mulheres enfrentam, como também, a exploração psicológica e emocional, que tampouco é levado em conta por causa da objetificação e animalização atribuída à figura feminina. Ainda no campo da exploração, podemos utilizar como exemplo o papel da mulher no ambiente familiar, que cuida de todos os componentes da família e dos serviços domésticos, se anulando consequentemente por falta de tempo.

Como uma casa unifamiliar, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal, e as filhas e filhos (...). Em uma família generificada, encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado (Oyěwùmí, 2004, p. 3-4).

Oyěwùmí (2004) argumenta que o gênero é o princípio organizador fundamental da família, e as distinções de gênero são a fonte primária de hierarquia e opressão dentro da família nuclear. Mesmo que nesse vislumbre interpretamos a mulher como coluna principal na estruturação familiar, ela não é vista como tal, sendo subalternizada e diminuída.

A naturalização dessa subalternização, está legitimada também pelas denominações cristãs, que seguem regras que foram determinadas pela bíblia – ou inspiradas para os escolhidos – e que fomentam o argumento de subserviência da mulher.

A tradição judaico-cristã apresentou, ao longo de sua trajetória, a mulher como um ser inferior e submisso ao homem. Seu legado foi responsável pelo sufocamento de uma via feminina na teologia, na doutrina e na autoridade no cristianismo (Miranda, 2009. p. 26).

Santos (2018) reitera que o patriarcado bíblico é inimigo antigo que permanece aterrorizando a vida de mulheres. As relações dentro do sistema patriarcal sobrevivem ao processo de conhecimento e modernidade que nós mulheres e sociedade adquirimos, “mas que essas se concentram na esfera privada, no mundo das relações domésticas” (Rezende, 2015. p.11).

O ambiente cristão deve ser destacado como lugar de violência produzida pelo patriarcado. Santos (2018) afirma que não é exagero dizer que a religião bíblica herdada foi o resultado interpretativo de tendências patriarcais que sobrepujaram a memória e herança das dissidências e resistências.

Foi neste clima bíblico-teológico de defesa da doutrina da fé cristã que surgiu (...) uma ideologia da mulher como um ser duvidoso e maligno maquinado a partir da interpretação de determinados textos bíblicos que procuravam justificar uma ordem patriarcal de dominação do homem sobre a mulher através de uma ideologia de demonização das mulheres (Santos, 2018, p.11-12).

Por que a figura feminina é tão reiteradamente tratada como prenúncio de perdição, como um ser indomável, que necessita de vigilância e controle? Em diversas tradições históricas –inclusive cristãs –, a mulher é símbolo de sedução, beirando ao instinto, caminho de desordem, lascívia, pecado, quase à beira da possessão demoníaca, ser que precisa de rédeas para conter sua animalidade, condenada ao serviço para não entregar-se à perdição. Dreher (1993) esclarece que, “para desqualificar a mulher, a teologia que temos em Tertuliano vai se voltar contra a mulher ativa na Igreja, que prega, ensina, batiza, dizendo que a mulher é “aquela que permitiu o acesso ao diabo” (Dreher, 1993.p. 44). Mas porventura, o que mais assuste não seja o feminino em si, e sim aquele que o projeta.

Surpreendentemente, são os autores dessas narrativas que criam, reproduzem e legitimam esses discursos, que também encontramos na religião. São homens que assumem uma postura de domínio feroz, concebendo-se como “animais demoníacos” camuflados por uma autoridade moral e pacífica.

A tradição religiosa cristã caracteriza-se por ter colocado a mulher, ao longo da história, como reprodutoras das orientações determinadas pela estrutura dominante vigente: a preponderância masculina (Miranda, 2009, p. 25).

Ao apontar a mulher como desvio, distanciam de si a crueldade dos sistemas que concebem. O patriarcado religioso se ancora nessa dinâmica de poder, mascarada de espiritualidade, “a participação das mulheres na religião é influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para elas na sociedade, no qual a variável crucial é a natureza e o grau de diferenciação social/estrutural/funcional” (Miranda, 2009, p. 24). Para compreendermos essa dinâmica de poder e controle produzida pelo patriarcado religioso, apresentamos, abaixo, um quadro composto por algumas das principais denominações cristãs brasileiras, para constataremos as principais funções e tratamento da mulher na igreja, segundo cada denominação expõe.

Quadro 2: Características com relação à função e tratamento da mulher na Igreja

Movimentos do Cristianismo	Denominações religiosas mais populares no Brasil	Características com relação à função e tratamento da mulher na igreja
Catolicismo Romano	Igreja Católica Apostólica Romana	Centralidade da mulher em papéis de “base” na Igreja Católica: catequistas, religiosas, mães; Reconhece a importância da mulher para a missão da construção da Fé; Virgem Maria como maior referência feminina na religião; Persiste na visão onde a liderança clerical é predominantemente masculina.
Pentecostais	Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC)	Participação restrita em cargos de liderança, as mulheres não são ordenadas ao pastoreio; Mulheres tem destaques nas seguintes áreas: ministério de mulheres, escola bíblica dominical, atividades missionárias e sociais; Baseia-se na passagem 1 Timóteo 2:12 ²² ; São vistas como essenciais na organização de cultos e coordenação de eventos.
	Congregação Cristã no Brasil (CCB)	A atuação da mulher é restrita, não podendo ocupar cargos de liderança como o de pastor ou diácono; Podem exercer funções espirituais (como oração, por exemplo); São participantes ativas, mas não podem pregar – seu papel é

²² 1 Timóteo 2:12: “Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.”

		mais voltado para o apoio aos líderes-; Podem participar de ações missionárias sempre com a supervisão de homens; Mulheres da CCB têm um código de vestimenta rigoroso; A Congregação possui o enfoque na tradicionalidade da família e na subordinação da mulher, dentro dos padrões bíblicos.
	Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA)	Atuam em funções de serviço e apoio: ministério de mulheres, canto e louvor, atividades missionárias; Mulheres não ocupam cargos de lideranças, como pastoras ou presbíteras; A igreja segue a interpretação das escrituras; Mulheres não ocupam púlpitos ou fazem pregações, participam nos cultos em momentos de louvor e oração.
	Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ)	A IEQ foi fundada por Aimee Semple McPherson; Apoia a ordenação de mulheres à missão pastoral; Mulheres atuam como pastoras, pregadoras e líderes de ministérios; Promovem eventos de capacitação e fortalecimento espiritual das mulheres; A igreja não impõe códigos rígidos de vestimenta; Apesar do apoio institucional, a liderança de mulheres pode variar de acordo com a liderança regional.
	Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (OBPC)	A UFEBRAC (União Feminina O Brasil Para Cristo) realiza eventos para a capacitação e fortalecimento espiritual para mulheres; A denominação não impõe códigos rígidos de vestimenta; Reconhece a contribuição das mulheres no cumprimento da missão evangelística; A presença de mulheres em cargos de liderança varia conforme a liderança regional.
	Igreja Cristã Marata (ICM)	A ICM não permite a ordenação de mulheres na função de pastoreio, baseiam-se nas escrituras; Mulheres atuam no ensino bíblico e formação espiritual da juventude; Atuam em grupos de louvor, apoio social (crianças, grávidas, viúvas e idosos), organizam a ornamentação do templo; Promovem capacitação e fortalecimento espiritual das mulheres.
Neopentecostais	Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	Mulheres não são permitidas no ministério pastoral; A liderança da IURD é predominantemente masculina, esposas de pastores desempenham a função de apoio e assistência; A igreja possui programas específicos para mulheres, como o “Godllywood” ²³ ; A atuação feminina na igreja é a de oração, louvor, ensino bíblico e formação espiritual de jovens; As mulheres lideram o “Projeto Raabe”; A denominação promove eventos para capacitar e fortalecer espiritualmente as mulheres.
	Renascer em Cristo	A Igreja Renascer em Cristo tem Sonia Hernandez como cofundadora; Mulheres atuam como pastoras, líderes de ministérios e ministras; O ministério feminino +QV (Mais que Vencedoras) tem o enfoque no empoderamento espiritual e social das mulheres; Lideram louvores e

²³ O Godllywood é um grupo voltado para mulheres na Igreja Universal do Reino de Deus e tem como objetivo, em seus próprios termos, aliar o cuidado pessoal com o apoio social como suporte para as meninas e mulheres que querem se sentir mais próximas de Deus. (Souza, 2017, p. 26)

		pregações; Atuam como líderes de células, ensinam e discipulam outras mulheres e membros da igreja.
	Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD)	A IIGD permite a ordenação de mulheres para o ministério pastoral; Líderes femininas atuam na coordenação de ministérios e pregação; O MQV (Ministério Mulheres que Vencem) é um ministério dedicado às mulheres; Atuam como lideranças de cultos de louvor e pregação, líderes de células; professoras do ensino bíblico; A denominação promove congressos espirituais voltado para o fortalecimento espiritual de mulheres.
	Sara Nossa Terra	A igreja permite a ordenação de mulheres ao cargo pastoral; As mulheres atuam em diversas funções como: lideranças de pregação, oração, louvor e coordenação de ministérios.
	Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD)	A igreja permite a ordenação de mulheres ao ministério pastoral; Líderes femininas atuam em coordenação de ministérios, lideram momentos de louvor e pregação; Também são líderes de células, professoras e mentoras; A IMPD conduz o projeto MDA (Ministério Mulheres de Deus em Ação); Promove retiros espirituais com o objetivo de crescimento pessoal e espiritual das mulheres.
Missionárias	Adventista do Sétimo Dia (IASD)	Na IASD não é permitido a ordenação de mulheres como pastoras; Mulheres podem atuar como líderes de igrejas locais, líderes de célula e professoras do ensino bíblico; Podem liderar momentos de louvor e pregação se a liderança local permitir; O Ministério da Mulher é o departamento com atividades destinadas ao empoderamento espiritual, aconselhamento, evangelismo e apoio a famílias.
	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)	A IECLB permite a atuação e a ordenação de mulheres no ministério pastoral; Desempenham papéis como: liderança de comunidades, ensino bíblico, participação em cultos e celebrações, lideram células; Lideram louvores e pregações conforme a permissão da liderança local; A igreja promove eventos e retiros espirituais com o objetivo de crescimento espiritual das mulheres.
	Igreja Anglicana	Ordena mulheres ao diaconato e presbiterato; Mulheres atuam como líderes de células, professoras e mentoras, lideram momentos de louvor, oração e pregação nos cultos.
	Igreja Batista	A ordenação ao ministério pastoral varia entre as diferentes convenções batistas; Mulheres desempenham papéis como: lideranças de comunidades, ensino bíblico, aconselhamento, liderança em células; Lideram momentos de louvor e pregação conforme permitido pela liderança; Organizam eventos espirituais e encontros de mulheres a fim de obter crescimento espiritual das mesmas.
	Igreja Metodista	A Metodista permite a ordenação de mulheres para o ministério pastoral; Mulheres desempenham trabalhos como: ensino bíblico, liderança em cultos, celebrações e

		pregações, promovem eventos visando o crescimento espiritual de mulheres.
	Igreja Menonita	A ordenação pastoral varia entre as diferentes comunidades menonitas; Mulheres lideram momentos de louvor, oração e leitura bíblica, conforme permitido pela liderança; Atuam como professoras bíblicas.
	Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)	A IPB não permite mulheres para cargos de pastora, presbítera ou diaconisa; Mulheres atuam em atividades como evangelismo, escolas dominicais e estudo bíblico; Não ocupam cargos de liderança eclesiástica; Não é permitido que mulheres preguem em cultos; A igreja organiza eventos como congressos espirituais para mulheres, estabelecendo sempre o limite quanto à liderança.

Fonte: Elaboração da própria autora (2025) com base em: Gallo (2014), Miranda (2009), Souza (2017)

A tabela demonstra uma síntese das funções delegadas às mulheres, como forma de evidenciar como a estrutura patriarcal se manifesta nas igrejas cristãs atuantes no Brasil. A organização dessas informações – escolhendo as denominações mais populares e as características desse tratamento –, nos permitiu constatar a naturalização da subserviência feminina e a subalternização de seus papéis, práticas que – em sua maioria –, persistem em preservar a desigualdade de gênero utilizando a fé como ferramenta. De modo geral, constata-se que as denominações apresentadas possuem um padrão de atribuição e tratamento muito semelhantes. A atuação feminina é limitada quando se trata de posições de liderança institucional, e não há pé de igualdade com os homens quando se trata de tomada de decisão. Miranda (2009) argumenta que as instituições mudam à medida que as exigências da sociedade mudam. Entretanto, ainda que já haja líderes femininas, o protagonismo, na prática, está ancorado em barreiras simbólicas, restringindo-as a funções de apoio e serviço. São designadas a serem dóceis ao encargo de conselheiras, maternas ao prestar educação infantil, sombras ao prestar assistências aos seus maridos líderes e servas da limpeza e organização do templo – que tratam todos como iguais, perante aos olhos de Deus.

A revelação divina trazida por um homem, imposta à assembleia, nos faz questionar a origem por trás dessa inspiração tão curiosamente masculina. “Jesus era homem. Homens eram apóstolos, os profetas, os mestres e os missionários. Todos os escritos neotestamentários são atribuídos a homens” (Dreher, 1993, p. 39). Por que a voz de Deus ecoa somente na boca de um homem? Deus, uma divindade coincidentemente masculina, que revela aos homens normas inquestionáveis, que aparentemente atua como reflexo dos sistemas de poder terrenos

– ou os sistemas de poder terrenos atuam de maneira sistemática e opressora por questões divinas? Dreher (1993) expõe que,

Jesus curou mulheres, teve conversas com elas, tratou delas e de seu mundo em muitas parábolas, mas nenhuma parte dos evangelhos nos é relatada com detalhes a vocação de uma mulher. Parece que só homens foram vocacionados (Dreher, 1993. p. 40).

À luz disso, torna-se óbvio que a tradição sustentada pelas igrejas cristãs são, acima de tudo, uma manutenção do privilégio masculino, disfarçada de sagrado.

O interesse por buscar as denominações mais conhecidas no Brasil, se dá por três razões, que iremos discutir a seguir. A primeira razão, o crescimento significativo de evangélicos no Brasil: o nosso país ancorado na espiritualidade, tem um grande papel em nossa sociedade. A expansão do protestantismo, por sua vez, se deu primeiramente pela multiplicação de templos²⁴. Outro ponto importante, foi a reivindicação por espaços de debate na sociedade, bem como a defesa da liberdade de pregação da mensagem cristã. Cabe aqui um adendo relevante, que é a questão da liberdade religiosa do povo cristão, visto que o cristianismo, nunca foi vertente perseguida, e sim, perseguidora. “A sociedade romana perseguiu religiões que declaravam eliminadas as diferenças sociais entre homens, mulheres e escravos, pois via nelas revolucionários sociais em potencial (Dreher, 1993. p.46). Ainda nesse debate, a estratégia atrativa para alcançar fiéis²⁵; a fé televisionada, a transmissão de cultos em horários reservados nos canais, emissoras e etc; e a união junto ao conservadorismo político (extrema-direita) com suas pautas em defesa da moral e da ordem.

A segunda razão fala sobre o patriarcado no campo da religiosidade: o elemento que permeia dentro das pautas conservadoras do regimento da moral e da ordem, segundo as regras determinadas pela pauta evangélica, no qual não apenas a subalternização e dependência estão ancoradas, mas principalmente o controle – dominação – dos corpos femininos em questão do aborto, por exemplo. Ainda nesse assunto, nas políticas públicas, os ideais de seus líderes religiosos reverberam nos espaços legislativos, fomentando o retrocessos nos direitos que garantem a estabilidade e a autonomia feminina. E a terceira razão, o próprio pastor, Silas Malafaia: objeto principal do nosso trabalho, líder religioso de uma das mais populares denominações evangélicas do Brasil, que galgou sua popularidade

²⁴ De 17.033 templos evangélicos, em 1990, o Brasil passou a contar com 109.560, em 2019. Um aumento de 543% (BBC, 2023). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>. Acesso em: 12 Mar. de 2025.

²⁵ As três teologias influentes na transformação da atuação política de evangélicos no Brasil: a Teologia da Prosperidade (desfrutar o mundo criado por Deus), a Teologia da Guerra Espiritual (purificar o mundo dos demônios do mal) e a Teologia do Domínio (conquistar o poder e comandar o mundo segundo a palavra de Deus).” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62551290>. Acesso em: 12 Mar. de 2025.

através do espaço televisivo e que pauta debates acerca da sociedade, junto com diversas figuras políticas do Brasil, debatendo acerca de direitos que ultrapassam a liberdade de pregar, mas que sobretudo, invadem o direito individual das mulheres.

No Brasil, o pentecostalismo se difundiu em duas versões: católica e evangélica. Na versão católica, expressa-se por meio da renovação carismática católica. Na vertente evangélica, expressa-se por inúmeras denominações pentecostais. Isto revela que quando a Igreja Católica defronta-se com conflitos, procura resolvê-los, evitando cisma internamente; e o universo protestante rompe e funda uma nova denominação religiosa (Miranda, 2009. p.20).

De acordo com o mapeamento do Censo de 2022 do IBGE, o país tem 264.445 estabelecimentos de ensino e 247.510 unidades de saúde, o que dá no total 511.955 endereços. Já os estabelecimentos religiosos somam 579.798 endereços – incluindo igrejas católicas, templos evangélicos, sinagogas e quaisquer outros locais destinados à prática religiosa (VEJA, 2024).

A partir das análises das diferentes denominações cristãs, apontamos o primeiro ponto que todas têm em comum: mulheres estão majoritariamente destinadas às funções de apoio e serviço, entregues ao silêncio e à submissão. Gallo (2014) reaviva que, a mulher geralmente ligada à sua função biológica, o papel de geradora (mãe) e construtora de um lar. No catolicismo, por exemplo, Miranda (2009) destaca que “a figura feminina é associada (...) ao modelo mariano de santidade e perfeição, ao de pecadora, personificado na figura de Eva e ao de Madalena, a pecadora que se redime” (Miranda, 2009. p. 26). Dentro do contexto religioso de seus templos, sua função não se difere da que está predestinada. Ao mesmo tempo que o homem, dentro e fora do seu local de culto, “assume o papel de produtor, cujo trabalho não é doméstico, mas sim, remunerado” (Gallo, 2014. p. 1).

Dos movimentos do cristianismo, a Igreja Católica Apostólica Romana e as igrejas pentecostais em grande maioria (ADVEC, CCB, IPDA, ICM), detêm os cargos de lideranças controladas por homens, tendo inclusive o monitoramento de mulheres em casos de ações missionárias. Muito semelhante às pentecostais, os movimentos missionários (IASD e IPB) não concedem que mulheres preguem em culto. A IURD, como movimento neopentecostal, segue o mesmo padrão das outras mencionadas, sendo controlada majoritariamente por homens. Gallo (2014) expõe que a diferença em relação às outras denominações evangélicas consiste no fato de que essa supremacia masculina é pouco reafirmada e discutida. Entretanto, a invisibilidade dos fatos, não os fazem deixar de existir. Alves (2006) ressalta que, o silêncio –que muitas vezes pode ser confundido com a ausência de palavras – não é o momento da não significação. Mesmo que ignorada, as violências persistem, e o não-dito sobre a supremacia masculina, também é a legitimação do silenciamento e da submissão da

mulher. Miranda (2009) ressalta que no sistema patriarcal, o homem é dominante e privilegiado; a posição da mulher é distintamente inferior, tanto social quanto psicologicamente.

Nessa observação, a IEQ, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, IMPD, IECLB, Igreja Anglicana e Metodista, evidenciam o protagonismo feminino, em que mulheres podem ser líderes de ministérios. Diante da desqualificação em que as mulheres são constantemente submetidas, onde a mulher é a porta para o pecado (Dreher, 1993), essa ascensão de oportunidade, representa não apenas uma conquista para o feminismo mas, configura-se um movimento próprio do campo religioso (Miranda, 2009). Ainda assim, todas elas a depender da sua localidade, ficam reféns do consentimento de um superior e/ou em outras localidades, as mesmas denominações são chefiadas por pastores.

Acreditamos que a liderança feminina religiosa pode ser interpretada como ruptura com o campo religioso dominante (catolicismo) e uma continuidade com os novos padrões de conduta social do feminino, ou seja, maior participação e atuação na esfera pública (Miranda, 2009.p.32).

As lideranças masculinas reproduzem uma hierarquia em que as mulheres são apenas coadjuvantes subordinadas. Esse modelo afeta a vida espiritual das fiéis, reforça o ciclo de exclusão, além de limitar sua participação em espaços políticos-sociais. O sistema patriarcal religioso estabelece às mulheres uma função secundária nos deveres dentro das instituições da fé. O silenciamento, bem como a subserviência e a invisibilidade, estão romantizadas e mascaradas da cruel realidade, a obediência e a vocação sagradas, ferramentas para conter a voz feminina. Quando a fé se torna instrumento de opressão, mulheres passam a compreender e internalizar que a desigualdade e o silenciamento é vontade divina – do maior poderoso das narrativas – autorizada a perpetuar o ciclo de culpa e privação.

Como dito anteriormente, o patriarcado, assim como o racismo, são estruturas historicamente legitimadas e utilizadas por instituições religiosas a fim de exercer controle sobre os corpos e sobre a moral social. A religião cristã, especialmente em suas vertentes mais conservadoras, promove a manutenção de desigualdades por trás de uma máscara da “ordem divina”. Sendo assim, também é possível destacar que a objetificação e animalização da mulher, bem como fazem com a comunidade preta e LGBTQIAPN+, é uma estratégia para legitimar a violência, isto é, tornando-a socialmente aceitável, atribuindo como justificativa, a polarização, o bem contra o mal. As redes sociais, ao ampliarem a voz de figuras de líderes religiosos, acabam por enrijecer esse sistema, exibindo discursos que apresentam espontaneidade ou boas intenções, mas que carregam uma retórica de opressão. Portanto, a

luta por equidade passa pela denúncia do sagrado que aprisiona, pela afirmação, resistência que liberta e por teologias emergentes distintas da teologia hegemônica.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Compreender as fundamentações teórica e a necessidade de romper com movimentos hegemônicos presentes no contexto religioso brasileiro — que não apenas dominam o âmbito da fé, mas também influenciam diretamente os direitos políticos-sociais das minorias — exige o diálogo com teorias-metodológicas que, além de sustentarem as análises, abram novas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, destacam-se os discursos teológicos emergentes, presentes na hermenêutica. Esta torna-se instrumento de reinterpretação e abertura, possibilitando que as teologias emergentes questionem os discursos hegemônicos, como também, apresentem interpretações plurais do sagrado, que sejam representativas, abolindo a fé como mecanismo de manipulação e sustentação do poder. Ademais, a Análise Crítica do Discurso (ACD) é apresentada como o principal eixo metodológico, permitindo evidenciar o caráter hegemônico e manipulador dos discursos de Silas Malafaia, objeto da nossa análise. O uso complementar da Análise Multimodal amplia a compreensão sobre o uso das redes sociais como ferramentas discursivas nas múltiplas dimensões do contexto político, religioso e social, sem perder de vista o rigor científico. Por fim, o percurso metodológico descreve detalhadamente as etapas de coleta, organização e preparação dos dados para as análises.

3.1 Hermenêutica, discurso religioso e interpretações emergentes

(...) o mundo foi criado por Deus independentemente do homem, antes do homem (Gramsci, 1999. p. 174)

Primeiramente, é fundamental destacar que a hermenêutica nesse trabalho está sendo utilizada apenas para observarmos as interpretações bíblicas do nosso objeto (*tweets* de Silas Malafaia) e por isso, não se aplica a teologia. Segundamente, também é significativo reconhecer a importância da hermenêutica no contexto da análise de discursos religiosos. A hermenêutica é a teoria e a prática voltada para a interpretação de textos, especialmente aqueles com complexidades simbólicas e de normatividade, como os textos filosóficos, jurídicos e, notadamente no desenvolvimento de análises de textos bíblicos. No domínio teológico, a hermenêutica envolve um conjunto de perspectivas que buscam interpretar o sentido das Escrituras dentro de seus contextos históricos, culturais e sociais. Dentro desse sentido, destaca-se a *exegese*, que é a interpretação crítica e contextualizada do texto,

procurando arrebatá-lo de seus significados originais a partir do próprio conteúdo e contexto que foi escrito. Em contraposição, a *eisegese* entende-se à leitura subjetiva, quando o intérprete incorpora no texto significados subjetivos e/ou que não estão explícitos, geralmente moldados por crenças, ideologias ou interesses. Essa teoria trata-se de um modelo de interpretação – *exegese* – mais amplo, disposto a incorporar métodos de crítica literária.

Primeiro está a *eisegese*, que em grego significa “entrar”, “conduzir” para dentro. Portanto, o ato de ir ao texto e adentrá-lo (...) Depois vem a *exegese*, que em grego significa “trazer para fora”, “puxar para fora” aquilo que se encontrou ou se descobriu no texto. Por último vem a hermenêutica, que será o debate sobre a interpretação daquilo que foi descoberto e seu significado para o momento atual (Kaefer, 2014, p.118).

Quando falamos do texto bíblico – como enfoque dessa discussão –, entendemos que a hermenêutica remonta à *exegese* – compreender de maneira científica os estreitos relacionamentos dos textos bíblicos com a vivência social daquele que o interpreta –, que se submete necessariamente às exigências do espírito crítico (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993). Sua principal colaboração está na concepção de não haver interpretações neutras. “O problema da interpretação da Bíblia não é uma invenção moderna como algumas vezes se quer fazer crer” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993), os textos, discursos acerca da sagrada Escritura e discursos religiosos (DR) contemplam instabilidades que atravessam valores, crenças e contextos sociais. Com relação a interpretação, Pedrosa (2007) ressalta a subjetividade da interpretação, que pode ou não comprometer o núcleo da palavra, visto que incorpora visões de mundo, e questões históricas e culturais.

O ideal do DR é que o ‘representante’, o que se apropria do discurso de ‘Deus’, não o modifique. Ele deve seguir regras restritas reguladas pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas liturgias. Deve-se manter distância entre ‘o dito de Deus’ e ‘o dizer do homem. (Pedrosa, 2007, p.41).

Quando olhamos para um texto bíblico, percebemos a complexidade que ele carrega. “A Bíblia mesma atesta que sua interpretação apresenta dificuldades” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993), em grande parte porque não temos acesso direto aos autores originais, tampouco à intenção plena dos sentidos da época. São textos que atravessam séculos de mediações, apropriações e de interpretações múltiplas, tornando-se espaços de disputas de significados. A ausência de elementos que esclareçam de forma inequívoca as intenções do texto abre margem para interpretações ideológicas e leituras anacrônicas.

Nesse contexto, a *exegese* busca “reabilitar, em contextos históricos novos, os modos de comunicação e de significado próprios ao relato bíblico, a fim de melhor abrir caminho à sua eficácia para a salvação” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993). Trata-se, portanto, de uma

abordagem crítica e contextualizada que pretende compreender o texto a partir de seus fundamentos originais. Já a hermenêutica, por sua vez, atua como uma reflexão mais ampla sobre os sentidos possíveis do texto, reconhecendo que as leituras não são neutras e que diferentes situações produzem diferentes compreensões. Por isso, é tão relevante no campo da interpretação bíblica, reconhecer a importância de ter sentidos múltiplos ao entendimento desses textos, evitando que se estabeleça interpretações fixas e autoritárias, que provavelmente silencie contradições. Como afirma Kaefer (2014), a diversidade de abordagens é uma prova da grandeza da Bíblia. Estar aberto ao diferente é o que permite o enriquecimento do aprendizado do exegeta.

A disputa hegemônica também é percebida no terreno das interpretações bíblicas, tendo em vista que grupos que detenham poder religioso, determinam que certas interpretações sejam entendidas como inquestionáveis, influenciando toda a estrutura da sociedade e da igreja (Santos, 2006).

Nessa abordagem, a Bíblia é compreendida como um lugar de luta sobre significados. Vê-se a Bíblia como um discurso retórico perspectivo que constrói mundos teológicos e universos simbólicos em situações histórico-políticas particulares (Santos, 2010. p.37).

Dessa forma, as interpretações hegemônicas modelam a percepção coletiva, impedindo que sujeitos tenham acesso a vivências interpretativas diferentes. A consequência dessa batalha é a distorção do texto sagrado e o distanciamento espiritual daqueles que são marginalizados, marcados por lutas de interesses ligados à classe, gênero e religião. Quando dizemos que a hermenêutica tem que ser flexível, é pensando nessa perspectiva, que interessa que a exegese não pode ser neutra, mas deve tomar partido pelos pobres no seguimento de Deus, e engajar-se no combate pela libertação dos oprimidos (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993).

Quando olhamos a partir de uma perspectiva hegemônica, percebemos que ainda ressoam sobre a vida das mulheres, nas estruturas e nos discursos cristãos, os reflexos dessa abordagem doutrinal-reveladora (Santos, 2010), marcada por interpretações excludentes que moldam o campo cognitivo – tanto individual quanto coletivo – e silenciam a pluralidade de sujeitos como participantes ativos da comunidade de fé, marginalizando-os. Historicamente, a hermenêutica bíblica foi edificada majoritariamente por homens em posição de poder dentro das instituições religiosas, o que foi determinante para o alicerçamento da interpretação patriarcal das escrituras. Essa tradição consolidou normas que impuseram uma subordinação às mulheres e outros grupos dissidentes, validando estruturas dominantes sob o manto da revelação do divino. A autoridade da interpretação foi centralizada em

personalidades religiosas masculinas, e a compreensão da Bíblia tornou-se mais uma ferramenta de manutenção da hierarquia do que uma experiência espiritual.

A interpretação da Escritura Sagrada passou, assim, a ocupar um lugar secundário dentro de uma dinâmica de controle simbólico, desapoderando a hermenêutica que deveria ser coletiva, bem como, perdendo a figura responsável por transmitir esses ensinamentos. Como alerta Kaefer (2014):

Uma coisa é a Bíblia para a pessoa crente comum, não importa se pertence a uma Igreja e a que Igreja, outra coisa é a Bíblia para o exegeta. No entanto, o bom seria que a distância entre ambos fosse pequena. Que a fronteira entre os dois lados fosse tênue e estivesse sempre aberta. Que houvesse trânsito livre e que esse trânsito fosse constante, principalmente da via que leva o exegeta ao povo (Kaefer, 2014 p.117).

Uma das questões fundamentais da hermenêutica é a liberdade interpretativa. Isso significa reconhecer que há uma diversidade de discursos possíveis – alguns podem estar alinhados ao poder hegemônico, outros em resistência. O papel da hermenêutica, nesse sentido, é justamente questionar e desafiar interpretações cristalizadas como “verdades absolutas”, questionando sua autoridade e o distanciamento que impõem entre o texto e a experiência vivida. Logo, interpretações autoritárias tornam-se, assim, um impedimento à vivência espiritual individual, distorcendo o propósito do texto bíblico, instrumentalizando a fé para fins de controle social, contrariando o papel proposto pela prática interpretativa.

O discurso religioso opera também por meio de metáforas, parábolas e narrativas que se perpetuam no tempo, atuando como canal de fé e recurso de controle moral e social, utilizado para induzir o debate público, moldar crenças sociais a fim de conservar posicionamentos políticos, tendo como objeto norteador o imaterial que é a fé (Garrido, 2021). Ivone Gebara exhibe que,

A atual multiplicidade de religiões e movimentos religiosos, longe de ser a expressão de uma diversidade positiva, representa, a meu ver, uma certa mercantilização do religioso a serviço do retrocesso político mundial, do retrocesso da democracia e do retrocesso do pensamento (Rosado-Nunes, 2006. p.302).

Por essa razão, a hermenêutica se faz presente, observando a força de mobilização que esses discursos são produzidos e apropriados por sujeitos e grupos, para que dessa forma possa ressignificar e contestar a tradicionalidade. A diversidade no contexto religioso, também é marcada por interesses econômicos e políticos, que transformam a religião em moeda de troca, plano de fundo do cenário principal.

Nesse contexto de mercantilização e lucro, o discurso espiritual/ religioso é explorado e os fiéis tornam-se peças de alta rentabilidade, audiência e manipulação, como aponta

Garrido (2021), tais estruturas sustentam a religião como pilares de uma organização social, servindo aos interesses daqueles que a dominam, fazendo com que os dominados sejam mantidos sobre controle. A fé enquanto estratégia – de salvação – de instrumentalização, exerce influência na manutenção de determinados núcleos sociais, assumindo seu papel de dominação. Entendendo esse controle no campo do discurso, vislumbramos que a formação simbólica concebida “a partir de crenças e doutrinas se torna tão legítima que muitos não se dão conta o quanto pode ser hermético o discurso religioso para os que não professam a mesma fé” (Pedrosa, 2007. p. 38). E essa autoridade tem sido mantida, a fim de reforçar hierarquias, controlar interpretações e deslegitimar crenças dissidentes, comprometendo o acesso plural à espiritualidade. No cenário onde o dízimo é investimento, milagres e a salvação são moedas de troca, o discurso religioso hegemônico predomina utilizando a fé como produto e instrumento de manipulação, consolidando seu poder em espaços econômicos, políticos e midiáticos.

Em contrapartida, ergue-se a necessidade de interpretações que resgatem a espiritualidade como espaço de diversidade, justiça e acolhimento. É nesse ponto que a teologia feminista ganha evidência, como resposta a instrumentalização da fé, controle e silenciamento social dos corpos, transformando a experiência religiosa abusiva em escuta à vozes historicamente excluídas, principalmente, vozes femininas. Santos (2010) explica:

A abordagem denominada de doutrinal-reveladora é a leitura praticada pela hermenêutica de colonização. A leitura colonizadora entende a Bíblia em termos de revelação divina e autoridade canônica. Em suas formas mais radicais insiste na inspiração verbal e na inerrância literal-histórica das Escrituras. Esse tipo de leitura é reprodutora e legitimadora das estruturas de dominação, inclusive a dominação do masculino sobre o feminino. Está assentada numa lógica de poder e dominação política, religiosa e cultural e a utiliza para legitimar teologicamente a hierarquia que se impõe sobre a Igreja e a sociedade, deixando uma herança perversa conservadora de opressão, dominação e hierarquias sociais e religiosas, não só para Igreja, mas para toda a sociedade (Santos, 2010. p.34).

Emerge nas décadas de 1960 e 1970, a teologia da libertação – Teologia Feminista –, “como parte da segunda onda do feminismo e a partir dos movimentos de base por libertação de mulheres” (Santos, 2010. p. 31), uma abordagem que nos convida à retornarmos as raízes do sagrado, como lugar de igualdade, representatividade, escuta e justiça para homens e mulheres. “Embora as interpretações bíblicas tenham sido realizadas ao longo dos tempos pela perspectiva quase que exclusivamente masculina, atualmente, surgem outras perspectivas de leitura, elaborada pelas mulheres (...)” (Serrato; Candiottto, 2023. p. 733). Essa teologia esclarece a hermenêutica atada ao controle interpretativo operado por visões

patriarcais que, em nome de deus, moldaram o entendimento dos textos bíblicos a partir da ótica masculina. Santos (2010) expõe o seguinte:

Teologias negras, indígenas e feministas surgiram como teologias de libertação da opressão, baseadas na etnia e no gênero, dando face concreta e diversa à categoria dos “pobres”. É por essa razão que se fala em teologias de libertação no plural e também podemos falar de hermenêuticas de libertação no plural. Acontece, a partir daí, um movimento de “descolonização teológica”, repercutindo diretamente na forma de ler e interpretar a Bíblia na América latina (Santos, 2010. p. 32).

A hermenêutica feminista confronta diretamente a mercantilização da fé, apontando a parcialidade do discurso religioso que, muitas vezes, se alinha a interesses econômicos e políticos – ligados ao poder hegemônico regente, o patriarcado. Em âmbitos religiosos modernos, a fé é constantemente convertida em produto: bênçãos e milagres são associadas a contribuições financeiras, lideranças religiosas tornam-se marcas e igrejas se organizam como empresas. Nesse contexto, a interpretação teológica é ajustada para legitimar práticas que colocam a lógica capitalista acima das vivências espirituais genuínas. A teologia feminista se opõe a essa deturpação, propondo uma interpretação bíblica centralizada na vida, na justiça e na dignidade de todos os corpos – principalmente, corpos historicamente silenciados pelo discurso dominante. Buscando resgatar os fundamentos da fé, promovendo práticas espirituais inclusivas e libertadoras.

A hermenêutica feminina interroga o texto, o contexto e o intérprete – a voz do discurso – (padre, pastor, profeta) como explica Pedrosa (2007). Essa apropriação ocorre sem explicitar os mecanismos de incorporação da voz, aspecto que caracteriza a mistificação. Tendo em vista que todas as interpretações são atravessadas por questões políticas e sociais, controladas muitas vezes por estruturas opressoras, sua importância está em desvelar mecanismos que submetem sujeitos marginalizados – mulheres, LGBTQIAPN+, negros e negras – na imposição de uma leitura única.

A hermenêutica patriarcal deixa marcas permanentes, renovando-as constantemente. Ainda que haja debates emergentes, que busquem a emancipação espiritual e física dos grupos historicamente atravessados, a hegemonia que privilegia um único ponto de vista – do homem, branco, heterossexual, geralmente, ligados às estruturas de dominação – permanece resistindo: legitimando desigualdades, reforçando sistemas opressores, ignorando a multiplicidade de contextos e vivências, impondo à subalternização aqueles que sempre viveram em função da subserviência estabelecida. Essa é a maior dificuldade encontrada pela teologia feminista: trata-se de uma estratégia manipuladora que configura um enredo, para promover um conflito entre minorias, desviando o foco do verdadeiro poder hegemônico.

Como explica Candiottto (2021), “a principal dificuldade da hermenêutica bíblica feminista é a constatação de que a linguagem patriarcal dos textos sagrados foi naturalizada e cristalizada como parte do conteúdo revelado” (Candiottto, 2021. p.2).

Essa ideia excludente das estruturas dominantes desmembra as lutas coletivas e enfraquece os grupos marginalizados, impedindo que as dinâmicas de opressão sejam discutidas, reconhecidas e enfrentadas. Ao colocar os grupos dissidentes em conflito entre si – estabelecendo uma falsa sensação de ameaça e hostilidade – preserva-se os privilégios sob o manto divino e comando intacto. Em contraste disso, a teologia da libertação sugere uma abordagem comprometida com dignidade humana, legitimando a multiplicidade de contextos culturais, sociais e espirituais que compõem a experiência humana. Essa teologia não parte de uma subjetividade universal, mas sim de uma percepção situada dos indivíduos oprimidos. Dessa maneira, ela se vincula diretamente com outras hermenêuticas críticas, como a negra, a indígena e a *queer*, que partilham o mesmo objetivo de descolonizar a leituras das Escrituras e recuperar o protagonismo daqueles sujeitos que são historicamente oprimidos.

Essas hermenêuticas questionam os métodos tradicionais ao rejeitarem a naturalidade dessa interpretação. Elas tencionam uma epistemologia que revela os lugares de fala, os efeitos materiais da interpretação e a interseccionalidade das experiências. Como aponta Serrato e Candiottto (2023):

É característica das teologias feministas valorizar seus contextos de produção. As experiências dão-se em realidades diferentes, a partir do contexto dos sujeitos de fala, ou seja, sua realidade cultural, econômica, religiosa, além de outros aspectos que recortam a vida das mulheres (Serrato; Candiottto, 2023. p. 739).

Ao fazer isso, essas óticas rompem com o monopólio da autoridade interpretativa e devolvem à coletividade o exercício de interpretar a partir de suas vivências, promovendo justiça e igualdade.

Dando continuidade a essa perspectiva, é importante destacar que questões de gênero, raça, classe, sexualidade, território e história, historicamente apagadas sob argumento de uma interpretação única, passam a ser revalorizadas pelas hermenêuticas críticas. Esse enfoque não possui “a pretensão da universalidade que caracteriza outras formas de teologia, nem cai na desconstrução de outras interpretações que justifiquem a prática de uma sociedade de desiguais” (Serrato; Candiottto, 2023. p. 738). Sendo assim, a hermeneutica feminista propõe uma estrutura a partir de categorias interpretativas como: cotidiano, corporeidade, sexualidade, vida, simbolismo, alteridade, mulher, homem etc (Serrato; Candiottto, 2023). A

fé, assim, tratada como espaço de reconstrução simbólica, identificação e libertação de corpos e histórias reais.

A Teologia Feminista mostra uma atuação extremamente necessária ao privilegiar a escuta e a observação do cotidiano, “enriquecida pela junção de perguntas relacionadas ao caráter e processos sociais, preconceitos, discriminações e realidades invisibilizadas, dentre outras realidades marginalizadas” (Serrato; Candiottto, 2023 p. 736), deslocando o foco do discurso teológico tradicionalista e centralizando-se nas realidades cotidianas, reconhecendo a dignidade de quem ouve. Nesse sentido, o interlocutor não é mais uma peça de manipulação ou doutrinação, mas um sujeito participante, capaz de ressignificar as escrituras olhando pela ótica da sua própria realidade. Por tanto, a hermenêutica feminista é emancipatória, pois acredita no contexto, na dor e na resistência de quem lê e ouve, propondo um caminho de fé que de fato respeita as existências.

Contudo, ao reconhecermos a importância da possibilidade de haver interpretações bíblicas plurais, admitimos também a importância de não tratar a exegese como homogênea ao mesmo tempo que atestamos a fidedignidade da interpretação, como aponta Velozo (2020):

Tem-se, portanto, no existir da Teologia, a exigência da presença da dimensão do conhecimento adequado teológico, sem no entanto deixar de lado a aliança a um pensamento rigoroso e crítico no compromisso pela formação de um novo tipo de pessoa e de sociedade. Dá-se, nesse contexto, sobretudo, a oportunidade do ser plenamente humano, promover o seu próprio desenvolvimento e o das outras pessoas (Velozo, 2020. p.124).

É indispensável que sejam reconhecidos a diversidade de braços teológicos – como a hermenêutica feminista, indígena, negra, *queer*, entre outras – que retratem, acolham e represente trajetórias que buscam legitimidade e pertencimento social e espiritual. A hermenêutica enquanto prática, não pode se afastar do comprometimento com a justiça e com a verdade do Evangelho. É preciso de uma evangelização que promova verdadeiramente a espiritualidade e a humanidade individual das pessoas, que não limite o sagrado a uma ferramenta de manipulação, exclusão e lucro, mas o entenda como encontro e reconstrução da fé em comunidade.

No âmbito interpretativo, a hermenêutica dispõe de mecanismos para assimilar diversas leituras teológicas. Esse movimento dialoga diretamente com a Análise Crítica do Discurso (ACD), que proporciona revelar o funcionamento dessas interpretações, assim como, entender como são construídas, legitimadas e/ou instrumentalizadas, em esferas de poder – destacamos aqui os religiosos. Ao combinar a hermenêutica à pluralidade de vozes

com os recursos da ACD, é possível tanto dar voz a grupos dominados –evidenciando possibilidades de resistência através das teologias emergentes–, quanto desvelar os mecanismos de dominação presentes nesse sistema de controle. Nessa perspectiva, a ACD e a hermenêutica, podem atuar juntas na construção de novas narrativas, que rompam com o padrão de controle discursivo.

3.2 Análise Crítica Do Discurso (ACD)

Ao delinear a construção dessa pesquisa, tornou-se evidente a necessidade de adotar uma teoria metodológica, que não apenas reconheça, mas também explicita as relações de abuso simbólico e dominação discursiva no campo religioso-político. A Análise Crítica do Discurso (ACD), assume e defende sua posição social e política (Medeiros, 2013), recusando a neutralidade. Nesta investigação, a ACD será aplicada à análise dos discursos emitidos pelo pastor Silas Malafaia em seu perfil no *Twitter* (Plataforma X), como foco na forma como ele articula sentidos que validam discursos excludentes e naturalizam posições dominadoras. A análise buscará compreender como essas construções discursivas impactam diretamente a representação social de grupos dissidentes, em especial mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Para a construção dessa análise, é preciso evidenciar e interrogar enunciados em sua dimensão sociopolítica, cognitiva e discursiva, a fim de compreender como determinadas construções discursivas são responsáveis por sustentar hegemonias e reproduzir desigualdades históricas de raça e gênero. Esses enunciados não são apenas textuais, visto que há inúmeras formas de comunicação, como imagens, palavras-não ditas (Alves, 2006).

Quando observamos que certos discursos ganham legitimidade, mesmo ao reproduzirem desigualdade, preconceito e exclusões, percebemos, na prática, o exercício da dominação sobre minorias, onde, muito do poder “moderno” nas sociedades democráticas é mais persuasivo e manipulador que coercitivo (Dijk, 2015, p.89). Nesse contexto, é possível perceber que, o Twitter, espaço no qual o Pastor Silas Malafaia interage efetivamente, se aproxima da estratégia de manipulação, que ultrapassam as paredes do seu templo religioso: “o tipo de manipulação social que estamos estudando aqui é definido em termos de dominação social e da sua reprodução em práticas cotidianas, incluindo o discurso” (Dijk, 2015. p.237). Ou seja, esta investigação de interação do pastor em sua rede social se aproxima da Análise Crítica do Discurso, como ferramenta teórico-metodológica de análise, na medida em que, percebemos: a manipulação exercida através da escrita e

mensagens audiovisuais; a construção de um discurso que ataca minorias e se projeta publicamente diante de uma rede polarizada – composta por sujeitos que tanto legitimam quanto rechaçam tais posicionamentos e; implica na manipulação das mentes dos participantes (Dijk, 2015).

A dominação discursiva ganha extensões complexas, quando adicionamos um componente determinante ao contexto em que estamos discutindo: o campo religioso. Ao se posicionar, inicialmente como figura religiosa pública e, em seguida, como ator político, o líder em questão – Silas Malafaia – ocupa um papel estratégico na defesa e reprodução de determinadas estruturas de poder. O discurso que procede desse lugar socialmente legitimado torna-se uma ferramenta eficiente de manipulação simbólica, frequentemente acionado para atacar, deslegitimar e silenciar grupos historicamente marginalizados.

Figuras como Silas Malafaia, desfrutam de um lugar de prestígio e escuta social, sustentado por múltiplos eixos de privilégios: é um homem branco, heterossexual, cristão e detentor de capital econômico, midiático e simbólico. Esse composto de fatores o posiciona como figura de autoridade e influência no debate público, expandindo sua capacidade de moldar imaginários coletivos e corroborar com normas sociais. Sua influência não está apenas no contexto religioso, mas também pela articulação com redes de poder que garantem legitimidade, visibilidade e recursos políticos e financeiros. Dijk (2015), expõe:

Uma análise mais profunda de dominação, definida como abuso de poder, requer o acesso especial aos (ou o controle sobre) recursos sociais escassos. Um desses recursos é o acesso preferencial aos meios de comunicação de massa e ao discurso público, um recurso compartilhado pelos membros das elites “simbólicas” (Dijk, 2015. p.237).

Sob a aparência de orientação moral e ética, agem como dispositivos de dominação. É importante ressaltar que, qualquer interação, comunicação e/ou prática social que serve apenas aos interesses de uma parte e são contra os interesses de um (ou vários) grupos minoritários, é definida como manipulação, e é definida como ilegítima em uma sociedade democrática, porque (re)produz ou pode (re)produzir desigualdade (Dijk, 2015). Dentro dessa discussão sobre manipulação, há outro ponto que precisa ser destacado: apontamos Silas Malafaia como figura que utiliza seu papel de visibilidade para manipular e fortalecer grupos já dominantes, justamente por ele: pertencer a uma coletividade dominante; reproduzir esse poder elitista através de seus enunciados no *Twitter* e; por expressar oposição a direitos e interesses que melhorariam a realidade de grupos dominados, especialmente, mulheres e pessoas LGBTQIAPN+.

Diante do panorama marcado por opressões e desigualdades históricas, a Análise

Crítica do Discurso se apresenta como parte da compreensão de que o discurso não é apenas reflexo da realidade, como também ferramenta para revelar mecanismos sutis (ou não) de dominação. É relevante destacar, que o discurso participa da construção da realidade como a conhecemos (Couto & Carrieri, 2018), não apenas como linguagem falada, mas as diversas e diferentes formas de interação e comunicação. A ACD deve estar presente na observação das relações complexas e dos problemas sociais, Resende (2019) ressalta o uso da linguagem no discurso, afirmando que:

(...) o uso da linguagem (...) implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é construído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença (Resende, 2019. p. 6).

Apoiados nesse entendimento, a ACD permite examinar como certos discursos são mobilizados para sustentar estruturas hegemônicas, demonstrando não apenas o que é dito, mas também o que se omite, se repete ou se silencia. Quanto a essa luta por espaços, entendemos principalmente que, “é uma luta que se trava também no âmbito do discurso” (Magalhães, 2017), compreendemos como um “campo de batalha”, onde a linguagem não é isolada ou neutra, pois carrega disputas e marcas históricas, sociais e políticas. Magalhães (2017) afirma que, “podemos dizer que o Brasil é um exemplo típico de país em que o Estado é democrático, mas a sociedade, nem tanto”. Sabendo que, obviamente, quem melhor desfruta dos privilégios da democracia, são os grupos elitizados e que grupos minoritários e excluídos permanecem à margem.

Esse olhar é particularmente necessário quando analisamos discursos produzidos por figuras públicas de privilégios intelectuais e financeiros elevados, como líderes religiosos com atuação política ativa, cujo discurso geralmente ultrapassa os limites institucionais e passa a operar como prática de poder. Magalhães reitera que:

Assim, para que a relação entre minorias e esfera pública esteja a contento, é necessário que lancemos mão de duas âncoras que se mostram interligadas: uma, é a questão da democracia; a outra, a questão do acesso e da presença no campo discursivo midiático. Ambas dão suporte, fundamentam e qualificam a participação dos grupos minoritários na esfera pública. (Magalhães, 2017. p. 175)

Entretanto, sabemos que para que esse acesso midiático seja democrático e se torne possível e inclusivo, são os indivíduos, inseridos em práticas discursivas e sociais, que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas sociais (Resende, 2019). Ou seja, os discursos então hegemônicos, deixariam de operar para a reprodução e o

fortalecimento da deslegitimação de pautas raciais e de gênero, por exemplo. É nessa esfera, onde o discurso dominante impera, sem modéstias ou ressalvas, que percebemos a luta da minoria em busca do mínimo que qualquer pessoa precisa para sobreviver – acesso à moradia, educação, ensino superior, espaço na mídia e no poder público, etc (Magalhães, 2017). É onde percebemos também, a desumanização desses corpos, para que além de não se reconhecerem, suportem o processo de opressor que os impede de conquistar até o mínimo. Magalhães (2017) justifica que:

(...) um dos propósitos e efeitos das ideologias dominantes é o de embotar sentidos, mascarar a situação de dominação, de tal modo que pessoas pertencentes a um grupo minoritário têm dificuldade de se reconhecerem como tais (Magalhães, 2017.p 179).

É nesse entrelaçamento que percebemos a importância da Análise Crítica do Discurso, no processo de identificação da ideologia dominante. Nesse percurso, a intertextualidade e a interdiscursividade, se apresentam necessários para a construção da ACD. A intertextualidade está no encadeamento de textos, a fim de reproduzir ou transformar discursos, implícita ou explícita. Magalhães (2017) explica:

As relações sociais são mediadas intertextualmente, pois os textos recorrem sempre a outros, textos, nem sempre claramente definidos, mas que sempre implicam discursos particulares. Esses discursos organizam as relações sociais de forma a reforçar poderes e privilégios (Magalhães, 2017.p. 220).

Enquanto que a interdiscursividade apresenta a sobreposição de discursos –incluindo aqui as formas de silêncio e silenciamento – como por exemplo, o religioso, o científico, o midiático e etc. onde, atravessados, corresponde ao momento de interdiscursividade de um discurso (Alves, 2006). A interdiscursividade, portanto, é o esteio para o entendimento de como alguns posicionamentos tornam-se naturalizados e legitimados, ainda que colaborem com as desigualdades. Assim, compreender esses entrecruzamentos é fundamental para manifestar os mecanismos pelos quais as ideologias dominantes preservam a aparência da neutralidade. Nesse sentido, recorre-se a Análise Multimodal como suporte analítico, uma vez que a interdiscursividade presente nos campos de interação digitais, não pode ser devidamente compreendida sem o auxílio dessa abordagem metodológica. Isso porque ela permite apreender as diversas complexidades que emergem nas interações em telas e subtelas.

3.3 Análise Multimodal

Quando falamos de textos e conteúdos digitais, entendemos que essa construção envolve muito mais do que a linguagem e interações, pois existem camadas e propósitos complexos. Essas camadas, que podemos identificar como diversas telas e subtelas – imagens, vídeos, *GIFS*, tipografias, *hashtags* e até a disposição gráfica do texto –, interagem entre si para criar sentidos múltiplos. Essas telas não são apenas elementos visuais ou audiovisuais isolados, mas, como aponta Farhat e Gonçalves-Segundo (2022) a partir de telas que, consigo, trazem toda uma história de usos, convenções, percepções socialmente construídas. Nesse cenário, a Análise Multimodal surge como uma abordagem teórico-metodológica que busca compreender esses diferentes modos de significação. Trata-se de um campo que reconhece que os sentidos são construídos por meio de múltiplos recursos – verbais, visuais, sonoros e interativos – e que “o ser humano cria e comunica significados utilizando-se dos mais diversos recursos tecnológicos disponíveis a cada época” (Silva; Queiróz, 2021. p. 15).

Podemos indicar imagens, sons, gestos (Gualberto; Santos, 2019), como elementos que, em conjunto, produzem significados. Como explicam Silva e Queiróz (2021), trata-se da utilização conjunta de vários modos semióticos nos processos de produção e de comunicação de significados. Sendo assim, entendemos que a multimodalidade não é um fenômeno contemporâneo – ainda que olhemos sempre para o digital como influência –, isto é, sempre esteve presente nas estratégias de interação social. Essa concepção está atrelada à Semiótica Social (SS), que compreende a semiótica como parte induzida socialmente e historicamente situados. A SS contribui para o estudo da multimodalidade ao ponderar que os significados não estão apenas nos signos isolados, mas na maneira como são usados socialmente. Sendo assim, o foco não se encontra apenas na estrutura da linguagem, mas em como os modos semióticos são incitados em contextos sociais específicos. Nessa perspectiva, “a discussão repousa no processo de produção de significado (*meaning making*) e a sua recepção, situando-os como parte da construção social” (Gualberto; Santos, 2019. p.6).

Os discursos nas redes sociais digitais, são caracterizados por diferentes linguagens e dinâmicas de interação. Os recursos visuais, audiovisuais e simbólicos completam o sentido do texto verbal – escrito que operam mutuamente e simultaneamente. Além disso, esses discursos são estabelecidos através do engajamento e performatividade, para atrair e manter a atenção sem perder a efemeridade que são construídos, consumidos e descartados. Há também, uma relação com os demais discursos (Alves, 2006) – interdiscursividade – com

questões religiosas, políticas, históricas, sociais, de gênero entre outras inúmeras, que se atravessam, se misturam ou são apropriados. Essa construção complexa exige metodologias que sustentem essa pesquisa. Ancorados ao que argumenta Farhat e Gonçalves-Segundo (2022):

O que pretendemos é apresentar elementos teórico-metodológicos que amparem o pesquisador em um engajamento ativo e consciente com o objeto de análise, minimizando o risco das imprecisões e almejando o máximo de clareza (Farhat; Gonçalves-Segundo, 2022. p.435).

Posto isso, ao analisarmos *tweets* que contenham imagens e vídeos que ultrapassam o conteúdo escrito, percebemos a necessidade de incluirmos a multimodalidade, visto que, precisaríamos de uma abordagem que pudesse lidar com a articulação desses diversos modos de significação. Dessa forma, para observarmos a construção das ideologias e hegemonias presentes nos conteúdos das postagens, percebemos a necessidade de integrar a Análise Multimodal a esta metodologia para que complementasse a Análise Crítica do Discurso (ACD).

(...) quando se faz a análise de um texto em suas diversas telas e subtelas, o que está em jogo não é simplesmente a materialidade do texto, mas a complexidade do seu aproveitamento cultural, de modo que parte das distinções concretas possibilitadas pelo material passam a ser também distinções semióticas (semânticas, interacionais, etc.) (Farhat; Gonçalves-Segundo, 2022. p.440).

Nessa perspectiva, cada postagem faz parte de uma estratégia discursiva ampla, como explica Gualberto e Santos (2019), cada signo produzido é motivado pelos interesses de quem o emite. Em outras palavras, olhando pelo nosso recorte de pesquisa, Silas Malafaia têm construções intencionadas que visam persuadir ou reforçar sua própria autoridade e/ou a autoridade do grupo que ele representa, ou seja, suas imagens, a estratégia discursiva, bem como seus vídeos, não são empregados aleatoriamente.

Estão integrados nos *tweets* de Silas Malafaia que selecionamos analisar, postagens textuais, com imagens (artes gráficas) e em vídeo (com discurso oral). Farhat e Gonçalves-Segundo (2022) recomendam que é sempre mais vantajoso ser explícito em relação a quais aspectos do texto estão em foco e quais são, por ora, deixados de lado. Pensando nisso, identificamos alguns modos que iremos acionar nas análises: nos *tweets* somente textuais, serão analisados o uso de caixa alta e figuras de linguagem. Nos *tweets* com imagem, observaremos a composição visual e nos *tweets* com vídeos, contemplaremos as estratégias de entonação. É importante ressaltar que inevitavelmente alguns aspectos serão ignorados, ao menos temporariamente (Farhat; Gonçalves-Segundo 2022).

Nos 49 *tweets* coletados, apontamos três formas de composição multimodal em 44 *tweets*, organizados ²⁶da seguinte maneira: imagem e texto, vídeo e texto e *tweets* apenas textuais. Na primeira categoria são postagens que combinam linguagem com elementos visuais, o uso de artes gráficas reforçando o que foi dito no texto. Percebemos um investimento em enfatizar a autoridade religiosa do pastor Silas Malafaia através desses elementos, que identificamos em 6 dos *tweets* analisados. A segunda categoria (vídeo e texto) combina a linguagem verbal com conteúdo audiovisual. O padrão que apontamos está na performance ao mobilizar entonações exaltadas, menção não apenas a teologia como também a algumas áreas da ciência e do direito, transitando entre a autoridade religiosa e a autoridade política, foram identificados 12 *tweets* com esse padrão. Por fim, a categoria de *tweets* apenas textuais, onde os efeitos são apenas por meio de recursos linguísticos, utilizando estratégias como o uso de caixa alta – simulando gritos, intensificação do assunto –, figuras de linguagem e repetição discursiva. Essas escolhas demonstram a autoridade política de Malafaia de forma performativa e ainda, a ausência de imagens ou vídeos não reduz o impacto da proposta, constituindo 26 publicações nesse padrão.

Fonseca e Silva (2021) destacam que as práticas de linguagem envolvem textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de replicar e de interagir. Percebemos com isso, as complexidades dos textos digitais. Os *tweets* analisados nesta pesquisa são exemplos dessa transformação que articulados, compartilham de um mesmo espaço, exigindo do pesquisador a busca por materialidades que deem conta dessas variantes. Nesse contexto, é importante entender que a multimodalidade não é apenas a presença de diferentes modos, mas sobretudo, um fenômeno de múltiplas formas de leitura e mesmo assim, o foco principal, é interpretar o que foi escrito “e dependendo de quando e onde o texto está sendo lido, algumas coisas podem ser facilmente entendidas, outras não” (Silva; Queiróz, 2021. p. 15). Com isso, precisamos reconhecer os efeitos sentidos através das nossas análises.

Em linhas gerais, a abordagem teórico-metodológica multimodal, se revela necessária para fundamentar as análises desta pesquisa de maneira organizada, pois permite entender como vários modos de significação, encarregam-se na construção de sentidos. Ao trabalhar juntamente com a Análise Crítica do Discurso, a análise Multimodal oferece a possibilidade de nos aprofundarmos nas estratégias discursivas dessa investigação, ultrapassando os limites

²⁶ A tabela presente no Anexo 1 está organizada de acordo com a categorização apontada neste parágrafo.

do texto escrito. Nas análises, essa concepção será aplicada de forma prática, evidenciando as nuances dos efeitos de sentido que contribuem para a produção e reprodução de ideologias.

3.4 Percurso Metodológico

Ao retratarmos o uso de redes sociais no Brasil, observamos que há uma diversidade de plataformas que atendem a diferentes perfis de usuários; em geral, as pessoas utilizam mais de uma, diversificando suas interações e experiências no ambiente digital. Araújo (2022) esclarece que atualmente a maioria de nossas atividades depende de estarmos conectados à internet. Propomos examinar, conforme Magalhães et. al (2017), uma grande variedade de aspectos do processo social, e construir uma Análise Crítica do Discurso no intuito de compreender o uso da retórica do pecado e do machismo estrutural observados nos *tweets* produzidos pelo pastor Silas Malafaia.

Propõe-se observar os *tweets* (Twitter/ X) do perfil de Silas Malafaia, entre o período de 2018 a 2023, filtrando os *tweets* com o uso de palavras-chaves como: mulher/mulheres; feminismo; machismo; pecado e patriarcado, buscando discursos que demonstram a polarização, a desinformação, machismo, misoginia e homofobia em sua conta. Entretanto, não foram encontrados *tweets* utilizando as palavras-chave mencionadas acima, por isso, foram selecionadas novas palavras-chaves que pudessem contemplar a proposta do início da coleta. Ao observarmos as repetições de termos usados pelo próprio pastor, definimos novas palavras-chaves: aborto, ideologia de gênero, gênero, gay, LGBT, fêmea/macho e mulher/mulheres.

Na primeira coleta de dados, antes da queda do Twitter/X, em agosto de 2024, acessamos o perfil do pastor Silas Malafaia (@pastormalafaia) e buscamos na guia simples (uma palavra-chave por vez) as palavras-chaves mencionadas acima, catalogamos em tabela com as informações: data, hora, texto do *tweet*, categorização multimodal, link do *tweet* e palavra-chave utilizada. Foram encontrados um total de 49 *tweets* que representavam a proposta da pesquisa. Para garantir a precisão dos dados, utilizamos a 'busca avançada' da rede social, que permite filtrar *tweets* por palavras-chave, contas específicas, tipos de postagem (respostas ou originais), presença de *links* com imagens ou vídeos. Também foi possível definir o período de tempo (de 2018 a 2023), embora não tenha sido definido um número mínimo de engajamento (curtidas, respostas ou *reposts*) para a coleta. Um dado relevante observado nas duas coletas foi a diferença de engajamento entre os *tweets*: enquanto as postagens com conteúdo religioso (igreja/ evangelismo/pregação e etc.)

apresentam número significativamente menor de curtidas, os *tweets* com posicionamentos políticos geram maior interação²⁷. Essa diferença sugere que o discurso político do pastor impulsiona mais a audiência do que suas mensagens estritamente religiosas, reforçando o caráter político de atuação nas redes.

Os principais critérios utilizados para a seleção dos *tweets* foram expressões sexistas ou homofóbicas com as quais o pastor se expressa e/ou ofensas/xingamentos proferidas pelo líder religioso. Também foram coletados os *tweets* que o pastor declara opiniões supostamente fundamentadas em desinformação.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) foca-se no papel do discurso na produção e reprodução do abuso de poder ou da dominação (Medeiros; Andrade 2013), permitindo visualizar as práticas discursivas como ferramentas que reforçam relações de poder, ideologias e hegemonias. No recorte das redes sociais – enfatizando o *Twitter* –, essa abordagem torna-se mais relevante, por duas razões: primeiro, que os discursos ali veiculados têm ampla circulação e podem ser influenciadores e segundo, que o discurso está no âmbito de ações ligadas ao domínio. Alves (2006) complementa que se o discurso se relaciona expressamente a interesses, está claro que ele está relacionado à ideologia. Logo, a ideologia como processo fundamental, permeia esses discursos, inclusive os virtuais, de maneira naturalizada, reforçando algumas estruturas, como patriarcais, racistas e morais, por exemplo. Eagleton (2019) reforça que as ideologias devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser peremptoriamente rejeitada.

Com base nessa ótica, neste capítulo voltamos o olhar para o pastor Silas Malafaia, figura popularmente conhecida do cenário político-religioso brasileiro e seus discursos no perfil do *Twitter*, que se destaca pelo uso recorrente de expressões como “esquerdopata”, “macho”, “fêmea”, “aborto”, “ideologia de gênero” dentre outras, além do que Dijk (2015) reconhece como o uso tendencioso das palavras na descrição de “Nós e Eles”, além da utilização de adjetivos pejorativos para depreciar seus oponentes políticos. A escolha dos *tweets* analisados se estabelece na observação desse padrão discursivo, com o objetivo de compreender como o líder Malafaia utiliza da rede social como arena pública, e de que forma seus posicionamentos podem afetar as minorias que ele ataca. Analisar criticamente esse discurso, é uma forma de revelar os mecanismos pelos quais a dominação ideológica se

²⁷ Esses dados podem ser observados na tabela no Anexo 1.

mantém. Além disso, permite entender como padrões excludentes são reproduzidos tanto no espaço social e consequentemente no digital.

Para isso, observamos que os *tweets* publicados por Silas Malafaia apresentavam a recorrência de padrões discursivos mencionados no parágrafo anterior (e aprofundados brevemente). As postagens, ainda que com temas e alvos diversificados, exibiam um estilo na construção dos enunciados muito semelhantes entre si, contendo: a escolha de adversários ideológicos; estratégias de mobilização política, social, religiosa e/ou moral; a visão de mundo do pastor; a utilização de sua autoridade religiosa.

Vale ressaltar que a coleta de dados da pesquisa bem como as capturas de tela (presentes em anexo) foram realizadas no dia 15 de agosto de 2024, antes da suspensão da rede social *Twitter/X* no Brasil²⁸.

²⁸ O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou no dia 30 de agosto de 2024, a suspensão imediata e completa do funcionamento do X, antigo *Twitter*, em todo o território nacional até que as decisões judiciais da Corte sejam cumpridas e as multas aplicadas sejam pagas. A ordem também valerá até a indicação de um representante da empresa no país. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-determina-suspensao-do-x-antigo-twitter-em-todo-o-territorio-nacional>

4 ANÁLISE DE DADOS

A conjunção entre Análise Crítica do Discurso e Análise Multimodal se dá primeiramente pela importância que, estudos do discurso fazem uso de uma grande quantidade de métodos de observação (Dijk, 2015). Em segundo lugar pela indispensabilidade de compreender como os significados são construídos em diferentes modos de expressão, principalmente nas redes sociais, onde texto, vídeo e imagem se combinam, como explica Farhat (2022):

(...) uma definição de base sistêmico-funcional para o fenômeno da multimodalidade: um texto é multimodal por resultar da instanciamento, em um mesmo contexto de situação, de dois ou mais sistemas semióticos distintos. Cada sistema (modo) semiótico é uma realização específica do contexto de cultura; porém, em um dado contexto de situação, suas instâncias podem se misturar, se integrar e, portanto, resultar em uma instância semioticamente *heterogênea*. Assim, o texto multimodal é caracterizado pela articulação, em uma só instância, de elementos instanciados por sistemas semióticos diferentes (Farhat, 2022. p.438).

Entretanto, dos 23 *tweets* analisados que apresentam elementos visuais ou audiovisuais – imagem e vídeos –, a maioria deles não oferece contribuições expressivas do ponto de vista multimodal. As imagens geralmente repetem as mesmas frases do corpo (texto) do *tweet*, sem elementos gráficos ou simbólicos que ampliem o sentido. Igualmente, os vídeos seguem uma construção padronizada – com exceção dos recortes em que o pastor está em púlpitos ou compartilhando uma terceira pessoa –, com planos fixos, fundos neutros e poucas expressões faciais ou sonoridades. Nessa ocasião, a análise multimodal atua para complementar à ACD, observando elementos da linguagem (escrita e falada), revelando que a estrutura discursiva persiste em estar centralizada na performance discursiva, e não em recursos estéticos que potencializariam outros significados. Assim, a multimodalidade, mesmo presente, funciona de forma limitada.

Alicerçados na análise dos *tweets* do pastor Silas Malafaia, emergiu a necessidade de criar categorias que pudessem ser utilizadas para uma compreensão mais profunda da sua atuação nas redes sociais – notadamente o *Twitter/X*. Essas categorias – *Estratégias Linguísticas, Proteção à família e invasão ao feminino, Territorialização do Discurso, Sensacionalismo, Fake News e epistemicídio e Autoridade Pastoral* – foram definidas com base na reiteração de expressões linguísticas e temáticas presente nas publicações, que dialogam com o triângulo discurso-cognição-sociedade apresentado por Dijk (2015). Por essa razão, apresentamos a seguir, um quadro, no intuito de enumerar de maneira quantitativa os *tweets* que se encaixaram em cada categoria.

Quadro 3: Identificação das categorias que tiveram maior número de *posts*

Categorias	Número de <i>tweets</i>
Estratégias linguísticas	28 <i>tweets</i>
Proteção à família e invasão ao feminino	9 <i>tweets</i>
Territorialização do discurso	20 <i>tweets</i>
Sensacionalismo, <i>fake news</i> e epistemicídio	22 <i>tweets</i>
Autoridade pastoral	14 <i>tweets</i>

Fonte: Elaboração da autora.

Por essa razão, estabelecemos categorias, com o objetivo de evidenciar as regularidades discursivas presentes nas postagens e auxiliar na identificação de mecanismos ideológicos e de dominação mobilizados por Silas Malafaia. Para compreender as dinâmicas presentes na construção do discurso do pastor da ADVEC e os recursos que sustentam a hegemonia que ele representa, tornou-se necessário a criação de categorias que elucidassem tais processos. A construção dessas categorias exigiu que considerássemos a importância das interações e estruturas discursivas e sobre “como se estabelecem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e dominação na sociedade” (Couto, 2018. p. 3), compreendendo-as como um problema social e político. Nesse sentido, é importante considerar as polaridades da interação social. Alves (2006) define: “O uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao nível micro da ordem social. Poder, dominação e desigualdade entre grupos sociais são termos que normalmente pertencem ao nível macro da análise” (Alves. 2006. p. 35).

Com base nisso, compreendemos que a ACD só é possível mediante a interligação discurso, cognição e sociedade (Dijk, 2015). Uma vez que esses elementos são interdependentes, a análise deve, necessariamente “resgatar esses segmentos interdisciplinares (...) qualquer análise do discurso apropriada, ainda que estude temporariamente um aspecto parcial do triângulo discursivo, não demora em perceber a necessidade de se converter em uma ferramenta multidisciplinar e integrada” (Dijk, apud Couto, 2018. p. 4). Sendo assim, a categorização dos *tweets* se torna uma estratégia metodológica primordial para identificar os padrões discursivos que permeiam as interações do pastor, apontando as estruturas ideológicas que atuam na manutenção de sua influência religiosa, política e também social.

Discurso, cognição e sociedade são dimensões fundamentais que compõem a Análise Crítica do Discurso, que nos possibilita evidenciar como a dominação se sustenta nas práticas discursivas. O discurso, transita no campo do uso linguístico – expressões lexicais, estruturas gramaticais –, tendo em vista que sua existência se define na relação com outros discursos, sejam eles ditos ou não-ditos (Alves, 2006). A cognição é o eixo da interpretação, explicação e compartilhamento, ou como aponta Medeiros e Andrade (2013), conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores.

Em outros termos, se estamos em um campo de disputa discursiva, o controle desse discurso é uma forma de poder (Alves, 2006). Por fim, o eixo ligado ao social (sociedade) refere-se ao modo como os discursos são utilizados, isto é, esse componente que permite compreender a (re)produção da manutenção das condições de desigualdade, bem como da dominação de determinados grupos (Couto, 2018). Contudo, Dijk (2015) ressalta que a cognição pessoal e social sempre medeia a sociedade ou as situações sociais e o discurso, mesmo que ocasionalmente o enfoque não seja as três dimensões de uma vez, a tendência é a de estarem ligadas diretamente com a sociedade.

Ou seja, a manipulação é um fenômeno social – especialmente porque ela envolve interação e abuso de poder entre grupos e atores sociais – é um fenômeno cognitivo, porque a manipulação sempre implica a manipulação das mentes dos participantes, e é um fenômeno discursivo-semiótico, porque a manipulação é exercida através da escrita, da fala e das mensagens visuais (Dijk, 2008. p. 3).

Pensando nessa articulação entre os eixos da Análise Crítica do Discurso – discurso, cognição e sociedade –, percebemos que a criação de categorias seria indispensável para a compreensão na forma como Malafaia se expressa em suas postagens em seu *Twitter/X*. Medeiros e Andrade (2013) reforçam que “a escolha das categorias discursivas na ACD é guiada pela teoria, bem como pelo seu objetivo principal, o estudo crítico da reprodução discursiva da dominação social” (Medeiros; Andrade. 2013. p. 359). Tornou-se possível identificar padrões que se repetem dentro da construção discursiva – dentro do recorte que fizemos –, que confirmam estratégias que sustentam um projeto discursivo hegemônico, reafirmando sua posição de autoridade religiosa e política. Com base nessa observação e a fim de evidenciar aspectos como a escolha de adversários ideológicos, estratégias de mobilização social, política e religiosa, e a propagação de valores morais e conservadores, definimos e conceituaremos as categorias a seguir:

- *Estratégias Linguísticas*: recursos linguísticos – como metáforas, hipérboles e eufemismos–; adoção de termos pejorativos para ofender ou referir a grupos

ideológicos; omissão de acontecimentos e utilização de letras maiúsculas (*Caps Lock*²⁹/ caixa alta).

- *Proteção à família e invasão ao feminino*: enunciados que apresentam a comunidade LGBTQIAPN+ como responsáveis pela erotização infantil e ameaça à estrutura da família heteronormativa; falas sobre aborto e estupro que negam direitos e deslegitimam mulheres.
- *Territorialização do discurso*: utilização da lógica de oposição “Nós *versus* Eles”, onde existe a disputa – ideológica – marcando o outro como inimigo político, moral e/ou religioso.
- *Sensacionalismo, fake news e epistemicídio*: baseia-se em dar ênfase ou ocultar determinados argumentos; utilização de informações falsas ou distorcidas; desqualificação de saberes em nome de uma verdade supostamente universal.
- *Autoridade Pastoral*: postagens que colocam Malafaia na posição de pastor, evocando preceitos bíblicos.

Ao longo deste trabalho, foram coletados 49 *tweets* pesquisando por “feminino”, “aborto”, “macho”, “fêmea”, “mulher”, “homem”, “gay”, “LGBT” e “gênero”, através da ferramenta “busca avançada” no *Twitter/X*. Separamos os *tweets* selecionados, para que tenhamos visualmente uma boa compreensão. É importante lembrar que encontramos o quadro de coletas dos *tweets* no *anexo 1*. A seguir, apresentaremos cada categoria individualmente, aprofundando seus critérios de idealização, exemplificando-os por meio da análise das postagens.

4.1 Estratégias Linguísticas

Entre as dimensões da ACD indicadas por van. Dijk (2015), a categoria “*Estratégias Linguísticas*” condiz com o eixo do discurso – enquanto prática textual e verbal. Ancorados nas “três metafunções da multimodalidade” (Farhat, 2022. p.436), que dispõe na composição da coesão e coerência dos textos. Nos atentamos também em compreender as formas pelas quais o poder se manifesta por meio da linguagem, especialmente na construção de sentidos que operam entre as relações de força estabelecidas no discurso. Dijk (2015) levanta um importante questionamento que precisamos reiterar:

²⁹*Caps Lock* é uma tecla no teclado que ativa ou desativa o uso de letras fixadas em maiúsculas. Na linguagem de redes sociais, quando se escreve com o Caps Lock ativado, dá a entender a mensagem como um grito, bronca, etc.

Que características os grupos de pessoas precisam ter para serem descritos como poderosos? (...) Poder nesse sentido não deve ser definido como o poder de uma pessoa, mas antes como o poder de uma posição social, sendo organizado como parte constituinte do poder de uma organização (Dijk, 2015. p. 21).

É importante percebermos que o discurso dominador é controlado por alguém de alguma forma, e que, “somente por meio dessa integração dessas dimensões é que os problemas sociais podem ser descritos, explicados e, especialmente, criticados com qualidade” (Medeiros; Andrade, 2013. p. 355).

Ao criarmos a primeira categoria, indicamos algumas características presentes como recursos recorrentes identificados nos *tweets* de Silas Malafaia, que os usuários da língua instituem na produção e compreensão do discurso (Medeiros; Andrade, 2013). Entre as principais recorrências que se encontram em suas proposições, destacam-se: o uso de metáforas – ao estabelecer relação de semelhança, mesmo que não tenham relação direta na realidade –, a utilização de hipérboles – dando maior força e intensidade à mensagem, isto é, causando impacto – o uso de eufemismos e a omissão – responsável por ofuscar pontos de instabilidade (Resende, 2019).

A adoção de termos pejorativos, que operam no campo da ofensa, como xingamentos, enfatizam as polarizações – onde os atores são definidos como “bons” e “maus” –, bem como contribuem para a formação de um modelo de evento enviesado (Medeiros; Andrade, 2013). Por fim, a utilização de letras maiúsculas – caixa alta – (uso de *Caps Lock*), que reforça, no ambiente virtual, a intenção de chamar atenção e imprimir intensidade no que está sendo dito, como Gualberto e Santos (2019) explicam “na fala, a intensidade (aspecto não material) pode ser marcada pela altura e pelo tom de voz (aspectos materiais), na escrita, pode ser materializada por fontes em negrito ou em caixa alta” (Gualberto; Santos, 2019. p.9). Para constatar essa categoria, trouxemos uma postagem realizada por Malafaia, no *Twitter* no dia 26 de outubro de 2019, no qual o pastor da ADVEC dizia:

BENEDITA! PARA DE FALAR ASNEIRA! No estádão ela diz que a Bíblia fala de gênero. ABSURDO! A Bíblia fala de macho e fêmea, um foi feito para o outro, ã fala de bissexuais ou andrógenos. Gênero masculino e feminino, só na gramática. Sexo masc e fem cientificamente comprovado.

Nos *tweets* o alvo é a deputada federal Benedita Souza da Silva Sampaio (PT). O pastor inicia seu pronunciamento colocando o nome de Benedita seguido da frase “pare de falar asneiras” em caixa alta, indicando uma violência simbólica camuflada de “debate” público, funcionando como imposição de autoridade e agressividade verbal. Podemos apontar também uma tentativa de silenciamento que ridiculariza e desmerece uma mulher negra e

parlamentar, que, por não seguir a mesma conduta religiosa e discursiva de Malafaia, tem sua fala deslegitimada e hostilizada. Inviabilizando a possibilidade da existência de outras interpretações bíblicas, o pastor demonstra uma tentativa de monopolizar a interpretação das leituras religiosas, reivindicando o saber absoluto – em outra postagem no mesmo dia, o pastor usa o termo “aprende Benedita!”. Demonstra repúdio ao conhecimento produzido por campos como a sociologia e estudos de gênero, por exemplo, naturalizando a heterossexualidade, supondo um modelo único – “sexo masculino e feminino cientificamente comprovado” –, reforçando a visão heteronormativa excludente.

O discurso homofóbico do pastor insiste em invalidar as diversas identidades sexuais. O religioso expressa um enredo de simplificação para invalidar discursos sobre gênero, “a interpretação de um texto é sempre dependente da mentalidade e das preocupações de seus leitores. Estes últimos dão uma atenção privilegiada a certos aspectos e, sem mesmo pensar, negligenciam outros” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993). Primeiramente que essa argumentação – “A Bíblia fala de macho e fêmea, um foi feito para o outro, não fala de bissexuais ou andrógenos” – é compartilhada socialmente por inúmeras pessoas, além de ser uma forma simbólica de sustentar relações assimétricas de poder – *modus operandi* da ideologia (Resende, 2019). Ainda sobre o fortalecimento do discurso coletivo que deslegitima a existência da pluralidade de gêneros, Resende (2019) reforça que:

Há duas estratégias de construção simbólica relacionadas à unificação: a padronização – adoção de um referencial padrão partilhado – e a simbolização – construção de símbolos de identificação coletiva (Resende, 2019. p. 51).

A apropriação do discurso científico reforça exclusões, reafirma a dominação cristã patriarcal e mantém o engajamento nas redes sociais com discursos de ódio e intolerância, não só para pessoas LGBTQIAPN+ – que têm suas vidas perseguidas e não reconhecidas –, como também à Benedita, por ter uma hermenêutica distinta – como se teologias diferentes precisassem ser apagadas, “isso impede o diálogo com uma concepção mais ampla das relações entre a cultura e a fé.”(Pontifícia Comissão Bíblica, 1993).

Outro exemplo onde Malafaia faz uso de hipérboles e de *Caps Lock*, tensiona e polariza o discurso, foi postado no dia 18 de agosto de 2018:

ATENÇÃO EVANGÉLICOS! Marina Silva é mais esquerdopata do que qualquer outra coisa. Mais uma vez se nega no debate a defender fundamentos da nossa fé. Não se posicionou sobre aborto e liberação das drogas. DISSIMULADA! UMA VERGONHA!

Nessa fala, o discurso do pastor inicia convocando o grupo pelo qual representa: “atenção evangélicos!” – em caixa alta, para não haver dúvidas, Farhat (2022) argumenta que

“um texto é a ocorrência concreta de escolhas semioticamente relevantes que “ressoam” com elementos situacionais definidos culturalmente, configurando uma unidade de significação integrada internamente” (Farhat, 2022. p.438). Compreendendo o lugar de privilégio que exerce, Malafaia direciona seu ataque durante o período eleitoral de 2018 contra a então candidata à presidência da república (e atual Ministra do Meio Ambiente) Marina Silva (REDE): “Marina Silva é mais esquerdopata do que qualquer outra coisa.”, atribuindo a ela, o adjetivo pejorativo “esquerdopata”, usado tanto para ofender seus antagonistas políticos e ideológicos – colocando-a ao lado pertencente ao mal e a imoralidade, características atribuídas a esquerda política e instantaneamente do lado “oposto” ao seu–, quanto para desqualificá-la, deslegitimando seus posicionamentos e crenças. Sobre o termo “esquerdopata” Garrido (2021) argumenta que:

Malafaia emprega o termo “esquerdopata” que possui um sufixo de origem grega (-pata que vem de pathé) que entre seus usos pode significar o sofrimento de uma patologia, como o termo psicopata, que se utiliza do mesmo sufixo (Garrido, 2021. p.10).

Outro ponto de controle expresso pelo religioso, aparece quando a fé de Marina Silva é posta em prova: “mais uma vez se nega no debate a defender fundamentos da nossa fé”, colocando sua fé pessoal como parâmetro, pressupondo que o corpo cristão fosse homogêneo e ignorando a laicidade do Estado brasileiro. Esse posicionamento acomete indiretamente toda a pluralidade religiosa que pensa diferente dele.

Malafaia destaca uma suposta ausência de um assunto no qual, ele pauta regularmente, o aborto e a liberação das drogas – “não se posicionou sobre aborto e liberação das drogas”. Percebe-se que o pastor exclui discursivamente o problema das drogas e do aborto serem questões de saúde pública, que afeta em grande parte a juventude negra periférica, mas que é deixado fora do texto. Como explicam Medeiros e Andrade (2013) que a omissão é apenas uma propriedade relevante do discurso quando se pode mostrar que a informação omitida é parte do modelo mental ou de crenças mais gerais e compartilhadas socialmente que são necessárias ou podem ser usadas para produzir ou entender um texto. Por fim, o líder da ADVEC conclui seu *tweet* em caixa alta e usando termos pejorativos, chamando Marina Silva de “dissimulada!” afirmando que ela é “uma vergonha!”, utilizando da ferramenta para destacar as ofensas atribuídas, bem como, mostrando sua superioridade – seja por ser pastor, seja por ser homem–, criando uma narrativa do qual aqueles que não são conservadores, são moralmente falhos. Farhat (2022) ressalta que espera-se que o texto seja lido em uma única ordem, sendo imutável.

Mesmo que a primeira categoria esteja ancorada no eixo do discurso, podemos perceber que ela também contribui no eixo cognitivo, visto que a escolha das palavras podem influenciar nos modelos mentais produzidos (Medeiros; Andrade, 2013). Destacamos aqui um item muito relevante que é a repetição do uso de *Caps Lock* em 26 dos 49 *tweets* coletados, de palavras pejorativas em 20 das 49 postagens (incluindo os vídeos compartilhados), dentre as já citadas também estão: “imprensa gayzista”, “lixo moral”, “cretino”, “inescrupuloso”, “cretinas”, “abortistas”, dentre outros.

4.2 Proteção à família e invasão ao feminino

Para a categoria “*Proteção à família e invasão ao feminino*”, buscamos evidenciar enunciados que apresentam homofobia e transfobia implícitas e explícitas, deslegitimando a luta e problemas referente à comunidade LGBTQIAPN+. Evidenciamos também, discursos em que o pastor atribui a causa da erotização infantil à questões relacionadas à gênero e/ou sexualidade, além de postagens que tragam um discurso sobre a aparente ameaça em favor da destruição da família heteronormativa. Com relação à invasão ao feminino, apontamos as manifestações que anulam os direitos das mulheres, a usurpação de argumentos sobre aborto e estupro que não apenas ferem, como silenciam os corpos femininos.

Percebemos a deslegitimação do lugar de fala de mulheres na postagem publicada no dia 01 de fevereiro de 2019, em que o pastor diz:

ABORTO É QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA? O aborto em si, seja ele legal ou ilegal, produz questões de saúde pública. As mulheres que dão à luz não produzem esses problemas. O pequeno bebe no útero materno ã é prolongamento do corpo da mulher, na gestação, ele é o agente ativo.

Quais são as questões de saúde pública que o pastor acredita existir, senão sobre as mulheres? Utilizando caixa alta, inicia seu *tweet* em tom de desconfiança – “aborto é questão de saúde pública?” – problematizando o campo legítimo de discussão sobre saúde da mulher e o aborto, o pastor nega a centralidade do assunto no debate. Ao desviar a centralidade e ignorar a complexidade do assunto, o pastor desconsidera problemas como gravidez na adolescência, violência sexual e estupro, maternidade solo, entre outras condições, ao afirmar que – “as mulheres que dão à luz não produzem esses problemas” – então, sabendo que as mulheres não causam problemas mas são diretamente afetadas por eles, quais são os problemas que Malafaia considera pautável na pasta de saúde pública? Ao ignorar questões como os milhares de óbitos por abortos clandestinos, e esses mesmos serem em maioria de

mulheres negras e periféricas, Malafaia usa da operação ideológica que Thompson (2011) evidencia como nominalização e passivização – concentradas no modo reificação:

(...) apagam os atores e a ação e tendem a representar processos como coisas ou acontecimentos que ocorrem na ausência de um sujeito que produza essas coisas. Elas também tendem a eliminar referências a contextos espaciais e temporais específicos, através da eliminação de construções verbais, ou narrando-os num gerúndio. Esses e outros recursos gramaticais ou sintáticos podem, em circunstâncias particulares, servir para estabelecer e sustentar relações de dominação através da reificação de fenômenos sócio-históricos (Thompson, 2011. p. 88).

Ou seja, ao desconsiderar o aborto como um problema social, ele demonstra o negacionismo catacterístico de pautas cristãs-conservadoras, ao escolher olhar pelo viés moral religioso, invisibilizando o sofrimento e abandono social das mulheres e seus contextos sociais. Implicitamente, Malafaia culpabiliza mulheres que abortam, adotando um posicionamento moral e misógino também perceptível no *tweet* publicado no dia 22 de setembro de 2023 (*anexo T*), onde diz que “aborto é matar uma vida”.

Quando continua seu pensamento afirmando que o feto é independente –“o pequeno bebê no útero materno não é prolongamento do corpo da mulher” –, ele também descarta questões biológicas, alegando uma falsa separação entre a gestante e o feto. Ao ser incoerente na sua fala, o pastor propositalmente desloca o foco da decisão de gerar, como se a questão fosse externa à mulher. Se na gestação, o feto “é o agente ativo”, qual é o papel da mulher no processo de gerar? Qual é a legitimidade que um homem, líder religioso, sem útero e sem vivência direta da gravidez, quer impor sobre corpos que ele não habita? Ou, como indaga Dijk (2015), quem define o que é legítimo em primeiro lugar?

Observamos que esse discurso advém de um projeto de dominação patriarcal e religiosa que controla os corpos das mulheres, a serviço de proibir o direito de escolha e manter a hegemonia. Malafaia ao reforçar a criminalização do aborto ao omitir os impactos produzidos pela ilegalidade, “cobre igualmente os vários tipos de abuso de poder comunicativos, tais como a manipulação, a doutrinação ou a desinformação” (Dijk, 2015. p. 28). Esse discurso dominador silencia as mulheres, nega a elas o direito ao acesso ao debate público, além de perpetuar a dominação masculina que protege um projeto ideológico religioso.

De maneira semelhante ocorre na postagem do dia 12 de junho de 2019, na qual o pastor deslegitima a imprensa e exterioriza sua homofobia sustentando-se em argumentos que demonstra sua contradição, para defender os valores morais da família heteronormativa. No *tweet* ele diz:

IMPRENSA GAYZISTA! O caso do casal Nardoni e do menino Bernardo, tiveram ampla cobertura da imprensa, por muitos dias. O caso do assassinato brutal, contra

uma criança, cometido por um casal de lésbicas, é vergonhosamente escondido!
IMPrensa PARCIAL, DEFENSORA DA CAUSA GAY!

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, “O número de assassinatos de crianças e adolescentes segue sendo um problema grave, somando quase 2.489 mortes no ano, mantendo um patamar de quase sete casos por dia” (Reinach; Barros, 2023. p. 198). No empenho pela “defesa da família”, Malafaia revela a incoerência usada para promover suas pautas ideológicas e religiosas: primeiramente, não utiliza seu lugar de privilégio para destacar a gravidade dos dados – que talvez, nem saiba. Segundo, ao usar o crime brutal contra o menino Rhuan Maycon³⁰, o pastor utiliza outros dois exemplos (Isabela Nardoni e Bernardo) como argumento. Entretanto, sua própria afirmação, revela que grande parte dos crimes contra crianças – que são televisionados – são cometidos por casais heterossexuais. Antes de tudo, é importante frisar a importância da punição desses crimes bárbaros, independente de quem os cometa. Outro ponto que vale ressaltar, é que assassinos não possuem características padronizadas, portanto, podem ser cristãos, lésbicas ou de qualquer outra religião e/ ou orientação sexual, prova disso, é o fatídico caso dos Nardoni – família heteronormativa.

Quando analisamos a postagem em si, iniciamos o destaque para a expressão “imprensa gayzista”, nomeação ideologicamente pejorativa, que deslegitima a imprensa como fonte segura de informações, acusando-a de fazer coberturas enviesadas – militantes à causa LGBTQIAPN+. Logo, ao se estabelecer esse tipo de associação, se fortalece a imagem de um inimigo simbólico, que ameaça a sociedade cristã conservadora. Podemos destacar nesse debate, outros *tweets* que atacam a imprensa da mesma maneira, como a postagem do dia 20 de dezembro de 2019 (*anexo AC*), que cita pessoas gays como “cambada de cretinos” e afirma que a imprensa é “podre”, “que escondem a verdade para enganar o povo”. E também o *tweet* do dia 25 de maio de 2019, em que o pastor afirma que:

A VERDADE É ABSOLUTA! Se as manifestações de amanhã fossem em favor da causa gay, feministas, aborto, liberação de drogas e agenda dos esquerdopatas, a imprensa já estaria noticiando a alguns dias de maneira positiva. Como é a favor do governo Bolsonaro, ou se calam ou criticam.

³⁰ O corpo de Rhuan Maycon foi encontrado na madrugada do dia 1º junho de 2019, esquartejado, dentro de uma mala deixada na quadra QR 425 de Samambaia, no DF. As partes da vítima foram localizadas por moradores da região. Filho de Rosana, o menino foi morto e teve o corpo esquartejado pela mãe e pela companheira dela, em 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/25/caso-rhuan-maycon-mae-e-companheira-que-esquartejaram-menino-comecam-ser-julgadas-no-df.ghtml>. Acesso em: 25 Abr. de 2025

Pressupomos que esse tipo de ligação também contribui – ainda que indiretamente – para a descredibilização de veículos de notícia para temas futuros, tendo em vista que a manipulação se centrará em grupos de pessoas, e não em indivíduos (Dijk, 2015).

Nessa perspectiva, percebemos a manobra do líder Malafaia em afirmar uma parcialidade midiática – “O caso do casal Nardoni e do menino Bernardo, tiveram ampla cobertura da imprensa, por muitos dias” –, ao mesmo tempo que acusa a mesma imprensa de omitir o caso do menino Rhuan – “O caso do assassinato brutal, contra uma criança, cometido por um casal de lésbicas, é vergonhosamente escondido!”. Essa alegação sugere que há proteção midiática à comunidade LGBTQIAPN+.

Quando Silas Malafaia chama a imprensa de “parcial” e “defensora da causa gay”, ele segue empregando o uso de caixa alta para ressaltar o discurso disfarçado de denúncia moral – ainda que a imprensa fosse de fato, defensora dos direitos LGBTQIAPN+, nada teria ligação com os crimes por ele comentados. Reduzindo o trabalho da imprensa a uma polarização infundada, reforçando estereótipos que ligam a homossexualidade a um comportamento criminoso e imoral, legitimando a homofobia estrutural com a justificativa de que são pessoas ameaçadoras em potencial.

A denúncia, afinal, é pela ampla cobertura que a imprensa fez aos crimes cometidos por casais heterossexuais, ou pelo outro crime ter sido cometido por um casal homoafetivo? A suposta “defesa pela família” e da inocência das crianças, é contraditória, visto que quando o pastor usa um caso trágico para atacar veículos –que ele não define quais, ou quem –, ele ataca os opositores de suas ideias. Silas Malafaia aproveita seu espaço virtual e poder discursivo para manipular percepções que como Medeiros e Andrade (2013) expõem, ajuda a construir modelos enviesados a respeito do caso. Aproveitar seu espaço e lugar de fala enquanto homem, branco e religioso, deveria ser a proposta ao abrir espaço para o debate e prevenção, a fim de proteger as crianças e evitar outras novas tragédias. Contudo, é relevante observar que o pastor segue usando a figura de uma criança brutalmente assassinada para fundamentar sua indignação aos casais homoafetivos, induzindo a revolta e incentivando a ideia de perseguição. Cabe ainda salientar que a criança em questão – que não teve o nome citado –, nunca foi o centro do debate, e sim, um mero instrumento retórico, para que o pastor pudesse expressar sua homofobia.

De modo semelhante, ocorre com os *tweets* dos dias 24 de janeiro de 2019 e 13 de julho de 2021 (figuras 1 e 2), nas quais o pastor delibera sobre ideologia de gênero:

Figura 1: *Tweet* de Silas Malafaia sobre ideologia de gênero



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

Figura 2: *Tweet* de Silas Malafaia sobre vídeo de Alexandre Isquierdo



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

No exemplo em questão, o pastor da ADVEC assume o papel de defensor do que ele mesmo apresenta como uma ameaça à família e às crianças: a ideologia de gênero – palavra-chave da base cristã-conservadora. Na figura 1 (*anexo Q*), Silas define a ideologia de gênero como,

(...) uma crença, e não uma ciência, que afirma que os dois sexos, masculino e feminino, são uma construção social e cultural. Na verdade, a ideologia de gênero defende a ausência de sexo e enfatiza a relação entre pessoas do mesmo sexo.

E constrói a ideia de um inimigo a combater:

A ideologia de gênero cumpre os interesses dos esquerdopatas, que entenderam que o último reduto de autoridade é a família. Então, eles trabalham para destruir a família a fim de conseguirem exercer domínio sobre a sociedade de modo mais fácil. Fazem isso porque existe uma autoridade estabelecida no seio familiar, instituída por Deus.

Assim como na análise anterior, Malafaia foca na infância, na inocência das crianças e na família tradicional heteronormativa como estratégia mobilizadora, escudo moral e incitação à homofobia. van Dijk (2015) explica que “a manipulação, assim, centraliza-se na formação ou na modificação das representações mais gerais, socialmente compartilhadas – tais como atitudes e ideologias – sobre importantes questões sociais” (Dijk, 2015. p. 246). É

através da criação de um inimigo, que incita uma reação coletiva ao convocar as pessoas a posicionarem-se contra essa ameaça – “posicionem-se contra a ideologia de gênero!”. Em outra postagem, no dia 15 de outubro de 2020 (*anexo AW*), o pastor Silas insiste em atribuir responsabilidades à esquerda política brasileira: “Partidos de esquerda são a favor da ideologia de gênero e estão contra que as mulheres sofram estupro denunciem estupradores. Entenda essa questão”.

Essas expressões – “partidos de esquerda são a favor da ideologia de gênero” – identifica como uma convocação à prática homofóbica, ao incitar seus seguidores a se oporem a algo pouco explicado mas extremamente estereotipado, apelando para o que Medeiros e Andrade (2013) definem como cognição social compartilhadas pelas coletividades: conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores. No segundo *tweet* (figura 2), o pastor compartilha um vídeo de 23 segundos. No vídeo compartilhado (transcrição completa no *anexo N*) na sua conta do *Twitter*, o vereador Alexandre Isquierdo Moreira (DEM) diz o seguinte:

Olha aí gente, mostrar aqui pra vocês uma vergonha, covardia com as nossas crianças. Lembra do Ken? É, o que faz casal com a Barbie? Pois é. Ken? Quem te viu, quem te vê. Roupinha de sereia, pra crianças acima de 3 anos. Com cores LGBT, arco íris... uma covardia com as nossas crianças. Onde é que isso vai parar? Fora ideologia de gênero.

Ainda que, de modo geral, as pessoas desconheçam o que significa “ideologia de gênero”, a ideia construída em seus imaginários, já está diretamente ligada a questões de imoralidade e destruição. A repetição da expressão, sem o devido esclarecimento, é proposital para que emerga e fortaleça noções de medo de um suposto inimigo – como o medo do comunismo, por exemplo.

Dado o papel fundamental dos modelos mentais para a fala e para a compreensão, pode-se esperar que a manipulação vise especialmente a formação, a ativação e os usos de modelos mentais na memória episódica. Se os manipuladores estão pretendendo que o receptor compreenda um discurso como *eles* o veem, é crucial que o receptor forme os modelos mentais que os manipuladores desejam, restringindo assim a liberdade de interpretação desse receptor ou, ao menos, reduzindo a probabilidade de que entenda o discurso contra os interesses dos manipuladores (Dijk, 2015. p. 244).

A homoafetividade é associada diretamente à infância, estratégia retórica que apresenta o afeto LGBTQIAPN+ como sinônimo de sexualização e perversidade. Erotização e perversão são imputadas a esses sujeitos, sem fundamentação — perpetuando estigmas —, “Para “lutar” contra a nefasta influência (...) da “ideologia de gênero” os evangélicos precisariam se manifestar e usar seu poder como eleitorado para se posicionarem com o

espectro político de direita que defenderia as pautas conservadoras”(Garrido, 2021. p.9). Essa movimentação, desvia a atenção de violências reais, como pedofilia e abuso sexual infantil dentro do núcleo familiar, sobre os quais tanto o líder religioso quanto o vereador – defensores da causa– silenciam. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública também aponta que, os crimes de pornografia infanto-juvenil e exploração sexual infantil com vítimas de 0 a 17 anos, tiveram aumento nos seus números absolutos de 7,0% e 16,4%, respectivamente (Reinach; Barros, 2023. p.190).

Outro ponto que merece ser mencionado é a estratégia em associar a ameaça à infância à homoafetividade. Visto que, no interior do discurso político-religioso construído à base dessa falácia, encontra-se a intenção deliberada de desinformar, legitimar práticas discriminatórias e de corroborar com a exclusão de pessoas LGBTQIAPN+ de espaços escolares, sociais e familiares, em nome da proteção da família. Como expõe Garrido (2021), “para alimentar a narrativa usada por lideranças religiosas, a pedra angular colocada como objeto iminente de risco é a família tradicional”(Garrido, 2021. p.8).

Esses argumentos, servem como alicerce para a criação de políticas públicas excludentes e homofóbicas, que não apenas afetam diretamente essa comunidade, como também comprometem a conscientização familiar e escolar voltada à proteção e defesa familiar contra os verdadeiros pedófilos e abusadores. Ao refletirmos sobre esses fatos abomináveis, podemos encarar algumas questões centrais: defensores da família atribuem à comunidade LGBTQIAPN+ a responsabilidade que eles mesmos ocultam de famílias “tradicionais”; como defensores, de fato, não defendem absolutamente nada, sequer, promovem a proteção da criança e do adolescente contra perigos formados no âmago familiar, no seio da igreja e em outras instituições sociais; e como liderança religiosa, Silas Malafaia não apresenta ações de conscientização e enfrentamento a abusos reais.

O debate que omite completamente questões sobre violência doméstica, abuso sexual e negligência familiar e que transfere a culpa para um inimigo simbólico externo, utilizando expressões como “vergonha”, “covardia” e tom coloquial – sem nomear sujeitos –, apelam diretamente à emoção do receptor. Esse desvio na narrativa é definido por Thompson (2011) como dissimulação:

Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes. (Thompson, 2011. p. 83)

Quando observamos o discurso compartilhado do vereador Alexandre Isquierdo Moreira, percebemos que a “figura masculina” – visivelmente fragilizada por um boneco – é

tratada como algo natural cujo questionamento é visto como destrutivo. A ideia de que há uma conspiração contra a inocência e integridade das crianças é estabelecida quando a frase “covardia com as nossas crianças” é repetida. Ainda que o sentido do vereador seja demonstrar resistência às “mudanças”, sua fala demonstra a vulnerabilidade de uma masculinidade irretocável, tal como, a fragilidade das relações, da educação – e o fortalecimento do obscurantismo.

O brinquedo é apresentado como dispositivo de erotização e de hipersexualização infantil, mesmo sem qualquer evidência científica e judicial a respeito. Firmam a necessidade da preservação de uma masculinidade tradicional – reforçando a rigidez do gênero, tendo a figura masculina como inquestionável – que por si, além de violenta, é limitante. Saffioti (1987) explica a questão a partir do modelo do dominador macho, branco, adulto e rico - deve-se acrescentar a característica de ser heterossexual. A “ameaça” inimiga contra a heteronormatividade e à inocência infantil, se encontram na “roupa de sereia” e nas “cores do arco-íris” apontadas pelo vereador do partido Democratas.

A estratégia de espetacularização do conteúdo, com tom de denúncia e indignação moral – “trabalham para destruir a família”, “querem destruir a qualquer custo a figura masculina” e “eles trabalham para destruir a família a fim de conseguirem exercer domínio sobre a sociedade de modo mais fácil” – influenciam na prevalência da ideologia cristã, constrói argumentos sem comprovação racional e fortalecem na idealização de um inimigo ficcional. Como aponta Medeiros e Andrade (2013), isso significa que a escolha dessa palavra pode influenciar a formação de macro “nós”, Garrido (2021) complementa dizendo que:

Palavras como “destruir” demonstram mais uma vez uma semântica vinculada à guerra e disputa, colocando em oposição o marxismo cultural com os valores de uma sociedade judaico-cristã, uma relação do nós contra eles que cobra implicitamente o posicionamento e a defesa em um dos lados. (Garrido, 2021. p.12)

A moral cristã é usada como bússola absoluta – “Nós, cristãos, não podemos aceitar essa estratégia que visa destruir a família e erotizar as nossas crianças.” Reforçando a polarização de uma problemática atribuída a esquerda política, que determina os cristãos como o grupo “correto”, tem como estratégia de manipulação a repetição de palavras “esquerdopatas” e “Fora ideologia de gênero!”, funcionando como palavras de ordem que determinem o inimigo ficcional e as “vítimas” desses alçózes:

(...) a repetição da palavra (...) representam conceitos profundamente relacionados à fundação e à prevalência da ideologia (...), é necessário que seja demonstrado que os direitos individuais estão sendo violados (...) associar o “nós” e a nossa posição a algo bom e legítimo (Medeiros; Andrade, 2013.p. 362).

Assim como em outros *tweets*, observamos o silenciamento sobre violências reais e perigos que verdadeiramente afetam crianças como abuso, abandono ou qualquer tipo de negligência familiar. A indignação seletiva revela que a apreensão da “ideologia de gênero” e do boneco com “roupa de sereia” estão ancoradas em um posicionamento ideológico que tem como objetivo combater a diversidade, ainda que para isso, seja preciso usar a proteção à infância e a família como palanque discursivo.

4.3 Territorialização do discurso

Percebemos na trajetória das categorias, que os *tweets* do líder evangélico Malafaia nunca são atribuídos individualmente a apenas uma categoria. A análise anterior, por exemplo, caberia abordá-la na categoria “*Territorialização do discurso*”, que iremos abordar agora. Essa categoria observa a constante utilização da lógica de oposição “Nós *versus* Eles”, para definir inimigos e polarizar não apenas as redes sociais –já polarizadas – como tensionar relações, com o incentivo ao ódio e perseguição gratuita. Demonstramos que essa dinâmica, expõe disputas ideológicas, demarcando inimigos políticos, morais e religiosos do pastor e da causa que ele defende.

No *tweet* do dia 26 de junho de 2020, o pastor Silas Malafaia, demonstra como a polarização por meio do discurso ajuda a construir modelos mentais enviesados a respeito do caso (Medeiros; Andrade, 2013).

UMA VERDADEIRA CAÇADA! Quem não apoia ideologia de gênero, casamento gay, aborto, liberação de drogas, está sendo amordaçado pelo ditador da toga Alexandre de Moraes. A liberdade de expressão sendo jogada no lixo. MINISTRO CRETINO! INESCRUPULOSO!

Mesmo que o pastor negue seu cunho bolsonarista (dado que Silas Malafaia, se declara publicamente como conselheiro de Jair Bolsonaro, mas não se considera bolsonarista), sabemos que essa retórica auxilia na determinação de uma divisão política-social, que visa o ataque às instituições democráticas como estratégia. A construção do discurso em voz passiva – “uma verdadeira caçada!”, “quem não apoia (...) está sendo amordaçado” – constrói uma narrativa de perseguição e vitimização que coloca o grupo ao qual Malafaia pertence como vítima de censura. O inimigo ficcional que já mencionamos em outras análises – sem nomes e rostos –, toma personificação: Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, que recebe nomes como “cretino” e “inescrupuloso”, que desumanizam e atacam sua autoridade. O ministro é responsabilizado por uma suposta

“ditadura da toga”, que limita a “liberdade de expressão” de cristãos como Silas Malafaia. Medeiros e Andrade (2013) demonstram que essa ação comunicativa tem como objetivo persuadir leitores, logo, essas acusações contribuem para o acaloramento político social, que disputa não apenas espaços digitais e políticos, mas também territoriais³¹. Como outra estratégia da ideologia, está o tropo, que entendemos quando, para não mencionar o nome do Ministro, Silas o menciona como “ditador da toga” que Thompson (2011) explica:

Entre as mais comuns de tropo estão (...) a metonímia. A metonímia envolve o uso de um termo que toma o lugar de um atributo, de um adjunto, ou de uma característica relacionada a algo para se referir à própria coisa, embora não exista conexão necessária entre o termo e a coisa à qual alguém possa estar se referindo. (Thompson, 2011, p. 84-85)

O termo “liberdade de expressão” sempre é acionado como reafirmação de que há um silenciamento dos conservadores sempre quando expressam discursos de ódio ou antidemocráticos, que por ventura, recebem menções constitucionais. Nessa disputa de espaço discursivo – internet – , Malafaia se mostra defensor da liberdade, enquanto o oponente –inimigo ficcional – é Moraes. Medeiros e Andrade (2013) afirmam que essas interpretações são pessoais, subjetivas, enviesadas, incompletas ou completamente imaginárias. Portanto, a crítica ao ministro não é acompanhada de qualquer argumento técnico ou judicial, buscando em sua crítica, indignação através do convencimento – característicos de discursos polarizadores que alimentam conspirações antidemocráticas.

Outra amostra clara em que Malafaia demonstra sua intolerância e controle sobre o espaço virtual e escolhas individuais, priorizando a sua própria visão da religião, foi *tweetado* no dia 09 de agosto de 2018:

Como sempre, Marina se omite em dizer que é contra o aborto. QUE EVANGÉLICA É ESSA! Omissa! Não merece o voto dos cristãos.

Podemos levantar que Malafaia demonstra exercer direitos sobre as vontades de Marina Silva, dos corpos femininos e daquilo que mulheres acreditam. Sobretudo, demonstra entre linhas, o controle desses corpos como um todo, dado que, defende a criminalização do aborto, como se o assunto não fosse de interesses das mulheres que engravidam. Esse tipo de comentário – “Marina se omite em dizer que é contra o aborto” – reflete a dominação do

³¹ Exemplificamos a disputa de espaço territorial com o atentado do dia 8 de janeiro de 2023, onde milhares de bolsonaristas foram até a Praça dos Três Poderes, invadiram as sedes do executivo, do legislativo e do judiciário e destruíram tudo o que viram pela frente, por não aceitarem os resultados das eleições presidenciais de 2022.

patriarcado: “mujeres no blancas; mujeres víctimas de la colonialidad del poder e, inseparablemente, de la colonialidad del género” (Lugones, 2008. p.57), que controla a postura de mulheres em ambientes religiosos, sociais e políticos, delimitando sua autonomia. “Assim, além de expressar com firmeza uma ideologia neoliberal conservadora, (...) também professa uma ideologia sexista por excluir verbalmente as mulheres” (Medeiros; Andrade, 2013. p. 363).

Quando o líder da ADVEC questiona a conduta religiosa de Marina Silva – “que evangélica é essa!” – demonstra um comportamento manipulador. Ao deslegitimar a fé de Marina por ela não pensar como ele, Malafaia recorre ao que van Dijk (2015) define como “prática discursiva de grupos dominantes que servem à reprodução do seu poder” (Dijk, 2015. p. 237). Ou seja, ele utiliza sua autoridade religiosa para impor uma visão única da fé evangélica, associando discordâncias a desvios.

Esse episódio, ocorrido durante o período eleitoral de 2018, é mais um exemplo de como o pastor contribui implicitamente para a polarização, ao pressionar Marina Silva a se posicionar sobre tópicos que ele, estrategicamente, define como pertinentes. Trata-se de uma tentativa de homogeneizar o discurso religioso e moral, silenciando perspectivas divergentes. Essa postura não se limita ao contexto eleitoral. Pelo contrário, ela se repete com frequência como forma de sustentar a polarização política estabelecida nos anos anteriores. Um exemplo disso está no *tweet*³² publicado no dia 15 de fevereiro de 2022 (*anexo F*), em que afirma: “o ativismo gay quer controlar o pensamento e a opinião”, definido um controle sobre as mentes, enfatizando a polarização (Medeiros; Andrade, 2013), isto é, uma lógica de conflito e de antagonismo entre grupos sociais.

Retornando ao foco deste tópico, o pastor desqualifica Marina Silva – “omissa!” – determinando não apenas uma divisão política, como também estabelecendo seu controle pastoral e influência sobre o público evangélico – “não merece o voto dos cristãos”. Essa polarização ostensiva coloca Marina na posição de “eles”, lado oposto dos cristãos-cidadãos de bem, renovando o aspecto de inimigo ficcional – agora com nome e personificação. A partir desse discurso, Malafaia constrói uma identidade distorcida de Marina Silva, esvaziando sua trajetória política e sua individualidade religiosa, para enquadrá-la como inimiga dos valores cristãos que o pastor afirma representar. Alvaro e Araújo (2021) explicam que, quando se tem o poder ideológico de criar a história dos sujeitos independentemente deles mesmos, as identidades que lhes são atribuídas são manipuladas. À vista disso, Marina

³² Referente ao vídeo do próprio pastor, intitulado “é errado dizer que ama ser mulher ou ser homem?” (transcrição do vídeo em anexo F).

Silva é simbolicamente reposicionada fora da comunidade cristã evangélica “legítima”, reforçando o controle ideológico e discursivo que o pastor exerce sobre seus seguidores.

A imagem criada para representar Marina Silva, contém outra camada que merece destaque, o racismo implícito. Embora o *tweet* de Malafaia não mencione diretamente a questão racial, o racismo implícito em sua desqualificação é evidente. Ao deslegitimar Marina Silva de maneira pública e violenta, o pastor não a ataca apenas como mulher, mas também a marginaliza em um espaço dominado por padrões raciais, em que mulheres negras, especialmente as que se posicionam politicamente, enfrentam uma luta constante pela validação de suas identidades e ideias. A generalização e o desrespeito podem causar efeitos deslegitimadores sobre mulheres, especialmente negras, principalmente no espaço de debate político, como demonstram Álvaro e Araújo (2021), nessa dialética entre opressão e ativismo, o direito de existir para as mulheres negras é um desafio e uma luta diária.

Ao lançar dúvidas sobre a fé e valores de Marina Silva, através da desinformação – ao colocá-la como não merecedora dos votos evangélicos, apesar de ser evangélica –, Malafaia aponta para o discurso moralista. Esse discurso reflete uma hegemonia, a direita evangélica, que impõe normas em busca de manipular a opinião pública, conduzindo o pastoreio para aquilo que lhe é representativo: Jair Messias Bolsonaro. Diferente de Marina Silva – uma mulher negra, nortista, que defende pautas contrárias à extrema-direita –, Bolsonaro possui características que sejam representativas à figura hegemônica que o pastor espelha. Malafaia, como apresenta Amorim (2017), tem como marca a imposição de consciência de voto, persuadindo fortemente sua audiência contra pessoas e partidos que apoiam pautas à esquerda ou progressistas.

Contudo, observamos que, embora o pastor evangélico exerça controle direto principalmente sobre o nicho específico – evangélicos conservadores que o acompanham nas redes sociais e telespectadores do seu programa na televisão –, essa influência pode ser mensurada a partir do engajamento demonstrado por esse público. Esse controle operacional se manifesta como formas comunicativas que ele utiliza para manipular seu público, apoiando-se no acesso preferencial a recursos sociais (Dijk, 2015). Ao influenciar direta ou indiretamente, as escolhas do eleitorado evangélico, esse controle funciona simultaneamente como ferramenta de reprodução do poder hegemônico – machista, heterossexual, branco, cristão conservador – e como um recurso para ampliar sua presença nos espaços digitais e políticos, como ressalta Melo (2021), trata-se de um aconselhamento, não de ordem religiosa, como era de se esperar - tendo em vista que o locutor é um pastor - mas de motivação política. Nesse processo político de controle, Dijk (2015) explica da seguinte maneira:

O “controle da mente” envolve muito mais do que apenas a compreensão da escrita ou da fala; envolve também o conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores, entre outros fatores que desempenham um papel na mudança de mentalidade das pessoas (Dijk, 2015. p. 20).

As narrativas de Silas Malafaia seguem um tom unificado, que fortalecem suas crenças morais –mesmo sem dados comprobatórios–, polarizam grupos através de argumentos deslegitimadores e pejorativos – fortalecendo o lado político-ideológico que defende–, além de induzir seu público através de ideologias – racistas, sexistas e homofóbicas.

4.4 Sensacionalismo, *fake news* e epistemicídio

Partindo da argumentação anterior, criamos a categoria “*Sensacionalismo, fake news e epistemicídio*”. Definida por percebemos a postura enviesada adotada por Malafaia, ao dar ênfase ou ocultar determinados argumentos, sem a utilização de dados científicos. Como ferramenta característica do bolsonarismo, utiliza de informações falsas ou distorcidas para embasar especulações em benefício próprio, desqualificando saberes em nome de uma verdade supostamente universal que ele defende. Esse mecanismo ativa diversas formas de mentalidade: aprendizagem, persuasão, manipulação ou doutrinação (Dijk, 2015), através de modelos mentais –estereótipos – já acionados e criados anteriormente.

Alguns exemplos que corroboram para essa análise incluem a sequência de postagens publicadas nos dias 17, 18, 20 e 21³³ (respectivamente) de agosto de 2020, onde o pastor referia-se ao caso da menina de 10 anos³⁴ que após ser estuprada por um tio, no Espírito Santo, teve a autorização para abortar.

17 de agosto de 2020:

VERGONHA! Ver alguns pastores sem conhecimento teológico, jurídico e científico, ficando em cima do muro, fazendo o jogo desse mundo podre no que tange a questão do aborto. ABSURDO! VERGONHA TOTAL!

Visando apelar para a sensibilização social, Malafaia não direciona a postagem apenas ao público evangélico, uma vez que não os menciona no início da mensagem. Sua intenção é

³³ Anexo: AM, Anexo: AL, Anexo: AK e Anexo: AY, respectivamente.

³⁴ Vítima, estuprada por um tio, foi atendida no Recife após negativa de atendimento na cidade capixaba onde vive, mesmo com aval da Justiça. Ativistas radicais gritavam “Assassino” na porta da clínica para que não se cumprisse a lei. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>>. Acesso em: 30 Abr. de 2025.

atingir a comoção popular mais ampla, ampliando o alcance para além do seu nicho. Nesse cenário, Silas se isenta de comprometer-se diretamente em conflitos pessoais com outros pastores, mesmo que, ao mesmo tempo, gere desconfiança dentro do próprio espaço religioso. Malafaia apresenta ambiguidade e generalização – “ver alguns pastores sem conhecimento teológico, jurídico e científico” – ao não especificar seus alvos críticos e demonstra a imposição de um pensamento unificado no campo religioso – “ficando em cima do muro” – ao criticar pastores que têm posições divergentes às dele. Atribuir falta de “conhecimento teológico, jurídico e científico” é uma maneira de deslegitimar qualquer autoridade religiosa que pense o contrário. Medeiros e Andrade (2013) explicam que frequentemente testemunhamos uma estratégia geral de “representação-positiva-de-si” e de “representação-negativa-do-outro”, em que as nossas coisas boas e as coisas ruins dos outros são enfatizadas.

Esse cenário revela-se ao despertar a desconfiança entre lideranças religiosas, colocando Malafaia como referência moral única e gerando uma polarização entre o bem e o mal. Nesse jogo discursivo, discordar dele equivale a alinhar-se com a “desvirtuação moral” – “com o jogo desse mundo podre” – , como ele mesmo afirma, o que faz com que estar com ele represente o lado do bem. A polarização construída por Malafaia, posiciona as lideranças religiosas que divergem de sua visão como opositoras dos “verdadeiros cristãos”, tratando-as como uma ameaça. Com isso, ele contribui para a criação de uma divisão ideológica e social entre aqueles que seguem a “verdade” e os que são rotulados como desviantes. Ao assumir o monopólio da verdade, o pastor utiliza dos saberes técnicos apenas quando servem para legitimar seus argumentos, capacidade atribuída a quem tem “acesso preferencial a – ou controle sobre – recursos materiais específicos, tais como capital ou terra, recursos simbólicos, tais como o conhecimentos, a educação ou a fama, ou a força física” (Dijk, 2015.p. 23).

Também é preciso evidenciar mais uma violação à vítima. Mais uma vez, uma criança é usada como palanque discursivo para o pastor, em uma situação humanamente intolerável. A violência – um caso de estupro que envolve aborto legal – que motivou a comoção de Malafaia, é omitida do discurso. Medeiros e Andrade (2013) apontam que tais aspectos do discurso dominante não apenas exercem o poder dominante, mas também se adaptam à construção de modelos mentais, logo, a centralidade da “crítica” não está na violência sofrida por uma menina. Isso escancara a apatia em operar o acontecimento em prol do uso político e simbólico – moral – do aborto.

Dando seguimento à sequência, para sustentar suas pautas políticas, morais e religiosas, Malafaia continua utilizando o caso de estupro, dessa vez, falando para o seu nicho.

ATENÇÃO EVANGÉLICOS! Mais tarde um vídeo sobre a questão do aborto baseado na ciência e na Bíblia. Vou falar como foi feito o aborto da menina. A casa das feministas vai cair, como também daqueles que falam baseados na emoção e não no conhecimento. QUENTÍSSIMO!

Diferente do primeiro *tweet*, nesse, o público alvo é demarcado – “atenção evangélicos!”. É notável perceber que a convocação do pastor, sempre se dá quando há confronto ou hostilidade com movimentos de oposição, a exemplo está a expressão usada “a casa das feministas vai cair”, demonstrando uma predisposição a reações que possivelmente o líder pode receber – e que talvez os fiéis estejam prontos para defendê-lo. Malafaia segue demonstrando não só o monopólio do conhecimento, como também omitindo o estupro de uma criança: “um vídeo sobre a questão do aborto baseado na ciência e na Bíblia”. Infelizmente, é a partir do corpo feminino que toda a encenação acontece, como se esse controle de “conhecimento” teológico se estendesse ao corpo da mulher, como aponta Rosado-Nunes (2006): “esse é o lugar a partir do qual começa a opressão e também o lugar a partir do qual se afirma a autonomia feminina. É a partir daí que se marca a posse masculina sobre as mulheres” (Rosado-Nunes, 2006, p. 301).

Nesse processo de desqualificação de outros argumentos que não sejam validadas por ele, Silas Malafaia garante que “a casa vai cair” para aqueles que estão em oposição, que “falam baseados na emoção e não no conhecimento”, atestando que vai desmascará-los e que argumentos em favor do aborto são irracionais e não científicos. O vídeo que o pastor menciona está indisponível em seu canal no *Youtube*.

Na dinâmica de invisibilizar a dor da vítima, o pastor escreve em tom sensacionalista que o vídeo será “quentíssimo!”, destacando em caixa alta. Para gerar engajamento em busca de uma indignação e polarização, Silas Malafaia é capaz de explorar o sofrimento alheio – “vou falar como foi feito o aborto da menina.” – invadindo uma privacidade já violada. É importante salientarmos que quando evidenciamos o silenciamento da vítima, não queremos dizer que o pastor deveria expô-la – visto que a situação já é uma hiper exposição –, e sim, que essa prática de silenciar, também é uma violência. É retirar de uma criança a dignidade que ainda lhe resta, de compreender sua dor, e decidir junto de seus pais o melhor a ser feito, sem tamanha exposição sem razão.

O líder da ADVEC demonstra uma superioridade racional, quando, na verdade, ele emprega elementos emocionais que visam reforçar sua narrativa, enfatizando suas estratégias ideológicas, por “serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio” (Thompson, 2011. p. 82). Como Thompson explica, a legitimação como um dos *modus operandi* da ideologia, o que fica perceptível, na linguagem sensacionalista em que opera, tratando a tragédia como munição política – atacando esquerda, feministas – e como entretenimento, criando uma narrativa de mulher *versus* mulher, como poderemos observar na postagem a seguir:

IMPERDÍVEL! IMPERDÍVEL! É DE ARREGAÇAR! Mulher fruto de estupro, sua mãe era adolescente quando aconteceu, rebate filhinha de papai que defende aborto. É DE ARREBENTAR! VÍDEO DAQUI A POUCO!

No uso repetido de “imperdível! imperdível! é de arregaçar!”, o pastor espetaculariza a tragédia, esvaziando a gravidade do tema. É estarrecedor observar a pauta “pró-vida”, que revela no espetáculo o quanto Malafaia despreza a vida concreta de uma criança – e a desumaniza. Nesse jogo de poder, o discurso expõe a face ardilosa do pastor: que sem empatia, a submete a violência de novo para reafirmar que a vida só é importante quando serve à conservação da própria autoridade. A tragédia que envolve o estupro de uma criança, é transformada em escarcéu por um líder religioso que, instrumentaliza a dor alheia para sustentar suas ideologias.

Um poder dominante pode se legitimar *promovendo* crenças e valores compatíveis consigo próprio; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* ideias que possam desafiá-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mais sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo (Eagleton, 2019. p.22).

O pastor Malafaia, converte uma situação brutal em escândalo de rede social, reduzindo o debate – que deveria ser ético e humano – em confronto político ideológico. Ainda nessa espetacularização, o pastor anuncia: “é de arrebentar! Vídeo daqui a pouco!”, transformando o tema em conteúdo imediatista, reforçando – e concluindo o *tweet* – em caráter performático, negligenciando a responsabilidade ética e a reflexão.

O estupro é o tipo de crime com maior número de registros contra crianças e adolescentes do Brasil. Em 2022 foram quase 41 mil vítimas de 0 a 13 anos, das quais quase 7 mil tinham entre 0 e 4 anos, mais de 11 mil, entre 5 e 9 anos, mais de 22 mil entre 10 e 13 anos e mais de 11 mil entre 14 e 17 anos (Reinach e Barros, 2023. p.190).

Silas Malafaia utiliza de um depoimento – “mulher fruto de estupro, sua mãe era adolescente quando aconteceu” – para embasar seu argumento de condenação á prática. Ainda que o testemunho seja legítimo, esse enredo ignora a pluralidade de experiências e as

diversas realidades de vítimas sexuais. Esse movimento silencia outras vivências e determina que a complexidade que envolve o direito ao aborto legal e a saúde pública das mulheres seja uma pauta desconsiderada. Ao compartilhar a história de uma sobrevivente, como estratégia argumentativa, o líder não demonstra cuidado com a dor envolvida, bem como, ignora a realidade em que muitas vítimas encaram a obrigatoriedade da gestação como uma continuidade da violência. Ainda no intuito de deslegitimar quem é a favor do aborto, Malafaia ridiculariza uma possível defensora – “rebate filhinha de papai que defende aborto” – insinuando que por ela falar de um lugar de privilégio, ela deva estar alheia a realidade violenta das mulheres. Esse tipo de discurso baseia-se em estereótipos de classe e gênero.

Figura 3: *Tweet* de Silas Malafaia sobre vídeo de mulher que é fruto de estupro



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

Ainda na tentativa de deslegitimar quem defende o direito ao aborto – “rebate falácia de garota que não entende nada do assunto” –, o pastor instrumentaliza uma fala feminina, que possa ajudá-lo à sua retórica pró-vida, como se uma experiência individual validasse todo seu argumento e unificasse todas as vivências de outras mulheres e meninas. No vídeo de 3 minutos e 20 segundos de duração, publicado na plataforma do *Youtube* no dia 20 de agosto de 2020 e compartilhado em seu *Twitter* no dia 21 de agosto de 2020 (*anexo AY*), (*áudio transcrito na íntegra no anexo E*) o pastor compartilha um vídeo em seu canal, feito por uma mulher que se chama LUANA PEREIRA DOS REIS SANTOS. Dentre alguns trechos, destacamos:

“A minha mãe aos 15 anos de idade, ela foi violentada, ela foi estuprada. E por causa disso tudo que aconteceu, a minha mãe decidiu não abortar, o amor venceu. Ela decidiu me amar, ela decidiu me criar.” (Santos, 2020, *online*)

Uma estratégia da legitimação, são os fundamentos racionais e os fundamentos tradicionais (Thompson, 2011). O discurso apresentado – “a minha mãe aos 15 anos de idade,

ela foi violentada, ela foi estuprada.” – demonstra uma narrativa trágica, que tenta se assemelhar através da tragédia, com a história da menina de 10 anos. Entretanto, existem algumas camadas que são omitidas nesta argumentação: uma menina de 15 anos – bem como uma de 10 – não estão em idade de maternar em hipótese alguma, bem como, não portam independência decisória; se uma mulher estuprada escolhe gestar, é uma escolha individual que não deve ser unificada à outras. O discurso emocional apela para a coerção – “a minha mãe decidiu não abortar, o amor venceu.” – exibindo um modelo de virtude, que está alinhado à narrativa do pastor, que reforça o dogma cristão, fazendo “apelo à legalidade de regras dadas” e “apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade” (Thompson, 2011. p. 82). O relato busca transformar a tragédia em redenção – “ela decidiu me amar, ela decidiu me criar.” –, escondendo a complexidade da pauta do aborto em casos de violência sexual. Essa retórica fortalece a autoridade moral – do conservadorismo, reforça o dogma cristão, apaga e silencia outras vítimas e determina que elas devem sofrer desde que mantenham a moral conservadora.

A retórica emocional que predomina no debate, coloca em evidência o discurso sobre a figura sobrevivente – como vantagem para moralidade defendida pelo pastor –, ao invés de abrir debate sobre o sofrimento de uma criança. No vídeo, Luana Pereira dos Reis Santos contesta uma jovem que argumenta em favor da legalização do aborto, Luana Pereira dos Reis Santos nos indaga: “só porque ela nasceu no fruto de amor e eu nasci do fruto de um abuso ela tem mais direito a vida do que eu? Será que eu não sou um ser humano igual a ela?”. Podemos apontar que não há nenhum tipo de equivalência entre o direito da criança e a vida de Luana. A manipulação é apontada ao silenciar a dor da vítima e substituí-la por uma performance onde a “vida” é colocada como exemplo absoluto, ignorando as diversidades psicossociais que permeiam o debate.

Obviamente, que o debate trazido pelo pastor precisaria de uma alusão religiosa, que é expressa ao final do vídeo:

“A minha oração, é que Deus guarde as crianças indefesas, assim como eu fui alcançada por essa misericórdia e por esse amor, que Deus alcance essas crianças que não sabem pelo que elas estão passando, mas que nós adultos sabemos, e a responsabilidade é nossa.” (Santos, 2020, *online*)

Deus é convocado para conceder autoridade moral ao argumento – e à oração. Ao colocar a religião no centro do debate, o ponto central é extraviado. A oradora sugere que crianças devem passar pelo mesmo percurso que ela e a mãe passaram – “assim como eu fui alçada por essa misericórdia e por esse amor” –, transformando uma experiência individual em uma norma coletiva. Ainda que o discurso pareça sensível – “que Deus alcance essas

crianças que não sabem pelo que elas estão passando" –, ele não responsabiliza diretamente os atores fundamentais –Estado e religião – por seus papéis na prevenção e conscientização, delegando à sorte ou à fé a interrupção da violência. Determinando de maneira abstrata –"nós adultos sabemos, e a responsabilidade é nossa" – essa atribuição. Mesmo que de fato, os adultos tenham que responsabilizar-se, também é omitido as especificidades dessa responsabilidade: proteger a vida já existente, oferecer apoio psicológico, permitir a interrupção da gravidez, conscientizar famílias. Nada é mencionado diretamente. O discurso mantém a estratégia de evitar o enfrentamento político da questão e a urgência de discutir sobre saúde pública e direitos reprodutivos, preferindo a comoção e a misericórdia divina.

Ainda sobre o referido vídeo, o pastor reporta-se outras vezes, esperando – não justiça – uma repercussão sobre toda a encenação, como Resende (2019) aponta, o próprio discurso apresenta-se como uma esfera da hegemonia. A violência intolerável, é revivida como espetáculo, repetidas vezes, ignorando as marcas psíquicas que ela transmite, principalmente por quem já foi atravessada por experiências semelhantes. O terror não tem fim. Sem acanhamento, Silas Malafaia persiste por quatro dias (17, 18, 20 e 21 de agosto de 2020) revisitando o caso, indiferente aos gatilhos e a exposição que milhares de meninas e mulheres se enxergam e se reconhecem diante da tragédia.

O pastor modifica suas formas, mas se repete em argumentos e acusações. Na postagem realizada no dia 21 de agosto de 2020, o líder afirma: “eu gostaria de ver a cara daqueles que apoiam o aborto depois de ouvir o depoimento dessa mulher, que é fruto de um estupro. Calados!”³⁵. Bem como já observamos, o método de Malafaia se ancora em polarizar situações. Neste caso, o *tweet* segue afirmando que a mulher – que o pastor não menciona o nome – “fruto de um estupro”, deve ser a representação da totalidade das experiências. Depositando no cenário politicamente polarizado –mais uma narrativa de bem contra o mal –, o antagonismo pró-vida versus direito legal ao aborto, onde segue apontando “falta de argumentos” e frieza com aqueles que defendem o direito à interrupção da gestação. O *post* segue o objetivo de provocar seus antagonismos ideológicos.

A imposição da moral substitui a possibilidade de um debate humanitário e ético. As convicções do pastor são inegociáveis, e a prática da intimidação – “os assassinos da vida trabalham com a ignorância do povo” – torna o cenário propício ao silenciamento e a atribuição de perversidade a quem discorda do líder religioso. No mesmo dia, mais uma publicação³⁶ em seu *Twitter* segue em *looping* o seu espetáculo: “os médicos do Espírito Santo

³⁵ O *tweet* refere-se ao mesmo vídeo da figura 3.

³⁶ Referente ao mesmo vídeo da figura 3.

atestam que a menina estava apta para dar à luz”, obviamente que uma criança não teria capacidade física de levar uma gestação até o fim, e independentemente, o sofrimento físico e psicológico estão presentes. Malafaia demonstra sua dominação representativa – patriarcado cristão –, ao ignorar questões éticas, emocionais, jurídicas e biológicas da situação. “No evento discursivo, normas são modificadas, questionadas ou confirmadas – em ações transformadoras ou reprodutivas” (Resende, 2019.p. 46).

Contudo, a operacionalização de desmoralizar quem é opositor às ideias do pastor Silas Malafaia, é a maior estratégia para instaurar uma disputa no campo simbólico. Silas busca ancorar-se em argumentos religiosos e emocionais, a fim de perpetuar a desinformação. Quando, por exemplo, no *tweet* citado, o pastor diz que a vítima “sofreu mil vezes mais para fazer o aborto”, o pastor distorce e desvia seus seguidores de olhar para a origem da violência. Essa manipulação atraca no que ele acusa seus opositores – “trabalham com a ignorância do povo” – visto que, ao utilizar de sua autoridade e popularidade para distorcer fatos, se colocando como detentor do saber – não só religioso, como científico –, impõe a seus seguidores – “ingênuos” – a culpa de ousar olhar para o pensamento divergente, justificando que seriam cúmplices dos “assassinos” que ele acusa.

É claro que as pessoas são influenciadas pelas notícias que leem ou veem, mesmo se leem ou veem as notícias para adquirir e atualizar seu conhecimento sobre o mundo. Mas sua compreensão das notícias e a maneira como mudam suas opiniões ou atitudes dependem de suas próprias atitudes ou ideologias prévias (compartilhadas com outros membros de grupo), como também de suas experiências pessoais (Dijk, 2015. p. 25).

Escolhemos observar os *tweets* que tratam do caso de violência sexual contra uma criança de maneira isolada (sem abordar outros *tweets* que fugissem do assunto), por compreendermos que esses enunciados se ancorariam na articulação entre sensacionalismo, *fake news* e epistemicídio, conforme propusemos na criação das categorias.

O acontecimento evidenciou que o sensacionalismo se manifesta como palanque emocional, deslocando a vítima do centro da narrativa e apelando à comoção para transformar o caso em uma disputa política. Ao mesmo tempo, com o intuito de incitar a polarização – marcada pela repulsa social –, elementos de *fake news* são acionados, estigmatizando a esquerda política e os movimentos feministas sob uma lógica de terror e de demonização. Já o epistemicídio se revela na apropriação seletiva e distorcida de argumentos científicos, como os da biologia, mobilizados para legitimar perspectivas religiosas e morais. Nesse processo, há o negacionismo científico, a desvalorização de saberes femininos plurais e o fortalecimento de uma retórica que descredibiliza a ciência em nome de princípios religiosos. Assim, essa categoria demonstra como o discurso político-religioso, ao aparelhar

tragédias, contribui para o esvaziamento do debate público empático e verdadeiramente fundamentado, em busca de guerrear moralmente e politicamente, em torno de discursos e assuntos que violentam sujeitos.

4.5 Autoridade Pastoral

Nesta seção, abordamos a categoria “*Autoridade Pastoral*”, que reúne postagens em que Silas Malafaia assume explicitamente seu papel como pastor, evocando preceitos bíblicos e oferecendo sua interpretação das escrituras. Ainda que muitas dessas postagens não mencionem diretamente questões político-sociais, é possível identificar a repetição de padrões discursivos, especialmente no que se refere à construção de gênero a partir da interpretação bíblica. Por esse motivo, subdividimos esta categoria em três tópicos – ainda que interdependentes. Essas dimensões serão abordadas individualmente a seguir:

a) a limitação das mulheres a determinadas funções, que restringe a mulher a novas possibilidades, enfatizando a “missão” divina – omitindo a mutualidade apresentada em Efésios 5:21³⁷;

b) a interpretação das escrituras, marcadas por um paradoxo entre poder e submissão, geralmente validada pela tradição cristã;

c) abordagem excludente e punitiva.

A maneira como Silas Malafaia se refere às mulheres expressa uma visão que as responsabiliza pela edificação familiar e a manutenção do lar, determinando que sua função seja fixa e instrumentalizada, baseando-se na subordinação ao homem como missão divina. Ao limitar a identidade feminina à esfera doméstica, o discurso restringe sua identidade à reafirmação da ordem cristã patriarcal. Nessa perspectiva, a figura feminina não é construída a partir de suas individualidades, mas moldada pela autoridade masculina – social e religiosa – que fala por elas e para elas.

A postagem que analisaremos a seguir, refere-se ao Dia Internacional da Mulher, ocasião em que Malafaia homenageia sua esposa, projetando nela a referência de virtude a ser seguida pelas demais mulheres. O discurso sobre as atribuições da mulher religiosa, reforça estereótipos de gênero ao valorizar aquelas que desempenham com competência as funções esperadas, dentro do cenário tradicionalmente destinado para elas.

Figura 4: *Tweet* de Silas Malafaia sobre o dia Internacional da Mulher

³⁷ Efésios 5:21: “Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo.”



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

No *tweet*, Malafaia usa o texto de Provérbios para caracterizar uma obrigação moral, no qual a mulher sábia é aquela que edifica o lar, enquanto a insensata o destrói. Por que a função da mulher deve estar necessariamente vinculada à responsabilidade de cuidar de uma família? Álvaro e Araújo (2021) argumentam que a ideologia racista-patriarcal atende aos interesses dominantes de um sistema capitalista que é, também, patriarcal e racista.

Ainda que o enunciado seja direcionado ao público feminino, a mulher não deveria ser resumida apenas a funções domésticas. Enquanto isso, a figura masculina permanece à margem dessa construção, isenta de corresponsabilidades, reforçando a desigualdade de obrigações. É uma construção não apenas religiosa, mas ideológica, como aponta Thompson (2011): “o sentido pode ser construído e difundido no mundo social (...) assim difundido, pode servir para estabelecer e sustentar relações de poder” (Thompson, 2011. p. 89), ao projetar sobre a mulher a obrigação unilateral do cuidado, apagando a corresponsabilidade masculina. A desigualdade na divisão das funções domésticas e emocionais revela a estruturação do patriarcado, que objetiva a manutenção da submissão feminina.

Embora em Efésios 5.21, o apóstolo Paulo proponha uma responsabilidade mútua nas relações, Malafaia opta por reforçar a unilateralidade da função feminina. Essa omissão de papéis definidos, demonstra a desigualdade de tarefas e a ausência de parcerias no lar. Se de fato, existe um poder influenciador – “Mulher, Deus colocou em suas mãos um incrível poder de edificar e influenciar todos ao seu redor” –, não está presente na dinâmica de subjugação, subordinação e opressão ao qual a mulher está submetida há séculos. A valorização da mulher precisa estar ligada a um ideal moral e edificador – “Peça ao Senhor sabedoria para edificar a sua casa e ser um exemplo de Deus.”.

Essa valorização exclui –outras formas identitárias e formas de vivência – mulheres que divergem desse perfil exemplar cristão, evidenciando um recorte ideológico excludente e reafirmando a manutenção estrutural familiar à responsabilidade da mulher. Santos (2010) argumenta que as mulheres têm suas experiências e vozes silenciadas pelos interesses de dominação políticos, econômicos ou religiosos. Podemos citar como exemplo, Maria Madalena, que seu valor não dependia da edificação de um lar, mas da missão em Jesus e a coragem em anunciar a ressurreição de Cristo, apesar disso, ela não é usada como referência na pregação de um “perfil exemplar cristão”. Como já dito neste trabalho, a figura da mulher bíblica está associada à escravização sexual e familiar, sem direito a influenciar e/ou determinar qualquer situação, conseqüentemente qualquer papel que provoque independência, deve ser omitido.

Por fim, a homenagem à esposa reforça o modelo idealizado de “mulher de Deus”, condicionada à obediência e à “edificação” familiar. Caso essa mulher errasse, se desviasse do modelo, ou apenas optasse por outras possibilidades que não fossem familiares, ainda seria reconhecida? Na liberdade de escolha, sob o discurso de “livre arbítrio”, percebemos a fluidez e o privilégio masculino: permanecer ou não em seus lares, edificar é uma opção, enquanto, para a mulher, é uma imposição. Como aponta Santos (2010), “as mulheres aprenderam a ler e a interpretar a Bíblia com as lentes dos esquemas teológicos masculinos e a partir de determinados paradigmas hermenêuticos desenvolvidos historicamente” (Santos, 2010, p. 33). Assim, o pastor instrumentaliza o dia destinado à luta feminina por igualdade e equidade, para reafirmar, por meio da religiosidade, os papéis de gênero tradicionais e a isenção de funções masculinas.

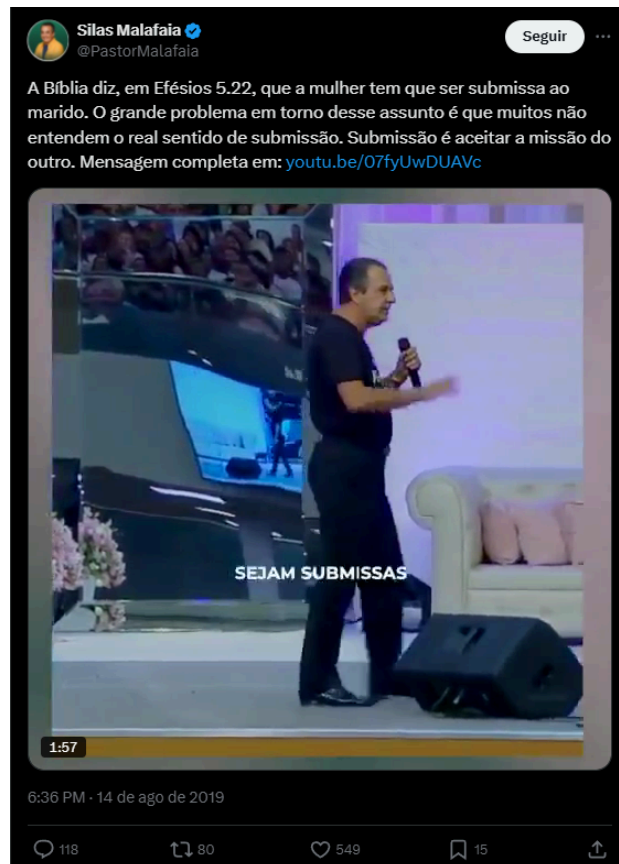
Os discursos de Silas Malafaia reiteram a estrutura dominante do patriarcado, que determina a mulher como base da estrutura familiar, não apenas como estratégia de controle social, mas um projeto ideológico, que naturaliza desigualdades e domina discursivamente por meio da fé.

Essa consequência negativa do discurso manipulador ocorre tipicamente quando os receptores são incapazes de entender as intenções reais ou de perceber todas as consequências das crenças e ações defendidas pelo manipulador (Dijk, 2008. p.2).

A imposição moral de papéis de gênero não se limita apenas à mulher, essa determinação se expande para controlar e excluir qualquer expressão identitária que ameace a hierarquia patriarcal. É nessa circunstância que se desenvolve a marginalização da diversidade de gênero, empregando o discurso religioso como ferramenta de apagamento e perseguição às diversidades.

Dentro de uma dinâmica de controle, o pastor Malafaia (figura 5) apresenta a submissão feminina, apoiando-se no argumento que a mulher deve “aceitar a missão do outro”, atribuindo a missão como um dever religioso e espiritual. Quando o pastor da ADVEC afirma que – “o grande problema em torno desse assunto é que muitos não entendem o real sentido de submissão” – ele está reposicionando discursivamente o peso histórico e social do termo “submissão”.

Figura 5: *Tweet* de Silas Malafaia sobre a submissão da mulher



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

No *tweet*, o pastor compartilha um recorte (transcrição completa do recorte em *anexo B*) de sua pregação publicada no *Youtube* em 24 de janeiro de 2018, com duração de 59 minutos e 39 segundos. Nele, o pastor afirma que “Submissão é aceitar a missão do outro”, buscando suavizar e ressignificar o conceito de submissão. Essa tentativa de redefinição, no entanto, mantém uma estrutura de desigualdade entre os gêneros, apenas, revestido de uma percepção amistosa. Esse debate se ancora na interpretação literal da Bíblia, em que o papel da mulher é restrito ao apoio da missão do homem. Porém, essa significação oculta a hierarquização carregada historicamente na noção de submissão da mulher, como Rosado-Nunes (2006) expõe que é a partir do corpo e da sexualidade feminina é que se expressa a opressão e a dominação de gênero ou do gênero masculino. Em contraste, o próprio versículo – “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus.” – constitui homens e mulheres a uma relação mútua.

Essa dinâmica reforça a lógica patriarcal que estrutura grande parte do discurso religioso conservador. Ainda que Malafaia parta da premissa de autoridade masculina instituída por Deus, seu discurso oculta a dominação patriarcal e a desigualdade de gênero, convertendo-as em uma regra divina inquestionável – “Aceite a missão do seu marido como responsável maior pelo lar” – que expressa que os homens, ou a sociedade que representam, tivessem a última palavra sobre nossas decisões e escolhas (Rosado-Nunes, 2006). Ao naturalizar essa desigualdade, atribuindo esse argumento à vontade divina, a desigualdade entre os gêneros se torna uma obediência religiosa. Nesse processo, de naturalização, o sistema excludente se fortalece, silenciando o feminino. Como aponta van Dijk (2008), os manipuladores fazem os outros acreditarem ou fazerem coisas que são do interesse do manipulador. Ou seja, a mulher é instrumentalizada: sua existência e identidade só existem a partir da missão do homem, sem espaço para protagonismo ou lugar de fala.

O discurso do pastor Silas Malafaia isenta implicitamente a figura do homem na responsabilidade da edificação e do cuidado familiar: ao afirmar que “ela é uma adjutora” e que “Deus sabendo disso, criou o homem, não para massacrar”. Nessa conservação da lógica desigual que esconde a ordem dominadora em um aspecto divino, o pastor complementa a isenção masculina determinando a função feminina – “E a mulher para ajudar a missão do homem”. “Esse consolo imediato, na maioria das vezes, reduz as mulheres a seu papel doméstico e reforça a reprodução de um modelo de dominação masculina – a dominação dos pastores ou padres” (Rosado-Nunes, 2006. p.303).

Ao mesmo tempo que atribui ao homem o papel de liderança e à mulher a incumbência de sustentá-lo emocionalmente, como se sua existência se resumisse a apoiar a

trajetória masculina. A afirmação “aceite a missão do seu marido como responsável maior pelo lar”, naturaliza a submissão da mulher e sobressaia o ideal de reciprocidade, onde a construção familiar deveria ser uma missão de ambos e não de um poder dominador. O pastor dedica seu argumento a reforçar a autoridade do homem como item necessário para a existência de uma estabilidade familiar – “qualquer instituição que não tem princípio de autoridade, ela auto se destrói” – o argumento do pastor corrobora para a anulação do protagonismo da mulher e reafirma a “sacra” hierarquia masculina.

E através do discurso que as instituições, entre elas, a Igreja, garantem a aprendizagem de suas crenças e a transmissão da sua legitimidade para prescrever os preceitos destinados a regular os comportamentos e para interferir quando necessário (Pedrosa, 2007. p. 39).

Diante disso, percebemos que o discurso do pastor Malafaia apaga a possibilidade de autonomia e espiritualidade feminina, reduzindo-a à função de auxiliar subordinada dentro dessa dinâmica de relações conjugais. Nessa perspectiva, ao invés admitir a mulher como sujeito independente, o discurso a restringe à extensão do homem, colocando ele mesmo (Silas Malafaia) como um interlocutor do Sujeito que representa (Pedrosa, 2007). Defender a estrutura familiar baseada no controle e na autoridade masculina é perpetuar o modelo opressor que impõe às mulheres a servidão. Embora o pastor conteste uma má compreensão sobre o termo “submissão”, sua explicação reafirma justamente a interpretação tradicional – apenas camuflada de uma linguagem concebível. Ao atribuir como “missão”, Malafaia suaviza o impacto imposto pela hierarquia, entretanto, não modifica em absolutamente nada a estrutura que a sustenta. Sendo assim, a espiritualidade feminina é limitada à função de garantir a missão do outro – esquecendo da própria. É nessa “nobreza” que a figura feminina é investida: quando se encaixa aos desígnios estabelecidos pelo domínio masculino. Dijk (2008) aponta que o tipo de manipulação social que estamos estudando aqui é definido em termos de dominação social e da sua reprodução em práticas cotidianas, incluindo o discurso.

Inferimos ao observar o discurso do pastor Malafaia, que sua estratégia discursiva por meio de uma retórica afetiva e religiosa, ameniza e encobre as estruturas hierarquizadas enraizadas do patriarcado. Ao defender a autoridade masculina como desígnio de Deus, seu discurso romantiza o fardo da dominação, atenuando-o como “missão divina”, além de fortalecer a desigualdade de gênero fundamentada na fé. A seguir prosseguimos com as análises, no qual o discurso religioso do pastor continua a se enlaçar com o controle simbólico e religioso sobre os corpos das mulheres.

Figura 6: *Tweet* de Silas Malafaia sobre o poder da mulher



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

É notório, ao longo do desenvolvimento dessa categoria, percebermos a face e a postura cordial – aparentemente admiradora em relação às mulheres, exaltando seu valor – que o pastor Malafaia sustenta em um discurso limitado sobre as mulheres. Ao repetir sistematicamente a narrativa da mulher como cuidadora do lar e edificadora da família, ele revela um repertório repetitivo e limitado: não reconhece a pluralidade do universo feminino, suas subjetividades e experiências, tampouco acessa a exemplos bíblicos que protagonizam a mulher. Essa superficialidade revela o desconhecimento absoluto da realidade feminina ou possivelmente, para uma escolha consciente mantê-las dentro das fronteiras de controle da ordem hegemônica da qual ele é porta-voz, como Santos (2010) argumenta que fomos ensinadas na hermenêutica do respeito, da aceitação e da obediência ao texto.

No *tweet* (transcrição completa em anexo O) acima, Malafaia enaltece as mulheres cristãs – “Você tem poder para edificar sua casa com sabedoria, como a Bíblia diz em Provérbios 14:1” – retomando a ideia arcaica da mulher como pilar de um lar, e, assim, reforçando a limitação do espaço feminino, reduzindo-o apenas ao confinamento do ambiente doméstico. O elogio “você, mulher, é poderosíssima”, opera como uma estratégia de reificação – um dos *modus operandi* da ideologia – para a ofuscação, do caráter sócio-histórico dos fenômenos (Thompson, 2011), tendo em vista o ocultamento das estruturas opressoras sob o disfarce de reconhecimento. O “poder” destinado apenas para “edificar o lar” é a demonstração do patriarcado protegendo seu o status quo (Saffioti, 2015), atribuindo à mulher uma função única – domesticada. Embora a proposição “Você foi criada por Deus para ser vitoriosa. Você tem muito valor!” possa soar empoderadora, essa valorização não está fundamentada no reconhecimento da autonomia feminina, mas sim em uma reafirmação simbólica de um papel previamente determinado, operando “em formas simbólicas através da estratégia da naturalização” (Thompson, 2011. p. 88). Essa retórica “motivacional” é, como aponta Dijk (2015) crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar, ou seja, esse movimento mascarado de exaltações e elogios, impede que seja visto o patriarcado atravessando todas as instituições (Saffioti, 2015).

Ainda no mesmo *post*, Malafaia compartilha um recorte de uma pregação dele no *Youtube*. No vídeo, o pastor prega sobre o mesmo tema, sem se aprofundar em qualquer argumento, apenas reafirmando a performática do que já foi referido. Essa reafirmação pode funcionar como estratégia ideológica, para intensificar a fixação da mensagem, visto que a manipulação sempre implica nas mentes dos participantes (Dijk, 2015). O vídeo, assim, encarrega-se de reiterar a lógica patriarcal sob uma falsa percepção de valorização.

Em um dos trechos do vídeo, o pastor insiste em forjar uma narrativa em que a mulher pode destruir a autoridade do homem – “O machão, fortão? Que grita mais alto? Você tem poder de solapar essa autoridade. É a mulher que edifica ou solapa” – obviamente, que Malafaia não refere-se ao sistema patriarcal estabelecido, e sim, novamente, ao contexto familiar ao qual a mulher está presa. O pastor encena uma realidade conveniente, de um falso controle divino – “ Vocês não tem ideia, por que você acha que a bíblia diz que a mulher sábia que edifica a casa?” – , que, ao contrário do que afirma, não reconhece as vivências femininas, especialmente daquelas que lideram famílias sozinhas ou foram abandonadas pela “autoridade masculina” que ele tanto se empenha em defender.

A estratégia ideológica de legitimação de acordo com Thompson (2011) fazem apelo à sacralidade de tradições imemoriais acomodando a mulher no contexto doméstico e função dependente do homem – “Significa que a mulher edifica ou solapa a autoridade do homem.” – ignorando outras possibilidades, isentando o papel masculino e fabricando um empoderamento raso, fortalecendo raízes já desiguais, “as duas ordens de mundo são totalmente diferentes para os sujeitos, e essa ordem é afetada por um valor hierárquico, por uma desigualdade, por um desnivelamento” (Pedrosa, 2007. p.40).

Ainda nessa construção, a imagem projetada por Silas Malafaia ao declarar que “você foi feita para ser uma mulher vitoriosa”, está diretamente atrelada à obediência às normas estabelecidas pela igreja, pela bíblia e, sobretudo, por ele próprio. Para que a mulher se torne “exemplo para outras mulheres”, como prega o líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, é preciso que se encaixe em um padrão excludente, que ignora a diversidade de experiências, além da diversidade religiosa. Essa manipulação ocorre quando os receptores são incapazes de entender as intenções reais ou perceber todas as consequências das crenças defendidas pelo manipulador (Dijk, 2015). Essa estratégia se alinha às normas do patriarcado, restringindo a perspectiva de escolhas e mantendo as mulheres dentro de papéis determinados.

O discurso de Malafaia define “a mulher ideal” com base em diretrizes morais, limitando seu papel a ser esposa, dona de casa e mulher de Deus. Segundo o pastor, independentemente de outras funções que as mulheres possam exercer, elas devem, acima de tudo, cumprir esse modelo ideal – ‘mulher de Deus’, esposa e dona de casa. Esses papéis, apresentados como exemplos a serem seguidos, reforçam uma hierarquização de valor, onde mulheres que se distanciam dos conceitos cristãos tradicionais, são posicionadas como imorais ou perversas. Isso exemplifica o que van Dijk (2015) descreve sobre a reprodução das ideologias dominantes, nas quais: “as pessoas podem agir, de seu próprio livre-arbítrio,

no interesse dos que estão no poder” (Dijk, 2015. p. 24). A internalização dessas atribuições tradicionais se transforma em uma crença comum entre muitas mulheres, que passam a acreditar que não há outra forma de existência autorizada por Deus além da submissão ao modelo apresentado. Essa naturalização simbólica é explicada por Thompson (2011) como uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural, logo, essa operação funciona como ferramenta da hegemonia.

Ao mesmo tempo em que a autoridade masculina é exaltada como expressão da vontade divina, impõe-se à mulher a obediência e o apagamento de sua autonomia. Outra marca recorrente nas postagens é a interpretação literal das escrituras – já visto nas demais subcategorias –, que, ao sacralizar a hierarquia masculina, reforça estruturas patriarcais como se fossem verdades absolutas. Essa interpretação, sustentada por uma tradição cristã hegemônica, silencia pluralidades hermenêuticas.

A estratégia da suspeição tem dupla função: uma negativa, que consiste em desmascarar o caráter androcêntrico, e o objetivo do opressor em buscar o que lhe convém no texto bíblico. Para este processo, são discutidas as traduções, silêncios, contradições, argumentações, prescrições do texto, bem como discursos da Bíblia sobre gênero, etnia, classe ou cultura, procurando entender os textos bíblicos como uma herança viva (Serrato; Candioto, 2023. p.737).

É nesse processo que o discurso religioso atua: ao reiterar valores cristãos como divinos, ocultando seu caráter ideológico e reproduzindo relações de dominação.

Figura 7: *Tweet* de Silas Malafaia sobre o dia do homem



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

A fala de Malafaia enumera sete funções atribuídas por Deus ao homem: promoção, provisão, proteção, lei, ordem, coesão e liderança. No entanto, a afirmação de que “Deus deu ao homem autoridade” pode ser contestada no evangelho de Mateus 20:25-26³⁸, em que Jesus argumenta a importância de servir. Quando Saffioti (2015) argumenta que “o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (Saffiotti, 2015. p.49), coloca em evidência um ponto sensível – “Homem que é homem toma decisões” – demonstrando que o sistema patriarcal – modelo viril e autoritário – não é nocivo apenas para mulheres. Esse padrão violento imposto, elimina qualquer possibilidade da masculinidade demonstrar suas vulnerabilidades, como é demonstrado em João 11:35³⁹ e João 13:12-14⁴⁰. Mesmo que os setores do cristianismo evangélico tratem as Escrituras como

³⁸ Mateus 20: 25-26: “Jesus os chamou e disse: “Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo.”

³⁹ João 11:35: Jesus chorou.

⁴⁰ João 13: 12-14: “Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa e voltou ao seu lugar. Então lhes perguntou: “Vocês entendem o que fiz a vocês? Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou. Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei os seus pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros.”

um código moral, dentro dessa mesma lógica cabe questionar: onde estão os homens que cumprem todas essas funções de maneira integral?

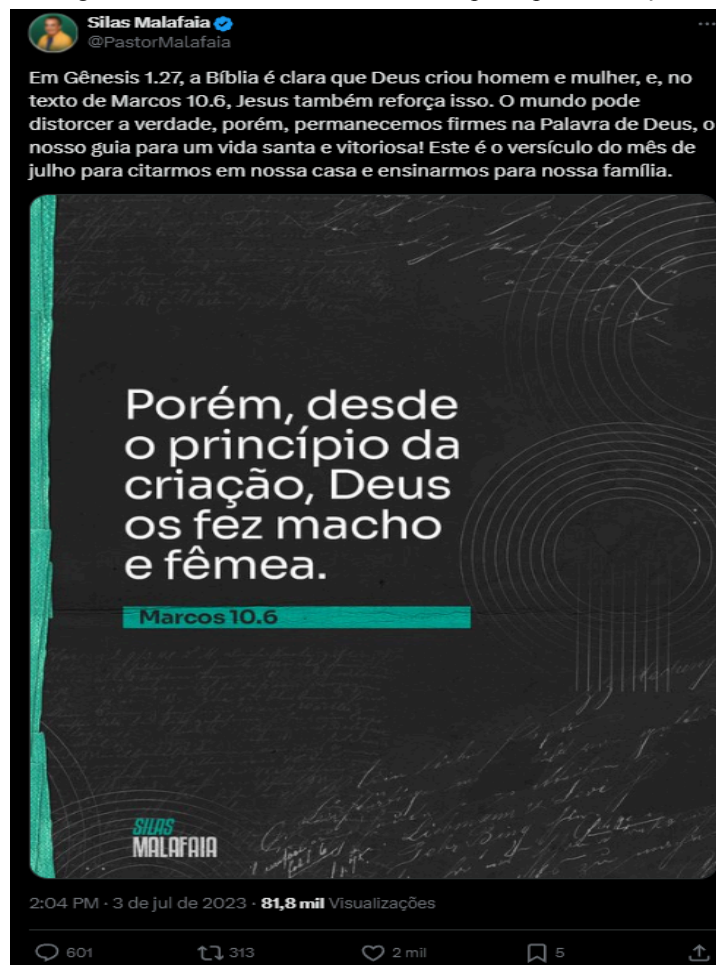
Ao atribuir ao homem uma função exclusiva – “protege sua mulher e a família e é o provedor principal” – dispõe para a mulher a passividade e a dependência, ignorando a autonomia feminina e as suas capacidades de assumir determinadas incumbências, como é exemplificado em Juízes 4:4⁴¹ e João 20:17-18⁴². Esse modelo também reafirma a masculinidade normativa dominadora, mas afinal, como se define a masculinidade de um homem? Porém, a insistência de manter o homem no centro – ainda que nunca tivessem saído desse lugar de privilégio – , revela a fragilidade de uma masculinidade que precisa constantemente de reconhecimento. Também traz à tona a legitimação das ações masculinas – para que ele seja validado como “homem de verdade” – levanta uma questão primordial: homens que não correspondem a esse padrão, por razões sociais, econômicas, sexuais ou psicológicas estariam desautorizados a cuidar, proteger e liderar? Em uma sociedade em que milhares de mulheres chefiam sozinhas seus lares, onde a masculinidade se prostra a incompetência, a masculinidade não deve ser critério de autoridade moral e espiritual. Como afirma Saffioti (2015), “O patriarcado, quando se trata da coletividade, apoia-se neste desequilíbrio resultante de um desenvolvimento desigual” (Saffioti, 2015. p.39).

Diante dos alarmantes índices de violência doméstica e abuso sexual infantil, não se evidencia a tão proclamada proteção ou a justiça masculina – “Sejam homens de atitude”. Em 2022, a violência física foi a forma mais notificada no contexto da violência doméstica, correspondendo a 36,7% dos casos (51.407 registros), sendo os homens os principais agressores em 86,6% das ocorrências (Cerqueira; Bueno, 2024. p. 47 e 50). No que diz respeito à violência sexual, segundo dados do Ministério da Saúde, entre 2015 e 2021 foram notificados 202.948 casos contra crianças e adolescentes, sendo 76,8% das vítimas crianças do sexo feminino (Ministério da Saúde, 2022. p. 3-4). Esses fatos escancaram a contradição existente entre o discurso de proteção e a realidade cotidiana de violência. O silêncio diante dessas ausências, atestam para a omissão pastoral e familiar desses “homens bíblicos”. A liderança pastoral, nesse contexto, não se configura como espaço de conversão ou de promoção dos valores manifestados por Cristo, mas sim palco que reforça estereótipos e o medo da fragilidade.

⁴¹ Juízes 4:4 : Débora, uma profetisa, mulher de Lapidote, liderava Israel naquela época.

⁴² João 20:17-18: Jesus disse: "Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês". Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: "Eu vi o Senhor!" E contou o que ele lhe dissera.

Figura 8: *Tweet* Silas Malafaia sobre o princípio da criação



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

Gênesis 1:27 realmente aborda a criação, mas, o versículo ressalta uma gênese sem hierarquia. O texto é constantemente apresentado como se já houvesse ali, diferenças de gênero que legitimassem regras sociais excludentes. No *tweet* analisado, Malafaia destaca Marcos 10:6, embora o contexto da passagem não trate de identidade de gênero – ainda que essa seja a interpretação que o pastor deseja transmitir. Essa leitura literal silencia determinados públicos, como pessoas LGBTQIAPN+, que têm sua fé e espiritualidade deslegitimadas, Rosado-Nunes (2006) aponta que uma hermenêutica tem que partir da investigação das relações de gênero e explicar a questão da dominação a partir da sexualidade. Quando argumenta que “o mundo pode distorcer a verdade”, demonstra sua retórica de defesa à tradicionalidade das interpretações, ancorada em uma crença enrijecida que se sente ameaçada diante de vozes marginalizadas. Ao blindar a visão normativa de gênero com respaldo bíblico e reiterar uma lógica binária, Malafaia contribui para uma retórica repetitiva de representações sociais manipuladas. Como destaca van Dijk (2015):

Depois que grupos de pessoas adotam, dessa forma, as representações sociais preferidas pelos grupos ou instituições dominantes, não será necessário manipulá-los de novo: eles tenderão a acreditar e agir de acordo com essas – manipuladas – crenças sociais porque já as aceitaram como suas (Dijk, 2015. p. 251).

Percebe-se também a manipulação discursiva na afirmação “a bíblia é clara”, usado por Silas Malafaia para silenciar interpretações divergentes e legitimar uma interpretação única – geralmente patriarcal e heteronormativa. Tal estratégia discursiva, opera por meio do controle da mente (Dijk, 2015), quando os grupos dominantes influenciam as representações cognitivas do seu público, naturalizando algumas verdades como absolutas. Ao enfatizar que sua interpretação da Bíblia é a única válida, Malafaia determina o texto sagrado a uma mera ferramenta de dominação simbólica, ignorando as outras leituras possíveis, inclusive as baseadas em perspectivas inclusivas (como as teologias negras, feministas ou *queer*). A expressão “Palavra de Deus, o nosso guia para uma vida santa e vitoriosa” –, pressupõe uma referência unificada, mas desconsidera que a Escritura é composta por múltiplos contextos históricos e não pode ser imposta como medida moral universal a quem não compartilha dessa fé. Ainda é um desafio para muitos cristãos compreender que toda leitura da Bíblia não pode ser imposta como medida moral universal. Logo, não há neutralidade: toda leitura é interpretação – muitas vezes, em busca de alcançar espaços numa disputa de sentidos marcada por relações de poder.

Na mesma lógica polarizadora constrói uma ameaça inimiga abstrata – “ O mundo pode distorcer a verdade”, o que, segundo Dijk (2015), se traduz em hesitações ao mencionar os Outros. Essa estratégia cria uma narrativa de perseguição aos “escolhidos”, mas é necessário perguntar: quem distorce a “verdade”? Vale lembrar que o cristianismo evangélico, por sua presença massiva nas câmaras legislativas, na televisão e nas redes sociais, não pode ser caracterizado como perseguido. Tendo em vista isso, é o mundo que ameaça os valores cristãos ou são os próprios líderes religiosos que instrumentalizam a Bíblia para manter sua autoridade patriarcal e seu poder?

Apontamos a religião pregada por Malafaia como dispositivo de controle – “ para citarmos em nossa casa e ensinarmos para nossa família” –, revelando a imposição da fé como obrigação familiar, e não como uma escolha individual. Isso é fé ou dominação disfarçada de cuidado espiritual? Visto que a frase reforça uma ideia normativa e vigilante, onde a “ordem de Deus” é marco atemporal para a correção de qualquer dissidência Candiottto (2021) expressa que referir-se a Deus como Pai em uma cultura patriarcal significa também afirmar a masculinidade de Deus: a redução do mistério de Deus à sua identificação.

Quando retira a possibilidade de discutir sobre a linguagem macho e fêmea – “Deus criou homem e mulher” – está reafirmando a bíblia como arma discursiva para atacar e desumanizar pessoas LGBTQIAPN+, negando a legitimidade da diversidade de gênero, como aponta Dijk (2015): “podemos falar do uso ilegítimo do poder discursivo, isto é, da dominação, se esse discurso ou suas possíveis consequências sistematicamente violam os direitos humanos ou civis das pessoas” (Dijk, 20015. p.32). Embora o discurso de Malafaia se apresente como espiritual e conselheiro, na prática opera como mecanismo de silenciamento e reprodução da ordem patriarcal, excluindo vozes da diversidade e mulheres que são atravessadas por esse contexto.

Nos discursos analisados, a pluralidade de gênero é sistematicamente marginalizada por Malafaia, apresentada como ameaça à moral, à família e à espiritualidade. O pastor associa identidades dissidentes da norma heterossexual à perversão e ao pecado, responsabilizando-as pela suposta destruição da “família tradicional”. Essa associação não apenas reforça os estigmas já enraizados, como também legitima a exclusão dessas pessoas dos espaços públicos, religiosos e afetivos, negando-se a reconhecer a complexidade dos corpos, das experiências individuais e as identidades de gênero.

Essa marginalização não se limita ao campo da crença religiosa: ela se configura como um instrumento de poder simbólico, que atua para manter a hegemonia heteronormativa e patriarcal. Ao apresentar sua interpretação como uma “verdade absoluta”, Malafaia constrói uma narrativa indiscutível, que naturaliza a desigualdade e incita a intolerância. Trata-se de uma violência simbólica que, muitas vezes, ultrapassa a simbologia e atinge fisicamente suas vítimas. Exerce não apenas uma imposição explícita, como também a legitimação implícita de que o modelo moral de existência é unicamente um. Nesse contexto, o discurso religioso ultrapassa o âmbito da fé e torna-se uma ferramenta de dominação social, reproduzindo valores excludentes e autoritários.

Ao invalidar essas existências, o discurso não apenas apaga as subjetividades, como fomenta perseguições e experiências contínuas de sofrimento emocional e físico para sujeitos que não se enquadram nesse modelo. A repetição desse raciocínio – em púlpitos, *tweets*, vídeos ou palanques – reforça nos indivíduos LGBTQIAPN+ o sentimento de inadequação, rejeição e abandono, inclusive dentro das próprias comunidades religiosas. Nesse sentido, a fala de Silas Malafaia não se limita à liberdade de expressão religiosa, mas se transforma em arma discursiva que alimenta desigualdades estruturais, incita a violência física por intolerância e fragiliza o direito de existir com dignidade.

No próximo *tweet* (figura 9 abaixo), a retórica de Malafaia assume um tom sensacionalista – “Imperdível!” –, já habitual em seus discursos sobre minorias. A escolha do termo não é aleatória, mas segue um padrão retórico que busca atrair o público por meio da ênfase emocional em determinados temas, suscitando o conteúdo como algo urgente e revelador. Ao afirmar que “esse vídeo detona o argumento do ativismo gay para dizer que Jesus é a favor de relações fora da heteronormatividade”, o líder da ADVEC constrói uma narrativa de confronto, apresentando o “ativismo gay” como inimigo da verdade religiosa. Dijk (2015) aponta que o uso reiterado de termos preconceituosos, socialmente compartilhados, funcionam como uma forma de legitimar o preconceito:

Há pouca dúvida, por exemplo, que a repetida ênfase e o enfoque nas características desviantes ou criminais das minorias criam e confirmam atitudes (...) socialmente compartilhadas na sociedade, e não somente as opiniões de alguns indivíduos preconceituosos (Dijk, 2015. p. 33).

O pastor não se refere devidamente à comunidade LGBTQIAPN+, optando por formas de depreciação verbal (Dijk, 2015), reduzindo essas vozes a uma representação negativa. Ao construir essa desqualificação, Malafaia desloca a disputa interpretativa para a polarização entre “bem” e “mal”, recorrente em sua retórica. Ao mesmo tempo, reivindica autoridade ao afirmar que Jesus só pode ser compreendido sob a ótica da tradição evangélica hegemônica. Essa tentativa de blindar a figura de Cristo dentro do limite heteronormativo, reprime passagens bíblicas em que Jesus acolhe marginalizados e pecadores – como em João 8:7⁴³ e em Marcos 2: 15-17⁴⁴, “essa sim é a Teologia que liberta e provoca a libertação. Aquela que não só realiza o bem próprio, mas, acima de tudo, o bem da comunidade humana como um todo” (Veloza, 2020. p.124). É em nome de uma interpretação supostamente universal que Malafaia ignora a solidariedade de Jesus, para reafirmar uma doutrina que exclui e deslegitima os corpos LGBTQIAPN+.

⁴³ João 8:7: Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela".

⁴⁴ Marcos 2:15-17: Durante uma refeição na casa de Levi, muitos publicanos e pecadores estavam comendo com Jesus e seus discípulos, pois havia muitos que o seguiam. Quando os mestres da lei que eram fariseus o viram comendo com pecadores e publicanos, perguntaram aos discípulos de Jesus: "Por que ele come com publicanos e pecadores?" Ouvindo isso, Jesus lhes disse: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos, mas pecadores".

Figura 9: *Tweet* de Silas Malafaia sobre o argumento do ativismo gay



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

O pastor inicia o vídeo de 3 minutos e 34 segundos de duração, gravado na plataforma do *Youtube* no dia 04 de abril de 2022 (*áudio transcrito na íntegra em anexo I*), enunciando: “um camarada aí dizendo que Jesus foi trans, usando pseudo argumentos científicos. Olha como o cara é! Se tivesse prêmio Nobel da idiotice, ele ganhava.”. Esse tipo de argumentação reforça o padrão adotado por Malafaia de não mencionar diretamente seus opositores, fechando-se ao diálogo, posicionando-os num lugar abstrato, que permite duvidar até de sua existência. Como Thompson (2011) explica:

Outra estratégia pertinente pode ser descrita como o expurgo do outro. Essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo (Thompson, 2011. p. 87).

Além disso, no *tweet* que compartilha o vídeo, o pastor afirma tratar-se de um conteúdo sobre Jesus ser “a favor de relações fora da heteronormatividade”, quando, na verdade, o vídeo refere-se a uma acusação de que Jesus seria trans. Essa divergência revela uma manipulação intencional da pauta. A estratégia de construir um inimigo genérico e impreciso, fortalece o que Dijk (2015) descreve como “semântica e lexicalmente, os Outros são então associados não apenas com diferença, mas também com o desvio (“ilegitimidade”) e ameaça (violência, ataques)” (Dijk, 2015. p.129). Logo, atribuir ofensas e desacreditar argumentos opostos aos dele, se encaixa nessa ideia.

Outro aspecto relevante é a insistência em recorrer a argumentos científicos e biológicos para legitimar seu discurso –“Agora presta atenção, gênero masculino e feminino

só na gramática. O sexo é biológico, sexo masculino e sexo feminino, o resto são comportamentos adquiridos”. Essa afirmação deslegitima a pluralidade das existências e ignora os debates sobre gênero. Ciente que seu público dificilmente terá acesso a contrapontos ou que as defesas das minorias dificilmente terão o mesmo alcance, Malafaia impõe suas normas tendenciosas e conservadoras de forma desigual. Como afirma Dijk (2015) “tal discurso promove formas de desigualdade social, como quando ele favorece os interesses dos grupos dominantes em detrimento dos interesses dos grupos não dominantes, precisamente porque estes não têm o mesmo acesso ao discurso público” (Dijk, 2015. p. 32). O que se evidencia é a reprodução de uma disputa discursiva desigual, que serve à manutenção da hegemonia patriarcal e heteronormativa.

Expressões como “Nobel da idiotice”, “só na cabeça de um tonto” e “conversa fiada” compõem o cenário desrespeitoso em que o pastor escolhe tratar questões teológicas, transformando a fé em palco de humilhação pública. Malafaia utiliza de Marcos 10: 6-9 para deslegitimar uniões homoafetivas – “ E pra acabar com essa conversa que Jesus era trans, foi Jesus que falou em Marcos 10: 6-9: “desde o princípio, Deus fez macho e fêmea. Deixará o homem o seu pai e a sua mãe e unir-se-á a sua mulher. E serão ambos uma só carne”. Contudo o evangelho não invalida, em seus fundamentos, os diferentes vínculos afetivos. Ao ridicularizar a hipótese da transexualidade de Cristo, Malafaia faz afirmações como:

“Deus nunca, nem Cristo, apoiou relação de homem com homem e mulher com mulher. Jesus ratifica o princípio da criação, que conversa fiada é essa que Jesus era trans? Só na cabeça de um tonto, inventando história, que não tem nada a ver com ciência.” (Malafaia, 2022, *online*)

O pastor não só descarta a possibilidade do debate, como desumaniza pessoas trans, negando-lhes pertencimento à experiência espiritual,

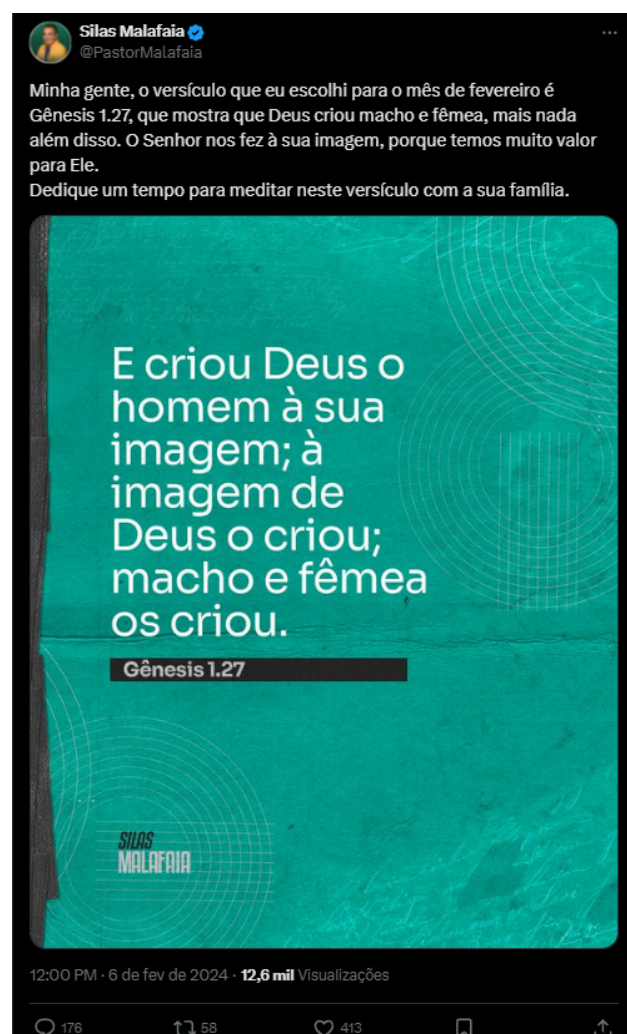
Nesse sentido, é relevante lembrar Gálatas 3:28⁴⁵, que oferece uma contraposição que acolhe os não binarismos na experiência da fé. O uso de uma pseudo-ciência, aliado a uma interpretação teológica autoritária, sustenta preconceitos sob o escudo de autoridade divina, como é observado por Campos e Vieira (2014), a fé parece ser bastante e suficiente à comunidade religiosa, o discurso religioso não necessita dispor de comprovações empíricas para que seja validado. Mesmo que implicitamente, ao se autodeclarar porta-voz moral: “Eu tô aqui falando essas coisas, porque eles querem cobrir o pecado deles torcendo a bíblia e torcendo a ciência”, o pastor desloca o centro da discussão para uma moral que valida exclusões. Contudo, cabe indagar: se ser LGBTQIAPN+ é considerado “pecaminoso” nesse

⁴⁵ Gálatas 3:28: Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.

discurso, onde se encaixa o pecado da exclusão sistemática legitimada pela fé? Visto que, como Campos e Vieira (2014) apontam, não há espaço na manifestação discursiva religiosa para a troca de informações e/ou opiniões entre os interlocutores.

Esse movimento discursivo evidencia como Malafaia mobiliza formas simbólicas – como a linguagem e a autoridade religiosa – para sustentar relações de dominação conforme propõe Thompson (2011) que retrata as maneiras como essas formas servem, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação. Malafaia torna o discurso como aparato de exclusão. Suas estratégias retóricas reforçam estruturas opressoras, utilizando sua posição de liderança espiritual como legitimadora desse apagamento, consequentemente, induzindo seus seguidores ao apagamento de individualidades e diversidades existentes, como veremos no *tweet* a seguir:

Figura 10: *Tweet* de Silas Malafaia sobre uma meditação bíblica



Fonte: Captura de tela própria da autora (2024)

Ao destacar que “Deus criou macho e fêmea”, Silas Malafaia revela uma fixação na binariedade de gênero, reiterando esse versículo como ideia central de seu discurso, especialmente como resistência ao avanço das pautas relacionadas à pluralidade de gênero. Isso remete a Resende (2019), que apresenta o deslocamento de conotações positivas ou negativas, operando na sustentação das relações de dominação. Isso também nos referencia a Thompson (2011), que aponta que, “não é apenas uma projeção de um significado possível, mas uma intervenção potencial na vida social, isto é, uma projeção potencial na vida social.” (Thompson, 2011. p. 380). Ou seja, a recorrência obsessiva de Gênesis 1:27 sustenta um projeto político-religioso voltado ao controle de corpos e identidades que Malafaia silencia propositalmente. Quando o pastor complementa sua diferenciação com “mais nada além disso”, determina discursivamente a exclusão de pessoas trans, intersexo e não-binárias a não poderem ser identificadas como divinas – contrariando o que nos garante o Artigo 7 da Declaração dos Direitos Humanos (DUDH): “Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual proteção da lei” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Embora recorra às escrituras cristãs para justificar seu discurso, o próprio texto bíblico apresenta uma pluralidade de Deus: como espírito (João 4:24⁴⁶), fogo (Êxodo 3:2⁴⁷) ou sopro (Gênesis 2:7⁴⁸), como aponta Candiottto (2021):

(...) outro desdobramento desse modelo é sua subversão do dualismo entre matéria e espírito. O corpo de Deus, que sustenta a vida, não é matéria ou espírito, mas matriz da qual evolui tudo quanto existe” (Candiottto, 2021. p.8).

Reduzir essa multiplicidade a um homem heterossexual quando afirma que “o Senhor nos fez à sua imagem, porque temos muito valor para Ele”, revela uma apropriação simbólica do divino para fins ideológicos, como Candiottto (2021) afirma que “uma das principais questões da teologia feminista diz respeito à simbologia da nomeação divina como Pai, já que esse substantivo foi modelado pelo imaginário patriarcal para justificar a condição subalterna das mulheres” (Candiottto, 2021. p.3), e percebemos essa condição ser estendida a outras questões de gênero e de sexualidade.

Essa operação, como argumenta Dijk (2015), é a condição essencial da dominação e da desigualdade, desempenhando estratégias narrativas e silenciando vozes divergentes. Se a imagem de Deus está impressa nas minorias – pequeninos–, como está indicado no evangelho

⁴⁶ João 4:24:Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”.

⁴⁷ Êxodo 3:2: Ali o Anjo do Senhor lhe apareceu numa chama de fogo que saía do meio de uma sarça. Moisés viu que, embora a sarça estivesse em chamas, não era consumida pelo fogo.

⁴⁸ Gênesis 2:7: Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.

de Mateus 25:40⁴⁹, como então justificar a exclusão violenta de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+? A religiosidade aparece como um mecanismo de controle familiar como argumenta Dijk (2015):

Em resumo, e em termos bastante informais, a estratégia global do discurso manipulador é se concentrar, discursivamente, nas características cognitivas e sociais do receptor, as quais o tornam mais vulneráveis e menos resistente à manipulação e as quais também o tornam uma vítima mais crédula para aceitar crenças e fazer coisas que ele, de outra forma, não faria (Dijk, 2015. p. 257).

Quando Malafaia afirma “dedique um tempo para meditar neste versículo com sua família”, reforça o uso da fé como dispositivo de controle moral, transmitido sem espaço para pluralidade. Enfatizando a narrativa de uma versão única, como Kaefer (2014) argumenta, o jeito pelo qual a história é contada, de maneira a envolver o leitor no “mundo do relato” e seu sistema de valores.

No vídeo publicado em 06 de agosto de 2020 (*transcrição completa no anexo D*), com mais de seis minutos de duração, Malafaia pronuncia:

“Povo abençoado do Brasil! Esse vídeo é muito importante, assista até o final: o espetáculo que Deus fez, a ciência comprova macho e fêmea. Eu vou falar mais de ciência, do que de teologia. Mas vou começar com a teologia. Quando Deus fez o homem, Gênesis Capítulo 1 Versículo 26 e 27, né? Que ele fez um homem a sua imagem e semelhança e diz lá, macho e fêmea os fez a sua imagem e semelhança. Significa, que a imagem de Deus compreende o macho e a fêmea. Deus não fez uma sociedade de bissexuais, nem de andrógenos. E a ciência comprova as diferenças, né? Do homem e da mulher: diferenças fisiológicas, anatômicas, biológicas, bioquímicas, psicológicas e eu destaco genéticas” (Malafaia, 2020, online).

Malafaia aciona sua autoridade religiosa – “povo abençoado do Brasil!” – no início e ao final – “Que Deus abençoe você, Deus abençoe a sua casa, Deus guarde a família brasileira, feliz dia dos pais! Deus abençoe cada homem. Desempenhe a sua função, seja presente! Deus abençoe a todos.” – de todas as suas mensagens, buscando acentuar legitimidade ao discurso que propaga, Como Melo (2021) expressa:

Nele, o domínio religioso é associado à posição de legitimidade do pastor, enquanto líder evangélico, porém, na sua fala, esse estatuto encontra-se circunscrito explicitamente às saudações iniciais: “Povo abençoado do Brasil” e finais: “Deus abençoe o Brasil. Deus abençoe você, Deus abençoe sua família”, sendo essa última antecedida por uma exortação: “Deus tenha misericórdia do Brasil e abra teus olhos” (Melo, 2021. p.71-72).

Ainda sim, sua autodemarcação funciona como estratégia de validar um discurso que, reiteradamente, recai sobre o corpo do outro como objeto de controle e julgamento do seu argumento central. Ao resumir a imagem de Deus à genitalidade, o pastor exclui tantas outras

⁴⁹ Mateus 25:40: "O Rei responderá: 'Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram'.

possibilidades de existência e espiritualidade, Rosado-Nunes (2006) explica que é a partir da genitalidade que se expressam os processos de socialização desde o mundo familiar até as crenças religiosas. Mesmo que as escrituras revelem a multiplicidade do sagrado, a tentativa de aprisionamento é dentro do sexo biológico.

Além disso, se nega a existência da diversidade humana, apagando violentamente as existências reais – “Deus não fez uma sociedade de bissexuais, nem de andrógenos.” –, ainda que saiba que a criação divina é diversa e podemos perceber através da natureza e da humanidade. Mesmo que o discurso do pastor revele evidências de exclusão e homofobias, ao apelar a genitalidade como referência classificatória, ele também reforça a ideia de subordinação feminina, ao implicar que o gênero masculino ocupa uma posição superior, Rosado-Nunes (2006) expõe que:

Portanto, é a partir dessa realidade biológica culturalizada que é nosso ser sexuado que a cultura e as diferentes instituições sociais não apenas consideram as mulheres como seres de segunda categoria, mas organizam a política, a economia, as leis sociais, a religião de forma a sempre priorizar as iniciativas masculinas e os valores considerados masculinos (Rosado-Nunes, 2006. p301).

Esse processo de exclusão operado socialmente e historicamente, garantem a permanência da dominação ao qual o pastor está inserido, como aponta Thompson (2011), com a finalidade de realçar as maneiras como o significado serve para estabelecer e sustentar ações de dominação.

Na dinâmica do epistemicídio, Malafaia continua a utilizar a ciência como ferramenta de exclusão, de opressão e de desinformação sem embasamento retórico para comprovar o que fala – “Você precisa aprender a entender, o ser humano é um ser dotado de inteligência, vontade própria, que tem poder para decidir inclusive, adquirir comportamentos que vão contra a sua própria natureza” (Malafaia, 2020, online). O pastor usa dessa estratégia de “conhecimento científico” para defender o ponto de que suas concepções não se tratam de preconceito, uma vez que o que ele apresentaria “conceitos firmados na base do conhecimento” (Koren, 2016. p. 57). Reforçando a violência que atenta contra a vida de bissexuais e pessoas trans, explicitando “a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estabelecer e sustentar” (Thompson, 2011. p. 379). No seu lugar de poder, usa da bíblia para impor normas que minam a diversidade de gênero, ostentando o seu privilégio que contraria o Evangelho vivido por Cristo.

Entre os submissos desse poder, estão as mulheres, que, desde suas raízes, lutam por existência própria; têm dificuldade de caminhar com as próprias pernas e revoltam-se

com a diferença de possibilidades e regalias encontradas constantemente abertas ao homem (Veloza, 2020. p. 122).

Outra vez, atribui a dinâmica de dominação – “hoje eles aceitam a ideologia de gênero: um dia o cara quer ser homem é, outro dia quer ser mulher também pode ser.” –, utilizando do termo “ideologia de gênero” para despertar a cognição coletiva do “perigo” proporcionado por essa ideologia, que funciona como uma espécie de plano doutrinador de mudança de uma cultura (Garrido, 2021). Percebe-se fortemente nos discursos religiosos e políticos uma retórica do medo, que funciona como parte de um plano doutrinador que não só convence sujeitos, como principalmente, os adequa a estruturas mais profundas e “o receio da pena imposta pela transgressão das leis de Deus justifica a submissão dos fiéis” (Campos; Vieira, 2014. p. 41).

Esses discursos colaboram com a formação de crenças generalizadas – e preconceituosas – que não apenas sustentam uma visão de mundo, como em maioria, minam relações familiares. É nessa perspectiva que a afirmação de Dijk (2015) se torna primordial “a forma de manipulação mais influente não se concentra na criação de específicos modelos mentais preferidos, mas nas crenças mais gerais e abstratas, como conhecimento, atitudes e ideologias” (Dijk, 2012. p.245). Ou seja, a efetividade dessa manipulação está no seu poder de agir nas amplas camadas da cognição social, gerando efeitos de naturalização e aceitação dos sistemas ideológicos sob a ótica de uma verdade divina inquestionável.

O termo “ideologia de gênero” é utilizado nesse debate para deslegitimar questões ligadas à identidade e construção social do gênero. Como estratégia de padronização da ideologia, “formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica” (Thompson, 2011. p. 86), em que, o elemento narrativo inspira medo. Malafaia ao associar falsamente a ideologia de gênero ao “marxismo cultural” – “a ideologia de gênero não é ciência, é ideologia que vem com marxismo cultural, para destruir o último reduto de autoridade que é a família nuclear.” –, revela uma estratégia recorrente que, como aponta Garrido (2021), “deve ser refutada e combatida, pois se utilizaria de instrumentos como “marxismo cultural” e “ideologia de gênero” para destruir a família e os valores judaico-cristãos” (Garrido, 2021. p.8), vinculando um termo desconhecido à maioria de seu grupo.

Esse pânico moral, longe de proteger a família – como se argumenta –, serve para fortalecer estruturas excludentes que preservam desigualdades de gênero. Essa retórica legitima a rejeição e, conseqüentemente, a perseguição de grupos marginalizados que não se

encaixam no padrão hegemônico de masculinidade, feminilidade ou núcleo familiar. Como apresenta Thompson (2011):

o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio (Thompson, 2011. p. 82).

Dito isso, o discurso religioso torna-se uma ferramenta de controle social, onde a fé é dispositivo para consolidar a dominação e silenciar vozes.

O argumento de ameaça à família, sempre está constantemente associado às questões de gênero – “A sexualidade nas diferentes espécies, cumpre três funções principais, inclusive na humana: dualismo, complementaridade e fecundação.” – , porém, essa estruturação é usada como estratégia de manipulação. Ao valer-se de uma suposta base científica, o discurso religioso em questão naturaliza um padrão específico de sexualidade que, na verdade, está ligada diretamente ao controle do patriarcado. A lógica de dualismo está ancorada na divisão binária – masculino e feminino –; a complementaridade reforça papéis rígidos de gênero; e a fecundação legitima a heterossexualidade reprodutiva como regra incontestável.

Esses argumentos que o próprio pastor argumenta com firmeza, busca validar autoridade ao seu discurso, ao mesmo tempo que deslegitima existências e relações que escapam desse enquadramento. Como evidência Lugones (2008), a família nuclear é uma família generificada por excelência, visto que não existe um modelo único: há famílias monoparentais e famílias homoafetivas, por exemplo. Mesmo assim, o pastor seleciona dados que justifiquem sua teologia patriarcal, ainda que com isso, desumanize a sexualidade humana. É importante assumir que essa desigualdade de gênero não se limita ao ambiente religioso: ela determina práticas e discursos em diversos setores da vida social. É a partir dessa construção de desigualdade – econômica, política, social, cultural e religiosa – que como aponta Rosado-Nunes (2006) “se constroem as diferentes simbologias e significados sociais em relação ao corpo feminino” (Rosado-Nunes, 2006. p. 301).

Portanto, podemos observar como Silas Malafaia enfatiza diferenças biológicas e teológicas para demarcar rigidamente as identidades de “mulher” e “homem”, negando qualquer possibilidade que ultrapasse esse binarismo. Ao recusar a legitimidade de outras expressões de gênero, organiza um discurso que marginaliza a diversidade e reforça a estrutura patriarcal. Essa aparente unificação, no entanto, não tem como propósito o acolhimento, mas sim, o controle simbólico sobre esses corpos, subjetividades e afetos. O uso da Bíblia nesse cenário, é como instrumento retórico de dominação, “entendendo-se pela expressão uma leitura unicamente guiada pela inspiração pessoal subjetiva e destinada a

alimentar esta inspiração” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993), ignorando deliberadamente o exercício da fé inclusiva, onde corpos e identidades considerados desviantes são excluídos e silenciados. A religião, sendo assim, é transformada em estratégia discursiva para consolidar alicerces hegemônicos, legitimando papéis tradicionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito analisar as estratégias discursivas do pastor evangélico Silas Malafaia nas redes sociais, com foco em sua atuação no *Twitter/X*, especialmente no que se refere às questões envolvendo minorias socialmente marginalizadas no Brasil. A proposta central foi compreender de que maneira seu discurso atua como ferramenta de mobilização, fortalecendo o cristianismo conservador e sustentando formas de abuso de poder discursivo, como o machismo e a LGBTFobia.

A análise realizada confirmou as hipóteses levantadas com relação ao pastor Malafaia: ainda que defenda sua autoridade (unicamente) religiosa, o pastor se apresenta predominantemente como uma figura política conservadora, antidemocrática, que desrespeita a dignidade e a pluralidade humana. O discurso de Silas Malafaia carrega marcas ideológicas conservadoras, isto é, operando discursivamente para uma construção simbólica que naturaliza a sustentação de uma hegemonia violenta que atinge diretamente as mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Utilizando estratégias retóricas, amparadas por uma crença limitante tida como verdade universal, o pastor articula sua autoridade religiosa para estigmatizar e marginalizar grupos historicamente e socialmente já silenciados.

A escolha por observar esses discursos a partir das óticas da Análise Crítica do Discurso (ACD) e Análise Multimodal, potencializou a identificação das estratégias de manipulação discursivas usadas para reforçar crenças institucionalizadas pelo poder hegemônico. A ACD possibilitou um subsídio importante para revelar as estruturas de dominação implícitas na construção discursiva, apontadas com o auxílio do debate sobre Ideologia, Hegemonia e Patriarcado. A hermenêutica – sobretudo a percepção da Teologia Feminista – nos permitiu tensionar as perspectivas ancoradas no exercício pastoral do pastor, além da percepção das minorias – mulheres e LGBTQIAPN+, especificamente. Já a Análise Multimodal proporcionou perceber como alguns recursos – imagem e vídeo – foram importantes para substanciar os sentidos pretendidos. A intersecção entre essas teorias revelou que os *tweets* de Silas Malafaia operam como elementos discursivos construídos com a finalidade de preservar uma ideologia alinhada ao conservadorismo religioso e à política de exclusão.

A articulação entre Análise Crítica do Discurso (Dijk, 2015), Hermenêutica (Santos, 2010) e Análise Multimodal (Farhat e Gonçalves-Segundo, 2022) nos viabilizou uma leitura ampla e complexa das manifestações de poder presentes nos enunciados analisados. Ao explorar recursos linguísticos e audiovisuais, o pastor se mobiliza para manter sua autoridade,

influenciar sua audiência e reforçar discursos polarizadores. Tais instrumentos permitiram compreender o discurso não só como linguagem, como também prática social.

Cada categoria não apenas revelou um eixo específico de atuação como também a articulação entre os outros, compondo um cenário amplo de reprodução de hierarquias e controle simbólico. Nessa perspectiva, é viável afirmar que através das categorias criadas foi possível perceber uma operação de persuasão através do medo, da moral e da autoridade religiosa para fortalecer sistemas de desigualdades de gênero.

Observamos em *Estratégias Linguísticas*, a utilização de termos pejorativos como estratégia para enfatizar polarizações políticas e desacreditizar seus oponentes, sabendo que esse método pode influenciar em modelos mentais. Na categoria *Proteção à família e invasão ao feminino*, analisamos os discursos que deslegitimam o feminino, desconsiderando questões que são legítimas da discussão sobre a saúde da mulher. Ainda na mesma categoria, em relação à defesa da família e da inocência infantil, opta por silenciar-se quanto à prevenção e ao cuidado, mas não hesita em fazer sensacionalismo diante de fatalidades. Tudo isso, sob uma ótica de naturalização, apoiada por discursos que evocam perigo e ameaças às instituições sociais – como a família, a sociedade e a igreja.

A categoria *Territorialização do discurso*, por exemplo, revela uma tentativa de dominação no espaço digital – notadamente *Twitter/X* – como continuação do seu púlpito-palanque, no qual a teologia se transforma em retórica antidemocrática, sendo o próprio pastor quem fomenta manifestações antidemocráticas e ataca diretamente deputadas e ministros do Supremo Tribunal Federal.

Na categoria *Sensacionalismo, fake news e epistemicídio*, escolhemos observar *tweets* que trataram de um caso de violência sexual contra uma criança. Nessa categoria, constatamos uma postura enviesada, que utiliza de argumentos sem comprovação científica, de informações falsas e distorcidas para embasar suas especulações, além de operar sua estratégia política com uma tragédia. Por fim, a categoria *Autoridade Pastoral*, que agrupam as postagens de cunho evangelizador, onde podemos apontar a repetição de padrões discursivos associados à construção de gênero e a hierarquização a partir da interpretação da bíblia.

Essas observações constataram que o pastor Silas Malafaia se apresenta como uma figura contraditória: que utiliza a Bíblia para atacar minorias marginalizadas, mas, ao se dirigir às mulheres, abandona as escrituras em favor do poder patriarcal que lhe é socialmente conferido. Seus posicionamentos – bem como algumas interpretações da Bíblia – revelam uma fixação recorrente na genitália e na sexualidade alheia – temas que se tornam centrais

em seus discursos. Sua rígida visão de masculinidade, supostamente legitimada pela religião, é facilmente ameaçada até por símbolos aparentemente inofensivos, mesmo como uma boneca. Se a imagem comum de um pastor é de alguém pacificador e acolhedor, Malafaia representa, paradoxalmente, o oposto disso.

Percebemos que as estratégias ideológicas utilizadas por Malafaia – como legitimação, reificação e dissimulação (Thompson, 2011) – se intercalam e reforçam mutuamente, dificultando a categorização clara de seus *tweets*, que frequentemente se enquadram em mais de uma categoria simultaneamente. Além disso, observou-se que Silas Malafaia se apropria de temas de forte apelo social, como direitos humanos, moralidade, política e aborto, para erguer seu palanque político, reforçando estereótipos e disseminando desinformação deliberadamente. Isso é feito por meio de uma perspectiva religiosa moralizante, usando a Bíblia e o discurso religioso como pano de fundo. As redes sociais exercem um papel central nessa construção, funcionando como arena de disputa simbólica e ideológica, abertas à circulação de todo tipo de conteúdo – inclusive, desinformação, violação do corpo feminino (como foi demonstrado nas análises) e invasão ao direito de afeto e relações. Apesar de o ambiente digital ser diversificado e multifacetado, o discurso de figuras influentes tende a ganhar maior visibilidade, contribuindo para consolidação de uma dominação historicamente enraizada.

Contudo, esta dissertação contribui para o debate acadêmico ao lançar luz sobre as formas pelas quais o discurso religioso opera como instrumento de controle social, dissimulado uma neutralidade moral, sob os solos férteis das redes sociais. Ao identificar e descrever os mecanismos discursivos que sustentam essas práticas, espera-se estimular discussões que promovam o enfrentamento da violência simbólica – especialmente no campo religioso e no ambiente digital – e, sobretudo, fomentem um debate sério sobre o combate ao sensacionalismo digital, ao machismo, à LGBTFobia e a atitudes discursivas que estimulem a violência de gênero e atentam contra a integridade física e moral de mulheres, crianças, a comunidade LGBTQIAP+ e da nossa democracia.

Além de tudo, esta pesquisa contribui para ampliar o entendimento sobre o papel das figuras religiosas, como Silas Malafaia, na criação e na manutenção de narrativas que manipulam profundamente a percepção pública sobre as minorias socialmente e historicamente marginalizadas. Ao utilizar sua autoridade espiritual, essas lideranças moldam crenças e comportamentos dentro de seus grupos, além de atuarem como agentes políticos que corroboram com uma agenda conservadora, muitas vezes em conformidade com interesses partidários e ideológicos. Ademais, essa articulação entre discurso religioso e

poder político, quando analisada criticamente, expõe os mecanismos explícitos pelos quais o discurso se torna ferramenta de controle social, deslegitimando a laicidade do Estado, legitimando desigualdades e naturalizando intolerâncias. Por essa razão, a pesquisa contribui para os estudos de comunicação, política e religião, reforçando a importância de se compreender o papel do discurso na reprodução de hegemonias no cenário digital atual.

Em suma, esta dissertação alerta para as consequências políticas e sociais do episódio estudado, especificamente em um contexto onde a sociedade está marcada por uma crescente polarização, intolerância, violência de gênero e abuso infantojuvenil. A naturalização de discursos que segregam mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e outros grupos vulneráveis não apenas aprofunda as divisões sociais, como também valida as práticas de exclusão, violências simbólicas e até físicas contra esses grupos. As redes sociais, ampliam significativamente a abrangência dessas mensagens, funcionando como arenas de disputas discursivas na qual se intensificam e propagam, tornando-se um campo amplo para a formação e consolidação de discursos excludentes e violentos. Assim, a pesquisa destaca a urgência de ações que promovam a reflexão crítica, o debate público, o combate efetivo a essas formas de repressão discursiva e sobretudo a regulamentação das redes sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade plural, democrática e virtualmente segura.

É importante salientar que, apesar dos muitos percalços, o interesse pela pesquisa científica nunca se tornou uma insegurança. E apesar das diversas demandas, procuramos intensificar boa parte do que estava em déficit. A pesquisa acadêmica não é importante apenas para o espaço científico da nossa área, esta em questão, é de importância pessoal, para a evolução significativa dentro do espaço docente acadêmico. Por essa razão, como ensejo para o aprofundamento de pesquisas futuras, sugere-se o aperfeiçoamento das análises voltadas para a recepção desses discursos por parte do público, bem como a repercussão do discurso nas práticas cotidianas de fiéis e seguidores. Também seria importante investigar vozes contra-hegemônicas que emergem do próprio campo religioso, contribuindo para a reconfiguração das narrativas dominantes, apresentando uma possibilidade dignamente humana para o espaço religioso.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, Mirla Cisne; ARAÚJO, Nayra da Silva. **Colonialidade e violência contra as mulheres negras no Brasil: uma análise feminista decolonial**. Tensões Mundiais, 17(33), 349-370, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2789>>. Acesso em: 10 Ago. de 2024.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Lua Nova, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/mQtGPDfjR85HxSSLtmgCzbM/>>. Acesso em: 25 Fev. de 2025.

ALVES, Mario Aquino. **Análise Crítica do Discurso: Exploração da Temática**. Relatório de Pesquisa. FGV - EAESP/ GV PESQUISA, 2006. Disponível em: <<https://pesquisa-eaesp.fgv.br/publicacoes/gvp/analise-critica-do-discurso-exploracao-da-tematica>>. Acesso em: 25 Fev. de 2025.

AMARAL, Marcelo Santos; PINHO, José Antonio Gomes de. **Eleições Parlamentares no Brasil: O Uso do Twitter na Busca por Votos**. Revista de Administração Contemporânea, v. 22, n. 4, p. 466–486, jul. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/R9fZC87tjCyQJ8hb7jKpzmz/#>> . Acesso em: 16 jun. de 2024.

AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro de. **Poder e violação de direitos humanos no discurso pentecostal: uma análise da atuação político-midiática de Silas Malafaia e Marco Feliciano nas redes sociais online** / Andrea de Lima Trigueiros de Amorim. – Recife, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29097>>. Acesso em: 22 Nov. de 2024.

ANTUNES JUNIOR, Fernando Simões. **A retórica do medo: uma análise neurolinguística da mídia**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Comunicação Social (PUCRS), Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7000>>. Acesso em: 22 Nov. de 2024.

ARAÚJO, Emerson Ricardo. **A Retórica Bélica da IURD: Um estudo sobre as postagens da Igreja Universal do Reino de Deus no Twitter**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós Graduação e, Estudos de Linguagens (PPGEL), Curitiba, 2022. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UTFPR-12_07c4d5970d675e1baabd4a68d623b3e1>. Acesso em: 22 Nov. de 2024.

BIANCHI, Alvaro ; ALIAGA, Luciana. **Força e consenso como fundamentos do Estado Pareto e Gramsci**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp.17-36. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/yDKqnY7Sf4zC7zhD334GmpS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 Fev. de 2025.

BÍBLIA. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1990.

BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº6, Brasília, julho-dezembro de 2011, pp.71-98. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1785/1574>>. Acesso em: 23 Fev. de 2025.

Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Ministério da Saúde. Volume 54| Nº 8: 29 de fev. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08>>. Acesso em: 25 Fev. de 2025.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade/** Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf>. Acesso em: 25 Fev. de 2025.

CAMPOS, Nathaly Regina Monteiro Nunes; VIEIRA, Roberta da Costa. **PERSUASIVIDADE NO DISCURSO RELIGIOSO**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação: Blumenau, v. 8, n. 1, p. 39-54, jan./abr. Disponível em: <<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4089?articlesBySimilarityPage=3>>. Acesso em: 22 Nov. de 2024.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. **A despatriarcalização de Deus na teologia femiinsta**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n.3: set-dez, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/jDJwnKcmH7DCXPsyN9dSZ5H/>>. Acesso em: 22 Nov. de 2024.

CANTANHEDE, Ytalo Silva. **A sociedade midiaticizada: Reflexões teórico-metodológicas acerca do panorama midiático**. Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–13, 2021. DOI: 10.23925/2675-8253.2021v2liE1. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/avesso/article/view/52320>. Acesso em: 23 Fev. de 2025.

CESAR, Larissa de Oliveira; SALDANHA, Patrícia Gonçalves. **Pastor Silas Malafaia e o uso estratégico das mídias digitais: o novo púlpito religioso no cotidiano midiaticizado.** RECIIS, [S. l.], v. 13, n. 1, 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i1.1564. Disponível em: <https://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1564>. Acesso em: 21 Abr. 2025.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024.** Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>>. Acesso em: 25 Fev. de 2025.

CÉSAR, Larissa de Oliveira; SALDANHA, Patrícia Gonçalves. (2019). **Pastor Silas Malafaia e o uso estratégico das mídias digitais: o novo púlpito religioso no cotidiano midiaticizado.** Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde, 2019 jan-mar. Disponível em: <<https://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1564/2260>>. Acesso em: 24 Nov. de 2024

COUTO, Felipe Fróes; CARRIERI, Alexandre de Pádua. **Análise Crítica do Discurso: A teoria a partir de Teun A. Van Dijk.** XXI SEMEAD Seminários em Administração, novembro de 2018. Disponível em: <<https://login.semead.com.br/21semead/anais/arquivos/781.pdf>>. Acesso em: 12 Ago de 2024.

De Lula a Bolsonaro: o jogo pelo poder de Silas Malafaia. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/de-lula-a-bolsonaro-o-jogo-pelo-poder-de-silas-malafaia/>. Acesso em: 15 Mar de 2025

DEIFELD, Alessandra Guterres; MACELAI, Bruna Luísa. **As implicações da colonização para a institucionalização da violência de gênero na América Latina: contributos do pensamento decolonial.** Florianópolis: Editora Centro de Estudos Jurídicos (CEJUR), 2019. v. 3, p. 94-104. Disponível em: <<https://ovm.alesc.sc.gov.br/wp-content/uploads/sites/3/2025/10/E-book-livro-3.pdf>>. Acesso em: 13 Jun. 2024.

DREHER, Martín N. **Coleção história da igreja.**/ Martín N. DREHER. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder.** Judith Hoffnagel, Karina Falcone, (org). 2. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução.** / Terry Eagleton: tradução Silvana Vieira; Luís Carlos Borges. – 2.ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

FARHAT, Theodoro Casalotti, GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Análise Multimodal: Noções e procedimentos fundamentais.** Trabalhos em Linguística Aplicada,

v. 61, n.2, p.435-454, 2022 Campinas, n(61.2): 435-454, mai./ago. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/003091764>>. Acesso em: 20 Mar. 2025

FONSECA, Ana Paula Martins; SILVA, Elaine Kendall Santana. **Letramento e multimodalidade no ensino de língua materna: o que pensam ingressantes do curso de letras de uma universidade pública de Minas Gerais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 360p. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_multimodalidade-ensinos.pdf> . Acesso em: 20 Mar. 2025

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf. Acesso em: 12 Ago de 2024

GALLO, Fernanda Vendramini. **As mulheres e os homens da Igreja Universal do reino de Deus**. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT12_Fernanda%20Vendramini%20editado.pdf>. Acesso em: 21 Abr. de 2025.

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 **Cadernos do cárcere, volume 2** / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Disponível em: <<https://ia801805.us.archive.org/23/items/AntonioGramsciCadernosDoCrcereVolII/Antonio%20Gramsci%20-%20Cadernos%20do%20c%C3%A1rcere%20-%20vol%20II.pdf>>. Acesso em: 21 Abr. de 2025.

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 **Cadernos do cárcere, volume 1** / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Disponível em: <<https://rebeldesistematico.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/10/antonio-gramsci-cadernos-do-cc3a1rcere-vol-i.pdf>>. Acesso em: 21 Abr. de 2025.

GARRIDO, Stella. **Silas Malafaia: Uma relação entre religião e política para além do sagrado, do segundo governo Dilma à ascensão de Bolsonaro**. Anais do 3º Encontro Internacional Histórias & Parcerias. Universidade Federal Fluminense, 18 e 22 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1635357742_ARQUIVO_5855d7bfdbeb4841a5cabb0095f7159b.pdf> . Acesso em: 21 Abr. de 2025.

GONZAGA JUNIOR, Carlos Antônio. **Desinformação e fake news como modos de negação comunicacional da cidadania: [manuscrito]: um estudo do perfil**

@jairbolsonaro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós Graduação em Comunicação, Goiânia, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/3077e193-a3bb-46f5-be93-8e3aed23f20f>>. Acesso em: 21 Abr. de 2025.

GONÇALVES, Robson de Andrade; MUCHERONI, Marcos L.. **O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação.** Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e5759, nov. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/361347730_O_que_e_epistemicidio_Uma_introducao_ao_conceito_para_a_area_da_Ciencia_da_Informacao>. Acesso em: 28 Fev. de 2025

GUALBERTO, Clarice Lage; SANTOS, Zaira Bomfante dos. **Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 35, n. 2, p. e2019350205, 2019. Disponível em: <<https://revistashomol.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45274>>. Acesso em: 20 Mar. de 2025

IBGE: Brasil tem mais templos religiosos que unidades de saúde e escolas. Revista VEJA, 2024. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/ibge-brasil-tem-mais-templos-religiosos-que-unidades-de-saude-e-escolas/>> . Acesso em: 12 abr. 2025

KAEFER, José Ademar. **Hermenêutica bíblica: refazendo caminhos.** Estudos de Religião, v.28, n. 1, jan-junho, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342623>. Acesso em: 12 Abr. 2025

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia.** 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2020.

KOREN, Jonas Christmann. **Ministério Silas Malafaia: evangelizando à direita (2000-2013).**/Jonas Christmann Koren.— Marechal Cândido Rondon, 2016. Disponível em: <<https://tede.unioeste.br/handle/tede/3153>>. Acesso em: 21 Out. 2024

LEMONS, Lúcia. **O PODER DO DISCURSO NA CULTURA DIGITAL: O CASO TWITTER.** Apresentado na 1ª JIED- Jornada internacional de Estudos do Discurso, Maringá. 27, 28 e 29 de mar. de 2008. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/O%20PODER%20DO%20DISCURSO%20NA%20CULTURA%20DIGITAL%20lemons.pdf>>. Acesso em: 18 Jul. de 2024

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa.** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MALAFAIA, Silas. **BENEDITA! PARA DE FALAR ASNEIRA! No estádão ela diz que a Bíblia fala de gênero. ABSURDO! A Bíblia fala de macho e fêmea, um foi feito para o outro, ã fala de bissexuais ou andrógenos. Gênero masculino e feminino, só na gramática. Sexo masc e fem cientificamente comprovado.** Rio de Janeiro, 26 de out. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1188257449247236096>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **ATENÇÃO EVANGÉLICOS ! Marina Silva é mais esquerdopata do que qualquer outra coisa. Mais uma vez se nega no debate a defender fundamentos da nossa fé. Não se posicionou sobre aborto e liberação das drogas.DISSIMULADA! UMA VERGONHA!** Rio de Janeiro, 18 de ago. 2018. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1030655802091208705>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **ABORTO É QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA ? O aborto em si, seja ele legal ou ilegal, produz questões de saúde pública. As mulheres que dão à luz não produzem esses problemas. O pequeno bebe no útero materno ã é prolongamento do corpo da mulher, na gestação, ele é o agente ativo.** Rio de Janeiro, 01 de fev. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1091415081387208704>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **IMPrensa GAYZISTA! O caso do casal Nardoni e do menino Bernardo, tiveram ampla cobertura da imprensa , por muitos dias. O caso do assassinato brutal, contra uma criança, cometido por um casal de lésbicas, é vergonhosamente escondido! IMPrensa PARCIAL , DEFENSORA DA CAUSA GAY!** Rio de Janeiro, 12 de jun. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1138873393334370309>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **CHEGA DE TANTA MENTIRA! Você já reparou q para o ativismo gay , gay não é assaltado, nem assassinado pela violência urbana, se briga, apanha, se machuca, TUDO É HOMOFOBIA ! Cambada de cretinos que tem cobertura de uma imprensa podre, escondem a verdade para tentar enganar o povo.** Rio de Janeiro, 20 de dez. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1208159251014864897>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **A VERDADE É ABSOLUTA ! Se as manifestações de amanhã fossem em favor da causa gay, feministas, aborto, liberação de drogas e agenda dos esquerdopatas, a imprensa já estaria noticiando a alguns dias de maneira positiva. Como é a favor do governo Bolsonaro, ou se calam ou criticam.** Rio de Janeiro, 25 de mai. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1132273351320379392>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Você sabe o que é ideologia de gênero? Nós, cristãos, não podemos aceitar essa estratégia que visa destruir a família e erotizar as nossas crianças. Posicione-se contra a ideologia de gênero!** Rio de Janeiro, 13 de jul. 2021. Twitter: @PastorMalafaia.

Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1414962923454279684>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Querem desconstruir a qualquer custo a figura masculina. Uma covardia com as nossas crianças. Fora Ideologia de Gênero! Veja o vídeo de Alexandre Isquierdo, vereador RJ. #IdeologiaDeGêneroNão.** Rio de Janeiro, 24 de jan. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1088425695557107713>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Partidos de esquerda são a favor de ideologia de gênero e estão contra que as mulheres que sofram estupro denunciem estupradores. Entenda essa questão!** Rio de Janeiro, 15 de out. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1316929555928698886>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **UMA VERDADEIRA CAÇADA ! Quem não apoia ideologia de gênero , casamento gay, aborto , liberação de drogas , está sendo amordaçado pelo ditador da toga Alexandre de Moraes . A liberdade de expressão sendo jogada no lixo . MINISTRO CRETINO ! INESCRUPULOSO !** Rio de Janeiro, 26 de jun. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1276604903209787392>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Como sempre, Marina se omite em dizer que é contra o aborto. QUE EVANGÉLICA É ESSA! Omissa! Não merece o voto dos cristãos.** Rio de Janeiro, 09 de ago. 2018. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1027743994082721792>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **VERGONHA ! Ver alguns pastores sem conhecimento teológico , jurídico e científico , ficando em cima do muro , fazendo o jogo desse mundo podre no que tange a questão do aborto. ABSURDO! VERGONHA TOTAL!** Rio de Janeiro, 17 de ago. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1295544925908545536>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **ATENÇÃO EVANGÉLICOS ! Mais tarde um vídeo sobre a questão do aborto baseado na ciência e na Bíblia . Vou falar como foi feito o aborto na menina . A casa das feministas vai cair , como também daqueles que falam baseados na emoção e não no conhecimento. QUENTÍSSIMO!** Rio de Janeiro, 18 de ago. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1295713102785282058>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **IMPERDÍVEL ! IMPERDÍVEL ! É DE ARREGAÇAR ! Mulher fruto de estupro, sua mãe era adolescente quando aconteceu , rebate filhinha de papai que defende aborto. É DE ARREBENTAR ! VÍDEO DAQUI A POUCO !** Rio de Janeiro, 20 de ago. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1296536169338019841>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Assista e divulgue! Mulher que é fruto de estupro (sua mãe era uma adolescente) rebate falácia de garota que não entende nada do assunto.** Rio de Janeiro, 21 de ago. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1296832218048929792>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **“A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua.” Provérbios 14.1. Mulher, Deus colocou em suas mãos um incrível poder de edificar e influenciar todos ao seu redor. Peça ao Senhor sabedoria para edificar a sua casa e ser um exemplo de mulher de Deus. E lembre-se que você tem muito valor para a sua família e para a sociedade! Sou grato a Deus pela Elizete, uma mulher virtuosa e sábia que sempre edifica a nossa casa. Parabéns a todas as mulheres por este dia!#DiaInternacionaldaMulher.** Rio de Janeiro, 08 de mar. 2024. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1766115767563546762>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **A Bíblia diz, em Efésios 5.22, que a mulher tem que ser submissa ao marido. O grande problema em torno desse assunto é que muitos não entendem o real sentido de submissão. Submissão é aceitar a missão do outro. Mensagem completa em (link do youtube).** Rio de Janeiro, 14 de ago. 2019. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1161753600701411330>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Talvez você não saiba, mas você, mulher, é poderosíssima. Você tem poder para edificar sua casa com sabedoria, como a Bíblia diz em Provérbios 14.1. Você foi criada por Deus para ser vitoriosa. Você tem muito valor! #DiaInternacionaldaMulher.** Rio de Janeiro, 08 de mar. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1236608354060992512>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Seja um homem de atitude! Deus deu ao homem autoridade para que cumpra 7 funções: promoção, provisão, proteção, lei, ordem, coesão e liderança. Homem que é homem toma decisões, se esforça, luta por seus ideais, protege sua mulher e família e é o provedor principal. #diadohomem.** Rio de Janeiro, 15 de jul. 2021. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1415823589291577350>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Em Gênesis 1.27, a Bíblia é clara que Deus criou homem e mulher, e, no texto de Marcos 10.6, Jesus também reforça isso. O mundo pode distorcer a verdade, porém, permanecemos firmes na Palavra de Deus, o nosso guia para uma vida santa e vitoriosa! Este é o versículo do mês de julho para citarmos em nossa casa e ensinarmos para nossa família.** Rio de Janeiro, 03 de jul. 2023. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1675913466828271625>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Imperdível! Esse vídeo detona o argumento do ativismo gay para dizer que Jesus é a favor de relações fora da heteronormatividade.** Rio de Janeiro, 04 de abr. 2022. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1511111380971233284>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **Minha gente, o versículo que eu escolhi para o mês de fevereiro é Gênesis 1.27, que mostra que Deus criou macho e fêmea, mais nada além disso. O Senhor nos fez à sua imagem, porque temos muito valor para Ele.. Dedique um tempo para meditar neste versículo com a sua família.** Rio de Janeiro, 06 de fev. 2024. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1754882766083146030>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **O espetáculo que Deus fez: macho e fêmea. Aprenda sobre as verdades científicas dessa afirmação.** Rio de Janeiro, 07 de ago. 2020. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <https://x.com/PastorMalafaia/status/1291743693792321536>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MARTINS, Ana Amélia; MARTELETO, Regina Maria. **Cultura, ideologia e hegemonia: Antonio Gramsci e o campo de estudos da informação.** InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 10, n.1, p. 5-24, mar./ ago. 2019. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/incid/article/view/148808/153394>>. Acesso em: 21 Abr. 2025

MBEMBÉ, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80p

MEDEIROS, Breno Wilson Leite; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.. **Análise Crítica do Discurso Multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade.** Linha d'água, n. 26 (2), p. 351-358, 2013. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/65164/71595>>. Acesso em: 11 Abr. 2025

MELO, Mônica Souza. **A organização argumentativa no aconselhamento do pastor Silas Malafaia sobre o candidato à presidência Fernando Haddad.** Matranga - Revista do Programa de Pós- Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro. v. 28, n. 52, p. 66-81, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/view/53236>>. Acesso em: 26 Fev. 2025

MENA- LÓPEZ, Maricel; PILAR DE LA CALLE, Claudia; IGLESIAS, Loída Sardiñas. **Bíblia e descolonização: Leituras desde uma hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação.** Mandrágora, [S.l], v.24. n. 2, p. 115-144. 2019, p. 115-144. Disponível em: <<https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1223>> . Acesso em: 26 Fev. 2025

MENESES, João Paulo. **Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news**. Observatório (OBS*), [S. l.], v. 12, n. 5, 2018. DOI: 10.15847/obsOBS12520181376.

Disponível em:

<https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e mulher: liderança feminina no Pentecostalismo evangélico..** 2009. 87f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufrn.br/items/a05faaf2-265f-49d9-a725-7b9ecc4dfdbc>>. Acesso em: 13 Jan. 2025

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci / Atillio Monasta**; tradução: Paolo Nosella. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4660.pdf>>. Acesso em: 25 Abr. 2025.

Multimodalidade, ensinos e aprendizagens. Renato Caixeta da Silva, Lizainny Aparecida Alves Queiroz - organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 360p. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_multimodalidade-ensinos.pdf> . Acesso em: 20 Mar. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948.

Disponível em:

<<https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2025.

OLIVEIRA, Daniel Gomes dos Santos. **CAMALEÕES PELO PODER: Uma análise da trajetória de Silas Malafaia e sua influência na crescente adesão de evangélicos aos ativismos políticos.** 2024. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Seropédica, 2024. Disponível em: <<https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/20270/1/2024%20-%20Daniel%20Gomes%20dos%20Santos%20Oliveira.pdf>> . Acesso em: 21 Abr. de 2025.

ORTUNES, Leandro. **Pastores Midiáticos: Influenciadores digitais ou apenas pastores?** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, Joinville - SC. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0062-1.pdf>> . Acesso em: 21 Abr. de 2025.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar,

CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes. Disponível em:<https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf>. Acesso em: 23 Fev. 2024

PEDROSA, Cleide Emilia Faye. **Discurso Religioso: funções e especificidade**. Solettras, ano VII, nº13, São Gonçalo: UERJ, 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/solettras/article/view/4694/3461>>. Acesso em: 21 Abr. de 2025.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA**. Roma, 15 de Abril de 1993. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html#top> Acesso em: 21 Abr. de 2025.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter**. Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. de 2009. Disponível em: <<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/05/Em-busca-das-%E2%80%9Credes-que-importam%E2%80%9D.pdf>>. Acesso em: 23 Fev. 2024

RECUERO, R.; GRUZD, A.. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter**. Galáxia (São Paulo), n. 41, p. 31–47, maio 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39035>>. Acesso em: 23 Fev. 2024

REINACH, Sofia; BARROS, Betina Warmling. **O aumento da violência contra crianças e adolescentes no Brasil em 2022**. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 188-203, 2023. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>. Acesso em: 12 Fev. 2024

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2. ed.; 3ª reimpressão. – São Paulo : Contexto 2019.

REZENDE, Daniela Leandro. **Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda**. Universidade Federal de Viçosa. Plotas: 07-27, 2015. Disponível em: <<https://locus.ufv.br/items/04eae7ee-e68e-41b1-882b-8b93c6584373>>. Acesso em: 09 Jun. e 2024.

ROCHA, Max Silva da; ROBERTA, Karen Stefanini; MOURA, João Benvindo de. **A Argumentação Polêmica Em Pronunciamentos Do Pastor Silas Malafaia**. VERBUM,

v.12, n. 1, p. 124-148, mai. 2023. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/60472/42244>>. Acesso em: 30 Jul. 2024.

ROSADO-NUNES, Maria José. **Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. Ponto de Vista** • Revista Estudos Feministas: Florianópolis, v.14, n.1. janeiro- abril/ 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZZ7mhVDBZCMGLmnDMpBMhNS>>. Acesso em: 25 Abr. 2025

ROSSETTO, Graça; CARREIRO, Rodrigo; ALMADA, Maria Paula. **Twitter e comunicação política: limites e possibilidades**. In: Revista Compolítica, n. 3, vol. 2, ed. julho-dezembro, ano 2013. Rio de Janeiro: Compolítica, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324044249_Twitter_e_comunicacao_politica_limite_s_e_possibilidades>. Acesso em: 16 de Set. 2024

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho** / Heleieth I.B. Saffioti. -- São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polemical)

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero e Patriarcado: a necessidade da violência**. Marcadas a Ferro – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 260p.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. / Heleieth Iara Bongiovani Saffioti.-- 2.ed.—São Paulo : Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHLESENER, Anita Helena. **Hegemonia e cultura: Gramsci**. 3ª edição. Editora: UFPR, 2019. Disponível em: <<https://cbd0282.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/hegemonia-e-cultura.pdf>>. Acesso em: 17 Abr. 2025

SANTOS, Odja Barros; MUSSKOPF, André Sidnei. **Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas**. INTERAÇÕES, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 334–354, 2018. DOI: 10.5752/P.1983-2478.2018v13n24p334-354. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/18446>>. Acesso em: 26 Fev. 2025

SANTOS, Odja Barros. **Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na Perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência** / Odja Barros Santos; orientador Nelson Kilpp. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/183/santos_ob_tmp129.PDF?squence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 Fev. 2025

SERRATO, Andreia Cristina; CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. **A TEOLOGIA FEMINISTA LATINO- AMERICANA: NOVOS SUJEITOS E NOVAS POSTURAS EPISTEMOLÓGICAS**. Perspect. Teol., Belo Horizonte, v. 55, n. 3, p. 725-744, Set./Dez.

2023. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/pteo/a/VfthQkbqWGR7FPY86xqrgtx/>>. Acesso em: 26 Fev. 2025

SILAS MALAFAIA OFICIAL. **Minha História - Silas Malafaia.** Disponível em:<<https://www.silasmalafaia.com/minha-historia/>> Acesso em: 14 jun. de 2024

SILVA, Sabrina Aparecida Da. **O CONCEITO DE IDEOLOGIA: TRACY, MARX, ENGELS E GRAMSCI.** Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/129460780>>. Acesso em: 17 Abr. 2025.

SILVA, Renata. **Linguagem e ideologia: embates teóricos.** Linguagem em (Dis)curso -- LemD, v. 9, n. 1, p. 157-180, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/411>. Acesso em: 21 Out. 2024.

SILVA, Renato Caixeta da; QUEIRÓZ, Lizainny Aparecida Alves. **Multimodalidade, escolas, ensinos e aprendizagens.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 360p. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_multimodalidade-ensinos.pdf>. Acesso em: 20 Mar. 2025.

SOUZA, Alana Sá Leitão. **O Godllywood e a ‘mulher virtuosa’ na IURD.** REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 4, volume 4(2):24-38, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/reia/article/view/231680/25808>> . Acesso em: 15 Fev. 2025

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa.**/ John B THOMPSON. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VEJA. **IBGE: Brasil tem mais templos religiosos que unidades de saúde e escolas.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/ibge-brasil-tem-mais-templos-religiosos-que-unidades-de-saude-e-escolas/#google_vignette>. Acesso em: 14 Abr. 2024

VELOZO, Maristela Ferreira Silva. **A mulher fazendo teologia.** PARALELLUS Revista de Estudos de religião - UNICAP, Recife, PE, Brasil, v.1, n. 1, p. 115 - 132. Disponível em:<<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/123?articlesBySimilarityPage=14>>. Acesso em: 15 Fev. 2025

ANEXO

ANEXO 1: Quadro de coletas de análises

Número do tweet	Data/Hora	Conteúdo	Composição Multimodal	Palavra-chave	Curtidas/ Retweets
1	9:00 PM 15 de jul de 2021	Seja um homem de atitude! Deus deu ao homem autoridade para que cumpra 7 funções: promoção, provisão, proteção, lei, ordem, coesão e liderança. Homem que é homem toma decisões, se esforça, luta por seus ideais, protege sua mulher e família e é o provedor principal. #diadohomem	tweet com imagem	homem	224 curtidas/ 45 RT
2	2:04 PM 3 de jul de 2023	Em Gênesis 1.27, a Bíblia é clara que Deus criou homem e mulher, e, no texto de Marcos 10.6, Jesus também reforça isso. O mundo pode distorcer a verdade, porém, permanecemos firmes na Palavra de Deus, o nosso guia para um vida santa e vitoriosa! Este é o versículo do mês de julho para citarmos em nossa casa e ensinarmos para nossa família.	tweet com imagem	macho; fêmea	2 mil curtidas / 321 RT
3	12:00 PM 22 de set de 2023	Se você é contra o aborto, compartilhe!	tweet com imagem	aborto	5 mil curtidas / 2 mil RT
4	12:00 PM 6 de fev de 2024	Minha gente, o versículo que eu escolhi para o mês de fevereiro é Gênesis 1.27, que mostra que Deus criou macho e fêmea, mais nada além disso. O Senhor nos fez à sua imagem, porque temos muito valor para Ele. Dedique um tempo para meditar neste versículo com a sua família.	tweet com imagem	fêmea	418 curtidas / 58 RT
5	11:56AM 8 de mar de 2024	“A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua.” Provérbios 14.1 Mulher, Deus colocou em suas mãos um incrível poder de edificar e influenciar todos ao seu redor. Peça ao Senhor sabedoria para edificar a sua casa e ser um exemplo de mulher de Deus. E lembre-se que você tem	tweet com imagem	mulher	439 curtidas / 52 RT

		muito valor para a sua família e para a sociedade! Sou grato a Deus pela Elizete, uma mulher virtuosa e sábia que sempre edifica a nossa casa. Parabéns a todas as mulheres por este dia! #DiaInternacionaldaMulher			
6	12:00 PM 13 de jul de 2021	Você sabe o que é ideologia de gênero? Nós, cristãos, não podemos aceitar essa estratégia que visa destruir a família e erotizar as nossas crianças. Posicione-se contra a ideologia de gênero!	tweet com imagem	ideologia de gênero	603 curtidas / 182 RT
7	7:30 PM 28 de fev de 2019	Colunistas famosos não criticaram ensinar ideologia de gênero, mas ensinar o Hino Nacional nas escolas criticaram.	tweet com vídeo	ideologia de gênero	98 curtidas / 18 RT
8	6:36 PM 14 de ago de 2019	A Bíblia diz, em Efésios 5.22, que a mulher tem que ser submissa ao marido. O grande problema em torno desse assunto é que muitos não entendem o real sentido de submissão. Submissão é aceitar a missão do outro. Mensagem completa em (link do youtube)	tweet com vídeo	mulher	551 curtidas / 81 RT
9	11:30 PM 15 de out de 2020	Partidos de esquerda são a favor da ideologia de gênero e estão contra que as mulheres sofram estupro denunciem estupradores. Entenda essa questão	tweet com texto	ideologia de gênero; mulher	105 curtidas / 16 RT
10	11:31AM 7 de ago de 2020	O espetáculo que Deus fez: macho e fêmea. Aprenda sobre as verdades científicas dessa afirmação.	tweet com vídeo	macho; fêmea	118 curtidas / 21 RT
11	5:31 PM 18 de ago de 2020	VERGONHA! Evangélicos sendo manipulados por feministas e comoção social na questão do aborto.	tweet com vídeo (indisponível)	feminismo; aborto	196 curtidas / 29 RT
12	9:30 PM 15 de fev de 2022	É errado dizer que ama ser mulher ou ser homem? Assista ao vídeo	tweet com vídeo	mulher	181 curtidas / 22 RT
13	12:30 PM 15 de fev de 2022	O ativismo gay quer controlar o pensamento e a opinião. Entenda o que eu estou falando.	tweet com vídeo	gay	201 curtidas / 31 RT
14	4:30 PM 15 de fev de 2022	Olha o patrulhamento ideológico que está ocorrendo. Uma cantora famosa é censurada porque disse que ama ser mulher e ser feminina.	tweet com vídeo	mulher	185 curtidas / 35 RT

15	10:30 AM 24 de out de 2022	Onde vamos parar? Xingar a mulher e a filha do presidente pode, mas Roberto Jefferson xingar a ministra do STF não pode. Que senso de justiça é esse?	tweet com vídeo	mulher	1 mil curtidas / 181 RT
16	12:30 AM 21 de out de 2022	Onde estão as feministas, globais que tanto se colocam como defensoras das mulheres? Diante dessa barbárie se calaram. Bando de cretinas	tweet com vídeo	mulheres	475 curtidas / 78 RT
17	7:40 PM 4 de abr de 2022	Imperdível! Esse vídeo detona o argumento do ativismo gay para dizer que Jesus é a favor de relações fora da heteronormatividade.	tweet com vídeo	gay	194 curtidas / 43 RT
18	9:00 AM 5 de abr de 2022	A vergonhosa manipulação científica do ativismo gay para tentar dizer que Jesus foi trans.	tweet com vídeo	gay	210 curtidas / 38 RT
19	12:30 PM 9 de jul de 2023	PALHAÇADA! Pode se criticar pastores, padres, políticos, autoridades, Deus, o diabo e quem quiser. Qualquer crítica à prática homossexual, eles querem dizer que é homofobia. Assista a este vídeo e entenda o que eu falo.	tweet com vídeo	gay	685 curtidas / 134 RT
20	6:00 PM 2 de nov de 2023	O que significa a mulher ser submissa a seu marido? Homens e mulheres, esse vídeo é importantíssimo! Assistam à mensagem completa	tweet com vídeo	mulher	279 curtidas / 47 RT
21	3:00 PM 26 de jun de 2024	A sugestão de Michelle põe limite na questão do aborto, protege a mulher e ferra o estupro. Com a palavra Lula, a esquerda e abortistas.	tweet com vídeo	aborto; mulher	203 curtidas / 44 RT
22	5:57 AM 26 de jun de 2024	IMPERDÍVEL! A sugestão de Michelle para a questão do aborto em mulheres que sofrem estupro, eu concordo. Eu quero ver agora a esquerda, o que eles vão falar? Se vão continuar a proteger o estupro como sempre fizeram fingindo que estão protegendo a mulher. Não tem saída para eles!	tweet com vídeo	aborto; mulher	2 mil curtidas / 412 RT
23	10:00 PM 16 de jun de 2024	VERGONHA TOTAL! Existe lei dando direito a mulher que sofre estupro de abortar. A questão é o tempo limite para isso, porque a partir de 5 meses e meio a criança está pronta para a vida. Assista à esse vídeo para você não ser enganado.	tweet com vídeo	aborto	874 curtidas / 226 RT

24	10:18 AM 24 de jan de 2019	Querem desconstruir a qualquer custo a figura masculina. Uma covardia com as nossas crianças. Fora Ideologia de Gênero! Veja o vídeo de Alexandre Isquierdo, vereador RJ. #IdeologiaDeGêneroNão	tweet com vídeo	ideologia de gênero	11 mil curtidas/ 20 mil RT
25	08:03 AM 8 de mar de 2020	Talvez você não saiba, mas você, mulher, é poderosíssima. Você tem poder para edificar sua casa com sabedoria, como a Bíblia diz em Provérbios 14.1. Você foi criada por Deus para ser vitoriosa. Você tem muito valor! #DiaInternacionaldaMulher	tweet com vídeo	mulher	521 curtidas/ 84 RT
26	10:09 PM 26 de out de 2019	APRENDE BENEDITA! O ser humano foi feito para fumar? NÃO! Mas fuma. Foi feito para cheirar cocaína? NÃO! Mas cheira. Foi feito para ser Bi ou homossexual? NÃO! Mas é. PORQUE? Tem o livre arbítrio e o poder do pecado para contrariar a sua própria natureza. MACHO E FÊMEA	tweet com texto	macho/fêmea	2 mil curtidas/ 367 RT
27	4:16 PM 1 de fev de 2019	ABORTO É QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA? O aborto em si, seja ele legal ou ilegal, produz questões de saúde pública. As mulheres que dão à luz não produzem esses problemas. O pequeno bebe no útero materno ã é prolongamento do corpo da mulher, na gestação, ele é o agente ativo.	tweet com texto	aborto	462 curtidas / 101 RT
28	9:53 PM 26 de out de 2019	BENEDITA! PARA DE FALAR ASNEIRA! No estadão ela diz que a Bíblia fala de gênero. ABSURDO! A Bíblia fala de macho e fêmea, um foi feito para o outro, ã fala de bissexuais ou andrógenos. Gênero masculino e feminino, só na gramática. Sexo masc e fem cientificamente comprovado.	tweet com texto	gênero	5 mil curtidas / 817 RT
29	11:30 PM 9 de ago de 2018	Como sempre, Marina se omite em dizer que é contra o aborto. QUE EVANGÉLICA É ESSA! Não merece o voto dos cristãos.	tweet com texto	aborto	4 mil curtidas/ 1 mil RT
30	12:21 AM 18 de ago de 2018	ATENÇÃO EVANGÉLICOS! Marina Silva é mais esquerdopata do que qualquer outra coisa. Mais uma vez se nega no debate a defender fundamentos da nossa fê. Não se posicionou sobre aborto e liberação	tweet com texto	aborto	10 mil curtidas / 3 mil RT

		das drogas. DISSIMULADA! UMA VERGONHA!			
31	3:19 PM 12 de jun de 2019	IMPrensa GAYZISTA! O caso do casal Nardoni e do menino Bernardo, tiveram ampla cobertura da imprensa, por muitos dias. O caso do assassinato brutal, contra uma criança, cometido por um casal de lésbicas, é vergonhosamente escondido! IMPrensa PARCIAL, DEFENSORA DA CAUSA GAY!	tweet com texto	gay	2 mil curtidas / 777 RT
32	7:56 PM 20 de dez de 2019	CHEGA DE TANTA MENTIRA! Você já reparou q para o ativismo gay, gay não é assaltado, nem assassinado pela violência urbana, se briga, apanha, se machuca, TUDO É HOMOFOBIA! Cambada de cretinos que tem cobertura de uma imprensa podre, escondem a verdade para tentar enganar o povo.	tweet com texto	gay	4 mil curtidas / 644 RT
33	10:12 AM 25 de mai de 2019	A VERDADE É ABSOLUTA! Se as manifestações de amanhã fossem em favor da causa gay, feministas, aborto, liberação de drogas e agenda dos esquerdopatas, a imprensa já estaria noticiando a alguns dias de maneira positiva. Como é a favor do governo Bolsonaro, ou se calam ou criticam.	tweet com texto	gay; feministas; aborto	12 mil curtidas / 2 mil RT
34	10:29 AM 14 de jan de 2019	O SECTARISMO DE GRANDE PARTE DA IMPRENSA> O q um vendedor de uma loja fez com a ministra Damaris, se fosse com um gay ou feminista, no mínimo, 3 dias na 1ª página dos jornais. Como ela ã faz parte do politicamente correto e ainda é evangélica e pastora, a imprensa se cala.	tweet com texto	gay; feminista	2 mil curtidas / 433 RT
35	5:32 PM 2 de jul de 2019	AVISEM A MARTA! Não é seu sexo que te faz ganhar menos. O futebol masculino leva 1000 vezes mais torcedores. No vôlei, mulheres ganham similares aos homens, porque geram renda similar. Você acha que modelos masculinos ganham igual aos femininos, como Gisele Bundchen? PIADA!	tweet com texto	mulheres	9 mil curtidas / 1 mil curtidas
36	6:38 PM 15 de nov de 2020	O PRECONCEITO DESGRAÇADO DA JORNALISTA FLÁVIA DA GLOBO NEWS> Para ela direta esclarecida é a que concorda com todo lixo moral apoiado pela esquerda. Casamento gay, ideologia	tweet com texto	gay; ideologia de gênero	1 mil curtidas / 117 RT

		de gênero, ensinar a criança de 6 anos sexualidade, isso que é moderno! Jornalismo parcial. VERGONHA!			
37	11:15 PM 17 de ago de 2020	VERGONHA! Ver alguns pastores sem conhecimento teológico, jurídico e científico, ficando em cima do muro, fazendo o jogo desse mundo podre no que tange a questão do aborto. ABSURDO! VERGONHA TOTAL!	tweet com texto	aborto	5 mil curtidas / 794 RT
38	10:54 PM 10 de mar de 2020	A GLOBO FEZ CAMPANHA PARA A TRANSEXUALIDADE! Existem inúmeros homens e mulheres nos presídios que a anos não recebem visitas de ninguém. Não cometeram um crime tão bárbaro como esse homem travestido de mulher. Nem a globo e o dr Drauso nunca se preocuparam com isso VERDADE!	tweet com texto	mulher	2 mil curtidas / 420 RT
39	4:54 PM 20 de ago de 2020	IMPERDÍVEL! IMPERDÍVEL! É DE ARREGAÇAR! Mulher fruto de estupro, sua mãe era adolescente quando aconteceu, rebate filhinha de papai que defende aborto. É DE ARREBENTAR! VÍDEO DAQUI A POUCO!	tweet com texto	mulher; aborto	1 mil curtidas / 130 RT
40	10:24 AM 18 de ago de 2020	ATENÇÃO EVANGÉLICOS! Mais tarde um vídeo sobre a questão do aborto baseado na ciência e na Bíblia. Vou falar como foi feito o aborto da menina. A casa das feministas vai cair, como também daqueles que falam baseados na emoção e não no conhecimento. QUENTÍSSIMO!	tweet com texto	aborto; feminista	3 mil curtidas / 536 RT
41	12:31 PM 21 de ago de 2020	Assista e divulgue! Mulher que é fruto de estupro (sua mãe era uma adolescente) rebate falácia de garota que não entende nada do assunto	tweet com vídeo	mulher	65 curtidas / 14 RT
42	2:30 PM 21 de ago de 2020	Eu gostaria de ver a cara daqueles que apoiam o aborto depois de ouvir o depoimento dessa mulher, que é fruto de um estupro. CALADOS!	tweet com vídeo	aboorto; mulher	114 curtidas / 31 RT
43	8:30 PM 21 de ago de 2020	Os assassinos da vida trabalham com a ignorância do povo. Os médicos do Espírito Santos atestam q a menina estava apta p/ dar à luz. Sofreu mil vezes mais p/ fazer o aborto. Assista ao testemunho de uma mulher fruto de um estupro de sua mãe	tweet com vídeo	aboorto; mulher	104 curtidas / 17 RT

		adolescente.			
44	7:54 PM 17 de ago de 2020	PRISCILLA ALCÂNTARA! A falta de conhecimento destrói. Não dá para amar o mundo e a Deus! Você não tem conhecimento nenhum sobre o que é o aborto a nível das leis, ciência e da palavra de Deus. Você é uma péssima influência no mundo evangélico. O QUE VOCÊ FALOU É UM ABSURDO!	tweet com texto	aborto	8 mil curtidas / 1 mil RT
45	4:55 PM 26 de jun de 2020	UMA VERDADEIRA CAÇADA! Que não apoia ideologia de gênero, casamento gay, aborto, liberação de drogas, está sendo amordaçado pelo ditador da toga Alexandre de Moraes. A liberdade de expressão sendo jogada no lixo. MINISTRO CRETINO! INESCRUPULOSO!	tweet com texto	gênero; gay; aborto	9 mil curtidas / 2 mil RT
46	10:06 PM 28 de jun de 2020	SABE PORQUE O MOVIMENTO GAY ODEIA BOLSONARO? Nos governos LULA e DILMA, receberam centenas e centenas de milhões com suas ONGS. Bolsonaro acabou com a mamata do dinheiro público. A imprensa e o movimento gay sofrem do mesmo mal, perderam a mamata! VERDADE ABSOLUTA! SÓ KKKKKKKK	tweet com texto	gay	8 mil curtidas / 1 mil RT
47	3:15 PM 30 de jul de 2020	OBRIGADO POR TODA A PROMOÇÃO KKKKK! Associação LGBT vai entrar na justiça contra mim por transfobia kkkkk estou cheio de medo desses palhaços kkkkkk essa gente odeia liberdade de expressão. Liberdade de expressão para eles é apoiar todo tipo de lixo moral que eles apoiam.	tweet com texto	LGBT	8 mil curtidas / 1 mil RT
48	7:59 PM 24 de jan de 2021	VERGONHA! Droga raia, uma rede de drogarias gigante, fazendo o jogo sujo daqueles que não suportam a liberdade de expressão e nem a opinião contrária dos que defendem o lixo moral. MERECE BOICOTE! Discurso de ódio é ser contra aborto, corrupção, ideologia de gênero e etc.	tweet com texto	aborto; ideologia de gênero	5 mil curtidas / 1 mil RT
49	10:07 AM 2 de out de 2023	CHUPA ESSA MANGA DE CAMBADA DE ESQUERDOPATAS E ATIVISTAS GAYS! Tomaram uma lavada nas eleições de conselheiros tutelares. Promoveram verdadeiro preconceito religioso, nos atacaram o tempo todo, foram com isso verdadeiros	tweet com texto	gay	17 mil curtidas / 2 mil RT

		cabos eleitorais. Despertaram a indignação dos evangélicos, conseguiram fazer o que os pastores não conseguiram kkkkk muito kkkk QUEREM GANHAR NO TAPETÃO? São antidemocráticos! Vão ganhar outra lavada.			
--	--	--	--	--	--

ANEXO A -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Olá povo abençoado do Brasil. Qual é o problema, de querer se ensinar o hino nacional nas escolas do Brasil? Primeiro lugar, lógico e claro, que o ministro da educação cometeu uma burrada do tamanho de um bonde, em botar slogan da campanha de Bolsonaro, certo? Em documento enviado às escolas, e isso aí... isso aí é uma meninice, sabe? Um troço medíocre, cometeu um erro, pediu desculpa e acabou. Agora, o que eu acho interessante, vendo os colonistas famosos de jornais, metendo o pau, por que a ditadura também é “colocava criança”, eu não vi nenhum cara desse “colonista famoso”, jornalista, falar da erotização de crianças em escola. Que é proibido o ECA, que é proibido pela constituição, que tá guardado direito dos pais em tratados internacionais, como a Convenção Americana de Direitos Humanos, eu não vejo esses caras falarem nada. Para esse tipo de boçalidade, de safadeza, de bandidagem contra criança não tem problema! Agora, ensinar o hino nacional, tem problema? Isso aí é... “Porque a ditadura”? Minha gente, em qualquer nação civilizada, democrática, se ensina a criança o hino nacional, sim! E muitas escolas fazem isso, escolas particulares até hoje, não há nenhum problema. Temos que ensinar patriotismo a criança, parar com essa safadeza, pra criança amar a pátria, pra criança saber o que é que tem valor numa sociedade hedonista que só vale o prazer, numa sociedade que quer deturpar criança com educação sexual, esses jornalistas são inescrupulosos de ter a cara de pau, de querer falar porque o ministro, é... enviou documento pras escolas cantarem o hino nacional e botar as crianças de formatura. Ok? Vamos deixar de palhaçada, isso é coisa de esquerdopatas, tá certo? Vamos ensinar, sim, o hino nacional às crianças! Aconteceu isso comigo! Me prejudicou em quê? Forma as crianças sim! Cante o hino nacional! Vamos ensinar nossas crianças a amar a nação, que vai abençoar a pátria e essas crianças. Esses mesmos caras, não abriram a boca e não abrem a boca com a perversidade, a bandidagem e a safadeza de erotizar crianças. Fica aqui o meu protesto, discordo do slogan da candidatura de Bolsonaro, que foi retirado, mas concordo que se ensine o hino nacional às crianças. Deus abençoe as nossas crianças, Deus abençoe os pais, Deus abençoe o Brasil.

ANEXO B -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Na criação, Deus diz assim: não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora, uma ajudadora, uma companheira. Aí Paulo vem, e diz assim: mulheres, sejam submissas aos vossos maridos. Submissão: aceitar a missão do outro. É no original, o sentido real, em algumas traduções falam: mulheres, obedeci a vossos maridos. O sentido lá é: mulheres, sejam submissas a vossos maridos. Sabe o que está dizendo? Aceite a missão do seu marido como responsável maior pelo lar. Tem gente que pensa que a submissão... “agora meu marido é um lerdo. Ele viajando pra lá e pra cá, eu tenho que aceitar essa missão dele. Ele não tem paradeiro, um dia ele mora num lugar, eu tenho que aceitar, né?” Não tem nada disso. O apóstolo Paulo está dizendo o seguinte: “mulheres, aceitem a missão do seu marido na sua responsabilidade maior.” Por isso que ela é uma adjutora. A responsabilidade é maior, porque qualquer instituição que não tem princípio de autoridade, ela auto se destrói. E Deus sabendo disso, criou o homem, não para massacrar. E a mulher para ajudar a missão do homem. Você tem que entender, que você está numa relação de troca, de mutualidade e de reciprocidade. Você não está numa relação de mão única. O mesmo texto que manda marido fazer tudo para a mulher ficar feliz, marido ser responsável maior, marido amarem as mulheres, mulheres, aceitem a missão dele! É uma relação de troca, de reciprocidade, de mutualidade. Não é uma relação única, onde a mulher é um brinquedo na mão de um macho que faz o que quer. Aceitar a missão do homem, não tem nada a ver com a profissão dele ou com a tua, ou com tuas aspirações. Tem a ver com a responsabilidade da família!

ANEXO C -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Atenção, atenção, muita atenção: evangélicos e cristãos. Esse alerta importantíssimo, que eu estou dando aqui nesse vídeo, presta atenção. Durante quatro anos os partidos de esquerda, eles trabalham contra todos os nossos princípios e valores. Chega agora na eleição, eles tem sambarilove, Uma lábia miserável, para tentar nos enganar. Durante 4 anos: PT. PDT. PSB. PCdoB e PSOL lutaram pela aprovação de ideologia de gênero nas câmaras municipais de todo o Brasil. E agora, na maior cara de pau, querem o voto de evangélicos e cristãos. Você não pode dar a voto para prefeito e vereadores para esses camaradas. Preste atenção! Ideologia de gênero, não é ciência de gênero. É uma ideologia formada pelo marxismo cultural, para destruir o paradigma do modelo Judaico-Cristão, que impera na sociedade ocidental. Eles querem dizer na escola para as crianças, que ninguém nasce menino nem menina. Não existe macho e fêmea, é você que decide. Agora, que coisa incrível: o fragmento de um osso de um ser humano, que viveu mil anos atrás, a ciência determina se é macho ou fêmea. Isso é um absurdo! Isso é uma aberração! E outra, pertence aos pais educar. Não ao estado, nem a escola. O artigo 229 da Constituição diz, que é obrigação dos pais a educação, o Brasil é signatário da convenção americana de direitos humanos do artigo 12 inciso 4, diz que: pertence os pais educarem seus filhos conforme suas convicções morais e religiosas. Não é a escola, tudo que a escola. Tudo o que é escola, tudo o que é escola, eles querem ensinar e tentaram aprovar isso, esses partidos, em câmaras municipais. E nós não podemos votar nessa gente, que vai contra os princípios e valores! E agora uma outra questão gravíssima: o Ministério da Saúde baixou uma portaria para evitar, que se faça aborto no Sistema Único de Saúde, a não ser aqueles que estão previsto na lei, a mulher que é vítima de estupro, ela tem que denunciar o estuprador. Esses partidos, PT, PSOL, PDT, PCdoB e PSB entraram no Supremo Tribunal, para suspender essa portaria. Ué? Como é que pode? Se nós queremos botar na cadeia esses desgraçados desses estupradores, eles vêm em conta conversa fiada, que isso é uma violência contra a mulher. Violência contra mulher? Aborto é violência contra o pequeno bebê no útero da mulher! E violência é proteger esse desgraçados que cometem estupro. Você como evangélico, como verdadeiro cristão, não pode votar para vereador e prefeito em candidatos do PT, do PSOL, do PCdoB... isso é muito sério minha gente, muito sério... do PSB e do PDT. É uma vergonha, nós não podemos votar em gente que agora dá uma de bonzinho, e passam quatro anos contra os nossos princípios e valores. Deus abençoe você, Deus abençoe sua família, sabedoria e inteligência na hora de votar e por

favor, você que é um evangélico, um verdadeiro cristão, repasse esse vídeo. Deus tenha misericórdia e nos livre dessa gente da política brasileira.

ANEXO D -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil! Esse vídeo é muito importante, assista até o final: o espetáculo que Deus fez, a ciência comprova macho e fêmea. Eu vou falar mais de ciência, do que de teologia. Mas vou começar com a teologia. Quando Deus fez o homem, Gênesis Capítulo 1 Versículo 26 e 27, né? Que ele fez um homem a sua imagem e semelhança e diz lá, macho e fêmea os fez a sua imagem e semelhança. Significa, que a imagem de Deus compreende o macho e a fêmea. Deus não fez uma sociedade de bissexuais, nem de andrógenos. E a ciência comprova as diferenças, né? Do homem e da mulher: diferenças fisiológicas, anatômicas, biológicas, bioquímicas, psicológicas e eu destaco genéticas. Olha que coisa incrível: o fragmento de um osso, apenas um fragmento de um osso, de um ser humano que existiu a mil anos atrás, a ciência determina se é masculino ou feminino, tá entranhado, em todo o ser humano, se é macho ou se é fêmea. Eu queria informar para você, que gênero masculino e feminino, só na gramática. A verdade é que você é do sexo masculino ou do sexo feminino. Me explica aí, não existe bissexuais, transexuais e hoje tem uma classificação monstro, como é que explica isso? Você precisa aprender a entender, o ser humano é um ser dotado de inteligência, vontade própria, que tem poder para decidir inclusive, adquirir comportamentos que vão contra a sua própria natureza. Isso aqui é uma verdade, aprenda. O ser humano é a criatura mais ignorante quando nasce, para ser a mais inteligente quando cresce, isso só é possível através das relações sociais. O ser humano aprende com o modelo de imitação e hoje o movimento gay, que durante muito tempo batia o pé sendo que o cara nasceu homossexual, homossexual... comportamento, não homossexualidade condição. Hoje eles aceitam a ideologia de gênero: um dia o cara quer ser homem é, outro dia quer ser mulher também pode ser. Então já tá provando eles mesmos, que ninguém nasce. E aí, preste atenção isso aqui, que isso é muito interessante: a ideologia de gênero não é ciência, é ideologia que vem com marxismo cultural, para destruir o último reduto de autoridade que é a família nuclear. O homem e a mulher e sua prole! Olha só o que eu vou provar para você: cigarro, alguém nasce fumando? Alguém nasce, o ser humano foi feito para fumar? É um comportamento adquirido. E por que hoje diminuiu o número de fumantes e a população mundial cresceu em bilhões? Na minha época, cigarro patrocinava – quando era jovem– cigarro era patrocinador de eventos esportivo, acabaram com isso. Acabaram com os ícones sobre isso, né? Começou uma campanha contra, o número de fumantes diminuiu. Porque é comportamental, o ser humano pode ter o comportamento que ele quiser, na área sexual mesmo sendo contra a sua natureza. Mas ninguém nasce com esses comportamentos. O que eu vou falar agora, é

científico. A teologia falou primeiro, mas a ciência comprova, preste atenção, Presta atenção! A sexualidade nas diferentes espécies, cumpre três funções principais, inclusive na humana: dualismo, complementariedade e fecundação. Dualismo, dois diferentes; complementariedade, dois diferentes que se completa igual um quebra-cabeça; fecundação, não é? É aquilo que faz com que a espécie permaneça. Pegue qualquer relação, pegue qualquer comportamento sexual fora do heterossexual, para ver se cumpre essas funções. Dualismo: dois diferentes, homem e mulher. Complementariedade: homem e mulher. Fecundação: homem e mulher. Qualquer outra relação, não cumpre as funções fundamentais da sexualidade que está no ser humano, na espécie humana e nas diferentes espécies. Mais um dado científico: a criança quando nasce, ela tem uma pré disposição de herdar características psicológicas do sexo que veio. Mais um dado científico: a criança quando nasce, está em simbiose com a mãe, ela faz a ruptura entre ela a mãe e o mundo, a partir da figura paterna. A figura paterna, o pai, o homem, é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Eu dirijo a minha palavra você homem que é pai: você talvez não tem uma ideia total da sua importância nessa instituição que é a família, a mais importante instituição que existe na face da terra, o homem e a mulher e sua prole. Você não tem ideia, de como a sua figura é fundamental para o desenvolvimento dos seus filhos e também para o equilíbrio da sua família. Toda essa bagunça que nós estamos vendo, esses desajustes sociais, problemas psicológicos, grande parte passam pela ausência da figura paterna de um homem. Que Deus abençoe você, Deus abençoe a sua casa, Deus guarde a família brasileira, feliz dia dos pais! Deus abençoe cada homem. Desempenhe a sua função, seja presente! Deus abençoe a todos.

ANEXO E -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Oi! Aqui quem tá falando é Luana Pereira dos Reis Santos. Casada, mãe de três filhos. Gostaria de contar aqui um pouquinho uma história que tá acontecendo sobre o estupro. A minha mãe aos 15 anos de idade, ela foi violentada, ela foi estuprada. E por causa disso tudo que aconteceu, a minha mãe decidiu não abortar, o amor venceu. Ela decidiu me amar, ela decidiu me criar. E agora, é muito fácil ter “jovens” com opiniões, falando bobagem. Então agora nesse momento, eu vou botar aqui um trecho, de que “uma jovem” está falando a bobagem que ela está falando, que nem ela sabe a bobagem que ela está falando. Vamos dar uma olhada no que ela tá falando.”

Recorte de um outro vídeo, onde uma moça diz: “ eu fico me perguntando se um dia os desenhos e as cartinhas e as brincadeiras e as paixões e o Tiago e a Juju e toda minha alegria que era viver, sumisse e no lugar viesse dor, estupro, medo, sangue, choro, lágrimas, e tristeza. E a minha vida mudasse para sempre. E eu fosse morta por dentro com só 10 anos de idade e tudo isso que me machucou tanto viesse a público para o país inteiro saber e eles decidissem impor o que eu devia fazer com o meu corpo, com base nas crenças pessoais deles. Como eu poderia carregar alguém sendo tão pequena? Eu ainda tava aprendendo a divisão com vírgula e o meu brinquedo preferido no parquinho era o balanço? Eu ainda não tinha seios para poder amamentar, mas para eles se eu não continuar eu sou uma assassina. Porque eles são pró-vida, só que esqueceram da minha. Pró-vida de verdade é a doar sangue, doar medula, ajudar instituições de caridade, ajudar as pessoas, visitar orfanatos, adotar uma criança. E não usar de um Deus que é tão bom, um Deus que é amor, para impor as suas vontades sobre os outros.”

O vídeo retorna para a fala de Luana: “Bom, vocês viram aí um pedaço, um trecho que essa jovem que falou né, a bobagem que ela falou. Eu até anotei aqui, para não dar informação incorreta, mas sim a informação correta. 500 mil meninas entre 10 a 14 por ano aqui no Brasil, são mães, e a maioria fruto de abuso. Agora gostaria de fazer uma pergunta para essa jovem e para você que tá vendo esse vídeo: só porque ela nasceu no fruto de amor e eu nasci do fruto de um abuso ela tem mais direito a vida do que eu? Será que eu não sou um ser humano igual a ela? Será que eu não tenho direito à vida, como ela também tem, como muitos aqui tem direito a vida, você que tá assistindo esse vídeo? Então agora a gente vai falar sobre religiosidade. Ela tá aqui nesse trecho desse vídeo acusando os religiosos. Mas na verdade, religiosos apoiam a vida. E os verdadeiros assassinos, são aqueles que praticam o

estupro, aqueles que fazem o aborto e aqueles que apoiam o aborto. Esses sim são os verdadeiros assassinos. A minha oração, é que Deus guarde as crianças indefesas, assim como eu fui alcançada por essa misericórdia e por esse amor, que Deus alcance essas crianças que não sabem pelo que elas estão passando, mas que nós adultos sabemos e a responsabilidade é nossa.

ANEXO F -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil, onde chegou o ser humano? Nós estamos vivendo um patrulhamento ideológico igual o de nazismo, fascismo, comunismo e de ditadores. A cantora famosa aí, a Adele, foi receber um prêmio e fez uma declaração: “amo ser mulher e amo ser feminina”. O ativismo gay desabou sobre a mulher. Por algum acaso, ser masculino e feminino não é biológico? O sexo é biológico, comportamentos são adquiridos, outras questões... Me prova que o ser humano não nasce macho e fêmea, me prova! O resto é ideologia! Diz, diz, tenta combater essa verdade científica, que você não vai conseguir. A raça humana chegou até aqui por causa de quê? Das relações héterossexuais. Cada um adquire o comportamento que quer. O ser humano por ser um ser inteligente, ele adquire comportamentos fora da sua natureza e não só sexuais, em outras áreas. Por algum acaso alguém nasceu bebendo, alguém nasceu fumando? Mas fuma e bebe! Taí a prova, são comportamentos adquiridos. Agora querer patrulhar alguém por suas falas desde 1995 eu denuncio o ativismo gay Eles não estão preocupados em defender suas práticas sexuais eles querem impor à sociedade o seu modelo de vida e querem impedir qualquer liberdade de expressão quanto o comportamento deles isso é um mais vergonha uma das coisas mais importantes do estado democrático é a liberdade de expressão Qual é o crime qual é o erro aí agora dela é transporta palhaçada Qual o problema dizer Eu amo ser mulher Eu amo ser homem como eles dizem Jesus mas não vale para os outros Isso é uma safadeza isso é o controle do pensamento do Marxismo cultural uma vergonha Parabéns Adélio parabéns fica aqui o meu protesto contra essa safadeza apoiada pela imprensa Deus abençoe você Deus guarde sua família.

ANEXO G -TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil, em primeiro lugar, fica aqui o meu repúdio a qualquer ato de violência com relação a qualquer pessoa. Agora, olha o que tá acontecendo no Brasil, nós estamos assistindo uma violência contra o Estado Democrático de Direito, presta atenção, eu fico com vergonha, mas eu tenho que falar. Uma procuradora xingar Michelle, esposa de Bolsonaro de “vagabunda”, não acontece nada. Uma jornalista faz um tweet, e eu não vou falar, xinga a filha menor do presidente e não acontece nada. Alexandre de Moraes, Ministros do TSE, não vão pedir a prisão dessas mulheres não? Agora vem Roberto Jefferson de maneira errada, e xinga a Ministra Cármen Lúcia, aí não pode, aí tem que prender. Sabe porquê? Porque pode xingar qualquer brasileiro comum, mas se xingar os deuses do olimpo do judiciário, você vai preso. Que democracia é essa? Que liberdade de expressão é essa? É claro que eu discordo de Roberto Jefferson ter atingido policiais, mas o caso não é esse. A imprensa não disse uma palavra dessa barbárie contra a filha e a mulher do presidente. A imprensa não disse nada que Cármen Lúcia é ré confesso, ela rasga a constituição na cara de pau. Nós estamos vivendo num estado de exceção? Num estado de ditadura? A imprensa brasileira em grande parte tem lado, viraram cabo eleitoral de Lula. A Globo é comitê da campanha eleitoral de Lula. Que vergonha é essa, minha gente? Onde é que nós vamos parar? A minha oração gente, eu peço a Deus para abrir os olhos do povo brasileiro, e ver toda essa injustiça. Bolsonaro agora é responsável por todas as asneiras que as pessoas falam e fazem, como que se Bolsonaro fosse responsável por um adulto falar. Isso é uma vergonha, gente! Isso é uma vergonha. Povo brasileiro, vejam, vejam o que está acontecendo na nossa nação, nós não podemos aceitar isso. Que Deus tenha misericórdia do Brasil. Que Deus abra os olhos do povo brasileiro. Deus abençoe a todos.

ANEXO H-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil, olha o que uma inescrupulosa petista escreve no twitter acerca da criança, no dia que a filha de Bolsonaro completa 12 anos. Como é que tem gente que ainda é capaz de votar em Lula? Eu não tenho nem coragem de falar o que essa mulher falou. Minha gente, não é possível. Cadê a globo, as globais, as feministas? Vocês não têm moral pra defender as mulheres. Alexandre de Moraes, TSE, cadê vocês, pra bloquear essa cretina? Vamos a resposta:”

Video de Michelle Bolsonaro: “E eu tava até bem né? Mas a Carla falou na Laura, e não foi muito fácil ontem, né? Desculpa a emoção. Porque a gente até, a gente até se segura, a gente continua quando atacam a nossa honra. Mas quando mexe com os nossos filhos, dói, né? E a minha filha, ela fez 12 anos ontem, no dia do aniversário dela. E foi pra escola, e sempre tem alguns amiguinhos que replicam o que escutam em casa, e lá a menina replicou e falou “você é a puta?”

ANEXO I-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil, um camarada aí dizendo que Jesus foi trans, usando pseudo argumentos científicos. Olha como o cara é! Se tivesse prêmio Nobel da idiotice, ele ganhava. Olha como ele deturpa as coisas, dizendo que nós fundamentalistas, dizemos que só temos uma ordem cromossômica, xx feminino e xy masculino. Não somos nós não o ignorante, isso é a ciência! Isso é a ciência que diz que tem a ordem cromossômica de macho xy e feminino xx, não são fundamentalistas não. E você dizendo que Jesus poderia ter sido produto de uma partenogênese? Filho, é impossível isso no ser humano, você tá falando asneira, falando besteira. Agora olha só, quando um par de homens quer um filho, ele tem que fazer o in vitro, fazer a fertilização in vitro, tem que buscar o óvulo de uma mulher. Quando um par de mulheres querem ter um filho, tem que buscar in vitro, tem que buscar o semen de um homem. Não pode haver fecundação fora das relações heterossexuais. Homem com homem, não reproduz nada! Mulher com mulher, não reproduz absolutamente nada! Agora deixa eu dar um dado científico sobre sexualidade, aqui é ciência, a sexualidade nas diferentes espécies cumpre três funções principais: dualismo, dois diferentes, complementaridade, dois diferentes que se completam e fecundação. Pegue qualquer prática fora da prática heterossexual, pra ver se consegue se adaptar. Agora escute, o ser humano pode adquirir comportamentos fora da sua natureza, é um ser inteligente, tem vontade e vive de modelo de imitação. Por algum acaso, o ser humano nasceu pra fumar? Nasceu pra cheirar cocaína e pra encher a cara? Por que ele faz isso? Porque ele adquire comportamentos. Na mesma questão é na área sexual, o indivíduo pode adquirir comportamentos sexuais fora da natureza. Agora presta atenção, gênero masculino e feminino só na gramática. O sexo é biológico, sexo masculino e sexo feminino, o resto são comportamentos adquiridos. Agora, o cara vim dizer que Jesus era trans, pelo nascimento dele? Vocês tem que entender uma coisa, o mundo de Deus é o mundo do sobrenatural, não tem explicação. Você crê pela fé, você quer explicar a ressurreição? Você quer explicar Jesus andando sobre as águas? Você quer explicar Jesus gerado pelo espírito santo? O Deus que se fez homem pra morrer por nós? E pra acabar com essa conversa que Jesus era trans, foi Jesus que falou em Marcos 10: 6-9: “desde o princípio, Deus fez macho e fêmea. Deixará o homem o seu pai e a sua mãe e unir-se-á a sua mulher. E serão ambos uma só carne.”. Deus nunca, nem Cristo, apoiou relação de homem com homem e mulher com mulher. Jesus ratifica o princípio da criação, que conversa fiada é essa que Jesus era trans? Só na cabeça de um tonto, inventando história, que não tem nada a

ver com ciência. Eu tô aqui falando essas coisas, porque eles querem cobrir o pecado deles torcendo a bíblia e torcendo a ciência. É isso que eu quero dizer. Deus abençoe você e Deus tenha misericórdia dessa gente.

ANEXO J-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Primeira responsabilidade da mulher: está lá na criação, “far-lhe-ei uma adjutora.”, uma auxiliadora. Uma companheira, uma que vai estar junto. Número dois: está lá em Efésios, capítulo 5, do 22 ao 24, “mulheres, se submetam a vossos maridos.”. Submeter-se ao homem, submissão é aceitar a missão do outro. Eu me submeto para ajudar você na sua missão de cabeça e de principal responsável. Você tem que entender, querida, que não tem nada a ver com missão profissional do homem, nem anular a mulher. Preste atenção a isso aqui, homens e mulheres. Queridas, você não está numa relação para ser violada. Você está numa relação de mutualidade, troca e reciprocidade. O mesmo texto que diz que você tem que subjugar a seu marido, é o mesmo texto que diz que o marido tem que amar a mulher. Como é que você quer que a mulher aceite a sua missão se você não a ama e não a respeita? A relação é de mutualidade, é de troca.

ANEXO K-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil, a questão não são os gays, é o ativismo gay. Mesmo eu discordando da prática sexual dos homossexuais, eles têm direito de praticá-las. Nem Deus proíbe, Deus julga nossas atitudes. Eu também não estou aqui para proibir. Agora, o ativismo gay é ideológico. Eles estão sustentados pela ideologia do marxismo cultural. Tem o apoio de toda a esquerda e principalmente do PT e do PSOL e apoio de toda a imprensa. Olha o que Lula falou no discurso dele no fórum de São Paulo, que eu denunciei no meu último vídeo assista: “Lula, comunistas e evangélicos” né? Eles estão aí para combater a pauta de costumes. Olha o que eu denuncio há mais de 30 anos, que o ativismo gay fez, não se pode comemorar nas escolas dia dos pais, nem dia das mães. Querem deturpar e mudar a linguagem, “todes”. “Todes” uma ova! “Todos” inclui tudo, masculino e feminino. Essa aqui é verdade, gente. Eles querem impor a sua ideologia à maioria. Essa é a verdade nua, pura e total. O ativismo gay não suporta o debate à crítica. Rotulam logo de homofóbicos para fugir do debate, intimidar, incriminar seus opositores. Eu não tenho medo deles. Fizaram isso comigo, me processaram várias vezes. Perderam todas, até aqui. Tentaram cinco vezes cassar minha credencial de psicólogo; perderam. O que é que tem a ver, eu como pastor e psicólogo? É uma vergonha, minha gente, o que eu tô falando aqui. Tentaram aprovar um projeto de lei, PLC 122, de 2006, da deputada do PT, Iara Bernardi, ia colocar os gays como cidadãos de primeira classe. Tinha tanto absurdo, um deles: se ele se sentissem constrangidos filosoficamente, eu não sei nem que porcaria é essa. 3 a 5 anos de cadeia. Um pastor ou um padre que impedisse um beijo de gays no pátio da igreja, 3 a 5 anos de cadeia, eu e Magno Malta lutamos com um leão e derrubamos essa porcaria. Agora só tem um processo contra mim, desde 2011 por homofobia, sabe por quê? Porque eu defendi a Igreja Católica do crime de vilipêndio cometido pelos gays na parada gay. Um procurador amiguinho do movimento gay me denunciou por homofobia, para vocês verem o nível do absurdo. E esse processo ainda tá em aberto. Vamos à lei maior que é a Constituição. Artigo 5º, inciso IV: liberdade de expressão; inciso de número VIII: ninguém será privado de direito por convicção religiosa, filosófica ou política; ninguém será privado de direito. Olha aqui inciso VIII: é inviolável a liberdade de consciência e de crença, é inviolável o lugar do culto tem que ser protegido e as suas liturgias; a palhaçada contra o Pastor André Valadão, que estava pregando lá na América nem no Brasil. Tiraram a palavra dele de contexto para incriminar. Isso é uma vergonha, minha gente! Não vamos nos calar! Estamos garantidos pela constituição, e eu vou falar aqui,

segundo a minha fé, o que eu creio. A prática homossexual é pecado. Adultério é pecado. Prostituição é pecado. Sexo com crianças e animais é pecado. Você discorda de mim? É um direito seu. Quer criticar os evangélicos? É um direito seu. Agora, nesse país, se critica padre, pastores, políticos, membros das mais altas cortes, se critica Deus e o Diabo não tem problema, criticou a prática homossexual, é homofóbico. Vai plantar batata! Eu não estou aqui para favorecer ou para apoiar violência contra gay, negros, destruição de templos afros. Nós não estamos aqui para apoiar essas coisas, mas temos o direito de criticar e de expor nossas convicções religiosas segundo a lei. Essa que é a verdade. Ninguém vai buscar lá, ninguém vai transformar o Brasil numa ditadura de opinião. Essa que é a verdade. Deus abençoe o Brasil.

ANEXO L-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil, eu concordo com os argumentos de Michelle Bolsonaro, na discussão do PL 1904, de autoria do deputado Sóstenes Cavalcante, que trata sobre a questão do aborto. Mas antes disso, eu quero deixar em alto e bom som, dizer que sou contra qualquer tipo de aborto, e eu vou dar provas científicas e não teológicas, porque com teologia não tem nem graça. Vamos às provas científicas? O pequeno bebê no útero de uma mulher, ele é um ser independente. Não é prolongamento do corpo da mulher. Na gestação, ele é o agente ativo, e a mulher, o agente passivo. É ele que torna útero da mulher habitável, se não tivesse protegido por aquela cápsula, ele expulso como o corpo estranho, para mostrar que não é prolongamento do corpo da mulher. E mais uma prova, uma prova científica a olho nu, o óvulo fecundado de um casal negro, implantado no útero de uma branca, nasce um negro. O óvulo fecundado um casal branco implantado no útero de uma negra, nasce um branco, para provar que não é prolongamento do corpo da mulher. Uma outra questão, é que no Brasil, a mulher que sofre estupro pode fazer aborto. O que o Conselho Federal de Medicina fez, foi dar um limite. Cinco meses e meio para fazer esse aborto. E por quê? Estamos falando de ciência, não é de ideologia nem de teologia. Porque a partir de cinco meses e meio, esse bebê está pronto para a vida. E o aborto, na verdade, é um pré-parto. Ou um pré-parto para vida ou um pré-parto para a morte. E a maneira que se faz e que é cruel, é por assistolia. Esse método é proibido para animais, proibido em eutanásia e pena de morte. O outro método, que é tão e terrível e cruel, é fazer uma cesária na mulher, tirar esse bebê vivo, e fora do útero da mulher, matá-lo. Para vocês terem uma ideia da crueldade e maldade. O PSOL consegue derrubar a resolução do Conselho Federal de Medicina no Supremo Tribunal Federal, o deputado Sóstenes Cavalcante, então, faz uma lei em consonância com a decisão do Conselho Federal de Medicina, porque judiciário não tem autoridade de fazer lei. Preste bastante atenção. Aí vem a Michelle Bolsonaro, com argumento, que eu concordo, dizendo o seguinte, “bem, nesse projeto do deputado Sóstenes, a mulher também é criminalizada como homicida. Tanto a mulher, como o médico que faz o aborto.” A Michelle vem e apresenta um argumento, lógico, a mulher é vítima. Se ela é vítima, ela não pode ser criminosa, então, tira a mulher de qualquer idade de qualquer penalidade. Porque, na verdade, quem faz o aborto é o médico. Criminaliza como homicida o médico que quer ajudar. E uma outra coisa que ela traz de volta, ah, isso aqui é importante. A mulher que sofreu o estupro tem que fazer um boletim de ocorrência denunciando o estuprador. Porque o governo Lula é que tirou isso da lei em 2005,

deixando o canalha do estuprador livre, leve e solto, para cometer outros estupros. Então, volta, porque se é um crime, tem que ter um criminoso e tem que denunciar. E eles fizeram isso, sabe para quê? Para se fazer qualquer tipo de aborto. Basta a mulher mentir e dizer que sofreu um estupro e acabou. Então a Michelle traz de novo o que estava na lei. Quem defende estuprador canalha é o PT e a esquerda. E agora com essa sugestão da Michelle, que eu tenho certeza que o deputado Sóstenes Cavalcante concorda, tira a mulher como criminosa, ferra o estuprador, e agora eu quero ver Lula, PT, PSOL, esquerda, abortistas, jornalistas, artistas. Eu quero ver o que que vocês vão falar. Eu quero ver se vocês estão dispostos a proteger a mulher, proteger o inocente que está lá no útero, e que é vítima também, e ferrar o canalha do estuprador. Ou vão protegê-lo? Eu quero ver qual vai ser o argumento agora. Parabéns, Michelle! Deus abençoe você e sua família, Deus abençoe o Brasil!

ANEXO M-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Povo abençoado do Brasil. Eu vou desmascarar a mentira da Globo, da esquerda, abortistas e de Lula. Estão enganando o povo brasileiro acerca do projeto de lei 1904 de autoria do deputado Sóstenes Cavalcante, que pune mulheres que sofreram estupro e querem abortar a partir de cinco meses e meio. Já existe lei dando o direito à mulher que foi estuprada de realizar aborto. Mas vamos entender a questão. Presta atenção. O Conselho Federal de Medicina baixou uma resolução, impedidos de realizarem aborto em mulheres que foram estupradas a partir de cinco meses e meio por um sistema cruel chamado assistolia. Isso, essa maneira de produzir aborto é tão cruel que é impedida para animais, eutanásia e pena de morte, pra vocês verem o nível. Aí, o PSOL, partido das trevas e do lixo moral, entrou contra essa resolução do Conselho Federal de Medicina no Supremo Tribunal. E o ditador da toga, Alexandre de Moraes, deu a liminar. Isso é, pode se abortar em qualquer tempo uma mulher que sofreu estupro a partir de cinco meses e meio, com sete, oito e nove, pra ver a covardia. Aí o deputado Sóstenes faz uma lei, porque fazer lei pertence ao legislativo, dizendo que a penalidade para mulheres que fazem aborto, que foram estupradas, a partir de cinco meses e meio, quando o bebê tá pronto para a vida. Agora, a safadeza. A primeira delas. Olha que covardia, meninas vão ser presas de 13, 14, 15 anos. Mentira! Menores estão imputáveis de pena. Agora, a segunda safadeza, e Lula propagou: como é que pode a mulher que foi estuprada ter uma pena maior do que o estuprador? Essa gente é canalha, cínica e mentirosa. Escute, estava na lei que uma mulher que sofre um estupro tem que ir na delegacia, fazer um registro, denunciar o estuprador para o médico poder fazer o aborto. O quê que a esquerda fez? Retirou isso. Isso é proteger o estuprador e qual é a desculpa? Não, constrange a mulher. Mentira! Sabe para quê? É para mulher chegar diante do médico e mentir. Mesmo que não tenha sido estuprada, é só ela dizer, fui estuprada. Pronto, se faz o aborto. É legalizar o aborto. E eles protegem o quê? O estuprador, o canalha, que vai continuar estuprando mulheres. É isso que a esquerda protegeu. Lula e Globo e abortistas assinaram embaixo. Vamos falar a verdade. Uma outra coisa, a França é um país libertino. Colocou na constituição que o limite para aborto sobre qualquer caso é entre 12 e 14 semanas, 3 meses e 3 meses e meio. O Brasil, a lei, é de 5 meses e meio, minha gente. Que vergonha! Uma coisa é lei de aborto, proteção da vida. A vida é a mãe de todos os direitos. Outra coisa é lei para punir estuprador que a esquerda, a Globo e os abortistas protegeram. Eu quero ver se a esquerda vai apoiar um projeto para dar 40 anos de cadeia pra um estuprador e castrar.

Porque Bolsonaro fez esse projeto e a esquerda não apoiou. Lula. O teu PT não apoiou. Vocês são cínicos, cretinos, inescrupulosos, enganando a opinião pública brasileira. Existe lei e a mulher que sofre estupro pode abortar. A lei é para dar limite. A partir de 5 meses e meio, não. O bebê tá pronto pra vida. Eles preferem matar um ser humano pronto pra vida do que fazer uma cesária, tirar essa criança e doar. É o massacre dos poderosos sobre os indefesos. Globo fale a verdade. Lula fale a verdade. Abortistas falem a verdade. Esquerda fale a verdade e não enganem o povo brasileiro. Essa que é a verdade. Parabéns! Arthur Lira, presidente da Câmara, que deu urgência no projeto, a sua coragem. Parabéns deputado Sóstenes Cavalcante pelo projeto de proteger indefesos e a vida que é o bem maior. Deus abençoe você, sua família, e livre o Brasil desse massacre sobre os inocentes.

ANEXO N-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

Olha aí gente, mostrar aqui pra vocês uma vergonha, covardia com as nossas crianças. Lembra do Ken? É, o que faz casal com a Barbie? Pois é. Ken? Quem te viu, quem te vê. Roupinha de sereia, pra crianças acima de 3 anos. Com cores LGBT, arco íris... uma covardia com as nossas crianças. Onde é que isso vai parar? Fora ideologia de gênero.

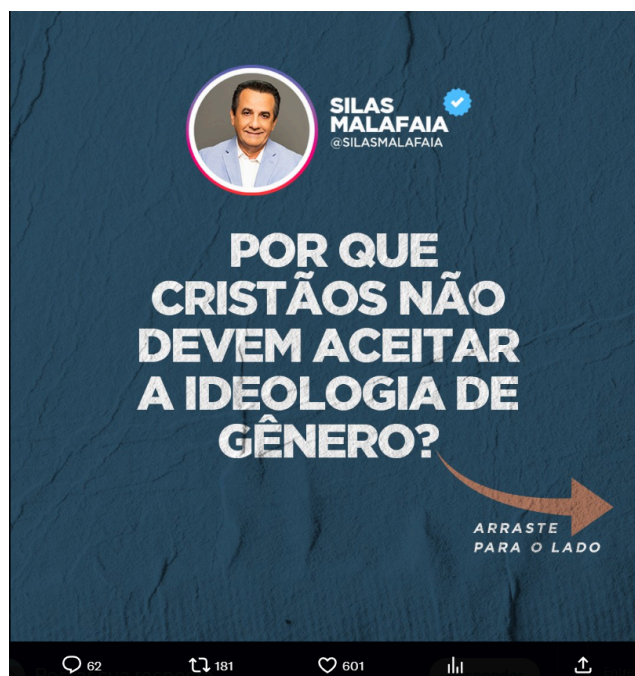
ANEXO O-TRANSCRIÇÃO DE TWEET COM VÍDEO

As mulheres de pé. Eu quero declarar para você, vocês não sabem minhas queridas, vocês são poderosíssimas. Vocês não tem ideia, por que você acha que a bíblia diz que a mulher sábia que edifica a casa? Significa que a mulher edifica ou solapa a autoridade do homem. O machão que manda pra caramba? O machão, fortão? Que grita mais alto? Você tem poder de solapar essa autoridade. É a mulher que edifica ou solapa. Você foi feita, não para ter filhinhos especiais e preferenciais. Você não foi feita para fazer teu filho substituir o lugar do teu marido ou porque é um zero à esquerda ou porque ele já morreu ou porque separou de você. Você não foi feita para prender filho homem. Você não foi feita, sabe? Para causar desordem na sua casa, porque quem traz o equilíbrio emocional na casa é a mulher. Você foi feita para ser uma mulher vitoriosa. Você foi feita para ser exemplo para outras mulheres, para que outras mulheres sejam atraídas a entender o que significa ser uma mulher de Deus, uma dona de casa, o que significa ser uma esposa, por mais funções que você tenha na vida, Deus quer usar você, minha irmã. Deus quer usar você na tua casa, Deus quer usar você para outras mulheres, Deus quer usar você para seu marido. Você não sabe como você é, de uma, de uma importância para que um homem seja positivo e acredite, mesmo quando ele está em dificuldade, ou quando ele está em crise. Você não tem ideia do seu valor! Eu declaro que você é uma mulher vitoriosa, especial, para ser usada por Deus.

ANEXO P- CAPTURA DE TELA DO PERFIL DE SILAS MALAFAIA



ANEXO Q- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 13/07/2021



O QUE É A IDEOLOGIA DE GÊNERO?

A ideologia de gênero é uma crença, e não uma ciência, que afirma que os dois sexos, masculino e feminino, são uma construção social e cultural. Na verdade, a ideologia de gênero defende a ausência de sexo e enfatiza a relação entre pessoas do mesmo sexo.

62

181

601



POR QUE CRISTÃOS DEVEM SER CONTRA ESSA IDEOLOGIA?

A ideologia de gênero cumpre os interesses dos esquerdopatas, que entenderam que o último reduto de autoridade é a família. Então, eles trabalham para destruir a família a fim de conseguirem exercer domínio sobre a sociedade de modo mais fácil. Fazem isso porque existe uma autoridade estabelecida no seio familiar, instituída por Deus.

62

181

601



COMO ESTÃO IMPLEMENTANDO ESSA IDEOLOGIA?

Ensinando a ideologia de gênero nas escolas para erotizar nossas crianças. Isso é crime, pois o artigo 229 da Constituição Federal diz que “os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores”. E, de acordo com o artigo 12 da Convenção Americana de Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário, “os pais têm o direito de que seus filhos e pupilos recebam educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”. Pertence aos pais o direito e dever de educar os filhos nas áreas moral e religiosa e não à escola.

FONTE: Livro Silas Malafaia em Foco

62

181

601



ANEXO R- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 15/07/2021



Noé tomou a atitude de não se corromper diante de uma geração corrompida e perversa. Ele se tornou herdeiro da justiça, salvou a si e a sua família e condenou o mundo da época.

Abraão tomou a atitude de obedecer a Deus e saiu da sua terra sem saber para onde deveria ir. Tornou-se o pai da fé e o pai da nação de Israel.

Jó tomou a atitude de não reclamar, não murmurar, não blasfemar, mesmo vivendo o pior momento da sua vida. Como resultado, Deus lhe deu em dobro tudo que o diabo tomou.

34

42

223



Moisés tomou a atitude de deixar de ser chamado filho da filha de faraó e pertencer à sucessão do trono de Faraó, para ser contado no meio do povo de Deus. Tornou-se o maior profeta da Bíblia e um dos homens mais íntimos no relacionamento com Deus.

Daniel tomou a atitude de não se contaminar no império da Babilônia e manteve sua vida santa. Tornou-se um dos maiores profetas da Bíblia e o primeiro ministro de três imperadores pagãos.

Isaías tomou a atitude de obedecer a um convite. Deus usou sujeito indeterminado: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?". Não disse nome e nem chamou o nome de Isaías. Isaías respondeu: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Tornou-se o maior profeta messiânico da Bíblia.

34

42

223



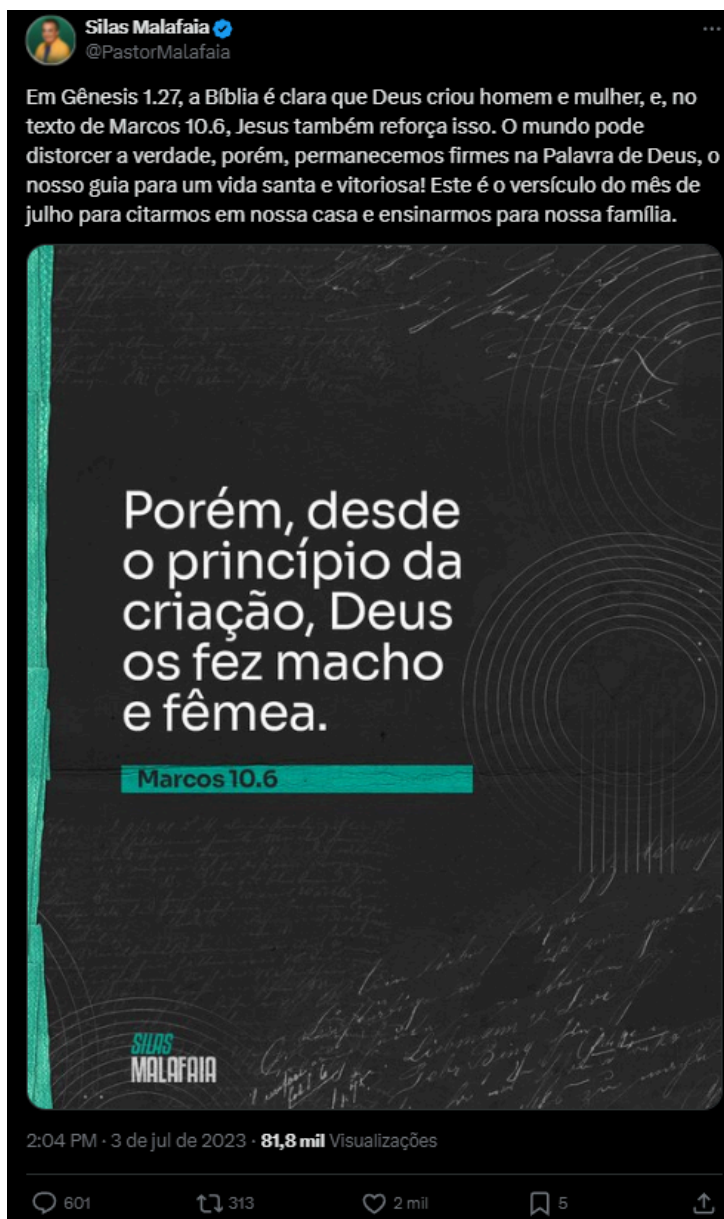
Davi tomou a atitude de enfrentar um campeão de 2,75m de altura, que todo o exército de Israel estava temendo. Deus não mandou Davi lutar contra Golias, mas ele tomou a atitude. Por causa disso, ele venceu, ganhou riqueza e fama e se tornou o maior rei da história de Israel.

Paulo tomou a atitude de não viver mais para si, mas para Jesus. Tornou-se o apóstolo dos gentios e a espinha dorsal da teologia para a igreja cristã.

Jesus aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e como homem foi obediente até à morte de cruz. Como resultado, Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor (Filipenses 2.7-11).



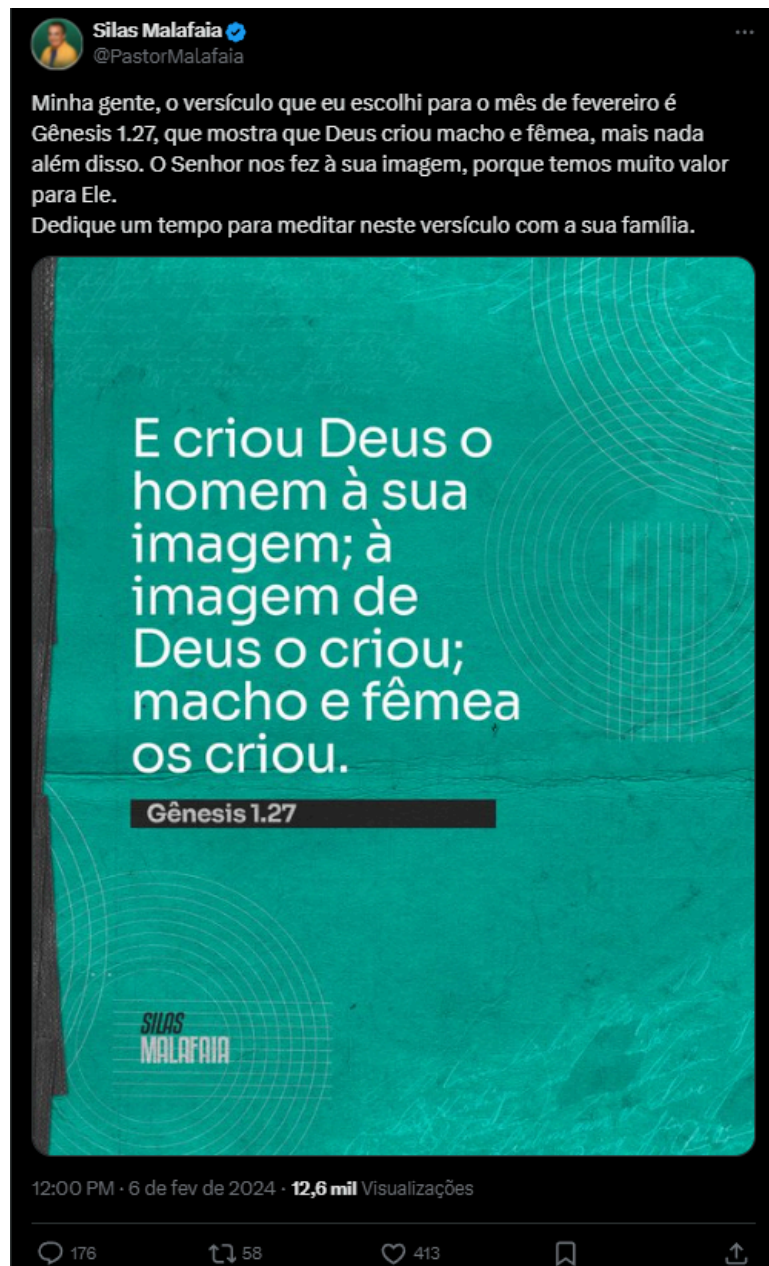
ANEXO S- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 03/07/2023



ANEXO T- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 22/09/2023



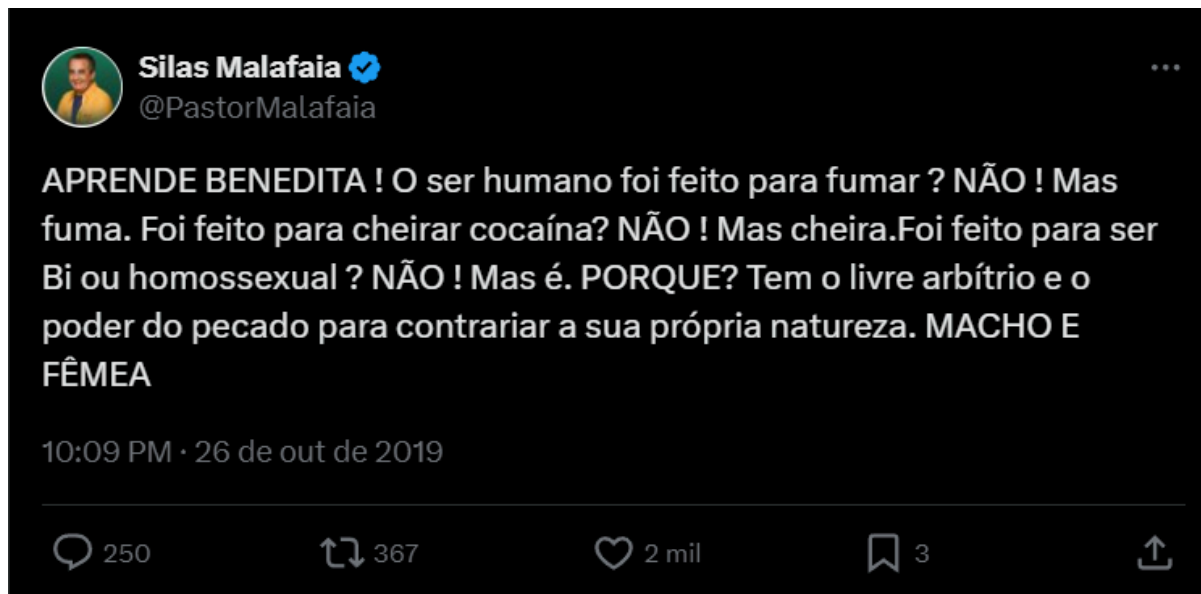
ANEXO U- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 06/02/2024



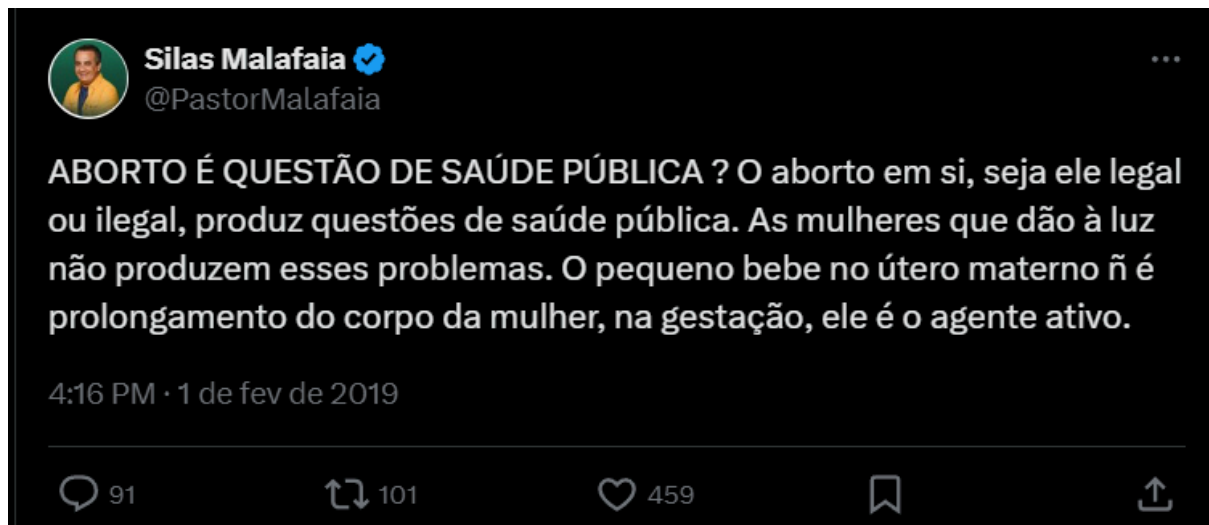
ANEXO V- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 08/03/2024



**ANEXO W- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
26/10/2019**



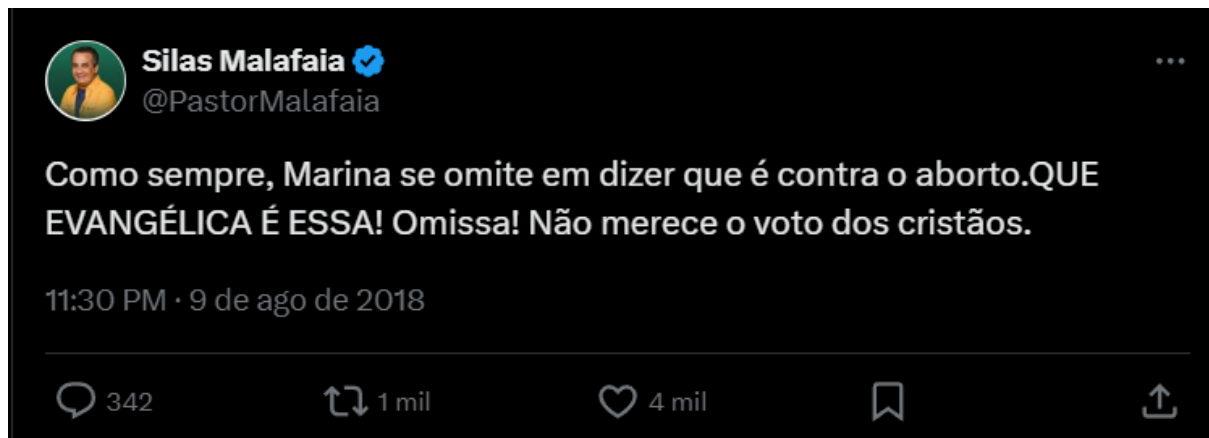
ANEXO X- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 01/02/2019



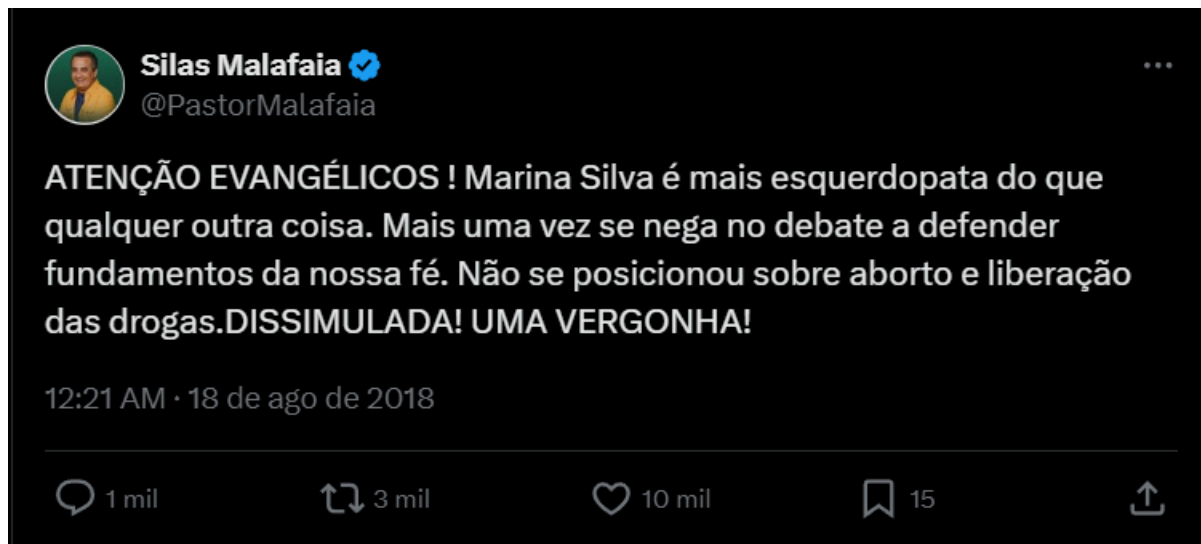
ANEXO Y- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 26/10/2019



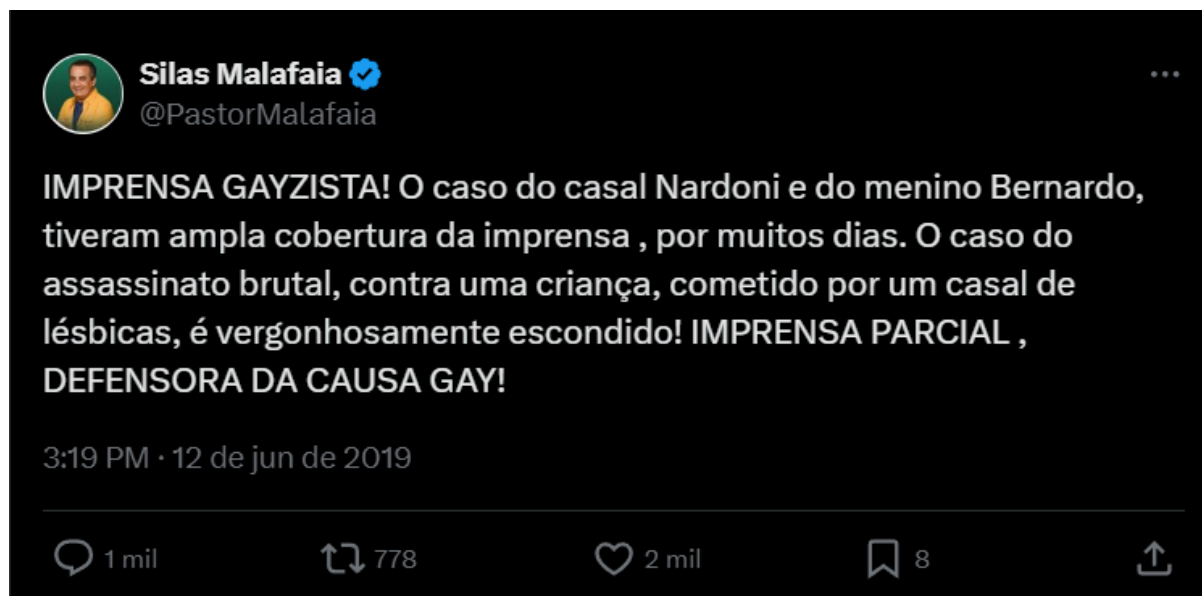
ANEXO Z- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM 09/08/2018



**ANEXO AA- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
18/08/2018**



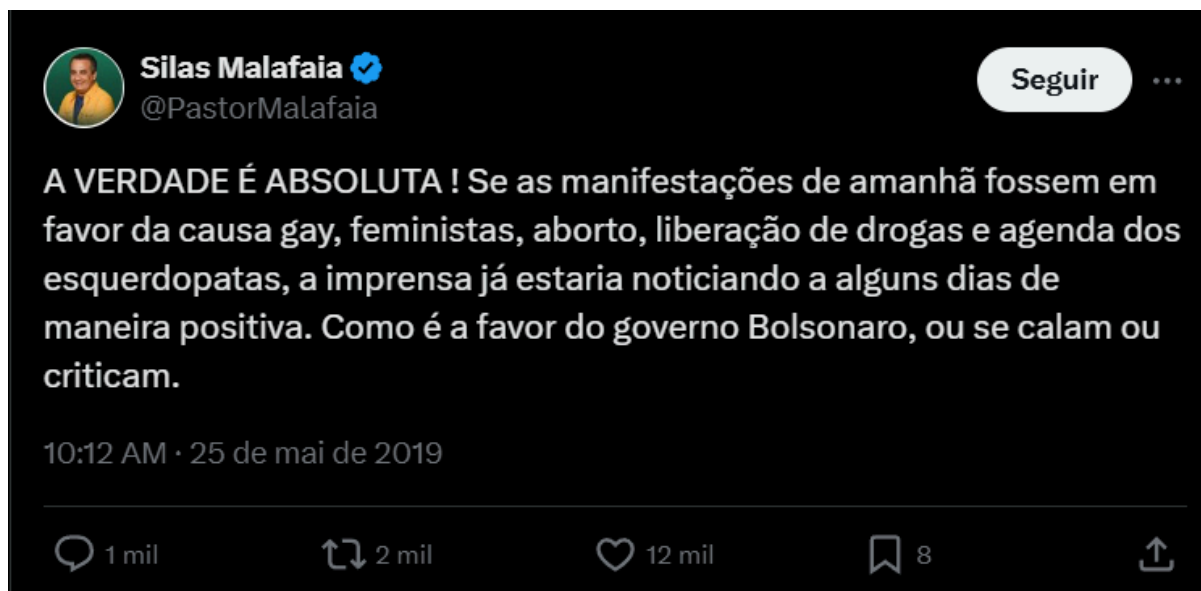
**ANEXO AB- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
12/06/2019**



ANEXO AC- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
20/12/2019



**ANEXO AD- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
25/05/2019**



ANEXO AE- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
14/01/2019



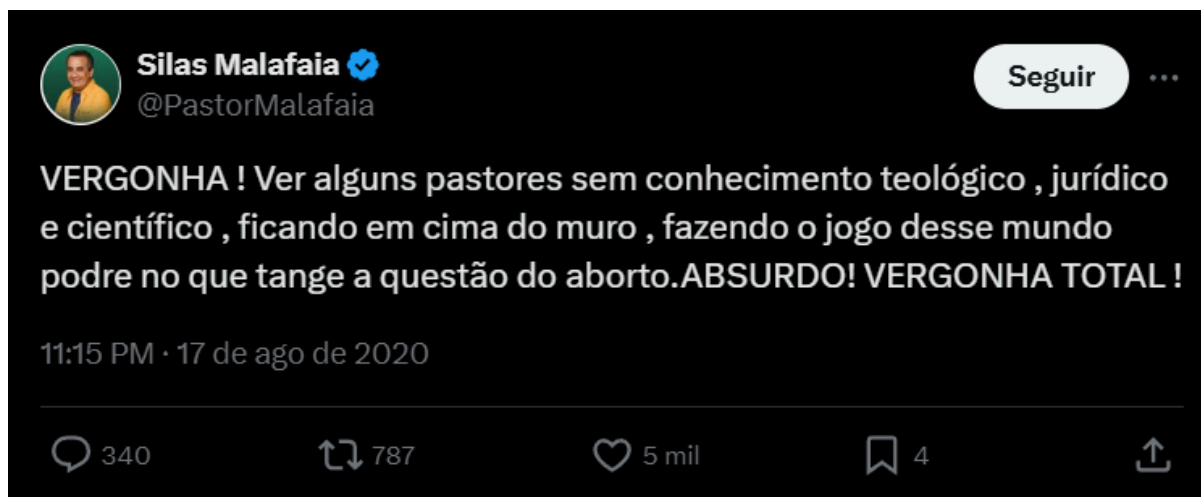
**ANEXO AF- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
02/07/2019**



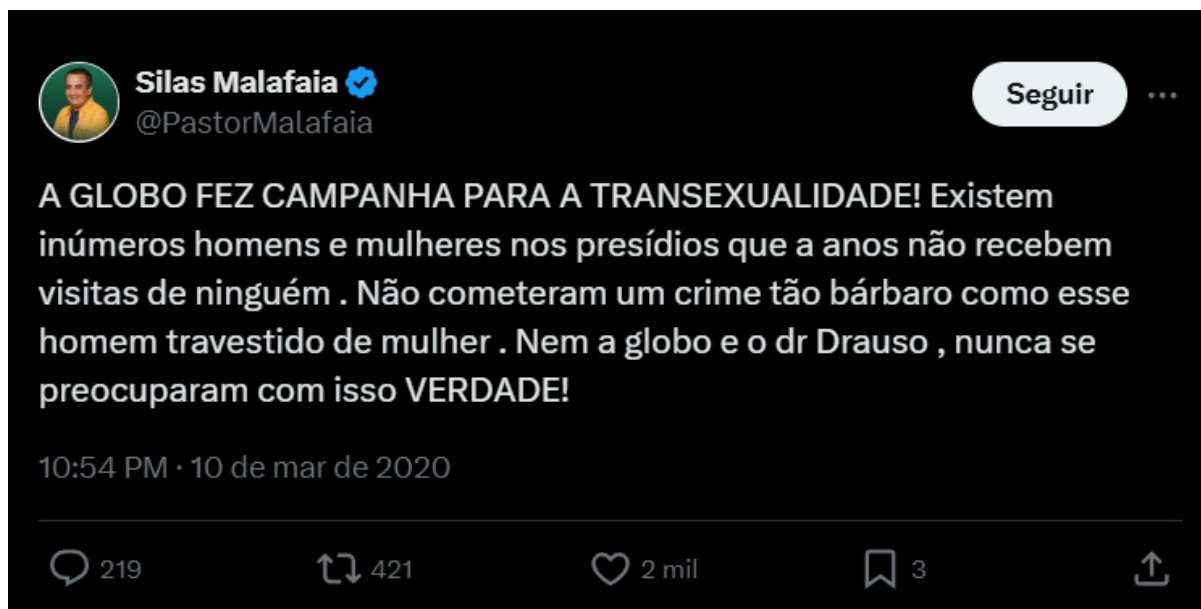
**ANEXO AG- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
15/11/2020**



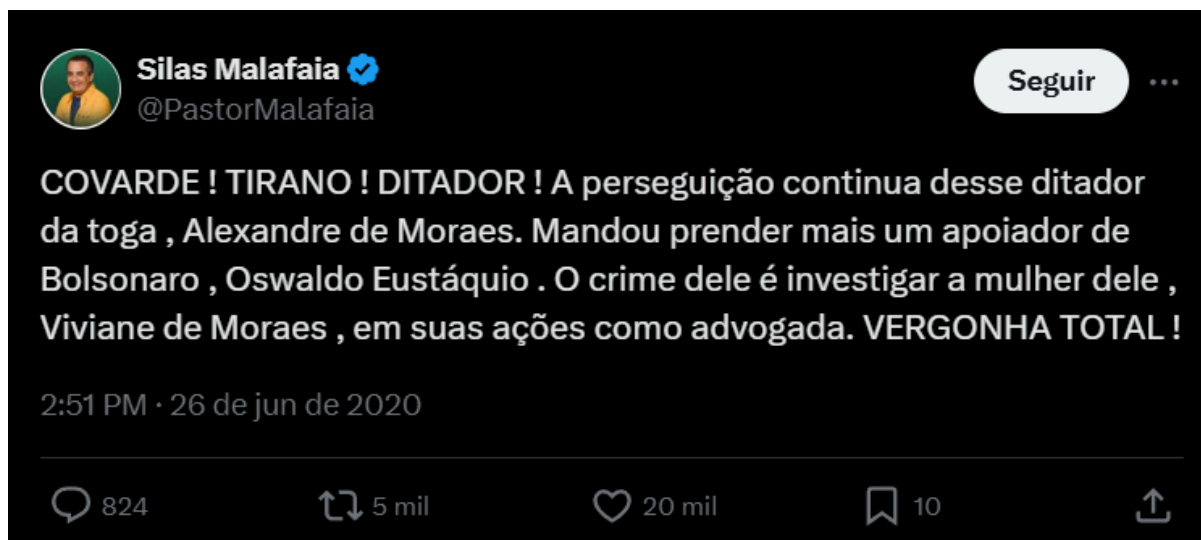
**ANEXO AH- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
17/08/2020**



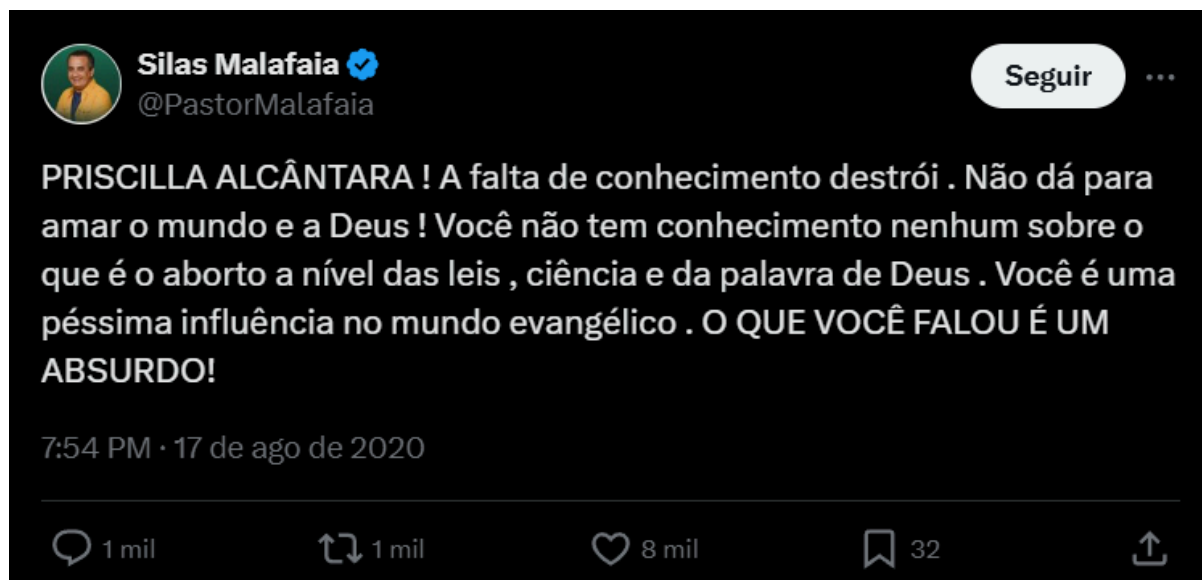
ANEXO AI- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
10/03/2020



**ANEXO AJ- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
26/06/2020**



**ANEXO AK- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
17/08/2020**



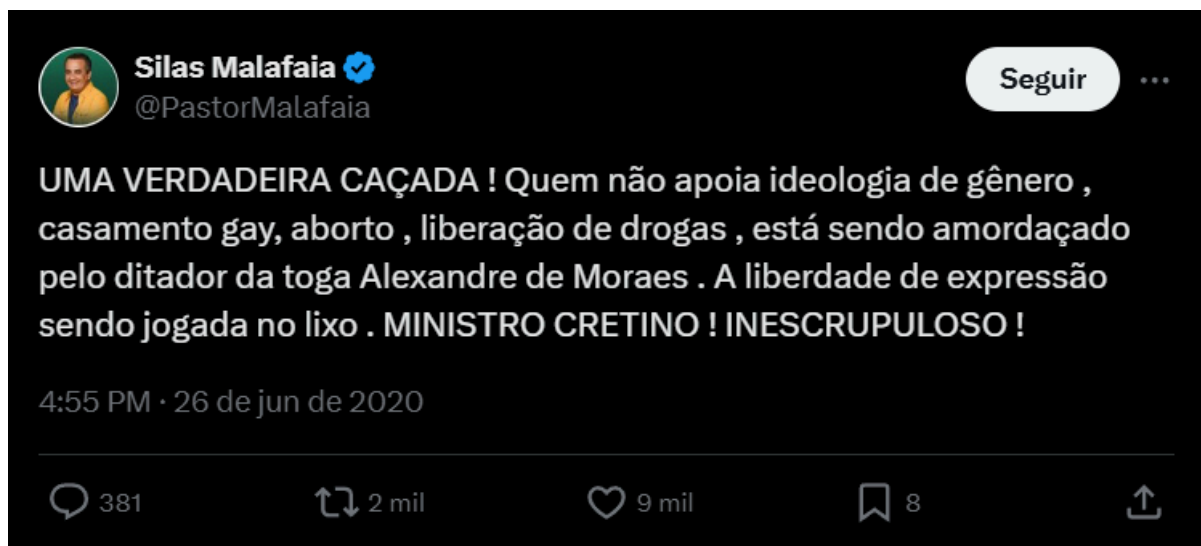
**ANEXO AL- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
18/08/2020**



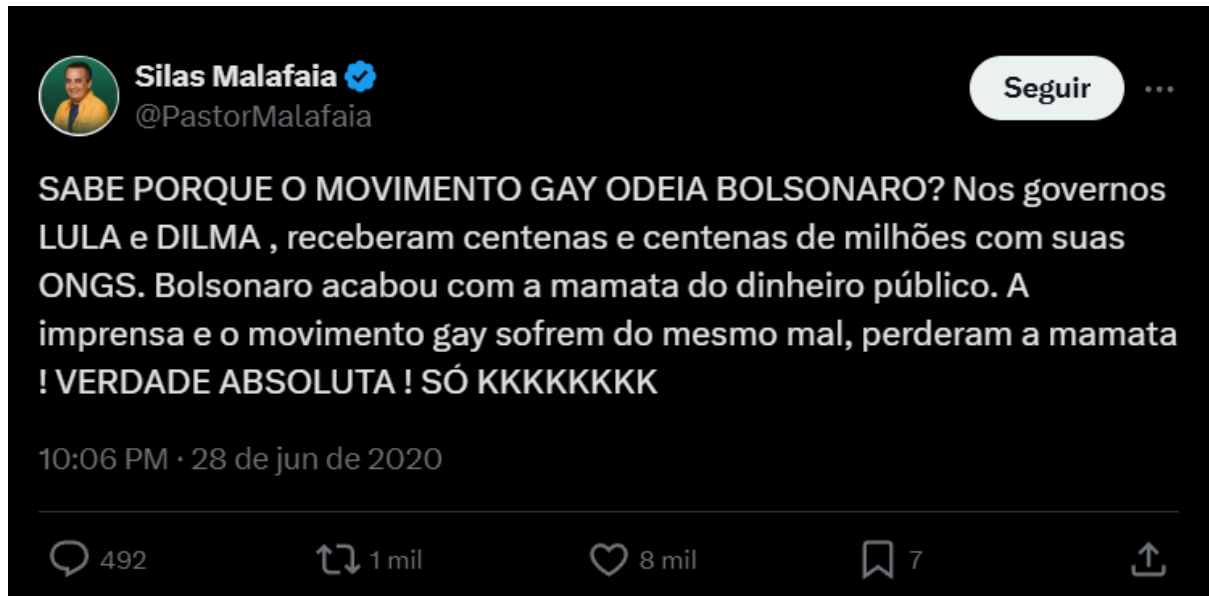
**ANEXO AM- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
20/08/2020**



**ANEXO AN- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
26/06/2020**



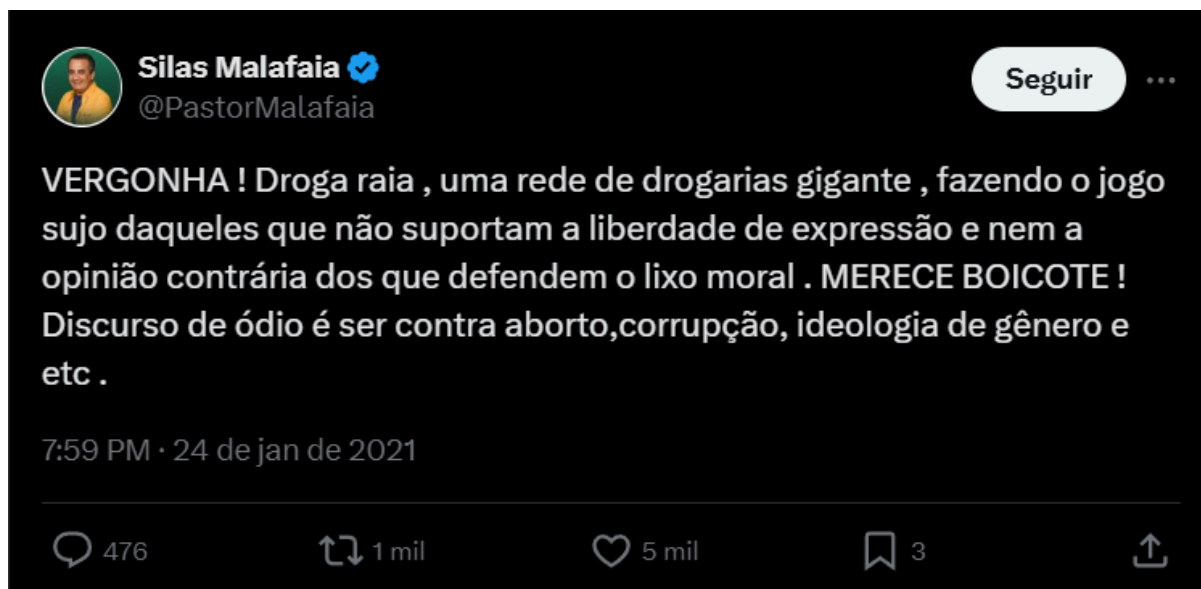
**ANEXO AO- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
28/06/2020**



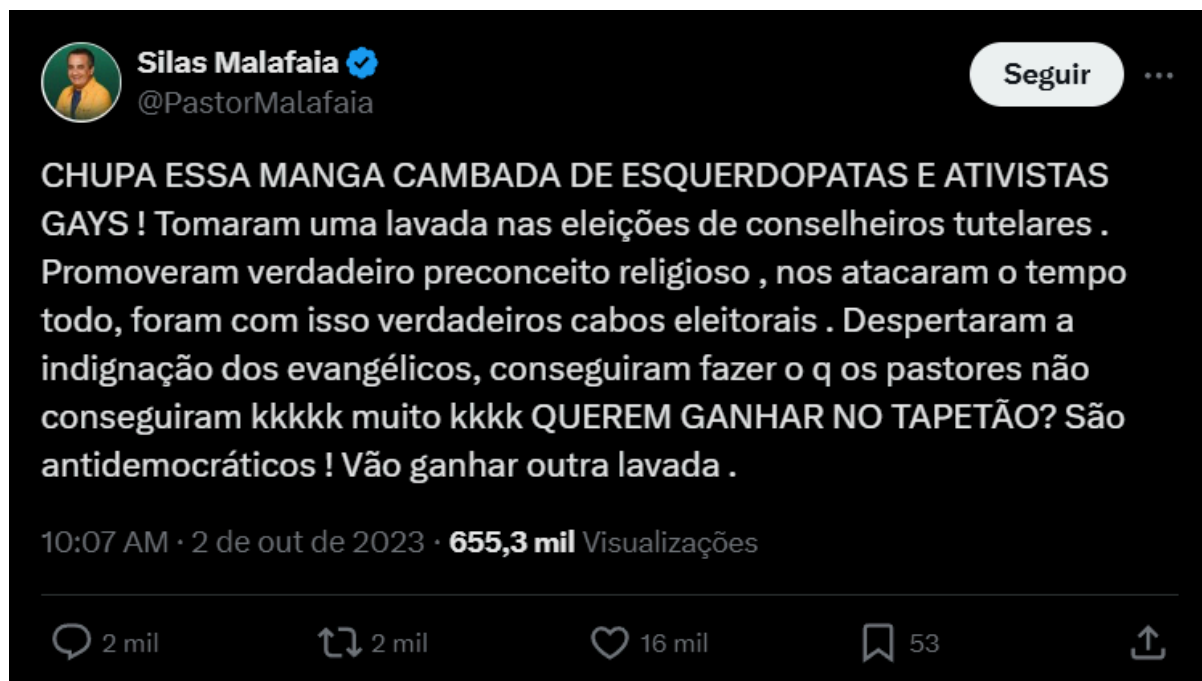
**ANEXO AP- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
30/07/2020**



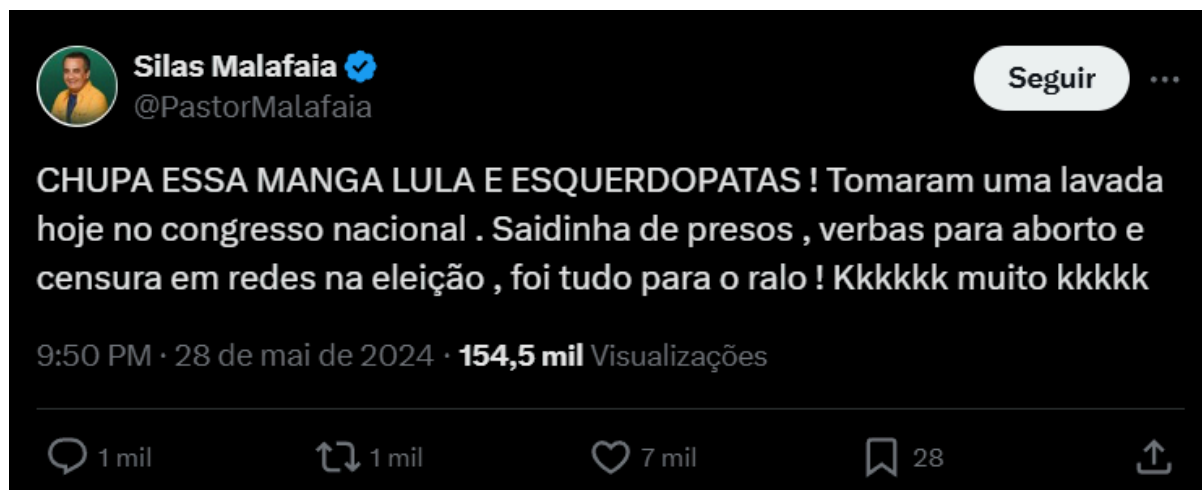
**ANEXO AQ- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
24/01/2021**



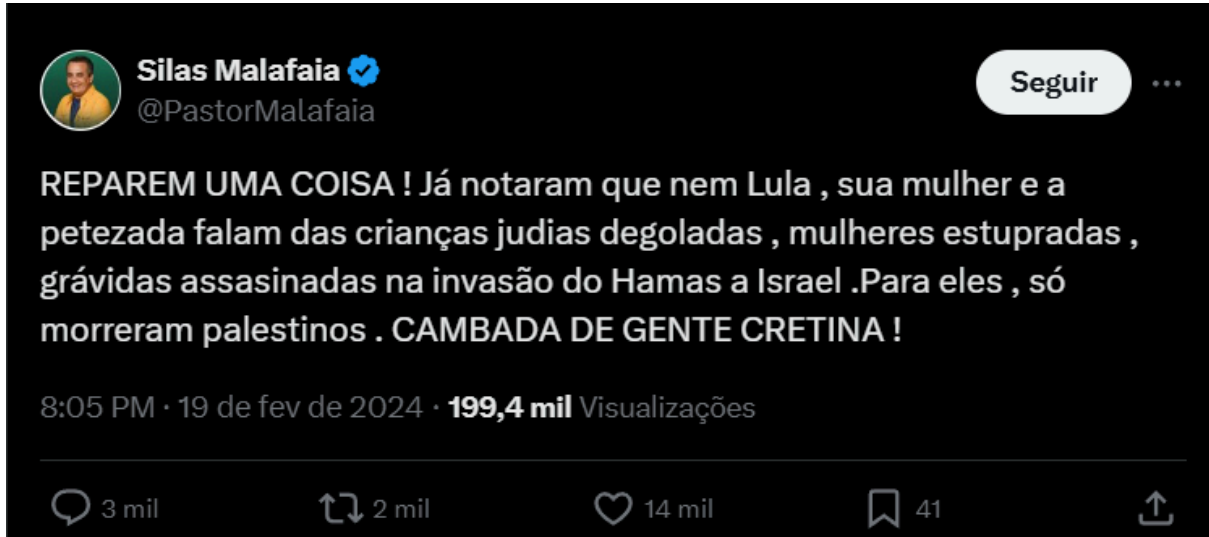
ANEXO AR- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
02/10/2023



ANEXO AS- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
28/05/2024



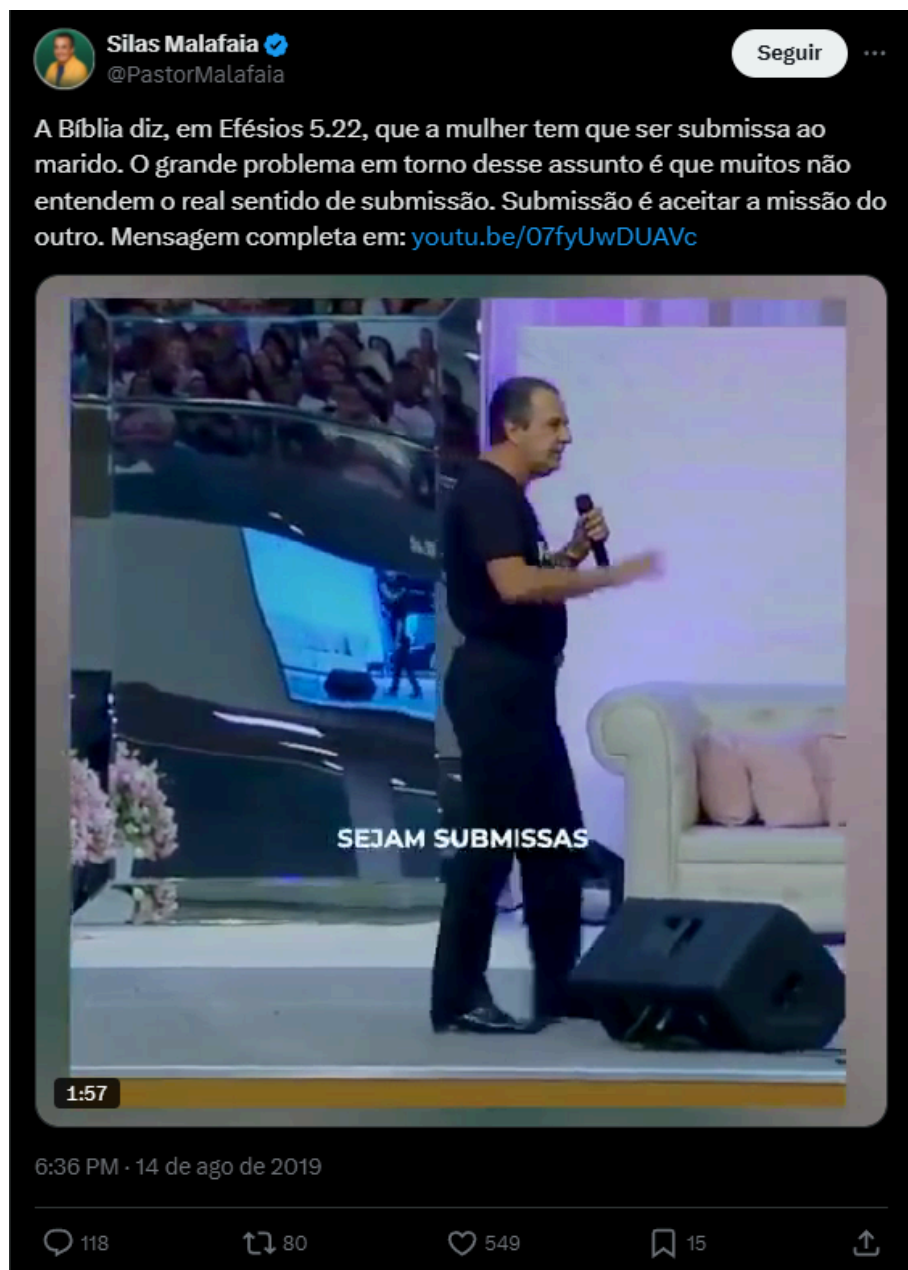
ANEXO AT- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
19/02/2024



**ANEXO AU- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
28/02/2019**



ANEXO AV- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
14/08/2019



**ANEXO AW- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
15/10/2020**



**ANEXO AX- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
07/08/2020**



**ANEXO AY- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
21/08/2020**





Silas Malafaia 
@PastorMalafaia

Seguir



Os assassinos da vida trabalham com a ignorância do povo. Os médicos do Espírito Santo atestaram q a menina estava apta p/ dar à luz. Sofreu mil vezes mais p/ fazer o aborto. Assista ao testemunho de uma mulher fruto de um estupro de sua mãe adolescente.



youtube.com

Mulher fruto de estupro cala filhinha de papai que fala asn...

Bem-vindo ao meu canal YouTube. Você pode se inscrever clicando aqui <http://smarturl.it/silasmalafaiayoutube> ...

8:30 PM · 21 de ago de 2020

 29

 17

 104



**ANEXO AZ- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
18/08/2020**



**ANEXO BA- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
15/02/2022**





Silas Malafaia 
@PastorMalafaia

Seguir



O ativismo gay quer controlar o pensamento e a opinião. Entenda o que eu estou falando.



youtube.com

É ERRADO DIZER QUE AMA SER MULHER?

Bem-vindo ao meu canal YouTube. Você pode se inscrever clicando aqui <http://smarturl.it/silasmalafaiayoutube> ...

12:30 PM · 15 de fev de 2022



31



31



200



**ANEXO BB- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
24/10/2022**



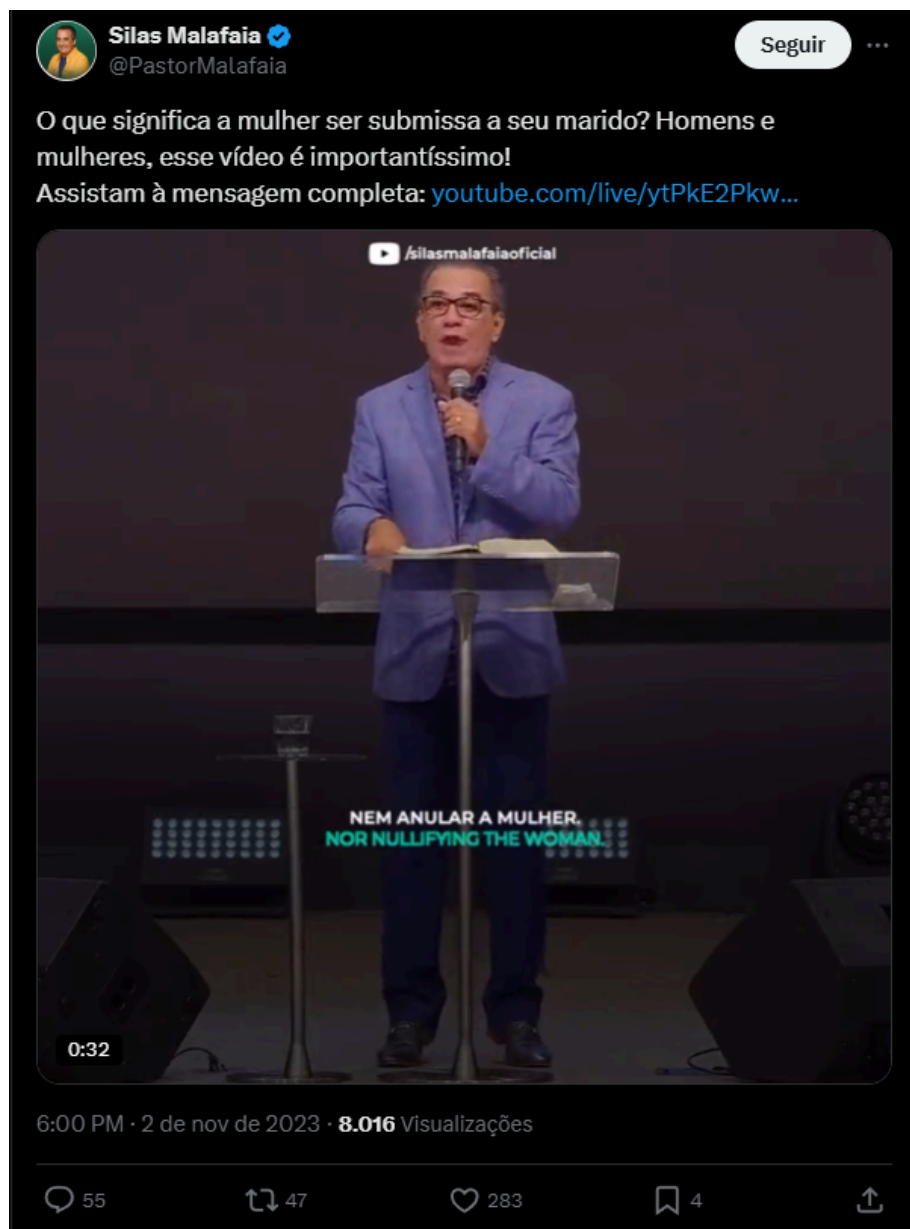
**ANEXO BC- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
21/10/2022**



**ANEXO BD- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
04/04/2022**



ANEXO BE- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
02/11/2023



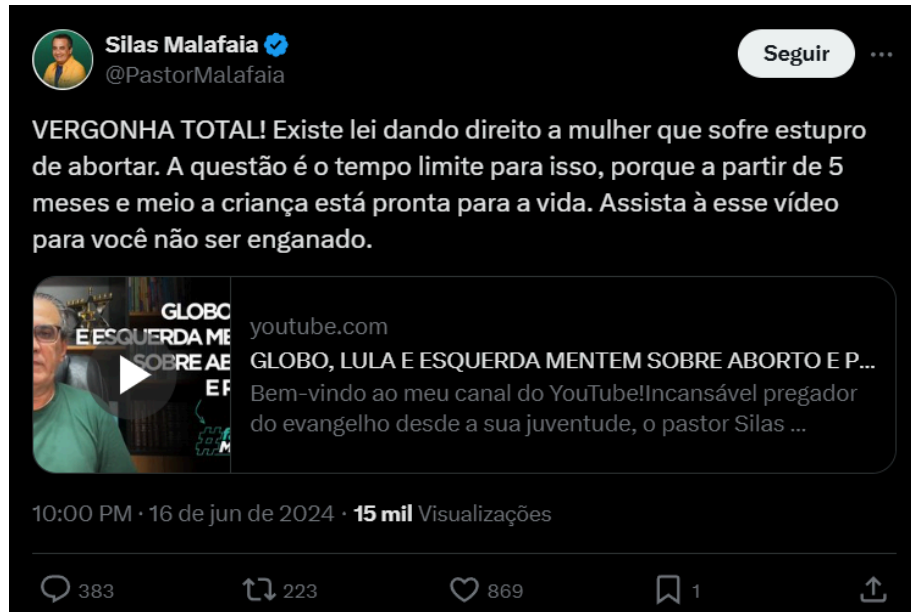
**ANEXO BD- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
09/07/2023**



ANEXO BE- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
26/06/2024



**ANEXO BF- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
16/06/2024**



**ANEXO BG- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
24/01/2019**



ANEXO BH- CAPTURA DE TELA DO TWEET DE SILAS MALAFAIA EM
08/03/2020

